



RAFAEL NADAL e JOHN CARLIN

RAFA

MINHA HISTÓRIA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



RAFAEL NADAL e JOHN CARLIN

RAFA

MINHA HISTÓRIA



SEXTANTE

Título original: *Rafa*
Copyright © 2011 por Rafael Nadal e John Carlin
Copyright da tradução © 2011 por GMT Editores Ltda.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Crédito das fotos, exceto quando informação em contrário: primeiro caderno – cortesia de Rafael Nadal / segundo caderno – © por Miguel Angel Zubiarrain

tradução: Marcello Lino

preparo de originais: Cristiane Pacanowski

revisão: Rebeca Bolite e Taís Monteiro

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Marcelo Pereira / Tecnopop

imagem de capa: Clive Brunskill / Contour By Getty Images

arquivo ePub: Simplíssimo Livros

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N127r

Nadal, Rafael, 1986-

Rafa [recurso eletrônico] / Rafael Nadal com John Carlin [tradução de Marcello Lino]; Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

recurso digital

Tradução de: Rafa

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Multiplataforma

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7542-793-4 (recurso eletrônico)

1. Nadal, Rafael, 1986-. 2. Tenistas - Espanha - Biografia. 3. Livros eletrônicos. I. Carlin, John, 1956-. II. Título.

12-3310

CDD: 796.342092

CDU: 796.342(460)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
GMT Editores Ltda.
Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@esextante.com.br
www.sextante.com.br

SUMÁRIO

Pontos altos da carreira de Rafael Nadal

capítulo 1 O SILÊNCIO DA QUADRA CENTRAL
Clark Kent e Super-Homem

capítulo 2 A DUPLA DINÂMICA
O tio Toni

capítulo 3 O ASTRO DO FUTEBOL QUE NUNCA SE MATERIALIZOU
O clã

capítulo 4 RESISTENTE E VELOZ COMO UM BEIJA-FLOR
Alta tensão

capítulo 5 O MEDO DE VENCER
Maiorquinos

capítulo 6 “UMA INVASÃO DA MAIS PURA ALEGRIA”
O dia mais longo

capítulo 7 A MENTE SUPERA A MATÉRIA
Assassinato no Expresso do Oriente

capítulo 8 PARAÍSO PERDIDO
As mulheres de Rafa

capítulo 9 NO TOPO DO MUNDO
Manacor

PONTOS ALTOS DA CARREIRA DE RAFAEL NADAL

- 1994 Campeão sub-12 das Ilhas Baleares, aos 8 anos.
- 1997 Campeão nacional sub-12 da Espanha.
- 2000 Campeão nacional sub-14 da Espanha.
- 2002 Primeira vitória no circuito da Associação de Profissionais do Tênis (ATP), aos 15 anos.
- 2004 Campeão da Copa Davis representando a Espanha, aos 18 anos.
- 2005 Campeão do Aberto da França, primeiro título do Grand Slam, aos 19 anos.
- 2006 Campeão do Aberto da França.
- 2007 Campeão do Aberto da França.
- 2008 Campeão do Aberto da França.
Campeão de Wimbledon.
Número 1 no ranking mundial.
Medalha de ouro nas Olimpíadas de Pequim.
- 2009 Campeão do Aberto da Austrália.
- 2010 Campeão do Aberto da França.
Campeão de Wimbledon.
Campeão do Aberto dos Estados Unidos, completando o Career Grand Slam.
- 2011 Campeão do Aberto da França. Décimo título do Grand Slam, aos 25 anos.
- 2012 Campeão do Aberto da França. Sétimo título do torneio, tornando-se o maior campeão da história de Roland Garros.

O SILÊNCIO DA QUADRA CENTRAL

O SILÊNCIO: É ISSO QUE chama a atenção quando se joga na quadra central de Wimbledon. Você faz a bola quicar silenciosamente na grama macia, a lança para o alto para sacar, a golpeia e ouve o eco do seu próprio lance. E de todos os lances depois desse. *Claque, claque, claque, claque*. A grama aparada, os episódios históricos, o estádio antigo, os jogadores em suas roupas brancas, as multidões respeitosas, a tradição venerável – não há nenhum cartaz publicitário à vista –, tudo se combina para nos isolar e nos proteger do mundo exterior. É uma sensação que me agrada. O silêncio digno de uma igreja na quadra central favorece a minha concentração. Porque, em uma partida de tênis, a maior batalha para mim é silenciar as vozes na minha cabeça, afastar tudo da minha mente com exceção do torneio em si e focar cada átomo do meu ser no ponto que estou disputando. Se tiver cometido um erro no ponto anterior, tenho de esquecê-lo; se um vislumbre de vitória se insinua, preciso eliminá-lo.

O silêncio da quadra central é quebrado por um alvoroço chocante – aplausos, vivas, gente gritando seu nome – quando um belo ponto é marcado, porque em Wimbledon os espectadores sabem diferenciar as jogadas. Eu os ouço, mas como se eles estivessem em um lugar distante. Não registro que existem 15 mil pessoas na arena, monitorando cada um dos meus movimentos e os do meu adversário. Fico tão concentrado que não me dou conta – como agora, ao pensar na final de Wimbledon contra Roger Federer, em 2008, a partida mais importante da minha vida – de que milhões de espectadores estão me assistindo no mundo inteiro.

Sempre sonhei em jogar no mais antigo torneio de tênis do mundo. Meu tio Toni, que sempre foi meu treinador, me ensinou desde muito cedo que esse era o mais prestigiado e importante dos campeonatos. Aos 14 anos, eu compartilhava com amigos a fantasia de jogar aqui e vencer. No entanto, até aquela partida decisiva, eu havia jogado e perdido duas vezes contra Federer, nas finais de Wimbledon de 2006 e 2007. A primeira derrota não fora tão difícil. Daquela vez, tendo acabado de completar 20 anos, entrei em quadra feliz e grato por ter chegado até aquela etapa. O suíço venceu com muita facilidade, porque eu realmente não tinha entrado no jogo tão confiante. Porém a derrota em 2007, depois de cinco sets, me deixou totalmente arrasado. Eu sabia que podia ter me saído melhor, que não tinham sido minhas habilidades técnicas nem a qualidade do meu jogo que falharam, mas minha cabeça. Chorei muito depois da partida. Chorei sem parar por meia hora no vestiário. Eram lágrimas de decepção e autocritica. A derrota sempre dói, mas a dor é muito maior quando se teve uma chance e a desperdiçou. Fui vencido por mim mesmo tanto quanto por Federer, desapontei a mim mesmo e odiei aquela sensação. Permitted que minha mente se enfraquecesse, me distraí,

me afastei do meu plano de jogo. Foi algo tão estúpido, tão desnecessário, exatamente o que não se deve fazer em uma grande partida.

Meu tio Toni, o mais severo dos treinadores de tênis, raramente me consola. Na verdade ele me critica até quando venço. Depois daquela final, eu realmente devia estar arrasado, porque, em vez de apontar meus defeitos – como fizera a vida toda –, ele disse que não havia motivo para que eu chorasse, que eu participaria de outros torneios e finais em Wimbledon. Eu disse que ele não entendia, que aquela provavelmente era a última vez que eu disputaria o campeonato, minha última chance de vencer. Tenho plena consciência de como a vida de um atleta profissional é curta e não suporto a ideia de desperdiçar uma oportunidade que talvez não se repita. Sei que não ficarei feliz quando minha carreira acabar e quero aproveitá-la ao máximo. Cada instante é importante – por isso sempre treinei muito –, mas alguns momentos são mais valiosos que outros, e eu deixara um dos grandes escapar em 2007. Perdi uma oportunidade que talvez nunca mais voltasse a ter. Dois ou três pontos aqui ou ali, se eu tivesse me concentrado mais, teriam feito toda a diferença. Porque no tênis se chega à vitória com margens ínfimas. Perdi o quinto e último set por 6-2, mas, se eu tivesse mantido o foco quando estava perdendo por 4-2 ou até mesmo por 5-2, se tivesse aproveitado minhas quatro chances de quebrar o serviço dele no início do set (em vez de entrar em pânico, como aconteceu) ou se tivesse jogado como se aquele fosse o primeiro set – e não o último –, eu poderia ter vencido.

Não havia nada que Toni pudesse fazer para aliviar minha dor. No entanto, ele tinha razão. Outra oportunidade surgiu. Lá estava eu novamente, um ano depois. Tendo aprendido a lição da derrota 12 meses antes, decidi que qualquer outra coisa poderia desmoronar daquela vez, mas não minha mente. O melhor sinal de que minha cabeça estava no lugar certo era a convicção, apesar de todo o nervosismo, de que eu venceria.

No jantar com familiares, amigos e integrantes da equipe na noite anterior à partida, na casa que alugamos durante o torneio, em frente ao All England Club, não era permitido fazer qualquer menção ao jogo. Não os proibi expressamente de tocar no assunto, mas todos entenderam que, a despeito do que eu estivesse falando, a final já havia começado a ser disputada num espaço dentro da minha cabeça que, desde aquele momento até o início do jogo, deveria permanecer exclusivamente meu. Como na maioria das noites durante a quinzena de Wimbledon, fui eu que fiz o jantar. Eu me divirto e minha família acha que me faz bem. É mais uma atividade para tranquilizar minha mente. Naquela noite, assei um peixe e preparei massa ao molho de camarões. Depois do jantar, joguei dardos com meus tios Toni e Rafael como se aquela fosse simplesmente mais uma noite em casa, em Manacor, a aldeia na ilha espanhola de Maiorca onde sempre morei. Ganhei nos dardos. Mais tarde Rafael disse que me deixou vencer para que eu ficasse mais animado para a final, mas não acredito. Para mim é importante vencer em tudo. Não aceito derrotas.

À 00h45, fomos deitar, mas eu não conseguia dormir. O assunto sobre o qual havíamos decidido não falar era a única coisa na minha mente. Assisti a filmes na TV e só peguei no

sono às quatro da manhã. Às nove eu estava de pé. Teria sido melhor dormir algumas horas mais, mas eu me sentia disposto e Rafael Maymó, meu fisioterapeuta sempre de plantão, disse que não fazia diferença, pois a excitação e a adrenalina me manteriam ligado, independentemente da duração do jogo.

No café da manhã, comi o de sempre. Cereal, suco de laranja, um achocolatado – nunca café – e meu prato favorito: pão com sal e azeite. Tinha acordado me sentindo bem. O tênis tem muito a ver com o seu estado de espírito no dia das partidas. Ao se levantar, você às vezes se sente animado, saudável e forte; em outras ocasiões, sente-se pesado e frágil. Naquele dia eu estava me sentindo mais alerta, ágil e cheio de energia do que nunca.

Foi com esse espírito que, às 10h30, atravessei a rua para meu treino final na quadra 17 de Wimbledon, perto da quadra central. Antes de começar, me deitei em um dos bancos, como sempre faço, e Maymó – que apelidei de “Titín” – flexionou e alongou meus joelhos, massageou minhas pernas e meus ombros e dedicou atenção especial aos meus pés. Sinto muita dor no meu pé esquerdo, a parte mais vulnerável do meu corpo. Ele faz isso com o intuito de preparar minha musculatura para a partida e reduzir a possibilidade de contusões. Normalmente eu bateria bola por uma hora para me aquecer antes de um jogo importante, mas, daquela vez, estava chovendo e parei depois de 25 minutos. Comecei devagar, como sempre, e aumentei o ritmo aos poucos, até acabar correndo e rebatendo com a mesma intensidade de uma partida. Eu estava mais nervoso do que de costume, mas também estava mais concentrado durante o treino. Toni e Titín estavam lá, bem como meu agente, Carlos Costa, um ex-tenista profissional que fora até a quadra me ajudar no aquecimento. Eu estava mais calado do que o normal. Todos nós estávamos. Nada de piadas. Nada de sorrisos. Quando paramos, percebi com um simples olhar que Toni não estava muito contente. Ele achava que eu não havia rebatido as bolas da melhor maneira possível. Parecia estar me repreendendo – eu conhecia bem aquele olhar – e também aparentava preocupação. Ele tinha razão, eu não estava em plena forma no treino, mas eu sabia algo que ele, por mais importante que tivesse sido durante toda a minha carreira, não tinha como saber: fisicamente eu me sentia em perfeita forma, a não ser por uma dor na sola do pé esquerdo que precisaria ser tratada antes que eu entrasse em quadra. Além disso, eu tinha a convicção obstinada de que era capaz de vencer. Jogar tênis contra um adversário do seu nível, ou contra o qual você tem alguma chance, depende da sua capacidade de elevar o jogo quando necessário. Um campeão não se empenha tanto nas rodadas de abertura de um torneio – ele faz isso nas semifinais e finais, contra os melhores adversários –, e um grande campeão de tênis dá tudo de si em uma final do Grand Slam. Eu tinha meus temores – estava travando uma batalha constante para conter meu nervosismo –, mas os dominei e o único pensamento que ocupava meu cérebro era que eu estaria à altura da situação.

Eu estava apto fisicamente e em ótima forma. Tivera um desempenho excelente um mês antes no Aberto da França, derrotando Federer na final, e havia disputado algumas partidas incríveis aqui na grama. As duas últimas vezes que nos encontramos em Wimbledon, ele era o

favorito. Naquele ano, eu sabia que eu ainda não era o favorito. Mas havia uma diferença. Eu também não achava que ele fosse, pois acreditava que nossas chances eram iguais.

Eu também sabia que, muito provavelmente, no fim da partida o número de lances mal executados seria quase igual para ambos. Essa é a natureza do tênis, sobretudo quando dois jogadores conhecem tão bem o jogo um do outro quanto Federer e eu. Talvez você pense que, depois de milhões e milhões de bolas, os lances básicos do tênis já façam parte de mim, que é fácil executar jogadas certeiras, suaves e límpidas todas as vezes. Mas não é. Não apenas porque a cada dia você acorda com uma sensação diferente, mas também porque cada lance é distinto. Uma vez em movimento, a bola chega até você em vários ângulos e velocidades infinitesimalmente diferentes, com mais topspin ou backspin, mais plana ou mais alta. As diferenças podem ser mínimas, microscópicas, mas as variações que seu corpo faz – ombros, cotovelos, punhos, quadril, tornozelos, joelhos – também são, a cada jogada. E há muitos outros fatores, como o clima, a superfície, o adversário. Nenhuma bola é igual a outra; nenhum lance é idêntico. Então, cada vez que você se prepara para acertar uma bola, precisa avaliar sua trajetória e velocidade, com que força e onde você deve tentar rebater, tudo numa fração de segundo. E tem que fazer isso repetidamente, 50 vezes por game, 15 vezes em 20 segundos, em lances súbitos e contínuos durante mais de duas, três, quatro horas, correndo o tempo todo e sob tensão. É quando os movimentos estão corretos e o ritmo está sob controle que você tem mais capacidade de golpear seguidamente a bola no meio da raquete e mirá-la com precisão e rapidez sob uma pressão mental enorme. De uma coisa tenho certeza: quanto mais você treina, mais aguçada se torna sua sensibilidade. Mais do que a maioria das modalidades esportivas, o tênis é um esporte mental. O jogador que tem a melhor percepção do que acontece em quadra e consegue neutralizar seus temores e os altos e baixos que uma partida inevitavelmente causa acaba sendo o campeão mundial. Esse era o objetivo que eu havia traçado para mim mesmo durante os quatro pacientes anos em que ocupei a segunda posição no ranking, atrás de Federer, e que eu estaria bem perto de atingir se vencesse aquela final de Wimbledon.

O início da partida em si era outra questão. Olhei para cima e vi nechas azuis no céu. Mas o tempo estava encoberto, com nuvens espessas e escuras despontando ameaçadoras no horizonte. O jogo estava programado para começar dali a três horas, mas era bem provável que fosse adiado ou interrompido. Não deixei que aquilo me preocupasse. Minha mente estaria livre e concentrada daquela vez, não importava o que acontecesse. Nada de distrações. Eu não ia deixar que a mesma falta de concentração de 2007 me atrapalhasse.

Saímos da quadra 17 por volta das 11h30 e fomos para o vestiário do All England Club reservado às partidas principais. O espaço não é muito grande, talvez tenha um quarto do tamanho de uma quadra de tênis. Mas é a tradição que imprime grandiosidade àquele local. Os lambris, o verde e o roxo de Wimbledon nas paredes, o chão acarpetado, a consciência de que vários grandes jogadores – como Laver, Borg, McEnroe, Connors, Sampras – estiveram ali antes. Em geral é um lugar agitado, mas, como só restávamos nós dois no torneio e Federer ainda não aparecera, eu estava sozinho. Ao chegar lá, tomei um banho, troquei de roupa e fui

almoçar no refeitório dos jogadores. Novamente um silêncio insólito, mas que me agradava. Eu estava mergulhando cada vez mais fundo em mim mesmo, isolando-me do entorno, dando início aos rituais que adoto antes de cada jogo e que se estendem até o início da partida. Comi o de sempre: massa – sem molho, para evitar qualquer coisa que possa causar indigestão – apenas com azeite e sal e uma posta de peixe e bebi água. Toni e Titín estavam comigo à mesa. Meu treinador estava pensativo, o que não é novidade. Titín, por outro lado, estava sereno. Sempre plácido, ele é a pessoa com quem passo mais tempo. Mais uma vez falamos pouco. Acho que Toni resmungou a respeito do clima, mas eu não disse nada. Mesmo quando não estou disputando um torneio, ouço mais do que falo.

Às 13h, faltando uma hora para o início da partida, voltamos ao vestiário. Uma coisa inusitada do tênis é que, mesmo nos maiores torneios, você divide o vestiário com seu adversário. Quando entrei depois do almoço, Federer já estava lá. Mas não houve constrangimento entre nós. Pelo menos foi o que achei. Dali a pouco faríamos todo o possível para acabar um com o outro na maior partida do ano, mas além de rivais somos amigos. No mundo esportivo, outros oponentes talvez se odeiem mesmo quando não estão se enfrentando. Nós não. Gostamos um do outro. Quando a partida começa, ou está prestes a começar, deixamos a amizade de lado, é claro. Não é nada pessoal. Faço isso com todos à minha volta, até mesmo com a minha família. Paro de ser quem sou quando a disputa se inicia e tento me tornar uma máquina de jogar tênis. Mas não sou um robô – é impossível atingir a perfeição no tênis, e tentar explorar suas possibilidades ao máximo é o grande desafio. Durante uma partida você trava uma batalha permanente para combater suas vulnerabilidades cotidianas, para controlar seus sentimentos. Quanto mais contidos eles estiverem, maiores serão suas chances de vencer, contanto que você tenha treinado com afinco e que o talento do seu adversário não seja muito maior que o seu. Federer era um pouco mais talentoso que eu, mas não tanto. Mesmo na superfície predileta dele, a diferença entre nós dois era pequena e eu sabia que, se conseguisse pôr fim às dúvidas e aos medos e ter mais esperanças do que ele, eu poderia vencer. Você precisa criar uma armadura para se proteger, se transformar em um guerreiro. É uma espécie de auto-hipnose, um recurso para disfarçar suas fraquezas para si mesmo e para seu rival.

Brincar ou conversar sobre futebol com Federer no vestiário, como talvez fizéssemos antes de um amistoso, seria algo artificial que ele imediatamente interpretaria como um sinal de medo. Em vez disso, fizemos a cortesia mútua de sermos sinceros. Trocamos um aperto de mãos, acenamos com a cabeça, sorrimos um para o outro e nos dirigimos cada um para o próprio armário. Em seguida, era como se o outro não estivesse ali. Não que eu precisasse fingir. Eu estava e ao mesmo tempo não estava naquele vestiário. Eu me refugiava em algum lugar no fundo da minha mente, meus movimentos se tornavam cada vez mais programados, automáticos.

Quarenta e cinco minutos antes do horário programado para o início do jogo, tomei um banho frio. Faço isso antes de todas as partidas. Dali em diante sei que não posso mais voltar

atrás – aquele é o primeiro passo na última fase do meu ritual antes da disputa. Sob a água gelada, entro em uma nova dimensão na qual sinto minha força e minha resistência aumentarem. Quando saio do banho, sou um homem diferente. Sinto-me mais alerta, estou no “fluxo”, que é como os psicólogos esportivos descrevem o estado de concentração no qual o corpo se movimenta por puro instinto, como um peixe em uma correnteza. Nada mais existe, apenas a batalha à minha frente.

Melhor assim, pois eu tinha de fazer algo que, em circunstâncias normais, não aceitaria com tranquilidade. Desci até um pequeno consultório para que meu médico aplicasse uma injeção de analgésico na sola do meu pé esquerdo. Desde a terceira rodada, um dos pequenos ossos metatarsianos estava inchado e com uma bolha. Aquela parte do pé tinha de ser anestesiada, senão eu simplesmente não conseguiria jogar, pois a dor seria insuportável.

Depois, subi de volta para o vestiário e retomei meu ritual. Coloquei os fones de ouvido e fiquei escutando música. Isso aguça a sensação de fluxo e me isola ainda mais do que está acontecendo à minha volta. Titín enfaixou meu pé esquerdo. Como sempre faço, passei fita antiderrapante em todas as seis raquetes que levaria para a quadra. Os cabos das raquetes vêm com um revestimento preto, sobre o qual enrolo uma fita antiderrapante branca, dando voltas e mais voltas. Não preciso pensar no que estou fazendo. É algo que apenas executo, como se estivesse em transe.

Em seguida me deitei sobre a mesa de massagem e Titín enrolou algumas ataduras nas minhas pernas, bem embaixo dos joelhos. Aquela região também estava dolorida e as ataduras evitariam que eu sentisse algum desconforto e amenizariam a dor, caso ela surgisse.

Para as pessoas comuns, praticar esportes é muito bom. No âmbito profissional, no entanto, isso não faz tão bem à saúde. O corpo é levado a limites que os seres humanos não estão naturalmente preparados para enfrentar. É por isso que quase todos os grandes atletas profissionais já sofreram lesões que, em alguns casos, significaram o fim de sua carreira. Houve um momento na minha vida em que me perguntei se seria capaz de continuar a participar de competições de alto nível. Em boa parte do tempo, jogo sentindo dor, mas acho que isso acontece com todos os grandes desportistas. Todos menos Federer, de alguma maneira. Eu precisei moldar meu corpo para adaptá-lo ao estresse repetitivo que o tênis impõe, mas o suíço parece ter nascido para praticar esse esporte. Seu físico parece perfeitamente adaptado, tornando-o imune às lesões que os outros jogadores têm de suportar. Dizem que ele não treina tanto quanto eu. Não sei se isso é verdade, mas não seria uma surpresa. Em outras modalidades também existem essas exceções abençoadas. Todos os demais têm de aprender a conviver com a dor e com longos períodos de afastamento porque um dos pés, ombros ou pernas sinalizou ao cérebro que é hora de parar.

Depois que Titín terminou de enfaixar minhas pernas, levantei, me vesti e molhei os cabelos. Em seguida pus minha bandana. Esse é outro preparativo que faz parte do meu ritual, mas eu o executo lentamente, com cuidado, apertando-a bem na parte de trás da cabeça, para evitar que as mechas de cabelo caiam sobre meus olhos. Como o banho frio, é um momento

decisivo que me faz perceber nitidamente que a batalha logo vai começar.

Estava quase na hora de entrar na quadra. A descarga de adrenalina, à espreita durante todo o dia, inundou meu sistema nervoso. Eu estava ofegante, louco para liberar aquela energia. Mas precisei ficar sentado, imóvel, por mais um instante, enquanto os dedos da minha mão esquerda, com a qual eu jogo, eram enfaixados por Titín com movimentos tão mecânicos e silenciosos quanto os meus ao enrolar a fita antiderrapante nas raquetes. Sem as ataduras a pele estiraria e se romperia durante o jogo.

Eu levantei e comecei a me exercitar, num pique acelerado, ativando minha energia, como Titín costuma dizer. Toni estava por perto, me observando sem dizer muita coisa. Eu não fazia ideia se Federer também me observava. Sabia apenas que ele não costuma se ocupar tanto quanto eu no vestiário antes de uma partida. Saltei e dei pequenos tiros de corrida de uma extremidade à outra daquele espaço apertado, de uns seis metros. Uma parada súbita seguida de alongamento do pescoço, dos ombros, dos punhos, com agachamento e flexão dos joelhos. Depois, mais saltos e tiros de corrida, como se eu estivesse sozinho na sala de ginástica da minha casa. Sempre com os fones nos ouvidos, a música martelando na minha cabeça. Em seguida fui urinar, o que faço com frequência antes das partidas, por causa do nervosismo. Depois voltei e girei os braços vigorosamente.

Toni acenou e tirei os fones. Ele disse que haveria um atraso por causa da chuva, mas que achavam que não passaria de 15 minutos. Aquilo não me perturbou. Eu estava preparado. A chuva teria o mesmo efeito sobre mim e sobre Federer. Eu não precisava me desconcentrar. Então me sentei e chequei as raquetes, senti o equilíbrio, o peso. Puxei minhas meias, verifiquei se ambas estavam na mesma altura dos tornozelos. Toni se inclinou na minha direção: “Não perca de vista o plano de jogo. Faça o que você tem que fazer.”

Eu estava ouvindo, mas não escutava. Nesses momentos, sei o que tenho que fazer. Acho que tenho uma boa concentração e uma boa resistência. Meu objetivo é nunca desistir e suportar tudo o que aparecer no meu caminho sem deixar que as coisas boas ou ruins – lances ótimos ou fracos, sorte ou azar – me desestabilizem. Preciso estar focado, sem distrações, fazer o que for necessário a cada momento. Se eu tiver de mandar a bola 20 vezes na esquerda de Federer, vou mandar 20 vezes, e não 19. Se eu tiver de esperar que um rali se estenda por 10, 12 ou 15 lances enquanto aguardo a oportunidade de fazer uma jogada decisiva, vou esperar. Há momentos em que se tem a chance de fazer uma direita vencedora com 70% de probabilidade de acerto. Se esperar mais cinco lances, a probabilidade subirá para 85%. Portanto, fique alerta, seja paciente e não se precipite.

Se subo até a rede, rebato a bola para o backhand do adversário, e não para o drive, sua jogada mais forte. Perder a concentração significa ir até a rede e mandar uma bola na direita do adversário ou, num momento de afobação, deixar de rebater na esquerda – sempre na esquerda –, ou então tentar uma jogada decisiva quando não é o momento. Manter-se concentrado significa continuar fazendo o que sabe que deve ser feito, sem alterar seu plano, a menos que as circunstâncias de um rali ou do jogo mudem tanto a ponto de permitir uma

surpresa. Isso é ter disciplina, conter-se quando surge a tentação de dar tudo de si. Combater essa tentação significa manter a paciência ou a frustração sob controle.

Mesmo que você veja algo que parece uma chance para pressionar ou tomar a iniciativa do ataque, continue mandando bolas na esquerda do seu adversário, porque a longo prazo, durante todo o jogo, esse é o procedimento mais inteligente. Esse é o plano. É tão simples que não chega a ser considerado uma tática. Eu faço a jogada mais fácil e o adversário, a mais difícil – ou seja, meu drive de esquerda contra o backhand de direita dele. É apenas uma questão de se ater ao plano. Com Federer, você precisa continuar aplicando pressão ao backhand, fazer com que ele jogue bolas altas, golpeie com a raquete na altura do pescoço, deixá-lo sob pressão, esgotá-lo. Precisa desestabilizar seu jogo e seu moral. Frustrá-lo, deixá-lo quase desesperado, se puder. E, quando ele bater bem na bola, como certamente acontecerá (afinal, você não vai deixá-lo em apuros o jogo todo), esforce-se para rebater todas as suas jogadas decisivas, jogue a bola no fundo da quadra, faça com que ele sinta que precisa de duas, três, quatro tentativas para chegar a 15-0.

Era só nisso que eu estava pensando, se é que posso dizer que estava pensando, enquanto mexia nas minhas raquetes, meias e ataduras, a música tocando nos fones, esperando que a chuva parasse. Até que um integrante da organização entrou e disse que estava na hora. Eu me levantei rapidamente, girei os ombros, alonguei o pescoço e corri mais um pouco no vestiário.

Como parte do protocolo de Wimbledon no dia da grande final, eu deveria entregar minha bolsa ao assistente de quadra para que ele a levasse até minha cadeira. E foi o que fiz, mas antes tirei uma raquete. Saí do vestiário agarrado a ela, cruzei o corredor com as fotos dos campeões e dos troféus do passado em molduras envidraçadas, desci as escadas, virei à esquerda e adentrei o gramado mágico da quadra central no ar fresco de julho na Inglaterra.

Então me sentei, tirei a parte de cima do meu agasalho branco e tomei um gole d'água de uma garrafa. Depois, de outra. Repito essa sequência todas as vezes antes do início de uma partida e na pausa entre os games, até o fim do jogo. Em seguida ponho as duas garrafas aos meus pés, na frente da cadeira, à esquerda, uma atrás da outra, na diagonal da quadra. Algumas pessoas dizem que é superstição, mas não se trata disso. Se fosse, por que eu continuaria com o mesmo ritual após vencer ou perder? Essa é uma maneira de entrar na partida, de ordenar o espaço à minha volta para que ele reflita a ordem que busco alcançar na minha mente.

Federer e o juiz estavam em pé embaixo da cadeira do árbitro, esperando que a moeda fosse lançada. Eu me levantei num salto, fui para a rede do lado oposto ao dele, comecei a correr sem sair do lugar e a pular vigorosamente. Federer estava imóvel e parecia muito mais relaxado do que eu.

A última parte do ritual, tão importante quanto os preparativos precedentes, era olhar para cima, esquadrihar o perímetro do estádio, procurar minha família entre o borrão da multidão da quadra central e fixar aquelas coordenadas com precisão na minha cabeça. Na outra extremidade da quadra, à minha esquerda, estavam meus pais e meu tio Toni; na frente deles,

na diagonal, estavam minha irmã, três dos meus avós, meus padrinhos, que também são meus tios, e outro tio. Não deixo que eles atrapalhem meus pensamentos nem sorriso durante a partida, mas o fato de saber que estão lá, como sempre estiveram, me proporciona a paz de espírito que é a base do meu sucesso como jogador. Ergo um muro à minha volta quando jogo, mas minha família é o cimento que o mantém de pé.

Também procurei na multidão os integrantes da minha equipe. Ao lado dos meus pais e de Toni estavam Carlos Costa, meu agente; Benito Pérez Barbadillo, meu assessor de imprensa; Jordi Robert – a quem chamo de “Tuts” –, meu representante junto à Nike, mas que além disso é meu amigo e companheiro fiel; e Titín, que me conhece mais do que todos e é como um irmão para mim. Também pude visualizar meu avô paterno e minha namorada, María Francisca, me assistindo pela TV lá em Manacor, bem como os outros dois membros da equipe que estavam ausentes, mas que nem por isso eram menos importantes para o meu sucesso: Francis Roig, meu segundo treinador, um tenista tão sagaz quanto Toni, porém mais bonachão, e Joan Forcades, meu inteligente e intenso preparador físico, que, como Titín, cuida tanto da minha mente quanto do meu corpo.

Essas pessoas ocupavam três círculos concêntricos à minha volta. Elas não apenas me resguardam de toda a confusão gerada por dinheiro e fama, mas, juntas, criam o ambiente de afeto e confiança de que preciso para que meu talento floresça. Cada integrante do grupo complementa o outro; cada um desempenha um papel específico para atenuar minhas fraquezas e intensificar meus pontos fortes. Imaginar minha boa sorte e meu sucesso sem eles é impossível.

Roger venceu no cara ou coroa e escolheu o serviço. Não me importei. Gosto que meu adversário comece sacando. Se eu estiver concentrado e ele, nervoso, tenho uma boa chance de quebrar o saque. Eu sou assim: me saio bem sob pressão. Em vez de ceder, fico mais forte. Quanto mais perto do precipício, mais alegre eu fico. É claro que fico nervoso e que a adrenalina e o sangue estão circulando com tanta força que posso senti-los da cabeça aos pés. Trata-se de um estado de alerta físico extremo, mas subjugável. E foi o que aconteceu. A adrenalina superou o nervosismo. Minhas pernas não cederam. Estavam fortes, prontas para correr o dia inteiro. Eu estava fechado no meu solitário mundo do tênis, mas nunca havia me sentido tão vivo.

Ocupamos nossas posições na linha de fundo e começamos a nos aquecer. Novamente aquele eco no silêncio: *claque, claque, claque*. Em algum lugar da minha mente, registrei, não pela primeira vez, como os movimentos de Roger eram fluidos e executados sem esforço, como ele era equilibrado. Eu, ao contrário, sou mais impulsivo, mais defensivo, sempre lutando, no limite. Sei que essa é a minha imagem. Já me assisti muitas vezes em vídeo. E é um reflexo justo de como joguei durante a maior parte da minha carreira, em especial quando Federer era o adversário. Mas a minha percepção do que acontecia à minha volta estava boa. Meus preparativos haviam funcionado bem. As emoções que teriam me arrebatado e dominado se eu não tivesse realizado meu ritual, se eu não tivesse me libertado à força do medo que a

quadra central normalmente provoca, estavam sob controle, talvez até eliminadas por completo. O muro que eu construía à minha volta era sólido e alto. Eu havia alcançado o equilíbrio certo entre tensão e controle, entre o nervosismo e a convicção de que poderia vencer. E estava batendo na bola com força e segurança. Golpes de fundo, voleios, smashes e, depois, saques para terminar o aquecimento antes do início da grande batalha. Voltei à minha cadeira, enxuguei os braços, o rosto e tomei um gole de cada uma das minhas duas garrafas d'água. Tive um flashback daquele mesmo momento na final do ano anterior, pouco antes do início do jogo. Então disse a mim mesmo mais uma vez que eu estava pronto para enfrentar e superar qualquer problema que surgisse. Vencer aquela partida era o sonho da minha vida, eu nunca estivera tão perto de realizá-lo e talvez não tivesse outra chance. Alguma outra coisa podia falhar, meu joelho ou meu pé, meu lance de esquerda ou meu saque, mas não minha cabeça. Eu talvez sentisse medo, o nervosismo podia tomar conta de mim a certa altura, mas meu poder de concentração não ia me decepcionar daquela vez.

Clark Kent e Super-Homem

O Rafa Nadal que o mundo viu adentrar o gramado da quadra central para o início da final de Wimbledon em 2008 era um guerreiro com os olhos brilhando de concentração, agarrado à raquete como um viking ao seu machado. Uma rápida olhada para Federer revelava um contraste gritante de estilos: Nadal, mais jovem, vestia uma camisa sem mangas e bermudas mais compridas; Federer, mais velho, usava um cardigã creme com um bordado dourado e uma camisa clássica. Um interpretava o papel do azarão agressivo, o outro era distinto e emanava superioridade.

Se Nadal, com seus bíceps protuberantes, era a imagem da força bruta, Federer – esbelto e ágil, 27 anos, cinco a mais do que seu adversário – demonstrava uma graciosidade natural. Se Nadal, que acabara de completar 22 anos, era o assassino de cabeça baixa, Federer era o aristocrata que passeava pela quadra acenando alegremente para as multidões como se fosse o dono de Wimbledon, como se estivesse recebendo convidados para uma festa ao ar livre.

O comportamento distraído e quase arrogante de Federer durante o aquecimento antes da partida mal transmitia a ideia de que aquele jogo era um confronto de titãs: a estrondosa intensidade de Nadal era uma caricatura invocada de um personagem de videogame. O espanhol acertava seus lances de direita como se estivesse disparando um rifle. Ele carrega uma espingarda imaginária, mira no alvo e puxa o gatilho. Com Federer – cujo nome significa “comerciante de penas” em alemão antigo – não há sensação de pausa, nenhum mecanismo visível. É tudo muito natural, sem esforço. Nadal – que significa “Natal” em catalão ou maiorquino, uma palavra com associações mais exuberantes do que “comerciante de penas” – encarnava o esportista da era moderna em excelente forma que se esforçou para chegar a essa condição física. Federer pertencia a um estilo característico da década de 1920, quando o tênis era um passatempo da elite, um exercício que os cavalheiros praticavam após o chá da tarde.

Isso foi o que o mundo presenciou. Mas o que Federer viu foi um desafiante jovem e raivoso que ameaçava usurpar seu reinado no tênis e pôr fim à sua tentativa de alcançar o recorde de seis vitórias consecutivas em Wimbledon, assumindo a posição de número 1 que ele ocupava havia quatro anos. No vestiário, antes da partida, é bem provável que Nadal tenha

intimidado o suíço – a não ser que, na opinião de Francis Roig, seu segundo técnico, “Federer fosse feito de pedra”.

“No momento em que se levanta da mesa de massagem, depois que Maymó coloca as ataduras, Rafa se torna amedrontador para os adversários”, diz Roig, ex-tenista profissional. “O simples ato de amarrar sua bandana transmite uma intensidade assustadora. Seus olhos, ao longe, parecem não enxergar nada à sua volta. Então, de repente, ele respira fundo e volta à vida, mexendo as pernas para cima e para baixo. Depois, como se não soubesse que seu adversário está a apenas alguns passos de distância, ele grita: ‘Vamos lá! ‘Vamos lá!’ Há algo de animalesco nisso. O outro jogador talvez esteja imerso nos próprios pensamentos, mas não consegue deixar de lançar um olhar de soslaio (já vi isso acontecer várias vezes) e pensar: ‘Meu Deus! Aquele é Nadal, que luta por cada ponto como se fosse o último. Vou precisar dar o máximo de mim, hoje terá de ser o dia mais importante da minha vida. E tudo isso não para vencer, mas apenas para ter uma chance.’”

O desempenho é ainda mais dramático aos olhos de Roig por causa do abismo que separa o Nadal competidor, “com aquele algo a mais que só um campeão tem”, do Nadal homem comum, da vida privada.

“Você sabe que uma parte dele é destruída pelo nervosismo, sabe que, no dia a dia, ele é um sujeito comum, sempre educado e gentil, inseguro e ansioso, mas no vestiário ele se transforma em um gigante diante dos seus olhos.”

Mas o Rafael que os familiares viram sair do vestiário e entrar na quadra central não era nem um gigante nem um gladiador que brandia seu machado, nem mesmo um touro indomável. Estavam aterrorizados. Sabiam que ele era brilhante e corajoso e, embora nunca demonstrassem, o veneravam, mas o que viram pouco antes de a partida começar era algo humanamente muito mais frágil.

Rafael Maymó é a sombra de Nadal, seu companheiro mais íntimo no extenuante circuito global do tênis. Imponente, elegante, encoberto pelo 1,86m do amigo e patrão, Maymó, de 33 anos, é um maiorquino discreto, astuto e sereno que nasceu na mesma cidade de Nadal, Manacor. Desde que começou a trabalhar como fisioterapeuta de Rafa, em setembro de 2006, os dois desenvolveram um relacionamento tão próximo que é praticamente telepático. Eles mal precisam se falar para se entender, mas Maymó – ou Titín, como Nadal o chama afetuosamente, apesar de o apelido não significar nada – aprendeu a distinguir o momento certo para dar opinião e para ouvir. Seu papel é semelhante ao de um cavaliário que cuida de um puro-sangue de corrida. Ele massageia os músculos de Rafa, enfaixa suas articulações, acalma seu temperamento elétrico. Maymó é o encantador de cavalos de Nadal.

Ele cuida das necessidades, tanto psicológicas quanto físicas, de Nadal naquele momento, mas conhece seus limites. Sabe que eles vão até onde começa o espaço dos familiares, pois são eles o pilar que sustentam Nadal pessoal e profissionalmente.

“Nunca é demais ressaltar o significado da família na vida dele”, diz Maymó. “Ou a união que existe entre eles. Cada um dos triunfos de Rafa é um triunfo de toda a família. Os pais, a irmã, os tios, a tia, os avós: eles agem de acordo com o princípio de ‘um por todos e todos por um’. Saboreiam as vitórias e sofrem com as derrotas. São como uma parte do corpo de Rafa, como uma extensão do seu braço.”

Maymó diz que os familiares comparecem com tanta frequência às partidas de Nadal porque entendem que, se não estiverem lá, Rafa não alcançará o máximo de seu desempenho.

“Eles sentem que precisam estar lá, não encaram isso como um dever. Mas também sentem que as chances de sucesso de Nadal aumentarão se, ao olhar para a multidão antes do início da partida, ele os vir. É por isso que, ao obter uma vitória importante, seu instinto é pular para a arquibancada e abraçá-los, ou, se alguns deles estiverem em casa assistindo à partida pela TV, telefonar assim que chega ao vestiário.”

Seu pai, Sebastián Nadal, enfrentou a experiência mais tensa de sua vida na quadra central no dia da final de Wimbledon em 2008. Assim como o restante da família, Sebastián estava atormentado por uma imagem do que havia acontecido depois da final de 2007, também contra Federer. Todos sabiam como Rafa reagira depois daquela derrota. O pai lhes descrevera a cena no vestiário de Wimbledon: o filho sentado no chão do boxe durante meia hora, tremendo, soluçando, batendo pé, uivando como um animal ferido, a água que caía sobre sua cabeça misturando-se às lágrimas que escorriam por seu rosto.

“Eu estava com muito medo de outra derrota, não por mim, mas por Rafael”, disse Sebastián, um homem parrudo que é um empresário seguro e tranquilo. “Ficou gravada em minha mente aquela imagem dele destruído, no fundo do poço, depois da final de 2007, e eu não queria ser obrigado a vê-la novamente. ‘Se ele perder, o que posso fazer para que a derrota seja menos traumática?’, eu pensei. Aquele era o jogo da vida de Rafael, o dia mais importante. Foi terrível para mim. Nunca sofri tanto.”

As pessoas mais próximas compartilhavam o sofrimento de Sebastián naquele dia, todos viam o núcleo frágil e vulnerável escondido sob a carapaça dura do guerreiro.

A irmã de Nadal, Maribel, uma universitária magra e bem-humorada cinco anos mais nova que ele, acha divertida a distância que existe entre a percepção do público e a visão que tem do irmão. Ela diz que Rafa é superprotetor: ele liga ou manda mensagens de texto para ela 10 vezes por dia de onde quer que esteja e fica desorientado ao menor indício de que ela possa estar doente.

“Uma vez, quando ele estava na Austrália, o médico pediu que eu fizesse alguns exames, nada muito grave. Mas, nas mensagens que trocamos, não toquei no assunto. Ele ia ficar doido e provavelmente perderia a concentração no jogo”, conta Maribel, cujo orgulho pelas conquistas do irmão não ofusca “a verdade”, expressada com afeto brincalhão, de que ele é

“como um gato assustado”.

A mãe de Nadal, Ana María Parera, concorda.

“Ele está no topo do mundo do tênis, mas no fundo é um rapaz supersensível, cheio de medos e inseguranças que as pessoas que não o conhecem jamais imaginariam”, diz ela. “Ele não gosta de escuro, por exemplo, e prefere dormir com a luz ou a TV ligada. Também não se sente muito à vontade com raios e trovões. Quando criança, ele se escondia embaixo de uma almofada e até hoje, se alguém precisa sair e pegar algo durante uma tempestade, ele não deixa. Sem falar nos seus hábitos alimentares. Por exemplo, ele detesta queijo, tomate e presunto. Eu também não sou tão fã de presunto, mas queijo? É meio esquisito.”

Além de cheio de manias para comer, também é cheio de manias ao volante. Rafa gosta de dirigir, talvez mais no mundo virtual do seu Playstation, companheiro constante nas viagens, do que em um carro de verdade.

“Ele é um motorista prudente”, diz a mãe. “Toma muito cuidado nas ultrapassagens, por mais possante que seja seu carro.”

Maribel, entretanto, é mais direta do que a mãe e descreve Rafael como “um péssimo motorista”. E também acha engraçado que o irmão sinta medo do mar, apesar de adorá-lo.

“Rafa está sempre falando que vai comprar um barco. Ele adora pescar e passear de jet ski, mas não se aventura a sair pilotando um se não for em um local de pouca profundidade. Além disso, nunca salta de pedras altas para mergulhar, como os amigos vivem fazendo.”

Mas todas essas fraquezas não são nada se comparadas à sua ansiedade mais persistente: o medo de que algo ruim aconteça à família. Além de entrar em pânico ao menor indício de doença entre os familiares, ele vive preocupado com a possibilidade de eles sofrerem um acidente.

“Gosto de acender a lareira quase toda noite”, diz a mãe, com quem ele ainda mora em uma casa grande e moderna de frente para o mar, onde tem o próprio quarto, banheiro e sala de estar. “Quando sai, ele me lembra de apagar o fogo antes de eu ir dormir. Depois, liga umas três vezes, de onde quer que esteja, para se certificar de que apaguei. Se pego o carro para ir até Palma, a apenas uma hora de distância, ele sempre pede que eu dirija devagar e com cuidado.”

Ana María, uma matriarca mediterrânea inteligente e forte, se surpreende com a incoerência entre a coragem do filho nas quadras e seus temores fora delas.

“À primeira vista, ele é uma pessoa direta e também muito bondosa, mas é cheio de ambiguidades. Quando você o conhece a fundo, há coisas a respeito dele que parecem não fazer muito sentido.”

É por isso que ele precisa se armar de coragem antes de um grande jogo, seguir seu ritual no vestiário, forçar uma mudança de personalidade, conter seus medos e seu nervosismo antes de libertar o gladiador que existe dentro dele.

Para as multidões anônimas, o homem que saiu do vestiário e entrou na quadra central para dar início à final de Wimbledon em 2008 era o Super-Homem; para os íntimos, ele também era Clark Kent. Um era tão real quanto o outro – talvez até um dependesse do outro. Benito Pérez Barbadillo, seu assessor de imprensa desde dezembro de 2006, está convencido de que as inseguranças de Rafa são o combustível para seu ardor competitivo e também acha que sua família representa o núcleo de afeto e apoio necessário para manter esses sentimentos sob controle. Antes de se tornar assessor de Nadal, Pérez trabalhou por 10 anos na Associação de Tênis Profissional (ATP) e conheceu, em alguns casos muito bem, a maioria dos grandes jogadores daquele período. Em sua opinião, Rafa é diferente dos demais, seja como jogador ou como homem.

“A força mental singular, a autoconfiança e o espírito guerreiro são o outro lado da insegurança que o guia”, afirma Pérez.

Todos os seus medos – sejam eles do escuro, de tempestades, do mar ou de infortúnios em sua vida familiar – obedecem a uma necessidade incontrolável.

“Nadal é uma pessoa que precisa controlar tudo”, diz Pérez, “mas, como isso é impossível, investe tudo o que tem naquela parte da vida sobre a qual tem mais domínio: Rafa, o tenista”.

A DUPLA DINÂMICA

O PRIMEIRO PONTO É SEMPRE importante, ainda mais em uma final de Wimbledon. Eu tinha me sentido bem durante toda a manhã, então precisava mostrar isso a mim mesmo na quadra. O primeiro saque de Federer foi bom, me forçando a uma esquerda estendida. Rebati melhor do que ele esperava, mais no fundo da quadra. Ele estava se preparando para subir à rede depois do saque, usando o impulso do corpo para a frente a fim de acrescentar força ao lance, mas minha devolução o confundiu, obrigando-o a recuar uns passos e bater na bola com uma direita desconfortavelmente alta, em desvantagem, limitando-o a usar apenas a força do braço. Foi uma devolução melhor do que eu podia esperar para um saque longo e difícil, uma rebatida que logo o fez pensar e se ajustar.

Quebrar seu ritmo fácil, levá-lo ao limite, é o que sempre preciso fazer ao jogar contra Federer. Foi o que Toni falou na primeira vez que enfrentei o suíço, em Miami, cinco anos antes: “Você não vai superar o talento, o brilhantismo das jogadas de Federer. Ele sempre terá mais habilidade do que você para criar uma jogada indefensável do nada. Portanto, pressione-o o tempo todo, force-o a jogar no limite.”

Embora eu tenha vencido aquela primeira partida em Miami por 6-3 e 6-3, Toni tinha razão. O saque e o voleio de Roger são melhores do que os meus; sua direita é provavelmente mais decisiva, assim como seu slice de revés, e seu posicionamento na quadra também é melhor. Havia um motivo para ele ter sido o número 1 do tênis mundial nos cinco anos anteriores e eu ter ocupado a segunda posição nos últimos quatro. Além disso, Federer vencera todas as edições de Wimbledon de 2003 a 2007. Ele era praticamente o dono do pedaço. Eu sabia que, para ganhar, tinha de vencê-lo mentalmente. A estratégia com ele é nunca desistir, tentar esgotá-lo do primeiro ao último ponto.

Ele rebateu aquela minha primeira devolução estranha direto na minha esquerda e tentei devolver a bola para a esquerda dele – aplicando o plano de jogo desde o início –, mas ele contornou o lance e rebateu com um lance de direita. Agora a iniciativa era minha, eu estava no centro da quadra e ele tinha de se espalhar mais. Então, com uma direita, ele rebateu a bola na minha esquerda, mas não com muita força, me permitindo desviá-la direto para o fundo do seu lado da quadra, sem chance de ele evitar uma esquerda. Federer rebateu a bola diagonalmente na minha direita e então vi a chance de fazer uma jogada decisiva. Ele estava esperando receber mais uma vez na esquerda, mas mandei a bola na sua direita. A bola caiu pouco antes da linha de fundo e ricocheteou alto, para longe, fora do alcance de Federer.

Um primeiro ponto como aquele inspira confiança. Você se sente em harmonia, acha que

está controlando a bola e não o contrário. Naquele ponto, tive controle sobre a bola nas sete vezes que a golpeei. Isso gera muita paz de espírito, os nervos funcionam a seu favor. É disso que você precisa no início de uma final do Grand Slam.

Uma coisa curiosa a respeito de Wimbledon: apesar da grandiosidade do lugar e do peso da expectativa, de todos os torneios é lá que consigo recriar com mais serenidade a sensação de lar. Em vez de ficar numa grande suíte de hotel – algumas das acomodações podem ser tão desnecessariamente extravagantes que me fazem até rir –, alugo uma casa em frente ao All England Club. Uma casa comum, nem um pouco sofisticada, mas grande o suficiente – são três andares – para que minha família, minha equipe e meus amigos se hospedem lá também ou apareçam para jantar comigo. Isso torna esse torneio totalmente diferente dos outros. Em vez de cada um de nós ficar isolado num quarto de hotel, temos um espaço que podemos compartilhar; em vez de ficarmos presos no trânsito para chegar às quadras em um carro oficial, caminhamos apenas dois minutos.

Ficar em uma casa também significa ter de comprar nossa própria comida. Por isso, quando posso, vou ao supermercado local comprar alguns quitutes, como Nutella, batatas fritas ou azeitonas, que como em excesso. Não sou um exemplo de alimentação saudável, pelo menos não para um atleta profissional. Se tenho vontade de comer algo, não me privo, eu como. Por exemplo, sou louco por azeitonas. Ao contrário de chocolate e batatas fritas, elas são um bom alimento. Mas o meu problema é a quantidade. Minha mãe sempre me lembra de uma vez, quando eu era criança, em que me escondi dentro de um armário e devorei um vidro grande de azeitonas. Comi tantas que vomitei e passei mal vários dias. Esse episódio poderia ter me feito ficar longe delas, mas não foi o que aconteceu. Tenho fissura por azeitonas e não gosto quando estou num lugar onde é difícil achá-las.

Por sorte foi fácil encontrá-las em Wimbledon, mas precisava tomar cuidado com o momento em que saía para comprá-las. Se eu fosse nos horários em que o supermercado estava cheio, podia não conseguir, porque muita gente me parava pedindo autógrafos. Esse é um risco inerente à minha profissão que aceito e ao qual tento reagir de bom humor. Não posso dizer “não” às pessoas que pedem minha assinatura, nem mesmo àquelas que são mal-educadas e simplesmente enfiam um pedaço de papel na minha frente, sem nem mesmo dizer “por favor”. Autógrafo o que elas pedem, mas, nesses casos, não sorrio. Portanto, embora seja uma distração agradável da tensão da competição, as idas ao supermercado em Wimbledon também têm seus momentos de pressão. Afinal, o único lugar onde posso fazer compras em paz – onde posso fazer qualquer coisa como uma pessoa normal – é Manacor, minha cidade natal.

As semelhanças agradáveis entre Wimbledon e Manacor são a casa em que ficamos e o prazer daquela breve caminhada até as quadras, que me faz lembrar de quando comecei a jogar tênis, aos 4 anos. Morávamos em um apartamento em frente ao clube de tênis da cidade. Eu atravessava a rua e ia treinar com tio Toni, o técnico residente.

A sede do clube era de tamanho médio, dominada por um grande restaurante com um terraço

com vista para as quadras, todas de saibro, o que se esperaria em uma cidade de 40 mil habitantes. Certo dia me juntei a um grupo de meia dúzia de crianças que tinham aulas de tênis com Toni. Adorei! Eu já era louco por futebol e sempre que meus pais deixavam eu jogava peladas na rua com meus amigos. Para mim, qualquer atividade com bola era divertida. Eu preferia futebol, adorava fazer parte de uma equipe. Toni conta que, no início, achei o tênis chato. Mas fazer parte de um grupo ajudou e o aprendizado coletivo possibilitou tudo o que aconteceria depois. Se fôssemos apenas meu tio e eu, as aulas seriam sufocantes demais. Só quando eu tinha 13 anos e vi que meu futuro estava no tênis foi que ele começou a me treinar individualmente.

Toni foi duro comigo desde o início, mais do que com as outras crianças. Ele exigia muito de mim, me pressionava bastante. Usava uma linguagem ríspida, gritava muito, me amedrontava, sobretudo quando os outros alunos não apareciam e nós dois ficávamos sozinhos. Quando eu chegava para o treino e via que seríamos só nós dois, sentia uma dor no estômago. Miguel Ángel Munar, ainda hoje um dos meus melhores amigos, aparecia duas ou três vezes por semana e eu treinava quatro ou cinco vezes. Jogávamos entre 13h15 e 14h30, nosso intervalo para o almoço na escola. Às vezes também treinava após as aulas, quando não tinha treino de futebol. Miguel Ángel me lembra às vezes de como Toni, se me visse com a cabeça nas nuvens, jogava a bola com força em minha direção, não para me machucar, mas para me assustar, para chamar minha atenção. Naquela idade, como meu amigo diz, a gente vivia distraído, mas eu não tinha permissão para viver nas nuvens. Ao fim de cada treino, Toni mandava que eu catasse as bolas, ou ao menos pedia a mim com mais frequência do que aos outros. Varrer as quadras no fim do dia também era responsabilidade minha. Enganava-se quem esperava que meu tio me favorecesse em qualquer aspecto. O que acontecia era exatamente o oposto. Miguel Ángel diz que, por conta do parentesco, ele me discriminava, sabendo que não poderia fazer aquilo impunemente com os outros meninos.

Os meios de comunicação às vezes me descrevem como se eu fosse a marionete de Toni, como se ele me manipulasse desde quando eu era criança e fizesse isso até hoje, o que irrita a mim e aos meus pais. Espalhou-se o boato, por exemplo, de que ele me forçou a jogar com a esquerda porque assim eu seria um adversário mais difícil. Bem, isso é mentira. Os jornais inventaram isso. A verdade é que comecei a jogar muito novo e, por não ser suficientemente forte para mandar a bola por cima da rede, eu segurava a raquete com as duas mãos. Então, certo dia meu tio disse: “Não existem jogadores profissionais que usam as duas mãos e não seremos os primeiros, portanto você vai ter que mudar isso.”

Foi o que fiz e comecei, naturalmente, a jogar com a esquerda. Não sei dizer por quê, já que sou destro e, quando jogo basquete ou golfe – ou dardos –, também uso a mão direita. Mas, no futebol, chuto com a perna esquerda, pois meu pé esquerdo é muito mais forte que o direito. As pessoas dizem que isso me dá uma vantagem na esquerda executada com as duas mãos, o que pode ser verdade. O fato de ter mais sensibilidade, mais controle ao usar ambas as mãos do que a maioria dos jogadores deve me favorecer, em especial em lances diagonais, nos

quais um pouco de força extra ajuda. Mas isso certamente não foi algo que Toni, em um momento de genialidade, arquitetou. É idiotice imaginar que ele foi capaz de me forçar a jogar de uma maneira que não fosse natural para mim, mas o fato de as pessoas acreditarem nisso mostra como a ideia de que eu sou o corpo e ele, a mente, ganhou força – certa vez um jornal publicou uma matéria intitulada “Toni Nadal: o cérebro de Rafa”.

Meu tio de fato era muito severo comigo. Minha mãe lembra que, quando criança, eu às vezes voltava chorando dos treinos. Ela tentava me fazer falar sobre o que acontecera, mas eu preferia ficar calado. Certa vez confessei que Toni tinha o costume de me chamar de “filhinho da mamãe” e ela ficou louca, mas implorei para que não dissesse nada a ele, porque só pioraria a situação.

Toni não dava descanso. Depois que comecei a participar de competições, aos 7 anos, ele passou a me cobrar ainda mais. Em um dia muito quente, me esqueci de levar minha garrafa d’água para a partida. Ele poderia ter ido comprar uma para mim, mas não fez isso. E explicou que me deixaria sem água para que eu aprendesse a ser responsável. Por que não me rebelei? Porque eu gostava de jogar tênis e passei a gostar ainda mais quando comecei a vencer. Além disso, eu era uma criança obediente e dócil e, segundo minha mãe, muito fácil de ser manipulada. A verdade é que, se eu não adorasse o jogo, não teria tolerado meu tio. E eu também o amava, ainda amo e sempre amarei. Eu confiava em Toni e, no fundo, sabia que ele estava fazendo o que era melhor para mim.

Eu confiava nele a ponto de, por vários anos, ter acreditado nas histórias mirabolantes que ele contava sobre suas proezas esportivas: a vitória no Tour de France, por exemplo, ou o sucesso no futebol italiano. Quando criança, minha confiança nele era tamanha que até cheguei a crer que ele tinha poderes sobrenaturais. Só aos 9 anos parei de acreditar que ele era um mágico capaz, entre outras coisas, de ficar invisível. Durante reuniões familiares, meu pai e meu avô o ajudavam nessa brincadeira, fingindo que não conseguiam vê-lo. Então comecei a acreditar que eu podia vê-lo, mas os outros não. Toni também me convenceu de que podia fazer chover.

Certa vez, aos 7 anos, disputei uma partida com um garoto de 12. Não acreditávamos que eu tivesse muita chance, então antes do jogo Toni me disse que, se eu estivesse perdendo por 0-5, ele faria chover para que a partida fosse cancelada. Bem, na época achei que ele havia perdido as esperanças cedo demais, porque começou a chover quando eu estava perdendo por 0-3. Depois ganhei os dois games seguintes e, de repente, me senti confiante. Então fui até meu tio durante a troca de quadra, quando o placar estava 2-3, e disse que ele poderia parar a chuva naquele momento, pois eu acreditava que poderia ganhar. Alguns games mais tarde a chuva parou e, no fim, perdi por 5-7. Mas dois outros anos se passariam antes que eu deixasse de acreditar que meu tio podia fazer chover.

Em meu relacionamento com Toni havia diversão e magia, embora durante os treinos prevalecesse uma atmosfera severa. E fomos muito bem-sucedidos. Se ele não tivesse me forçado a jogar sem beber água naquele dia e não tivesse sido rígido no treinamento, se eu não

tivesse chorado por causa da injustiça e dos abusos, talvez não fosse o jogador que sou hoje. Ele sempre destacou a importância da resistência.

Resista ao que aparecer na sua frente, aprenda a superar a fraqueza e a dor, esforce-se até chegar ao ponto de ruptura, mas nunca ceda. Se não aprender essa lição, nunca terá êxito como um grande atleta.

Foi isso que ele me ensinou.

Muitas vezes eu lutava para conter a raiva. “Por que só eu varro a quadra depois do treino?”, eu me perguntava. “Por que preciso catar mais bolas que os outros? Por que ele grita comigo dessa maneira quando mando a bola para fora?” Mas também aprendi a internalizar a raiva, a não ficar agitado por causa de injustiças, a aceitá-las e seguir em frente. Sim, talvez ele tenha ido longe demais, mas funcionou muito bem para mim. Toda aquela tensão a cada treino, desde o início, me ajuda a enfrentar com mais autocontrole os momentos difíceis em uma partida. Toni desempenhou um grande papel na construção do temperamento combativo que as pessoas veem em mim nas quadras.

No entanto, meus valores e meu modo de ser – que, em última instância, definem meu jogo – não vêm de Toni, e sim dos meus pais. É verdade que meu tio insistiu para que eu me comportasse bem na quadra, servisse de exemplo e nunca arremessasse a raquete no chão com raiva, o que, de fato, jamais fiz. Mas – e esta é a questão –, se eu tivesse sido criado em um lar diferente, talvez não tivesse prestado atenção ao que ele dizia. Meus pais sempre me impuseram muita disciplina. Eram muito rigorosos em situações como o comportamento à mesa – “Não fale de boca cheia!” e “Sente-se direito!” eram ordens que eu ouvia o tempo todo – e a necessidade de ser cordial e educado com todos – “Diga ‘bom dia’ e ‘boa tarde’ às pessoas que encontrarmos, aperte a mão de todos”. Meus pais, e também meu tio Toni, sempre disseram que, a despeito do tênis, o que mais desejavam era que eu me tornasse uma boa pessoa. Minha mãe diz que, mesmo que eu não fosse bom e me comportasse como um garoto mimado, ela me amaria, mas que se sentiria envergonhada demais para viajar meio mundo a fim de me ver jogar. Desde cedo eles sempre falaram sobre a importância de tratar todos com respeito. Toda vez que nosso time perdia um jogo de futebol, meu pai insistia que eu fosse até os jogadores da equipe adversária e os cumprimentasse. Eu devia dizer a cada um deles algo como “Parabéns, campeão. Você jogou muito bem”. É claro que eu não gostava. Ficava triste quando perdíamos e meu rosto devia transparecer que eu não estava dizendo aquilo com sinceridade. Mas eu sabia que estaria em apuros se não fizesse o que meu pai mandava. Então obedecia. E criei esse hábito. Se for merecido, é natural para mim elogiar um adversário depois de eu ter perdido, ou até mesmo vencido, uma partida.

Apesar de toda essa disciplina, tive uma infância incrivelmente feliz e calorosa em família. Talvez seja por isso que fui capaz de suportar a severidade de Toni. Uma coisa compensava a outra porque, acima de tudo, meus pais me davam uma incrível sensação de segurança. Meu pai, Sebastián, é o mais velho de cinco irmãos e eu fui o primeiro neto dos meus avós. Ou seja, desde que nasci fui paparicado pelos meus três tios e por minha tia, que não tinham

filhos, e também por meus avós. Eles dizem que eu era o mascote da família, o “brinquedo favorito” deles. Meu pai diz que, quando eu tinha apenas 15 dias, ele e minha mãe me deixaram passar a noite na casa dos meus avós, onde meus tios ainda moravam. Até meus 2 ou 3 anos, eles me levavam ao bar quando iam encontrar os amigos, bater papo e jogar cartas, bilhar ou pingue-pongue. Portanto, estar na companhia dos adultos se tornou muito natural para mim. Tenho lembranças afetuosas daquele período. Minha tia Marilén, que também é minha madrinha, me levava à praia em Porto Cristo, a apenas 10 minutos de carro de Manacor, e eu ficava deitado em sua barriga, cochilando ao sol. Com meus tios, eu jogava futebol no corredor do apartamento ou na garagem. Um deles, Miguel Ángel, era jogador profissional de futebol. Jogou no Mallorca e depois no Barcelona e na seleção espanhola. Quando eu era bem pequeno, me levavam ao estádio para vê-lo jogar. Apesar de toda a severidade de Toni, não sou um daqueles atletas cuja história de vida se resume a superar um início obscuro até chegar ao topo. Tive uma infância de conto de fadas.

A forte competitividade é a característica que tenho em comum com todas as pessoas bem-sucedidas do mundo esportivo com quem já conversei. Quando criança, odiava perder. Fossem cartas ou um bate-bola na garagem, ficava furioso quando perdia. E ainda fico. Há apenas dois anos, perdi em um jogo de cartas com minha família e cheguei até a acusar os outros de trapaça. Agora vejo que exagerei. Não sei de onde vem isso. Talvez seja de ficar vendo meus tios competirem no bilhar do bar com os amigos. Porém, até eles ficavam surpresos, porque, apesar de ser uma criança meiga, eu me transformava toda vez que participava de um jogo.

Por outro lado, o desejo de vencer – aliado à consciência de que é preciso muito empenho para realizar as próprias ambições – sem dúvida é algo que vem de berço. A família da minha mãe ainda é dona da mais antiga indústria de móveis de Manacor, o setor que move a economia da cidade. Meu avô perdeu o pai aos 10 anos, mas desde muito cedo aprendeu o ofício da família e tornou-se um mestre moveleiro. Na casa da minha mãe, onde moro, ainda temos uma linda cômoda que meu avô fez com as próprias mãos. Ele me contou que, em 1970, 2 mil camas foram produzidas em Maiorca e nas Ilhas Baleares adjacentes, Ibiza e Menorca. Metade delas foi feita em suas oficinas. Hoje é meu padrinho quem administra a empresa, que continua a prosperar.

A influência genética em mim é ainda mais clara no lado paterno da família. Não que eles tenham sido sempre aficionados por esporte. Meu avô, que também se chama Rafael, é músico e criou e dirigiu o coral da cidade. Uma história que ele nos contou várias vezes revela sua obstinação e determinação quando jovem. Hoje, com mais de 80 anos, ele continua forte e trabalha com ópera para crianças. Em 1940, quando tinha apenas 19 anos, o diretor da então recém-formada orquestra sinfônica de Maiorca perguntou se ele podia preparar o coral para uma apresentação da “Nona sinfonia” de Beethoven em Palma, a capital da ilha. Isso aconteceu pouco depois da Guerra Civil espanhola, época de extrema pobreza no país. Foi uma empreitada incrivelmente ambiciosa, ainda mais porque, dos 84 integrantes, somente meia

dúzia sabia ler partituras. Os outros eram amadores. Mas meu avô não deixou que isso o impedisse. Eles ensaiaram todos os dias durante seis meses e meio até “o dia em que um maiorquino ouviu a ‘Nona’ de Beethoven pela primeira vez, ao vivo, em um teatro”, como ele costuma dizer. Foi um dia importante na história da ilha e que provavelmente não teria acontecido sem ele.

Acho que meu avô ficou decepcionado por nenhum de seus cinco filhos ter demonstrado aptidão para a música e surpreso por três deles terem se revelado excelentes no esporte. Mas meu pai não seguiu nenhum desses caminhos. Ele é um homem de negócios, daqueles que não trabalham apenas pelo dinheiro, mas também pelo prazer. Adora concluir transações, fundar empresas, criar empregos. Sempre foi assim.

Aos 16 anos ele vendia seguros de porta em porta. Então, em um verão, para poder comprar uma motocicleta, montou um fliperama e um bar para turistas na praia de Porto Cristo. Aos 19, enxergou o potencial no mercado de vendas de carros usados. Descobriu que os despachantes estavam cobrando muito caro pela papelada necessária para transferir a propriedade dos veículos e pensou em como oferecer aquele serviço por um preço mais baixo. Por um breve período trabalhou em um banco, mas achou a rotina tediosa e então, por intermédio de um amigo do meu avô – que, além de músico, também atuava como corretor de imóveis –, começou a trabalhar em uma vidraçaria em Manacor. Eles cortavam vidros para janelas, mesas e portas. A empresa prosperou graças à rápida expansão do turismo em Maiorca e, em três anos, meu pai obteve um empréstimo, com meu tio Toni como sócio, e comprou a empresa. Toni não levava jeito para os negócios nem se interessava por eles, portanto meu pai fazia todo o trabalho, permitindo que o irmão desempenhasse, em tempo integral, a função de técnico de tênis e se dedicasse a mim. Hoje meu pai está mais ocupado do que nunca. Ele ainda é o dono da vidraçaria em Maiorca, lida com corretagem de imóveis e, mais recentemente, começou a cuidar da minha vida financeira, sempre apostando em investimentos lucrativos em potencial. Graças à sorte que tive e aos contatos que fiz, ele está atuando em âmbito internacional, em negócios de alto nível, planejando investimentos conjuntos em lugares como a Suíça e o Qatar e desenvolvendo projetos imobiliários na Espanha continental e no México. Ele não precisa fazer nada disso para si mesmo, mas faz por mim e também porque gosta. Meu pai não para, está sempre buscando novos desafios. Talvez seja por isso que todos na família dizem que puxei a ele.

Os tios esportistas eram Toni, que jogou tênis profissionalmente antes de se tornar técnico; Rafael, que jogou futebol em Maiorca durante vários anos; e Miguel Ángel, que chegou ao topo no futebol. Sua grande oportunidade surgiu quando ele tinha apenas 19 anos e foi contratado pelo Mallorca, que disputava a primeira divisão espanhola. Em 3 de junho de 1986, o dia em que ele assinou o contrato (com meu pai atuando como agente), eu nasci. Miguel Ángel era um zagueiro central alto e forte, que sabia se posicionar em campo, mas não era especialmente rápido nem espetacularmente habilidoso. Qualquer pessoa que fica impressionada com meu preparo físico ou com minha determinação deveria olhar para meu

tio: ele jogou na primeira divisão do futebol profissional até os 30 anos, disputou 62 partidas pela seleção e mais de 300 jogos pelo Barcelona em oito temporadas, sagrando-se cinco vezes campeão da liga nacional e vencendo a mais importante competição de clubes, a Liga dos Campeões. Fui vê-lo jogar muitas vezes, mas me lembro sobretudo do dia que me levou ao estádio Camp Nou, do Barcelona, o maior da Europa, quando eu tinha 10 anos, para jogar com meia dúzia de titulares depois do fim do treino. Naquele dia usei uma camisa do Barcelona. Muito tempo se passou até minha família parar de pegar no meu pé porque, apesar de adorar meu tio Miguel Ángel, sempre fui e sempre serei um torcedor do Real Madrid. Como todos sabem, o Real e o Barça são os dois maiores rivais do futebol espanhol. Por que torço para o Real? Porque meu pai torce. Toni torce para o Barça. Por aí dá para ver qual dos dois me influenciou mais.

Todos os integrantes da minha família contribuíram para minha formação. Com meu tio Miguel Ángel tive a sorte de experimentar o tipo de vida que me esperaria depois que eu me consolidasse como jogador de tênis. Ele era um grande astro, especialmente em Maiorca. No esporte, junto com o tenista Carlos Moyá, que chegou ao primeiro lugar no ranking mundial, ele era o orgulho da ilha. Meu tio foi um grande exemplo para mim. Ele me mostrou um pouco do que eu viveria: ganhou dinheiro e ficou famoso, era destaque nos meios de comunicação e sempre assediado e festejado aonde quer que fosse. Mas nunca se levou muito a sério, jamais acreditou que realmente merecia toda aquela bajulação e sempre permaneceu uma pessoa modesta e sincera. O fato de, para mim, ele sempre ter sido apenas meu tio significou que também aprendi, desde muito cedo, a relativizar essa história de celebridade e a manter os pés no chão. Miguel Ángel imprimia um caráter prático, de carne e osso, às lições de humildade que meu tio Toni e meus pais me ensinaram desde cedo. Tenho plena consciência agora de que tudo o que aconteceu comigo não foi por causa de *quem* eu sou, mas por causa do *que* eu faço. Existe uma diferença. De um lado está o Rafa Nadal, o tenista que as pessoas veem triunfar; do outro estou eu, Rafael, o homem comum, como sempre fui e que teria sido independentemente do que tivesse feito na vida, fosse famoso ou não. Miguel Ángel também foi importante para meus familiares: a experiência com ele os preparou para a experiência comigo. Eles puderam lidar com a minha fama com mais facilidade e naturalidade.

Miguel Ángel, atual técnico assistente do RCD Mallorca, que disputa a primeira divisão da Espanha, me mostra hoje em dia que outras pessoas cujos familiares são famosos nem sempre mantêm os pés no chão quando se tornam conhecidas. Ele diz que, além de qualquer coisa que possa ter feito, foram meus pais e Toni que me prepararam para lidar com as questões complexas da fama e também me elogia por ter tido a inteligência para aprender tão bem aquelas lições. Talvez Miguel Ángel tenha razão em acreditar que não estou plenamente consciente da magnitude do que conquistei. Se for esse o caso, melhor assim.

As coisas poderiam ter sido muito diferentes para mim se eu tivesse optado por ganhar a vida jogando futebol em vez de tênis. Futebol era o esporte que todas as crianças praticavam em Maiorca, tivessem ou não alguma ligação familiar com o esporte. Eu levava o jogo muito a

sério. No início da sua carreira profissional, Miguel Ángel morava na casa dos meus avós. Quando ele tinha um jogo no dia seguinte, eu dizia na noite anterior: “Vamos, você precisa treinar! Precisamos ganhar amanhã!”

E, com grande solenidade, às dez da noite, eu, com apenas 4 anos, levava Miguel Ángel e meu tio Rafael até a garagem para uma sessão de corrida, com e sem bola. É engraçado pensar nisso agora, mas acho que a consciência da importância de se preparar bem para o sucesso no esporte reforçou em mim a ideia que sempre tive de que, em um jogo, você colhe o que planta.

O futebol sempre foi minha paixão. Se eu estiver disputando um torneio na Austrália ou em Bangcoc e um jogo do Real Madrid passar na TV às cinco da manhã, eu acordo para assistir – às vezes, mesmo que haja uma partida mais tarde naquele mesmo dia. E, se necessário, organizo meu treino de acordo com o horário dos jogos. Sou fanático. Meu padrinho lembra que, quando eu tinha 4 anos, ele me mostrava os escudos de todos os times da primeira divisão espanhola e, para sua surpresa, eu era capaz de dizer o nome correto de todos. Mesmo nos bate-bolas com meus tios na garagem, eu ficava com muita raiva quando perdia. Meu tio Rafael ainda se lembra, com certo sofrimento, das vezes em que eu ficava na casa dele nas noites de sexta-feira e o acordava às 9h30 no sábado para jogar bola, depois de ele ter ido se deitar às cinco da manhã. Eu sempre o convencia a se levantar. Parte dele me odiava naquele momento, mas ele diz que era impossível resistir ao meu entusiasmo. Hoje a situação se inverteu. Sou o mais velho de 13 primos e são eles que me acordam para jogar depois de uma longa noite. Mas estou sempre disposto, porque gosto muito e porque nunca me esqueço de como eu levava aquilo a sério quando criança, principalmente depois de ter começado a competir pelo time de Manacor na divisão mirim, aos 7 anos.

Meu pai e Miguel Ángel gostam de recordar como, depois de cada partida, eu analisava as jogadas com a mesma atenção com que assistíamos aos jogos do meu tio na primeira divisão. Eu discutia minhas falhas e os muitos gols que fazia como ponta-esquerda (cerca de 50 por temporada), apesar de ser um ano mais jovem que os demais jogadores. Treínávamos a semana toda, mas na véspera das disputas eu ficava uma pilha. Acordava às seis da manhã para idealizar o jogo e me preparar mentalmente. Para me acalmar, eu sempre limpava e engraxava as chuteiras antes das partidas. Minha mãe e minha irmã riem quando se lembram disso: dizem que, quando o assunto é esporte, sou uma pessoa disciplinada e ordeira, mas que para todo o restante sou distraído e caótico. Elas têm razão. Meu quarto está sempre bagunçado – inclusive nos hotéis, quando viajo – e costumo esquecer coisas. Minha concentração vai toda para o jogo, como acontecia quando eu era criança. Visualizava as jogadas, imaginava os gols que marcaria e os passes que faria. Eu me alongava no quarto, me preparava quase com a mesma intensidade com que me preparo antes de uma grande partida de tênis hoje em dia, e também ficava muito tenso. Lembrando agora é engraçado, mas aquilo era tudo para mim. No início o futebol era mais importante do que o tênis, apesar da intensidade dos meus treinos com Toni, que tentava me convencer de que um dia eu ganharia a vida jogando nas quadras. Naquela época meu sonho, como o de tantos meninos da minha

idade na Espanha, era ser jogador profissional de futebol. Embora também estivesse participando de competições de tênis desde os 7 anos, e me saindo bem, eu sempre ficava mais nervoso antes de uma partida de futebol. Acho que isso acontecia porque eu tinha consciência de que não estava jogando apenas para mim mesmo e me sentia responsável em relação aos companheiros de time.

Eu também tinha uma fé cega em nossa capacidade de vencer, mesmo quando tudo parecia estar perdido. Meus tios lembram como eu, muito mais do que os outros meninos do time, achava que nossas chances eram maiores. Em jogos em que estávamos perdendo por 5 a 0, eu ficava no vestiário gritando: “Não vamos desistir! Ainda podemos ganhar!”

Certa vez perdemos por 6 a 0 em Palma e, no caminho de volta, eu disse: “Isso não tem importância. Quando jogarmos em casa, vamos ganhar.”

Felizmente havia mais vitórias do que derrotas. Eu me lembro bem de muitos jogos, em especial da temporada em que ganhamos o campeonato das Ilhas Baleares, quando eu tinha 11 anos. A decisão foi contra o Mallorca, o grande time da capital. No fim do primeiro tempo estávamos perdendo por 1 a 0, mas viramos o jogo e acabamos ganhando por 2 a 1. Um pênalti decidiu o jogo a nosso favor. Uma entrada minha na grande área fez com que um jogador do outro time defendesse a bola com a mão bem em cima da linha do gol. O mais normal seria que eu cobrasse o pênalti, já que era o artilheiro do time, mas não me arrisquei. Você me vê hoje em dia disputando a final de Wimbledon e talvez se pergunte por quê. Bem, a força de caráter foi algo que precisei trabalhar. Eu não estava preparado para assumir aquela responsabilidade naquele momento. Por sorte, um companheiro de equipe marcou o gol. A alegria de ganhar aquele campeonato foi tão grande quanto a de vencer meu primeiro torneio do Grand Slam. Pode parecer estranho, mas as duas sensações são comparáveis. Naquele momento, aquela era minha maior aspiração. A empolgação e a sensação de triunfo foram iguais, só que em um palco menor.

Acho que não há nada em nenhuma outra área da vida que seja tão emocionante quanto vencer no esporte, independentemente da modalidade e do nível de competição. Não há sensação mais intensa ou alegre. E, quanto mais se deseja ganhar, maior o arrebatamento quando se é bem-sucedido.

Minha primeira amostra dessa sensação no tênis aconteceu quando eu tinha 8 anos e venci o campeonato das Ilhas Baleares na categoria sub-12. Para mim, aquela foi uma das maiores vitórias da minha carreira. Uma diferença de quatro anos naquela faixa etária parece uma eternidade, pois as crianças mais velhas na minha categoria pareciam seres distantes e superiores. Foi por isso que entrei no torneio sem ter esperança alguma de ganhar. Eu só havia vencido um torneio até então, jogando com crianças da mesma idade que eu. Mas, àquela altura, havia um ano que eu estava treinando com Toni praticamente uma hora e meia por dia, cinco dias por semana. Acho que nenhum outro competidor daquele torneio treinava tanto quanto eu ou tinha um técnico tão severo quanto o meu. Também acho que, com a ajuda de Toni, eu entendia melhor o jogo do que as outras crianças. Era isso que me dava, e talvez

ainda me dê, certa vantagem.

Ao assistir ao jogador número 10 e ao 500 na classificação mundial treinando, nem sempre é possível dizer qual deles ocupa uma posição mais alta no ranking. Sem a pressão da competição, eles se mexem e batem na bola de forma muito parecida. No entanto, saber jogar não se resume a bater bem na bola, mas também implica fazer as escolhas certas, decidir entre uma deixadinha ou uma batida forte na bola, uma bola alta ou uma longa, um backspin, um topspin ou uma bola limpa, e escolher em que parte da quadra mirar. Toni me fazia pensar desde muito cedo nas táticas básicas do tênis. Se eu fizesse bobagem, ele perguntava: “Onde você errou?”

Depois conversávamos e analisávamos detalhadamente meus erros. Em vez de me transformar em sua marionete, ele se esforçava para que eu pensasse por conta própria. Toni dizia que o tênis é um jogo no qual você precisa processar várias informações muito depressa, pensando melhor do que seu adversário para vencer. E, para pensar direito, você deve manter a calma.

Levando-me sempre ao limite, ele intensificou minha força mental, um esforço que rendeu dividendos nas quartas de final daquele primeiro campeonato sub-12, em uma partida na qual meu adversário, um garoto três anos mais velho que eu, era o favorito. Perdi os três primeiros games sem marcar nenhum ponto, mas acabei vencendo os sets. Também venci a final em dois sets. Ainda tenho o troféu em casa, ao lado dos outros conquistados como profissional.

Foi uma vitória muito importante, pois me proporcionou o ímpeto para tudo o que veio depois. O cenário, no entanto, não foi nada glorioso. Na final, em Ibiza, cerca de 50 pessoas apareceram, em sua maioria parentes. Lembro que eles ficaram felizes quando venci, mas não foi nada de extraordinário. Nenhuma comemoração animada, pois não é do nosso feitio. Algumas crianças, tanto no tênis quanto em outros esportes, são guiadas pela ambição dos pais – em geral a do pai. Eu tinha Toni. Mas a intensidade do seu desejo de vitória era contrabalançada de forma saudável pela atitude tranquila do meu pai. Ele não se parecia em nada com aqueles pais que desejam realizar os próprios sonhos frustrados por meio do sucesso dos filhos. Ele me levava aos jogos por toda a ilha de Maiorca nos fins de semana – nunca serei suficientemente grato a ele por isso – e me via jogar não porque queria que eu me tornasse um astro, mas porque queria que eu ficasse feliz. Nunca passou pela minha cabeça naquela época que eu acabaria me tornando um tenista profissional, muito menos que conquistaria tantas vitórias.

Eu e meu pai sempre nos lembramos de uma história da minha infância que revela a atitude dele em relação a mim e a minha em relação ao tênis, e como elas eram diferentes. Era setembro, logo após as férias de verão, e eu tinha vencido o campeonato das Ilhas Baleares havia dois anos. Em agosto, me divertira muito pescando, nadando no mar e jogando futebol na praia com meus amigos. Porém não tinha treinado muito, e um campeonato surgiu de uma hora para outra em Palma. Meu pai, como sempre, me levou de carro até lá e eu perdi. Ainda me lembro do placar: 6-3, 6-3, contra um adversário que eu deveria ter derrotado. Na volta

para casa, fiquei em silêncio. Meu pai, que nunca tinha me visto tão desanimado, tentou me alegrar e disse:

– Vamos, isso não é nada. Não fique triste. Não se pode ganhar sempre.

Não respondi. Ele não havia conseguido acabar com meu mau humor, então prosseguiu:

– Você teve um verão maravilhoso com seus amigos, então contente-se com isso. Não dá para ter tudo. Você não pode ser um escravo do tênis.

Ele achava que estava apresentando um argumento convincente, mas eu caí em prantos, o que o chocou ainda mais, porque eu nunca chorava. Não naquela época. Ele insistiu:

– Vamos, você teve um verão incrível. Não basta?

– Basta, pai – respondi –, mas toda a diversão do verão não compensa a dor que estou sentindo agora. Nunca mais quero me sentir assim.

Meu pai repete essas palavras até hoje e ainda fica perplexo por eu ter dito algo tão perspicaz e profético quando ainda era tão jovem. Ele considera aquela conversa que tivemos no carro um momento decisivo, o dia em que passou a entender o filho de outra maneira. E o modo como passei a compreender minhas próprias ambições também mudou. Percebi que o que mais me chateava era a sensação de ter sido uma decepção para mim mesmo, de ter perdido sem me esforçar ao máximo. Em vez de voltar para casa, ele me levou a um restaurante à beira-mar para comer meu prato favorito na época: camarões fritos. Não falamos muito durante a refeição, mas sabíamos que havíamos cruzado uma ponte. Eu dissera algo que me definiria e moldaria por muito tempo.

Onze anos mais tarde, em 2007, revivi aquela sensação de desespero depois de perder a final de Wimbledon para Roger Federer. Enquanto as lágrimas rolavam, pensei: “Nunca mais quero me sentir assim.” E tive novamente esse mesmo pensamento, mas com um estado de espírito muito mais sereno e construtivo, no início da final de 2008.

Marcar, e bem, aquele ponto no serviço de Federer foi o primeiro passo para curar uma mágoa que eu carregava havia 12 meses. Porém, no segundo ponto, após um bom rali, tentei uma jogada decisiva cedo demais e mandei a bola para fora com uma direita bastante impulsiva. Voltei à estaca zero. O tênis é isso. Você marca um ponto incrível, vence com um belo lance no fim de um rali tenso, mas, no placar final, nada disso vale mais do que o ponto que dei para ele. É nessa hora que entra em jogo a força mental, que é o que distingue os campeões dos quase campeões. Você esquece imediatamente aquela falha e limpa a mente. Não permite que seu cérebro fique remoendo aquilo. Em vez disso, utiliza a força de ter marcado o primeiro ponto e só pensa no que virá a seguir.

O problema é que ele logo começou a mostrar por que era o melhor do mundo. Venceu o game com uma esquerda diagonal rápida como um tiro, uma direita no fundo da quadra e um ace. Voltei para a minha cadeira mais ligado e, de certa forma, mais forte por ter recebido um lembrete instantâneo de que aquela não seria uma vitória fácil como a que eu obtivera contra ele no Aberto da França 28 dias antes, um lembrete também de que o serviço de Federer em uma superfície de grama, que favorece quem saca bem, era muito melhor do que o meu.

Ele venceu o primeiro game e só cheguei a 15 no placar, mas havia uma consolação e eu continuava a acreditar na vitória. Apesar de ter perdido quatro dos cinco pontos, fizemos longos ralis em cada um deles e, em todos, mantive o ritmo certo. Ele teve de lutar para manter o serviço. A desvantagem era que eu teria de subir à rede, provavelmente durante todo o set, para ficar no mesmo nível que ele.

Tudo correu melhor do que eu havia esperado. O plano era sacar no canto esquerdo dele, o que fiz em todos os pontos no segundo game e praticamente em todos os pontos de serviço ao longo do jogo. O quarto ponto daquele game me incentivou a seguir aquela estratégia. Saquei na esquerda dele. Federer devolveu a bola com um slice alto que rebati novamente na esquerda, e isso se repetiu várias vezes: eu mandava uma bola alta com topspin na esquerda dele, mantendo-o desconfortavelmente no fundo da quadra. Quatro bolas, uma depois da outra, no mesmo ponto, no alto e à esquerda dele. A cada vez, sua única opção era mandar um slice para o centro da quadra, dando tempo para que eu me posicionasse e colocasse a bola exatamente onde queria. Se eu tivesse batido para a direita, ele teria arriscado um rebote mais direto e forte e eu talvez perdesse controle do ponto. Daquela maneira, controlei o ponto e ele acabou perdendo a calma em um momento crítico e tentando um drive de esquerda que saiu alto e fora de trajetória. Eu não ia vencer todos os pontos daquela maneira, mas aquele era um sinal claro de que deveria me ater ao plano de jogo.

No game seguinte, o grande avanço. Federer só havia perdido dois games de serviço em seis partidas até chegar à final; aquele seria o terceiro. Marquei um único ponto com um golpe fundo no canto à direita dele, mas, durante o restante do tempo, o mantive no fundo da quadra, do lado esquerdo. Ele errou três lances. Eu estava na frente por 2-1, o próximo serviço era meu e, até então, estava vencendo a batalha psicológica, o que geralmente faz com que você jogue melhor do que o adversário, porque está pensando com mais clareza. Eu estava satisfeito, mas não radiante. Havia um longo caminho à frente e qualquer ideia de vitória, qualquer indício de um filme com final feliz que entrasse na minha mente naquele momento teria sido um desastre. Eu precisava me manter concentrado e mostrar a ele, por meio das minhas ações e do meu comportamento, que não esmoreceria em nenhum ponto. Se ele quisesse vencer, teria de jogar muito bem cada ponto; precisaria não somente estar, mas também permanecer, no auge da sua performance por muito tempo. Meu objetivo era transmitir a Federer a ideia de que ele ia ter de passar horas a fio no limite.

Ele captou a mensagem. Não voltou a fraquejar. Mas era tarde demais. Nós dois jogamos no máximo de nossas capacidades até o final do primeiro set, mas eu mantive todos os meus games de serviço e venci por 6-4.

O tio Toni

Pergunte a Toni Nadal quais foram suas últimas palavras para o sobrinho antes de sair do vestiário de Wimbledon no início da final de 2008 e ele responderá: “Eu disse a ele que lutasse até o final e resistisse.”

Pergunte por que Rafa chegou ao topo do tênis mundial e ele dirá: “Porque o que importa é a sua cabeça, sua atitude, o fato de querer mais, de resistir mais do que o adversário.”

Pergunte o que ele diz a Rafa nos dias em que o corpo se rebela e a dor parece grande demais para competir na quadra e a resposta será: “Digo a ele: ‘Você precisa escolher entre dois caminhos: dizer a si mesmo que basta e cair fora ou estar preparado para sofrer e seguir em frente. É preciso escolher entre perseverar ou desistir.’”

“Resistência” é uma palavra que Toni martela na cabeça de Rafa desde muito cedo. Ela expressa uma filosofia de vida espartana e incomum em uma ilha e em um país em que reina o hedonismo. Toni parece um espanhol de uma era antiga, um descendente de Hernán Cortés, o conquistador que desembarcou no México no século XVI com uma força de apenas 100 homens, incendiou os barcos para que ninguém se sentisse tentado a fugir para casa e, depois de superar privações incríveis e probabilidades ultrajantes, derrotou o império asteca, reivindicando seu tesouro e suas vastas terras para a coroa espanhola.

Corpulento e moreno, com pernas grossas e fortes, Toni daria um bom conquistador. Frio e determinado, ele é direto e não parece se esforçar muito para cair nas graças das pessoas à sua volta. Ele não é indelicado: aos olhos da família, é generoso até demais com estranhos que pedem ingressos para partidas ou jornalistas atrás de uma declaração. Porém, com as pessoas mais próximas, apesar de ser bastante leal, ele pode ser mal-humorado, grosseiro e brigão. Não é a ovelha negra da família porque os Nadal, muito unidos, não condenam nenhum ente ao ostracismo. Mas Carlos Costa, que conhece a família muito bem, afirma que “Toni é diferente”: é mais ranzinza do que os irmãos, mais “do contra” – um moralizador com opiniões rígidas que está sempre pronto a discutir.

No entanto, ao contrário do que as aparências sugerem, ele não é tão severo nem tão semelhante a um conquistador. Rafa Nadal às vezes reclama um pouco, e seus pais mais ainda, da tendência da mídia em acreditar que ele não seria nada sem Toni. A probabilidade de que o

inverso seja verdade é a mesma. A verdade é que Toni e Rafa dependem um do outro, pois seus pontos fortes e fracos se complementam. Eles são mais poderosos como uma dupla do que seriam por conta própria.

Toni certa vez sonhou que poderia se tornar um tenista campeão. Quando jovem, era um excelente jogador e ganhou fama como um dos melhores de Maiorca. Também foi o melhor jogador de tênis de mesa da ilha durante um tempo, bem como um enxadrista de renome em sua cidade. Ele tinha o corpo e o cérebro, mas, quando se tornou um profissional do tênis e saiu de casa para conquistar a Espanha continental, fracassou. Era um jogador estável, mas, segundo ele mesmo, carecia do ímpeto vencedor, uma qualidade que ele tentou infundir em seus jovens alunos quando se tornou técnico. Os garotos que ele treinava com o sobrinho lembram que outros treinadores destacavam a necessidade de controlar a bola, ao passo que Toni sempre enfatizava a busca agressiva de bolas decisivas. O próprio Toni cita o exemplo do golfista americano Jack Niclaus, que, em um vídeo de treinamento, dá o seguinte conselho a jovens jogadores: “Primeiro bata na bola com força, depois vamos nos preocupar em mandá-la para dentro do buraco.” Toni tornou esse o seu lema. Desde que Rafa começou a jogar, aos 4 anos, ele o aconselhou a primeiro bater na bola com força e depois a mantê-la dentro da quadra.

Em seguida, assumiu a tarefa mais desafiadora de formar um competidor com uma mente blindada. Toni passou a tratar o sobrinho de maneira injusta bem na frente dos colegas e exigir que ele não reclamasse. Os meninos com quem Rafa treinava lembram que, quando Toni gritava uma ordem, mandando-o ficar até mais tarde, catar bolas e varrer as quadras depois do treino, ele abaixava a cabeça e obedecia. Quando os dois treinavam sozinhos num dia de sol forte, Toni não dava fresco: mandava o sobrinho treinar no lado da quadra em que o sol estava batendo. Se, no início de um treino, eles estivessem jogando bem, Toni de repente mandava uma bola ruim, seca, que quicava imprevisivelmente, ou então uma bola fraca, que mal quicava. Se Rafa reclamava, Toni dizia: “Os lances podem ser de terceira categoria, mas você é de quinta!”

Na opinião de Toni, a crueldade tinha um propósito positivo, e ele jogava partidas com Rafa em que o vencedor era quem primeiro marcasse 20 pontos. Ele deixava que o garoto, empolgado, chegasse a 19 e, depois, endurecia o jogo e virava o placar, acabando com o dia do sobrinho, que estava começando a saborear o prazer de uma pequena vitória improvável. Os golpes no moral e a disciplina inflexivelmente severa a que ele submetia Rafa tinham um objetivo estratégico: ensiná-lo a resistir.

A relação do próprio Toni com o conceito de “resistência”, por outro lado, tem sido contraditória. As virtudes da resistência foram inculcadas nele e em seu irmão Sebastián durante a adolescência, passada em um internato em Palma, a uma hora de carro de Manacor. O diretor da escola fazia longos sermões para os alunos sobre os benefícios de resistir com

virilidade às inevitáveis provações e desilusões da vida. A provação mais imediata que os irmãos tinham de enfrentar era a dura realidade da vida no próprio internato, longe da família unida e afetuosa. Sebastián resistiu e permaneceu na escola até o fim do período previsto. Toni ficou apenas um ano e implorou aos pais para voltar para casa, e eles consentiram. Depois, mais velho, ele começou a estudar direito e história na universidade, mas desistiu antes de se formar. Em seguida, tentou se lançar na carreira de tenista profissional, mas também abandonou aquela empreitada, voltando para casa em Manacor com o intuito de treinar as crianças no clube local.

Toni poderia ter ficado lá, depois de encontrar sua vocação, se o destino não tivesse posto em seu caminho um sobrinho que tinha um vigor e uma habilidade que ele não havia descoberto em nenhuma outra criança até então. Pela maneira como Rafa batia na bola, sua noção natural de posicionamento e sua força de vontade, Toni logo percebeu que tinha nas mãos um futuro campeão espanhol. O destino havia batido à porta da família e ele faria de tudo para realizá-lo, recorrendo às lições com as quais aprendera sobre seus próprios erros para infundir em seu talentoso sobrinho os hábitos de um vencedor, ajudando-o a criar um futuro de glórias que ele poderia compartilhar.

O sucesso de Rafa proporcionou a Toni um forte senso de revanche, incentivando-o a se tornar muito mais direto em suas opiniões, tão severo em suas convicções quanto um católico na corte espanhola na época de Cortés. Mas ele não busca consolo na vida após a morte ou em uma divindade benevolente. Toni, que não é católico, é irredutível e acredita que religião é fraqueza e tolice. Ele desdenha da fé em Deus, considerando-a uma crença mágica primitiva tão infantil quanto a crença do sobrinho quando criança de que o tio podia fazer chover.

No entanto, no que se refere à maneira como as crianças são educadas, Toni é inflexivelmente doutrinário.

“O problema hoje em dia é que as crianças se tornaram o centro das atenções de forma exagerada. Os pais, a família, todos à sua volta as colocam em um pedestal. Tanto esforço é feito para aumentar a autoestima que elas se sentem especiais sem terem realizado nada. Ficam confusas, não conseguem compreender que não somos especiais pelo que somos, mas pelo que fazemos. Vejo isso o tempo todo e depois, se elas ganham dinheiro e ficam um pouco famosas, tudo se torna fácil e ninguém as contradiz em momento algum, todos os seus mínimos desejos são satisfeitos e elas se tornam pirralhos mimados insuportáveis.”

Isso é tão comum no esporte profissional que, segundo Toni, o surpreendente é um jovem sportista brilhante se comportar não como um pirralho, mas como um ser humano decente. Adulados, cercados de bajuladores afoitos, ouvem o tempo todo que são deuses e passam a acreditar nisso. A civilidade e o jeito simples do sobrinho, tão diferentes da norma, nunca deixam de ser notados, e Toni se orgulha disso.

Tudo na criação de Rafa Nadal o preparou para um comportamento desse tipo. Se ele estivesse destinado a se tornar um superastro, Toni e os pais fariam com que ele se tornasse um superastro humilde. Se ele fosse louvado por sua humildade, como aconteceu tantas vezes, isso também seria considerado um elogio excessivo.

“Você deve praticar a humildade, ponto final”, diz Toni. “Não há nenhum mérito nisso. E eu não usaria a palavra ‘humilde’ para descrever Rafael. Ele sabe qual é seu lugar no mundo. Todos deveriam saber. A questão é que o mundo já é bastante grande sem que você também se ache grande. As pessoas às vezes exageram essa questão da humildade. É simplesmente uma questão de saber quem você é, onde está, e ter consciência de que o mundo continuará exatamente igual sem você.”

O fato de Toni eliminar o mínimo indício de complacência ou presunção no sobrinho não impede que ele veja suas qualidades inatas ou a influência que os pais exerceram sobre ele.

“Acho que ele não teria se tornado má pessoa por causa dos pais, que são, a seu modo, indivíduos tão sensatos e práticos quanto eu, e também graças à sua própria natureza”, admite ele. “Ele sempre foi obediente, o que é um sinal de inteligência em uma criança, pois mostra que ela entende que os mais velhos sabem mais e respeita o fato de eles terem mais experiência. Portanto, acho que a matéria-prima que tínhamos em mãos era de primeira. Mas assumi como missão estimular essa tendência. Quando vi seu enorme potencial, pensei: ‘Além de suas capacidades como jogador, que tipo de pessoa eu gostaria de ver na quadra? Alguém com personalidade, mas que não fosse exibido.’ Não gosto de divas, e há muitas delas no mundo do tênis. Foi por isso que proibi que ele jogasse a raquete no chão durante uma partida e sempre insisti que ele precisava ter o que chamo de ‘uma cara boa’ no jogo: um semblante calmo, sério, nunca zangado ou irritado. Sempre achei importante ser gentil e manter o espírito esportivo com o adversário, tanto na vitória quanto na derrota.”

Toni diz que o respeito por todas as pessoas, não importa quem sejam ou o que façam, é o início de tudo.

“É inaceitável que pessoas que tiveram tudo na vida se comportem de maneira grosseira com os outros. Quanto mais elevada sua posição, maior sua obrigação de tratar todos com respeito. Eu teria odiado se meu sobrinho tivesse um comportamento diferente, se ele tivesse explosões de raiva na quadra, se tratasse mal os adversários com o mundo inteiro vendo pela TV. Ou se ele fosse mal-educado com os juízes ou os fãs. Os pais dele e eu sempre dizemos que é mais importante ser uma boa pessoa que um bom jogador.”

O próprio Toni é suficientemente bom para reconhecer que às vezes pode ter ido longe demais com Rafa. Sua severidade no treinamento foi uma estratégia consciente e calculada, assim como seu infalível desdém em relação aos primeiros sucessos competitivos do sobrinho. Se ele acertava uma ótima direita durante uma partida, ainda havia muito trabalho a

ser feito na esquerda. Se acertava uma série impressionante de lançamentos na linha de fundo, ainda restava treinar o voleio. Se venciam um torneio, aquilo não era nada de mais, afinal, e quanto ao saque?

“Você ainda não conquistou nada”, dizia Toni. “Precisamos de mais, muito mais.”

Os demais membros da família observavam com uma perplexidade que, no caso da mãe de Rafa, ocasionalmente se transformava em raiva. O pai, Sebastián, tinha seus receios. O tio Rafael se perguntava algumas vezes se Toni não o estava pressionando demais. O padrinho Juan, irmão da mãe, chegou a dizer que Toni estava submetendo uma criança a “crueldade mental”.

Mas Toni era duro porque sabia que Rafa podia aguentar e acabaria se desenvolvendo. Ele insiste que nunca teria usado os mesmos princípios com uma criança mais vulnerável. A sensação de que ele podia estar certo foi o que impediu que os familiares mais receosos se rebelassem. Uma pessoa que nunca duvidou de Toni foi Miguel Ángel, jogador profissional de futebol. Outro discípulo do princípio da resistência, no qual ele acredita com quase tanta reverência quanto o próprio Toni, Miguel Ángel diz que o sucesso para um esportista de elite depende da capacidade “de sofrer” e até de gostar do sofrimento.

“Isso significa aprender a aceitar que, se você precisa treinar duas horas, vai treinar duas horas; se precisa de cinco, vai treinar cinco; se deve repetir um exercício 50 mil vezes, vai repeti-lo todas essas vezes. É isso que separa os campeões das pessoas apenas talentosas. E tudo isso está diretamente relacionado à mentalidade do vencedor: ao mesmo tempo que você demonstra resistência, sua cabeça fica mais forte. Não damos valor ao que recebemos a menos que haja um apego sentimental especial. Por outro lado, damos muito valor ao que conquistamos com esforço. Quanto maior ele for, maior o valor do que alcançamos.”

Esse argumento prevaleceu na família e ninguém, nem mesmo a mãe de Rafa, jamais confrontou Toni para que ele fosse mais brando com o menino. Eles entendiam que passar horas a fio com Toni era extenuante, mas que os dois haviam chegado a um ponto em que um não podia viver sem o outro, muito menos ter sucesso no esporte.

A família resmungava, mas deixava Toni aplicar seu método, respeitava a soberania do seu reino, um regime espartano no qual não era permitido choramingar, no qual o jovem guerreiro em formação era exposto a todo tipo de teste e privação e nunca podia dar desculpas, por mais legítimas que fossem. A culpa era sempre dele. Toni não queria saber se Rafa perdia um jogo porque havia uma rachadura no aro da raquete; se jogava mal porque o encordoamento da raquete não estava suficientemente apertado e a bola voava, o técnico permanecia impassível. Se ele estava com febre, com o joelho machucado, se o dia na escola havia sido ruim, Toni não ligava para nada disso. Rafa tinha de sorrir e resistir.

O ASTRO DO FUTEBOL QUE NUNCA SE MATERIALIZOU

FEDERER SACOU E VENCEU o primeiro game do segundo set sem perder nenhum ponto. Se havia o mínimo vestígio de complacência em algum canto remoto da minha mente depois de ter vencido o primeiro set, aquela derrota o eliminou. Ele disparou quatro bons serviços com um enganoso ar de facilidade e eu não tive como reagir. Aquela certamente não seria uma repetição da final do Aberto da França, na qual ele ganhou apenas quatro games no total e eu venci o último set por 6-0. Ele estava lutando com garra. Se vencesse a partida, seria seu sexto título seguido em Wimbledon, um feito inédito. O suíço já havia conquistado tantos títulos, dominando a cena por tanto tempo, que parte dele estava jogando, como ele mesmo disse certa vez, “para entrar para a história”. Vencer aquela partida era tão importante para ele quanto para mim – a derrota seria igualmente dolorosa para nós dois.

No segundo game, no meu serviço, ele estava mais agitado do que nunca. Geralmente mais sereno na quadra do que eu, Federer marcou os dois primeiros pontos com direitas sensacionais, um na linha de fundo e outro na diagonal, e reagiu a ambos com um grito. Venceu o game, quebrou meu serviço, acabou comigo. Quando ele tem esses momentos absolutamente brilhantes, a única coisa a fazer é tentar manter a calma e esperar que a tempestade passe. Não há muito a se fazer quando o melhor jogador da história vê a bola como se ela fosse do tamanho de uma bola de futebol e a golpeia com força, confiança e enorme precisão. Isso realmente acontece e é preciso estar preparado. Você não pode desmoronar: deve se lembrar – ou se convencer – de que ele não pode manter aquele nível de jogo em todos os games, afinal ele também é humano e comete erros. Portanto, se você permanecer calmo, se não perder de vista o plano de jogo e continuar tentando cansá-lo e deixá-lo pouco à vontade, aquele momento passará, mais cedo ou mais tarde. A concentração do adversário irá diminuir e você terá sua chance. Mas a minha oportunidade ainda demoraria a surgir. Federer mais uma vez confirmou o serviço. Mal consegui manter o meu e, em seguida, ele confirmou o dele de novo. Ele estava vencendo por 4-1 e pareciam ter se passado cinco minutos de jogo. Minha vitória no primeiro set parecia estar muito distante.

Mas eu tinha um longo histórico de partidas em que superara reveses piores. Eu tinha experiência para lidar com aquele tipo de situação. Não há nada mais grandioso do que uma final de Wimbledon, mas há um limite para o nervosismo durante uma partida, qualquer que seja ela, ou para a importância de uma vitória. Como sempre lembro, a tensão e a euforia são

as mesmas tanto quando você disputa uma partida na infância, com sonhos que não vão além da copa de futebol de juniores das Ilhas Baleares, quanto ao vencer o campeonato espanhol de tênis sub-12. Ficamos todos muito felizes quando venci aquele campeonato aos 11 anos, mas, como sempre, incapaz de reprimir seu instinto de me trazer de volta à realidade, Toni estragou a festa. Ele ligou para a Federação Espanhola de Tênis fingindo ser um jornalista e pediu a lista dos últimos 25 vencedores. Depois, na frente da família, leu os nomes em voz alta e me perguntou se eu ouvira falar de algum deles.

– Você conhece fulano de tal?

– Não.

– E esse cara?

– Não.

– E esse outro?

– Não.

Apenas cinco cujos nomes tinham algum significado para mim haviam alcançado um bom nível como profissionais. Toni se sentiu triunfante.

– Está vendo? As chances de você ter sucesso como profissional são de uma em cinco. Portanto, Rafael, não se empolgue demais com a vitória de hoje. Ainda há um longo e árduo caminho à frente. E tudo depende de você.

Naquele momento eu também precisava decidir se levaria o tênis suficientemente a sério a ponto de desistir do futebol. Foi uma das decisões mais difíceis que tive que tomar, embora, no fim, as circunstâncias tenham decidido por mim.

Àquela altura, eu treinava cinco vezes por semana e viajava ao exterior para competir em torneios de tênis, jogando e vencendo na Europa contra alguns dos melhores do mundo na minha faixa etária. Porém, eu continuava a treinar durante a semana com meu time de futebol e a competir nos fins de semana. E, como minha mãe sempre dizia, ainda havia a escola. Eu precisava abrir mão de algo e não queria que fosse o futebol. Só de pensar nisso eu já ficava com o coração partido. Mas, no fim, não tive escolha. Eu e meus pais sabíamos que eu não podia fazer tudo. A dor teria sido maior se um novo técnico não tivesse assumido o comando do meu time de futebol. O treinador antigo, que eu adorava, entendia que não podia contar comigo em todos os treinos, mas queria que eu jogasse mesmo assim, porque eu era o artilheiro do time. O novo técnico era mais dogmático. Disse que, se eu não aparecesse nos treinos como todos os outros garotos, não poderia jogar. Se eu faltasse a apenas um treino durante a semana, estaria fora do time. E foi o que aconteceu. Sem ele, talvez minha vida tivesse sido diferente. Meu pai acha que eu poderia ter me tornado um bom jogador de futebol profissional. Segundo ele, eu treinava com mais afinco do que todos os outros meninos. E eu tinha aquela confiança insólita – ou fé lunática – na capacidade do meu time de vencer partidas contra todas as probabilidades.

Mesmo assim, suspeito de que meu pai tinha fé de mais no meu talento como jogador de futebol. Eu era bom, mas não tão especial. O tênis era o esporte no qual eu me destacava,

embora gostasse igualmente, ou talvez até mais, de jogar futebol. Eu fazia parte da seleção de futebol de juniores das Ilhas Baleares, mas era o campeão espanhol de tênis sub-12 e fui finalista, no mesmo ano, do campeonato nacional sub-14. Eu era um ano mais novo do que meus colegas no time de futebol, mas era dois, às vezes três, anos mais jovem do que meus adversários no tênis.

Uma escolha precisava ser feita e não havia como negar os fatos. Eu devia me dedicar ao tênis. Não me arrependo, fiz a escolha certa e não sou de ficar remoendo coisas que não posso mudar. Acho que, já naquela época, entendi tudo isso muito bem. Há um vídeo no YouTube no qual apareço sendo entrevistado pela TV espanhola após ter vencido meu primeiro campeonato nacional sub-14. Depois de explicar que eu treinava todo dia das quatro da tarde às oito da noite, eu digo: “Gosto de futebol, mas é só diversão.”

Eu não tinha nem 12 anos e já tinha uma carreira.

Toni não dava folga. Era impiedoso. Certa vez, quando eu tinha 13 anos, no fim do treino em Manacor tive a ideia não muito inteligente de tentar pular a rede. Como não tenho boa coordenação, o resultado foi desastroso. Se encontrei meu ritmo na quadra de tênis foi porque me empenhei muito. Na minha família, sou considerado desajeitado. Minha madrinha, Marilén, lembra que, quando eu era criança, a família fazia passeios de bicicleta nas manhãs de domingo. Mas eu não gostava de participar. Nunca me senti à vontade em cima de uma bicicleta ou de uma moto. Esses são os dois meios de transporte favoritos na parte leste de Maiorca, onde a maior parte do terreno é plana, mas tenho medo de cair e nunca me acostumei a guiá-los. Quando obtive minha habilitação, Marilén exclamou: “Que perigo nós estamos correndo!”

Entendi o que ela quis dizer e, desde então, passei a ser um motorista cauteloso.

Meu padrinho, Juan, diz que herdei a falta de jeito da minha mãe, que, quando criança, sempre caía ou esbarrava nas coisas. Foi o que aconteceu comigo naquela vez em Manacor quando eu estava treinando e pulei a rede. Tropecei e caí feio, aterrissando com todo o meu peso em cima do pulso. Além da torção, comecei a sangrar. Toni, porém, não teve compaixão e começou a gritar comigo:

– Rafael, você não tem nada na cabeça!

Meu padrinho estava presente e, embora sempre tivesse sido muito prudente nas críticas ao meu técnico, daquela vez ele não conseguiu se conter.

– Toni – disse ele –, você foi longe demais desta vez.

Meu padrinho me levou de carro até o centro médico da cidade para que me enfaixassem. Ele estava zangado com meu tio e disse que ele estava errado. Entendia que Toni agira assim para que eu me preparasse para as batalhas futuras e tudo mais, mas achava que ele tinha ido longe demais. Eu estava com dor e não disse nada, mas entendia melhor do que meu padrinho a importância que Toni tinha para mim naquele momento, quando todas as minhas ambições se concentravam no tênis. Por maior que fosse a tentação, seria insensato atíçar um atrito familiar em torno da figura de Toni ou alimentar pensamentos negativos a seu respeito. O que eu queria

era triunfar no tênis e tudo o que pudesse atrapalhar esse sonho, fosse um verão de ócio com os amigos ou sentimentos de antagonismo em relação a Toni, deveria ser posto de lado.

Toni tinha razão. Muitas vezes ele era irritante, mas estava certo a longo prazo. Lições duras como a que ele me ensinou naquele dia me tornaram mais capaz de suportar, como atleta, o fardo de jogar com dor. Pus esse ensinamento em prática antes mesmo de me tornar profissional, quando venci o campeonato espanhol sub-14, pouco depois daquele tombo na rede. Aquela foi uma das vitórias mais memoráveis da minha vida, porque tive não apenas de derrotar meu adversário na final, mas também superar a dor a cada instante. O torneio foi realizado em Madri e meu rival, Toméu Salva, era, e continua a ser até hoje, um dos meus melhores amigos, com quem eu treinava desde os 12 anos.

Na primeira rodada do torneio, quebrei o dedo mindinho da mão esquerda. Mas me recusei a abandonar a competição e, sob a vigilância de Toni, nem mesmo reclamei. No ano anterior, eu chegara às semifinais, mas daquela vez queria vencer. Então, joguei até o fim e derrotei Toméu na final por 6-4 no terceiro set. Eu tinha de segurar a raquete com quatro dedos, pois o mindinho quebrado ficava pendurado, frouxo e inútil. Não o enfaxeiei porque seria mais difícil acertar a bola. A maior dificuldade era o drive de direita. Na esquerda com as duas mãos, o peso se desloca mais para a mão direita. No entanto, durante a partida, quase me esqueci da dor. É uma questão de concentração, de esvaziar a mente antes do jogo, princípio que apliquei ao longo de toda a minha carreira. Na opinião de Titín, que já me viu em péssima forma muitas vezes antes de uma partida, mas perfeitamente capaz na hora da disputa, a adrenalina da competição ajuda a eliminar a dor. Seja qual for a explicação, olho para aquele Rafael adolescente e me orgulho. Ele criou um padrão de resistência que desde então me serviu de exemplo e de lembrete de que a mente *pode* vencer a matéria. Se você realmente quiser alguma coisa, nenhum sacrifício será grande demais.

A magnitude do que fiz naquela final contra Toméu só ficou clara para mim depois de eu ter marcado o último ponto. A dor veio com tanta intensidade que não consegui nem levantar o troféu sozinho: outro garoto teve de me ajudar a levá-lo para a foto comemorativa.

Naquela época, ainda aos 14 anos, tive uma chance de romper os laços com Toni. Ofereceram-me uma bolsa de estudos em Barcelona, a meia hora de avião de Maiorca, para treinar no Centro de Alto Desempenho em San Cugat, uma das melhores academias de tênis profissional da Europa. Eu me vi diante de outra grande decisão, mas na verdade até hoje sinto que não sou muito bom quando preciso decidir algo. Na quadra, em uma fração de segundo, consigo escolher os lances mais adequados, mas tenho dificuldade em tomar decisões que precisam ser ponderadas. (Por isso, de certa forma, agradei por aquele novo técnico ter aparecido no time de futebol alguns anos antes e ter me ajudado a abrir mão de uma atividade que eu amava e optar pelo tênis.) Portanto, em momentos assim, ouço o que os outros têm a dizer para depois pesar os argumentos. Não gosto de ter opiniões formadas antes de conhecer todos os fatos. Naquela decisão específica, dei mais ouvidos a meus pais do que a Toni, pois eles tinham uma visão muito clara das coisas. Como podíamos escolher, afinal

nossa situação financeira era suficientemente boa e não precisávamos da bolsa de estudos, eles disseram o seguinte: “Ele está se saindo muito bem com Toni e, além disso, que lugar é melhor para um garoto do que o próprio lar?”

Eles não se preocupavam tanto com meu treinamento esportivo, mas com o fato de que, sozinho em Barcelona, sem a família, eu perdesse minhas referências. Não queriam que eu me tornasse um adolescente problemático. Para eles, evitar uma situação desse tipo era mais importante do que ter uma carreira de sucesso no tênis.

Fiquei feliz por meus pais terem tomado essa decisão por mim porque, no fundo, eu também não queria sair de casa e, hoje em dia, ao olhar para trás, fico mais feliz ainda. Por mais irritante que Toni fosse às vezes (naquela época, ele tinha o hábito de marcar o treino para as nove da manhã e só aparecer às 10), eu sabia que tínhamos um bom relacionamento e que eu não ia encontrar um técnico melhor.

O sucesso poderia subir à minha cabeça em Barcelona, mas isso nunca aconteceria com Toni ou com minha família por perto. Todos eles conspiravam para manter meus pés no chão, inclusive Maribel, minha irmã mais nova. Lembro-me de um episódio com ela em um torneio de juniores em Tarbes, na França, quando eu tinha 14 anos. Chamado Les Petits As (Os Pequenos Ases), é considerado o campeonato mundial para crianças dessa faixa etária. O público é grande e as pessoas acham que vão ver alguns dos astros do futuro. Venci naquele ano e, sentindo pela primeira vez o gostinho do que estava por vir, garotas da minha idade ou mais velhas começaram a me procurar para pedir autógrafos. Meus pais acharam aquilo engraçado, mas também ficaram um pouco alarmados. Então, meu pai fez com que Maribel, com 9 anos na época, entrasse na fila de meninas e, quando chegasse perto de mim, perguntasse da maneira mais adúladora e melosa possível: “Sr. Nadal, por favor, pode me dar o seu autógrafo?”

Observando a distância, eles riram. Os outros podiam estar muito impressionados comigo, mas isso nunca aconteceria com minha família.

Naquele mesmo ano, viajei para a África do Sul, o lugar mais distante de casa em que eu já estivera. Depois de vencer uma série de torneios na Espanha patrocinado pela Nike, me classifiquei para a grande final do Nike Junior Tour International, no qual os vencedores de todos os outros países se reuniam para competir. Toni não tinha certeza se eu deveria ir. Achava que era um palco grande demais para alguém tão jovem. Como sempre, ele não queria que eu tivesse ideias de grandeza. Mas, em termos de preparação para a vida itinerante de um tenista profissional, ele via o valor de um torneio em uma terra distante com alguns dos melhores jogadores estrangeiros da minha faixa etária. Toni estava hesitante (ele tem opiniões sólidas, mas tem mais dificuldade para tomar decisões do que eu), mas meu pai não tinha dúvidas. Ele ligou para outro técnico com o qual eu às vezes treinava em Palma, Jofre Porta, e perguntou se ele me acompanharia à África do Sul. Jofre concordou e, naquela mesma noite, partimos em um voo noturno para Johannesburgo. Toni não pareceu muito satisfeito, mas em parte ficou aliviado por ter sido poupado de 12 horas de voo, pois tem fobia de aviões.

Lembro-me daquele torneio mais como uma criança empolgada por sua primeira viagem à África do que como um tenista. O campeonato foi disputado em Sun City, um complexo incrivelmente extravagante no coração da mata africana, com piscinas gigantescas, cascatas e até uma praia artificial, além de leões e elefantes nas redondezas. Foi uma emoção ficar perto – porém não perto demais – daqueles animais selvagens. Fomos levados para um lugar no qual podíamos segurar e acariciar filhotes de leões brancos, embora eu não tenha tocado em nenhum. Não me sinto muito à vontade com animais, nem mesmo com cachorros. Mas a viagem à África do Sul foi memorável e emocionante e, por acaso, também venci o torneio de tênis. Meu comportamento infantil e minha falta de profissionalismo, apesar de todas as horas de treino e de toda a atenção de Toni, ficaram evidentes na manhã da final, quando passei duas horas jogando futebol. Os organizadores ficaram escandalizados, como se eu não estivesse levando o torneio a sério, e apelaram a Jofre para me fazer parar de jogar. Ele não falou nada. Ciente de que aquela também era a opinião dos meus pais, ele lembrou aos organizadores que, se uma viagem por meio mundo para jogar não fosse divertida, logo chegaria o momento em que eu perderia meu entusiasmo pelo tênis.

Depois que voltei da África do Sul, descobri que minha madrinha tinha organizado uma festa na casa dos meus avós para comemorar minha vitória. Ela tinha até pendurado uma faixa. Mas não cheguei a ver como ficou. Ao tomar conhecimento, Toni arrancou a faixa da parede com raiva e a tirou dali. Embora minha madrinha tivesse feito a faixa em tom de brincadeira, quase de gozação – comemorando e baixando minha bola ao mesmo tempo –, ele não levou em conta esse lado engraçado. Quando cheguei, Toni me interceptou à porta da casa dos meus avós e disse: “Pode voltar para casa agora. Eu já vou, depois de ter uma conversinha com sua madrinha e seus avós.”

Não sei exatamente o que ele disse, mas minha madrinha me contou mais tarde que Toni perguntou o que eles estavam tentando fazer comigo e disse que, ao darem tanta importância às minhas conquistas, iriam acabar me acostumando mal.

Toni não parou por aí. Naquela noite, foi até minha casa e disse:

– Não podemos perder tempo. Amanhã encontro você aqui embaixo às nove e vamos de carro até Palma para treinar.

Atônito, retruquei:

– Toni, você sabe o que está me pedindo?

– O que estou pedindo? Simplesmente que você esteja lá embaixo amanhã às nove, pronto para treinar. Vou ficar esperando. Não me faça subir.

Fiquei indignado e mais uma vez tive a sensação de que estava sendo tratado injustamente.

– Está falando sério, Toni? Se estiver, você enlouqueceu. Você acha justo que, depois de um voo de 14, 15 horas, eu não possa deixar de treinar amanhã?

– Vejo você às nove – respondeu ele.

– Bom, não estarei lá.

Mas, na manhã seguinte, lá estava eu. Infeliz, resmungando e de péssimo humor, às nove em

ponto.

Ele tinha razão e, apesar de toda a minha indignação, no fundo eu sabia que ele estava certo. Mais uma vez, ele pretendia evitar que eu “acreditasse” no meu sucesso, que eu achasse que poderia comemorar a vitória e ser dispensado do treino por ter vencido o torneio. Meus pais são mais festivos do que Toni, menos estraga-prazeres, mas, naquela ocasião, concordaram com a abordagem dele. A reação da minha mãe quando um tio ou uma tia me parabenizavam por uma vitória era invariavelmente a mesma: “Ora, não foi nada de mais.”

Minha mãe investiu sua energia e me incentivou nas áreas em que eu tinha mais dificuldade, como os estudos. Foi por isso que meus pais, tendo decidido não me mandar para Barcelona, resolveram que eu deveria, aos 15 anos, fazer o mesmo que meu pai e Toni haviam feito: ir para um internato em Palma. A Escola Baleárica de Esportes era feita sob medida para as minhas necessidades – com aulas das matérias curriculares, mas também uma prática intensa de tênis – e ficava a apenas uma hora de carro da casa dos meus pais. No entanto, me senti infeliz lá. Meus pais – sobretudo minha mãe – estavam preocupados, acreditando que o treinamento tão intenso estava atrapalhando meus estudos. Eu, por outro lado, achava que os estudos é que atrapalhavam o esporte. Eles me impediram de jogar no Torneio Júnior de Wimbledon e de Roland Garros.

– Mas esses torneios são muito importantes – reclamei com minha mãe.

– Sem dúvida, mas garanto que você terá outra chance de participar. Porém, se abandonar os estudos, certamente não terá outra chance de passar nas provas.

Para os meus pais, o internato parecia a melhor opção para que eu atingisse meus dois objetivos. Não quero dizer que eles cometeram um grande erro porque passei nas provas. Mas foi um ano terrível. Eu não precisava nem queria que nada mudasse na minha vida. Estava feliz com as coisas do jeito que estavam. O tempo que passei lá morri de saudade, senti falta dos meus pais, da minha irmã, das refeições em família com meus tios e avós, dos jogos de futebol na TV à noite – não poder assistir a eles era de matar – e da comida caseira. Além disso, os horários eram muito puxados. Levantávamos às 7h30, tínhamos aulas das 8h às 11h, depois duas horas e meia de tênis e só então parávamos para almoçar. Em seguida, mais aulas das 15h às 18h e, das 18h às 20h, tênis e preparo físico. Mais tarde, das 21h às 23h, tínhamos de estudar novamente. Era de mais. Eu não conseguia fazer nada direito, nem estudar nem jogar tênis. A única coisa boa de que me lembro é que, no fim do dia, eu estava tão exausto que dormia bem. Mas também era bom poder ir para casa nos fins de semana e foi ótimo conseguir as qualificações para terminar os estudos.

Minha mãe queria que eu continuasse a estudar e fizesse as provas necessárias para entrar na faculdade. Então, quando eu tinha 16 anos, ela me inscreveu em um curso a distância, mas eu perdi todos os livros – os deixei num voo para as Ilhas Canárias –, e aquele foi o fim da minha educação formal. Acho que não os esqueci de propósito, foi só mais um exemplo de como sou distraído em tudo, menos no tênis. E não me arrependo de ter desistido de ir para a faculdade. Tenho curiosidade em relação ao mundo, gosto de me informar sobre o que está

acontecendo e acho que, nos últimos anos, aprendi muitas coisas que a universidade nunca poderia ter me ensinado.

O mais engraçado é que minha reação ao internato foi semelhante à de Toni, que também sentia muita falta de casa. Meu pai, por outro lado, nunca se sentiu assim. Ele sempre aproveitou o que a vida lhe proporcionava. Nem eu nem Toni temos a mesma solidez de caráter que ele, mas aplico o princípio da resistência ao tênis. Meu tio me ensinou a teoria; meu pai, a prática. Toni me ensinou a resistir, meu pai me deu um exemplo a ser seguido.

Atento e pragmático, meu pai tem a personalidade diametralmente oposta à de Toni, que é falador e gosta de filosofar. Meu tio tem opiniões; meu pai toma decisões, sempre com clareza. Toni é imprevisível; meu pai é tranquilo. Toni pode ser injusto; meu pai é justo. E é ele quem faz as coisas na família. Meu tio se dedicou a ser meu técnico e orientador e cumpriu sua tarefa de forma impecável. Meu pai, dois anos mais velho que Toni, construiu do zero um negócio após o outro. Ele persegue seus objetivos de forma obstinada, mas fez da família sua principal responsabilidade. É muito honesto, preocupado em não desonrar o nome da família. Empregou dezenas de pessoas em seus vários negócios e criou as condições para que vivêssemos bem e para que Toni pudesse se dedicar a mim.

Uma coisa não teria acontecido sem a outra. Toni nunca recebeu nenhum pagamento de mim nem de qualquer outro parente pela atenção que me dedicou durante todo esse tempo, mas pôde fazer isso porque é dono de metade da empresa do meu pai e recebe metade dos lucros, sem se envolver diretamente nos negócios. Foi uma troca justa. Eu nunca teria tido as mesmas horas de treinamento com Toni se meu pai não tivesse trabalhado tanto durante toda a vida.

No âmbito profissional, o que define meu pai é sua capacidade de enfrentar problemas, encontrar soluções e concluir as tarefas. E acho que, nesse quesito, me pareço mais com ele do que com meu tio. Além de ser meu treinador esportivo, Toni também é meu conselheiro e orientador de vida. Por meio das palavras, ele me incentiva, me repreende, me aconselha, me ensina. Mas é nesse ponto que o trabalho dele termina e o meu começa, pois sou eu que tenho de pôr em prática seus ensinamentos. Minha madrinha diz que meu pai é um vencedor por natureza e que, na quadra, tenho o caráter dele. Acho que é verdade. Na minha arena, sou um lutador, assim como meu pai é na dele.

No entanto, para o público, ele permanece à sombra. E gosta de dizer: “Sou o filho de Rafael Nadal, o irmão do jogador de futebol Miguel Ángel Nadal, o pai do tenista Rafael Nadal, nunca sou apenas eu.”

Outros podem reagir a essas circunstâncias com inveja ou com uma amargura mal disfarçada. Meu pai, no fundo, adora. O pai dele foi uma celebridade em Manacor por sua proeza musical; o irmão, um jogador de futebol de renome; o filho, um tenista famoso. Isso significa que meu pai, em diferentes momentos da vida, teve de se apresentar, ou ser apresentado, como o filho/irmão/pai de outro Nadal. Desde que ele se entende por gente, os meios de comunicação locais sempre veicularam pelo menos uma matéria por semana sobre um Nadal que nunca era ele. Mas isso nunca o incomodou, porque meu pai realmente não tem

interesse em ser famoso ou reconhecido, muito menos festejado. Para que ele fique feliz, basta que o restante de nós entenda que ele tentou ser um pilar para toda a família e, nos últimos anos, para mim em especial.

Foi ele que, com sua visão de negócios, entendeu logo no início da minha carreira que deveríamos contar com uma equipe de profissionais. Além de Toni, passamos a trabalhar com Joan Forcades, meu preparador físico; Rafael “Titín” Maymó, meu fisioterapeuta; Ángel Cotorro, meu médico particular; Benito Pérez Barbadillo, meu assessor de imprensa; e Carlos Costa, meu agente, que trabalha para a IMG, uma empresa de marketing esportivo muito atuante no mundo do tênis. No que se refere aos negócios relacionados à minha carreira, meu pai dizia que, ao contrário de seus instintos, ele achava bom poder contar com a colaboração de outras pessoas fora da família. Eu disse que confiava nele completamente e que não me opunha à ideia de contratar profissionais que pudessem oferecer uma perspectiva mais objetiva ao meu treinamento, se ele se sentisse à vontade com isso. Então ele convidou para integrar nossa equipe alguns profissionais com quem já havia trabalhado, pessoas que eu mesmo já conhecia desde criança. Na verdade, eu não me preocupo com o aspecto comercial da minha carreira.

Toni, por outro lado, com seu jeito conservador, não estava disposto a aumentar as coisas para além do pequeno núcleo familiar. Mas meu pai disse que, se almejávamos o topo, tínhamos de reconhecer nossas limitações e contratar bons profissionais para trabalhar conosco. Meu pai é o cérebro estratégico da equipe por trás de uma empreitada que cresce a cada dia, mas também se encarrega de questões menores – como arranjar ingressos para um patrocinador assistir às partidas de Wimbledon ou organizar o transporte de um hotel para um clube que está sediando um torneio – quando os outros não estão disponíveis. Em meio às grandes e às pequenas providências que precisam ser tomadas, é meu pai que traz a ordem, a calma e o bom humor de que preciso para me concentrar ao máximo na quadra.

Com isso, não quero diminuir de forma alguma o papel que Toni desempenhou na minha vida. Apesar de todos os atritos que tivemos, ele é meu tio e eu o amo. Mas a principal força que me guiou na vida foi meu pai, que, com minha mãe, criou um lar feliz e estável sem o qual eu não seria o tenista que sou. Talvez não tenha sido o melhor para minha mãe, mas ela praticamente abandonou sua própria vida – abrindo mão de sua loja de perfumes – e sacrificou tudo por nós: por minha irmã, meu pai e eu. Ela é, por natureza, uma pessoa sociável, que adora aprender e conhecer coisas novas, mas sua vida ficou restrita à família depois que eu nasci. Ela nunca duvidou de que era o que precisava ser feito e fez isso por escolha própria. Às vezes, acho que ela fez sacrifícios de mais por nós. Porém, se seu objetivo era que tivéssemos o espaço e o amor necessários para prosperar, ela cumpriu sua missão. Enquanto meu pai estava fora administrando os negócios, era ela que nos transmitia valores, que se encarregava da educação dos filhos, que nos ajudava com o dever de casa, que nos alimentava e passava o tempo com a gente, sempre disponível. Subestimar seu valor em tudo o que aconteceu em minha vida, achar que sua importância foi menor do que a de Toni,

por exemplo, seria tanto cegueira quanto injustiça da minha parte. Às vezes ela fala: “Você gostaria de ver escrito por toda parte que outra pessoa criou seu filho?”

No entanto, como costume dizer a ela, nesse momento é importante que ele ocupe um papel central na minha vida como jogador de tênis. Isso é conveniente para mim. O que ele me oferece traz benefícios à minha maneira de jogar e faria falta. E acho que minha mãe, às vezes com relutância, entende isso.

Nunca poderei pagar pelo que meus pais me deram, mas o melhor que posso fazer por eles é tentar permanecer fiel aos valores que me transmitiram, tentar ser uma “boa pessoa”, pois sei que nada os magoaria mais ou faria com que eles se sentissem mais traídos do que se eu me comportasse de outra maneira. Além disso, é maravilhoso poder proporcionar a eles a diversão, a alegria e a satisfação de me ver vencer um grande torneio como Wimbledon. Uma vitória minha é uma vitória de todos nós. Eu sei disso e eles também.

Esse pensamento não deveria ocupar minha mente depois de perder o segundo set para Federer por 4-1 na final de Wimbledon, mas, se eu tinha a sensação de que aquela era uma montanha que eu ainda podia escalar, isso se devia em grande parte à estabilidade e ao exemplo que minha família havia me proporcionado.

Entretanto, a situação estava longe de ser ideal. Lá estava eu, na frente do grande campeão de Wimbledon, e ele jogava como nunca. Estava acabando comigo. De fora, devia parecer que o suíço de repente se sentia majestosamente à vontade no seu reino da quadra central. Um observador talvez imaginasse o que se passava pela minha cabeça: “Ah, meu Deus! Estou deixando esta oportunidade escapar. Vai ser uma reprise de 2007.” Mas não. Eu pensava: “Ele não vai conseguir manter o mesmo nível neste set nem nos próximos três ou quatro sets. Ainda estou me sentindo bem. Vou seguir meu plano de jogo e me recuperar.” E nunca, jamais, desistiria de um ponto.

Então comecei a ganhar. Mais cedo do que eu esperava ou até do que merecia. Mantive meu serviço e, depois, tive a sorte de quebrar o de Federer, o que foi um golpe para ele. Roger ficou mal, se desconcentrou, seu jogo perdeu um pouco do brilho e eu o domei novamente. Ele desferia golpes frouxos, geralmente em posições estranhas, depois de tentar mudar a direção da barragem de bolas que eu continuava a mandar na sua esquerda. Ele me entregava pontos de bandeja, depois de tê-los marcado com aparente facilidade. Começava a ficar desconfortável novamente, a sentir a pressão, e isso transparecia em seu rosto. Irritado, gritou umas duas vezes, mas aquele não era seu estilo. Àquela altura, eu estava mais calmo por fora – e provavelmente por dentro também – do que ele. Não que meu jogo tivesse melhorado. Tive alguns lances ruins, perdi a chance de fazer algumas jogadas decisivas, porém nesses momentos não fico impassível. Solto grunhidos de frustração ou fecho os olhos em desespero, como qualquer pessoa que já me viu jogar sabe. Mas, assim que me posiciono para o próximo ponto, esqueço a frustração e tudo o que existe é aquele momento.

Eu vencia por 5-4 e estava com o serviço. Ele marcou o primeiro ponto, depois dei um bom saque direto em cima dele, deixando-o sem reação. Quinze iguais. Então, marquei o ponto

seguinte com uma direita bem à sua frente, muito parecido com o lance com que marquei o primeiro ponto da partida. Mas ele reagiu: 30 iguais. Um belo ponto. Enquanto eu fazia a bola quicar na grama, me preparando para sacar, o juiz interveio: “Extrapolação do tempo: advertência, sr. Nadal.”

Ao que parece, eu gastara tempo em excesso entre os pontos, ultrapassando o limite de 20 segundos antes de sacar, uma regra raramente observada, mas que é perigosa, porque, depois da primeira advertência, qualquer violação subsequente acarreta uma perda de pontos. Minha concentração havia sido testada. Eu poderia ter protestado e percebi que a multidão também estava indignada. Mas sabia que não seria bom demonstrar meus sentimentos, pois correria o risco de perder o que eu tinha de mais precioso: minha concentração. Além disso, eu estava com a vantagem, a apenas dois pontos de vencer o segundo set. Tirei imediatamente da cabeça a interrupção do juiz e marquei o ponto com um lance incrível e, para mim, muito insólito. Um slice cruzado de revés que impediu a subida de Federer à rede. Foi bem satisfatório. Não apenas por causa da importância do ponto, mas porque gosto de acreditar que, por mais torneios que eu vença, meu jogo continua melhorando, e o slice de revés era uma jogada que eu vinha tentando aprimorar havia algum tempo. É um lance que poucos jogadores optam por ter em seu repertório porque o jogo é muito rápido hoje em dia, mas acho que isso me oferece uma vantagem, permitindo que eu mude o ritmo da disputa, levantando novas questões ao meu adversário. Mas aquele lance em particular excedeu todas as minhas expectativas.

Normalmente, o slice de revés é um lance defensivo; o que eu havia acabado de tirar da cartola foi uma das melhores jogadas decisivas da minha vida. E foi assim que marquei o set point. Ele logo reagiu, igualando o placar no final do game, mas eu estava me sentindo em plena forma, capaz de qualquer coisa. Federer teve três break points no total, mas finalmente entregou o game e o set com uma esquerda hesitante na rede. Ele errou num momento decisivo, em uma partida que ficaria marcada por uma porcentagem extraordinariamente alta de bolas indefensáveis. Eu vencia por 6-4, 6-4. Mais um set e eu seria o campeão de Wimbledon.

Mas eu ainda não estava sentindo o cheiro da vitória. Meu adversário era Federer e, contra ele, não era possível relaxar. E mais: eu sabia que o placar de 6-4 fora injusto, pois em geral o suíço havia jogado melhor do que eu no set. Ele podia jogar naquele mesmo nível, ou não tão bem, e vencer o set seguinte. Eu poderia derrotá-lo mentalmente, mas ele me venceria se eu me desconcentrasse. Olhei para cima e vi que o céu estava escurecendo. Parecia que ia chover. A partida talvez tivesse de ser adiada até segunda-feira. O que quer que acontecesse, eu enfrentaria. O placar informava que eu estava ganhando por dois sets a zero, mas, na minha mente, o resultado ainda era 0-0.

O clã

Sebastián foi alvo de muita gozação da família por causa do paletó que usou para assistir ao jogo do filho contra Federer na final de Wimbledon em 2008. Ele diz que a peça não era dele, que estava sem paletó antes do início do jogo e pediu a Benito Pérez, o assessor de imprensa do filho, para ajudá-lo a arranjar um, mas o melhor que Benito conseguiu foi um paletó azul-escuro com listras verticais prateadas que, junto com os óculos de sol, fez com que ele parecesse, em dissonância com os tons claros da quadra central, um chefe do terceiro escalão da máfia siciliana. Essa foi a descrição que seus irmãos fizeram e que ele teve dificuldade em contestar.

Sob certo aspecto, o visual de gângster não estava totalmente inadequado. Há algo de siciliano no círculo da família Nadal. Eles vivem em uma ilha mediterrânea e, mais do que uma família, são um clã – como os Corleone e os Soprano, mas sem maldade e sem armas. Comunicam-se em um dialeto que é falado apenas pelos ilhéus, são cegamente leais uns aos outros e cuidam de todos os negócios em família, desde o contrato de Miguel Ángel com o Barcelona e o de Rafael com a Nike ou a Kia até a vidraçaria administrada por Sebastián ou as transações imobiliárias em que eles se envolveram lucrativamente.

Considere, por exemplo, o prédio de cinco andares que a família comprou bem no centro de Manacor, ao lado da antiga igreja de Nossa Senhora das Dores, cujo pináculo domina o horizonte da cidade. Quando Rafael tinha entre 10 e 21 anos, todos os Nadal – os avós, os quatro irmãos e a irmã, mais seus cônjuges e sua crescente prole – moravam no mesmo prédio, em apartamentos de diferentes andares, com as portas abertas dia e noite, o que transformou o edifício em uma grande mansão familiar.

Em Porto Cristo acontecia algo semelhante. No térreo, ficavam os avós; no primeiro andar, a família de Sebastián; no segundo, a madrinha de Nadal, Marilén; no terceiro, o tio Rafael. Do outro lado da rua, Toni e, um pouco mais à frente, Miguel Ángel.

Os avós de Rafa seguem um costume ainda comum em uma sociedade tão familiar quanto a maiorquina, na qual com frequência se podem ver filhos e filhas com mais de 30 anos morando com os pais.

“Manter todos juntos era uma tarefa que minha mulher e eu nos impusemos”, diz Dom

Rafael Nadal, o avô apaixonado por música. “Não tivemos de nos esforçar muito para convencer nossos filhos a comprar aquele edifício. Desde a infância, eu os condicionei mentalmente a manter tudo em família.”

Foi por isso que, quando Miguel Ángel foi contratado como jogador profissional, a única opção possível era que seu irmão Sebastián fosse seu agente – e ele fez isso sem receber nada em troca. Sebastián jamais pensaria em pedir uma comissão ao irmão. Ele explicou que, se você vive segundo as regras da família Nadal, isso simplesmente não se faz. O que três dos irmãos – Sebastián, Miguel Ángel e Toni – e Rafa fizeram foi fundar uma empresa chamada Nadal Invest, que, sob a orientação de Sebastián, investiu no ramo imobiliário. Desde o início da carreira de Rafa, seu pai supervisionou os vários acordos de patrocínio com empresas espanholas e estrangeiras, em especial os primeiros firmados com a Nike. E até hoje as decisões importantes continuam a ser tomadas, em última instância, por Sebastián, que substituiu Dom Rafael no papel de patriarca, controlando as finanças, determinando os valores e mantendo as regras.

“Eu perderia tudo, abriria mão de tudo, dinheiro, propriedades, carros, tudo, se tivesse de brigar com minha família”, diz o pai de Rafa. “Para nós, não é possível imaginar uma ruptura no seio familiar. Isso nunca aconteceu e não ocorrerá. É verdade. Não estou brincando. A lealdade familiar é nossa primeira e última regra. Ela está acima de todas as coisas. Meus melhores amigos, os mais íntimos, são minha família, depois vêm os outros. A unidade familiar é o pilar de nossas vidas.”

Esse princípio é levado tão a sério que eles chegam a evitar um impulso que seria considerado totalmente normal: parabenizar Rafa quando ele vence. Marilén, a madrinha, tentou uma vez e a reação de Toni e Rafa foi olhar imediatamente com incredulidade para ela e dizer:

– *O que você está fazendo?*

– Eles tinham razão – argumenta Marilén. – Era como se eu estivesse dando os parabéns a mim mesma. Se um de nós vence, todos vencemos.

RESISTENTE E VELOZ COMO UM BEIJA-FLOR

RELAXAR NÃO ERA UMA OPÇÃO. Com o placar marcando dois sets a zero e faltando só um set para que eu vencesse Wimbledon, as pessoas que assistiam devem ter achado que eu estava perto de realizar o sonho da minha vida. Mas eu não ia permitir que pensamentos desse tipo me tirassem a concentração. Eu disputaria um ponto de cada vez. Esqueceria todo o restante, bloquearia o futuro e o passado e focaria apenas no presente.

O fato de Federer ter vencido o primeiro game do set sem que eu marcasse nenhum ponto, sacando e disparando direitas indefensáveis com a determinação de um homem que nem de longe estava pronto para desistir da batalha, na verdade ajudou minha concentração, me lembrou de que estar na dianteira não significava nada: o importante era vencer a partida. Comecei a me preparar para o que de repente parecia que seria um jogo muito longo. Em parte porque o céu estava escurecendo de novo e a chuva ameaçava desabar, mas principalmente porque Federer continuava jogando como no início, com uma porcentagem elevada de *winner*s, mantendo o serviço com facilidade, forçando um break point após o outro no meu serviço, fazendo-me lutar muito para evitar que ele vencesse o set.

As pessoas às vezes me perguntam se acho que estraguei a festa de Federer, se meu surgimento no tênis profissional impediu que ele estabelecesse mais recordes. Minha resposta é: “Que tal inverter a situação? E se foi a minha festa que *ele* estragou?” Se ele não existisse, talvez eu tivesse sido o número 1 do mundo por três anos seguidos desde 2008, em vez de ter esperado aquele tempo todo como o segundo do ranking. A verdade é que, se um de nós dois não existisse, provavelmente o outro teria triunfado mais. Mas também é verdade que a rivalidade fez bem a nós dois no cenário internacional – entre outras coisas, suscitando mais interesse dos patrocinadores –, pois mais pessoas passaram a gostar do esporte. O que na Espanha chamamos de “procissão” – um jogador que vence todas as vezes – beneficia o próprio jogador, mas não necessariamente o jogo. Acho que, no fim das contas, o que é bom para o jogo tem de ser bom para nós dois. Os fãs ficam empolgados quando nos enfrentamos, geralmente em finais – por causa da nossa distribuição nas chaves dos torneios como número 1 e número 2 –, e isso também nos afeta. Já nos enfrentamos em muitas partidas, várias incrivelmente disputadas, empolgantes e cruciais para nossas carreiras por se tratar de finais do Grand Slam. Se eu havia vencido mais partidas – liderava por 11-6 antes da final de Wimbledon em 2008 –, era porque havíamos disputado muitas no saibro, onde levo vantagem,

mas, se analisarmos os jogos em outras superfícies, veremos que os resultados são mais equilibrados.

Isso não significa que não existam outros bons jogadores mais do que capazes de nos vencer, como de fato já aconteceu. Eu me refiro em especial a Djokovic, mas também a Murray, Soderling, Del Potro, Berdych, Verdasco, David Ferrer, Davydenko... Mas, desde que subi ao segundo lugar do ranking, em 2006, o histórico mostra que Federer e eu dominamos os grandes torneios, nos enfrentando em muitas das grandes finais. Isso fez com que nossa rivalidade fosse adquirindo uma magia cada vez maior na cabeça das pessoas – e acho que nós dois temos essa sensação. A expectativa gerada por nossas partidas faz vir à tona o melhor que tenho em mim. Toda vez que enfrento Federer sinto que preciso jogar no limite da minha capacidade, que preciso ser e permanecer perfeito por muito tempo para vencer. Acho que nas disputas comigo ele ataca mais, atua de maneira mais agressiva, tenta mais jogadas decisivas com as direitas e os voleios do que nas partidas com outros adversários, o que o obriga a assumir mais riscos e a ter um desempenho perfeito para vencer.

É difícil dizer se ele fez de mim um jogador melhor ou vice-versa. Toni sempre lembra – e sei que ele tem razão – que Federer é tecnicamente melhor do que eu. Ele não faz isso para me desanimar, mas porque sabe que servirá de motivação para que eu aprimore meu jogo. Às vezes assisto a vídeos de jogos de Federer e fico espantado com seu talento, surpreso por eu ter sido capaz de derrotá-lo. Toni e eu assistimos a muitos vídeos, principalmente dos meus jogos, tanto os que venci quanto os que perdi. Todo mundo tenta tirar lições das derrotas, mas eu também tento aprender com as vitórias. É preciso lembrar que, no tênis, muitas vezes vencemos por uma margem muito pequena, que há um elemento de injustiça matemática inerente ao jogo. Não é como o basquete, no qual o vencedor é sempre quem acumulou mais pontos. No tênis, o resultado muitas vezes depende mais de pontos marcados em momentos críticos do que do fato de você ter sido o melhor jogador no geral. É por isso que o tênis é um esporte tão psicológico. É por isso também que nunca devemos deixar a vitória nos subir à cabeça. No momento do triunfo, é comum se entregar à euforia. No entanto, mais tarde, ao assistir ao vídeo da partida vencida, você muitas vezes percebe – com arrepios – como esteve perto da derrota. Então, é necessário analisar as causas: foi porque perdi a concentração, porque há facetas do meu jogo que preciso aprimorar ou por esses dois fatores?

Quando assisto atentamente às minhas partidas, apreciando e respeitando a habilidade dos meus adversários, observando suas maravilhosas jogadas indefensáveis, também aprendo a aceitar a perda de pontos com mais resignação. Alguns jogadores ficam furiosos e se desesperam quando sofrem um ace ou são vítimas de uma passada magnífica. Esse é o caminho para a autodestruição. E é uma loucura, porque significa que o jogador se acha capaz, em algum tipo de mundo ideal do tênis, de subjugar o jogo do seu adversário do início ao fim. Ao dar mais crédito ao seu oponente, ao aceitar que ele fez um lance sem chance de defesa, ao assumir o papel de espectador por um instante e reconhecer generosamente uma jogada magnífica, é possível conquistar o equilíbrio e a calma interior. Você para de pressionar a si

mesmo. Na sua cabeça, você aplaude; visivelmente, dá de ombros e segue em frente rumo ao próximo ponto, sabendo que os deuses do tênis não estão contra você ou que você não está tendo um dia terrível, mas que é possível que, da próxima vez, seja você a fazer uma jogada indefensável.

No fim, é preciso entender que a diferença de habilidade entre os grandes jogadores é ínfima, praticamente nenhuma, e que as partidas entre nós são decididas por poucos pontos. Quando eu digo, e Toni também, que o motivo do meu sucesso é em boa parte minha humildade, não estou sendo piegas, não estou pensando na imagem que o público tem de mim nem estou tentando fingir ser um indivíduo equilibrado e moralmente superior. Compreender a importância da humildade é entender como é fundamental se concentrar ao máximo nos estágios cruciais de uma partida, saber que você não vai vencer só por causa do talento que Deus lhe deu. Não me sinto à vontade quando me comparo a outros jogadores, mas acho que talvez, no que diz respeito ao controle mental, eu tenha desenvolvido certa vantagem. Isso não significa que não tenho medo nem dúvidas no início de cada ano. Eu tenho – exatamente por saber que há pouquíssima diferença entre um jogador e outro. Mas acredito que tenho uma capacidade de aceitar as dificuldades e de superá-las que é maior do que a dos meus rivais.

Talvez por isso eu goste tanto de golfe, um jogo que também exige a disciplina de se manter calmo sob pressão, algo que aprendi no tênis. Obviamente, você precisa ter talento e treinar bastante, mas o que é decisivo no golfe é não deixar que uma tacada ruim o afete. Se há um desportista que admiro fora do tênis, esse homem é Tiger Woods. Quando ele está em sua melhor forma, vejo nele o que eu gostaria de ser. Gosto do olhar vencedor que ele tem ao jogar e admiro sobretudo sua postura, sua maneira de enfrentar os momentos de crise. Ele talvez dê uma tacada ruim e fique com raiva de si mesmo, mas, da próxima vez em que se preparar para bater numa bola, terá retomado sua concentração. Woods quase sempre faz o que é necessário sob pressão, é raro ele tomar uma decisão errada. Prova disso é que nunca perdeu um torneio quando estava liderando a tabela na última rodada. Para ser capaz desse feito é preciso ser muito bom, mas só isso não é suficiente. É necessário ter a capacidade de julgar quando se deve riscar e quando se deve se conter, aceitar seus erros, aproveitar as oportunidades que surgem, optar por um ou outro tipo de jogada.

Nunca tive um ídolo em nenhum esporte, nem mesmo no futebol. Quando criança, eu tinha um apreço especial pelo meu compatriota maiorquino Carlos Moyá, mas nunca a admiração cega de um fã. Não faz parte da minha natureza, da minha cultura nem do modo como fui criado. Tiger Woods foi o que mais se assemelhou a um ídolo para mim. Não por causa do seu swing nem da maneira como ele bate na bola, mas por sua percepção, sua determinação e sua postura. Eu adoro essas características.

Ele é um exemplo e uma inspiração para a maneira como jogo tênis e golfe. No caso do golfe, até demais, segundo meus amigos, que acham que levo o jogo excessivamente a sério. A diferença é que eles jogam por diversão e eu acho impossível participar de qualquer competição sem me dedicar 100%. Quando entro no campo de golfe com meus amigos, assim

como quando entro na quadra de tênis para enfrentar Federer, os sentimentos mais comuns são postos de lado. Costumo usar uma frase antes de um jogo para delimitar a fronteira entre nossa inimizade na quadra e nosso afeto fora dela. Olho firme para meu adversário e digo: “Jogo hostil, certo?”

Sei que eles riem de mim pelas costas por causa disso, mas não vou mudar. Do primeiro ao último buraco, não sou nem um pouco amistoso durante uma partida de golfe.

É verdade que você não precisa da mesma concentração do tênis, no qual, se sua mente vaga por três ou quatro minutos, você pode perder três ou quatro games. No golfe, você tem mais do que três ou quatro minutos entre as tacadas. No tênis, você tem uma fração de segundo para decidir se tenta uma direita decisiva, um slice defensivo ou se corre para a rede e tenta um voleio. No golfe, se quiser, pode demorar 30 segundos se preparando para uma tacada. Ou seja, tem muito tempo para conversar e fazer piadas sobre outras coisas durante uma rodada. Mas não é assim que eu jogo, nem mesmo com meus tios ou meu amigo Toméu Salva, e muito menos com o namorado da minha irmã, que é um ótimo jogador. Sigo o exemplo de Tiger Woods. Do início ao fim, mal falo com meus adversários. Tampouco os parabenizo por uma boa tacada. Eles reclamam, ficam zangados comigo, me xingam por causa da minha falta de educação. Dizem que sou até mais agressivo do que quando jogo tênis. Argumentam que na quadra já me viram sorrir, mas que, no campo de golfe, não esboço nenhuma reação até o fim do jogo. A diferença entre mim e meus amigos, alguns dos quais são golfistas muito melhores do que eu – meu handicap é 11 –, é que não vejo sentido em praticar um esporte a menos que seja para dar tudo de si em todos os momentos.

O mesmo vale para o treino, o que já me causou problemas algumas vezes: os jogadores com quem pratico durante torneios dizem que meus treinamentos são sempre intensos demais, não dando a eles a oportunidade de se aquecer e cansando-os em 10 minutos. Ouvi essa reclamação durante toda a minha carreira. Mas não vendi minha alma ao tênis. O esforço que faço é grande, mas não o considero um sacrifício. É verdade que treino praticamente todo dia desde os 6 anos e exijo muito de mim mesmo. Enquanto isso, meus amigos saem para se divertir e dormem tarde. Mas nunca encarei isso como um sacrifício ou uma perda porque sempre gostei do que faço. Isso não significa que não houve momentos em que eu gostaria de ter feito outra coisa – como ficar na cama após uma balada em vez de ir treinar. Durmo tarde algumas vezes. Muito tarde, quando estou em Maiorca, em especial no verão. Quase nunca tomo bebidas alcoólicas, mas vou dançar com meus amigos e às vezes fico acordado até as seis da manhã. Talvez eu tenha deixado de fazer algumas coisas que outros rapazes fazem, mas acho que, no fim das contas, fiz uma boa troca.

Alguns jogadores levam vidas de monges, mas eu não. Na minha opinião, a vida não deve ser assim. O tênis é a minha paixão, mas também o encaro como meu trabalho, uma profissão que tento exercer com a maior honestidade e da melhor forma possível, como se eu estivesse trabalhando na vidraçaria do meu pai ou na loja de móveis do meu avô. E, como em qualquer emprego, por maior que seja a recompensa econômica, há muito esforço. Sei que tenho muita

sorte por ser uma das poucas pessoas no mundo que gosta do que faz e que, além disso, ganha extraordinariamente bem. Jamais perco isso de vista. Mas, no fim das contas, é sempre um trabalho. É assim que penso. Senão, eu não treinaria com tanto afinco, seriedade, intensidade e concentração, como se estivesse disputando uma partida. Treino não é diversão. Quando minha família ou meus amigos vão assistir a meu treino com Toni ou outro colega profissional, sabem que não estou para brincadeiras nem sorrisos, entendem que devem ficar tão calados quanto a torcida de Wimbledon enquanto disputo um ponto.

Mas também preciso me desligar, me divertir, ficar na rua até tarde, jogar futebol com meus primos ou ir pescar – o antídoto perfeito para todo o estresse do tênis. Meus amigos são tudo para mim, e se eu tivesse que deixar de ir com eles à noite aos nossos bares favoritos em Manacor ou em Porto Cristo, significaria perder essas amizades ou de alguma maneira me afastar delas. E isso não seria bom, uma vez que estar feliz e se divertir também tem um impacto no tênis, tanto no treino quanto nas partidas. Negar a mim mesmo os prazeres necessários seria contraproducente. Eu acabaria me sentindo amargurado, odiaria os treinos e até mesmo o próprio esporte, ou ficaria entediado, o que já aconteceu com jogadores que levaram longe demais o princípio da abnegação profissional. Acho que é possível fazer um pouco de tudo, mas sempre mantendo um equilíbrio, sem perder de vista o que é importante. Em circunstâncias excepcionais, posso até pular o treino da manhã e ir apenas à tarde. O que não dá para fazer é transformar a exceção em regra. Não há nada de errado em treinar apenas à tarde uma vez ou outra, mas, ao deixar de treinar três manhãs seguidas, o treino se torna secundário na sua mente, deixa de ser a prioridade – e esse é o início do fim. Se esse for o seu caso, é melhor se preparar para dar adeus às quadras. É imprescindível manter a disciplina e respeitar a rotina de treinamento.

No entanto, hoje em dia não treino tanto quanto aos 15 ou 16 anos. Naquela época, essa atividade ocupava de quatro horas e meia a cinco horas do meu dia, em parte com Toni, mas também muitas vezes com meu preparador físico, Joan Forcades. Esse é outro maiorquino – nascido, como Toni, em 1960 – cuja imagem não corresponde à do homem musculoso e careca que temos em mente quando pensamos em alguém que exerce essa profissão. Ele é um homem culto, leitor fanático e cinéfilo, que não para de pensar um minuto – e que usa os cabelos presos em um rabo de cavalo. Já leu todos os tratados acadêmicos de sua área e criou um programa sob medida para fortalecer todas as minhas habilidades no tênis. Começamos a trabalhar juntos quando eu tinha 14 anos. O objetivo não era desenvolver o físico de um halterofilista nem me preparar para as exigências do atletismo, mas aumentar minha força muscular. O treinamento de um corredor de longa distância ou de um velocista não funciona no tênis, que, segundo Forcades, não é um jogo “linear”. Esse é um esporte intermitente que exige do corpo explosividade intervalada, suportando corridas e freadas, por longos períodos. Segundo ele, um tenista deve tomar como exemplo o beija-flor, o único animal que combina resistência infinita e alta velocidade, sendo capaz de bater as asas 80 vezes por segundo durante um período de quatro horas. Então, não criamos massa desnecessariamente. Isso seria

contraproducente, porque, no tênis, é necessário um equilíbrio entre força e velocidade. Um peso muscular desproporcional diminuiria minha rapidez. No trajeto de carro da minha casa até a academia que ele tinha no litoral, Forcades me explicava a teoria. O treino era bastante variado, mas, quando eu tinha 16 ou 17 anos, passei muito tempo em um aparelho de *pulley* desenvolvido para ajudar os astronautas a não ficarem com os músculos atrofiados em razão da falta de gravidade no espaço. Puxando um cabo preso a um disco metálico, fortaleci os músculos dos braços e das pernas – sobretudo os dos braços – a fim de aumentar a velocidade de aceleração: um dos motivos que explicam minha capacidade de aplicar mais revoluções à bola no topspin da minha direita do que qualquer outro jogador do circuito (soube que foram feitos estudos científicos a respeito disso). Treinando no *pulley*, cheguei ao ponto em que conseguia fazer o equivalente a levantamentos de 117 quilos sem usar pesos. Também incrementei minha força naquela época treinando em barras paralelas. Fazíamos exercícios na água, usávamos aparelhos de step e remadores, praticávamos um pouco de ioga, trabalhávamos os músculos, mas também as articulações e principalmente os tendões, a fim de evitar contusões e melhorar a elasticidade dos meus movimentos. Fazíamos sequências de corrida que desenvolviam minha capacidade de mudar rapidamente de direção, de me deslocar lateralmente com uma velocidade variável. Tudo o que fazíamos simulava as pressões especiais que o tênis exerce sobre o corpo e me condicionava à melhor adaptação possível à natureza intermitente do jogo. E havia uma outra coisa que Forcades enfatizava: deveríamos respeitar o regime de treinos mesmo quando eu não tinha vontade, nas ocasiões em que estava cansado ou de mau humor, ou indisposto por qualquer motivo. Pois havia dias durante um torneio em que eu não me sentia na melhor forma e, nessas circunstâncias, se eu treinasse, ficaria mais bem preparado para competir.

Continuei a treinar como na adolescência com a mesma dedicação com que jogo. Se eu precisava de um empurrão, Forcades tinha seus métodos. Apelando para minha competitividade, ele dizia algo do tipo: “Você sabe que Carlos Moyá (que ele também treinava) consegue fazer 10 repetições desses exercícios em 30 segundos? Bem, como você está cansado hoje, vamos parar em oito.”

Depois de ouvir isso, eu fazia 12, é claro.

Meu pai e meus tios são homens grandes e fortes, portanto não havia nada de anormal no fato de eu desenvolver um corpo grande e atlético, mas, por ter avançado tão rápido no mundo do tênis, tive de fazer um esforço especial na adolescência para aumentar minha força a fim de competir com jogadores profissionais adultos. Muitos anos se passaram antes que eu jogasse regularmente com adversários da minha idade ou mais jovens.

Minha primeira vitória como profissional de alto nível, em um torneio da ATP, aconteceu dois meses antes do meu aniversário de 16 anos, contra Ramón Delgado, 10 anos mais velho que eu. Mais cedo naquele mesmo ano, eu jogara e vencera meu primeiro torneio profissional, o Aberto de Maiorca, com premiação em dinheiro. Depois, participei do torneio internacional Futures e venci seis competições antes de chegar às semifinais da série Challenger, o degrau

abaixo da ATP, na qual competiam jogadores entre a 100ª e a 300ª posição no ranking mundial. O tempo todo eu enfrentava jogadores que tinham 20, 22, 24 anos. No fim de 2002 eu tinha 16 anos e meio e estava no 199º lugar no ranking mundial. Ao longo do caminho, venci Pat Cash, ex-campeão de Wimbledon, em um torneio de exibição, e depois, no início de 2003, menos de um ano após derrotar Delgado, participei de duas das mais importantes competições do ATP World Tour, em Monte Carlo e em Hamburgo. Na primeira, consegui um feito ainda mais importante do que minha vitória sobre Delgado: venci Albert Costa, que ganhou o Aberto da França em 2002. Na segunda, derrotei meu amigo e mentor Carlos Moyá. Ambos estavam entre os 10 primeiros do ranking na época e haviam vencido torneios do Grand Slam. Em quatro meses, passei da 199ª para a 109ª posição no ranking mundial. No entanto, passei por um revés durante um treino: sofri uma contusão no ombro que demorou dois meses para sarar e me impediu de estreiar o Aberto da França em Roland Garros. Porém, logo depois, joguei em Wimbledon pela primeira vez, chegando à terceira rodada. Fui eleito o “Novato do Ano” pela ATP em 2003. Eu era um adolescente apressado, hiperativo, a mil por hora tanto no treino quanto nas competições.

Em 2004, meu corpo disse: “Chega!” Meu ritmo foi interrompido abruptamente por uma pequena fratura em um dos ossos do meu pé esquerdo, que me manteve afastado das quadras de meados de abril até o fim de julho. Ou seja, nada de Roland Garros nem de Wimbledon. Eu chegara à 35ª posição no ranking, mas recuperar meu ritmo depois daquela interrupção – a primeira de muitas na minha carreira devido a contusões – não foi fácil. Na época foi um golpe cruel. No longo prazo, talvez não tenha sido ruim. A fragilidade do corpo, no meu caso, tornou a mente mais forte. E talvez minha mente também precisasse de um descanso. A sabedoria e o apoio da minha família, assim como o modo como Toni me programara para resistir às adversidades, fizeram com que eu não caísse em desespero e me levaram a um ponto no qual meu desejo de vencer e minha determinação em fazer tudo o que fosse necessário para atingir meu objetivo se tornaram ainda mais presentes.

Aquele período permitiu que eu aprendesse uma lição à qual todos os grandes desportistas devem prestar atenção: somos imensamente privilegiados e afortunados, mas o preço do nosso privilégio e da nossa sorte é o fato de nossas carreiras terminarem precocemente. E pior: as contusões podem interromper seu progresso a qualquer momento. De uma semana para a outra, você pode ser forçado a parar de jogar antes do que previa. Ou seja, as chances que aparecem no seu caminho uma vez não necessariamente aparecerão de novo, portanto aproveite ao máximo cada oportunidade como se fosse a última. Toni me transmitira essa mensagem e naquele momento, enquanto eu me recuperava impacientemente da minha contusão, eu a senti na pele. Quanto mais os anos passam, mais nítido é o tique-taque do relógio. Sei que, se eu continuar jogando em alto nível aos 29 ou 30 anos, vai ser porque tive muita sorte e me sentirei muito feliz. A minha primeira contusão grave me conscientizou muito cedo de como o tempo passa rápido para um atleta profissional. Foi muito útil para mim. Meu amigo Toméu Salva diz que eu rapidamente me tornei “um jovem jogador velho”. Dou um valor imenso ao

que tenho e tento pôr essa ideia em prática a cada ponto que disputo.

Porém, nem sempre funciona. Não fazia nem um mês que eu havia me recuperado da contusão, em 2004, quando enfrentei Andy Roddick na segunda rodada do Aberto dos Estados Unidos, em Nova York. Roddick, que vencera esse torneio no ano anterior, é um atleta hábil e de ombros largos, um pouco hábil e forte demais para mim naquele dia. De repente caí na real, o que me fez lembrar que, apesar de todos os meus sucessos, eu ainda era um garoto em crescimento. Muito maior do que eu naquela época, Roddick, após ter ocupado a primeira posição no ano anterior, era o número 2 do mundo, atrás de Federer. Enfrentávamo-nos nas quadras rápidas de Flushing Meadows, em uma superfície com a qual eu ainda estava me acostumando. Eu não tinha reação para seu possante serviço e tomei uma surra ainda maior do que a sugerida pelo placar: 6-0, 6-3, 6-4.

Mas eu teria a chance de vingar aquela derrota mais tarde naquele mesmo ano.

O destaque de 2004 foi a possibilidade de representar meu país na Copa Davis, o equivalente, no tênis, à Copa do Mundo de futebol. Estreei contra a República Tcheca quando eu ainda estava com 17 anos e me apaixonei pela competição. Primeiro, porque tenho orgulho de ser espanhol, o que não é tão banal quanto parece, pois na Espanha muitas pessoas têm uma postura ambígua em relação à própria identidade nacional, sendo leais primeiramente à sua região natal. Maiorca é e sempre será meu lar – duvido que algum dia eu vá embora de lá –, mas a Espanha é o meu país. Meu pai tem a mesma opinião – a prova disso é que nós dois somos torcedores fanáticos do Real Madrid, o grande clube da capital espanhola. Também adoro a Copa Davis porque tenho a possibilidade de recuperar a noção de equipe que infelizmente perdi, aos 12 anos, quando abandonei o futebol pelo tênis. Sou uma pessoa gregária, preciso de gente à minha volta, portanto é curioso que o destino – em grande parte na figura do meu tio Toni – tenha me feito optar por uma carreira em um jogo tão solitário. Lá estava minha chance de participar mais uma vez da empolgação coletiva que eu sentira naquele dia inesquecível da minha infância em que nosso time de futebol ganhou o campeonato das Ilhas Baleares.

Mas meu início na Copa Davis não foi dos mais promissores e perdi as duas primeiras partidas, uma individual e outra de duplas, contra os tchecos. A superfície era a mais difícil de todas para mim, ou seja, a mais rápida: uma quadra dura e coberta, na qual a resistência do ar é menor. Mas, no fim, acabei sendo o herói, vencendo a partida final e decisiva. Não me cobri de glória, pois poderia ter sido apontado como o motivo da nossa derrota (“O que ele estava fazendo lá com aquela idade?”), mas, para a minha sorte, quando você vence o jogo com a menor margem na Copa Davis, 3-2, as pessoas se esquecem de todo o resto.

Depois, enfrentamos a Holanda e vencemos, mas não graças a algo que eu tenha feito, já que perdemos a única partida, de duplas, que disputei. Mas a semifinal contra a equipe francesa, que na época era forte, foi outra história. Era a primeira vez que eu representava a Espanha em casa, na cidade mediterrânea de Alicante, com uma multidão local torcendo como eu nunca havia visto. Tínhamos uma ótima equipe, liderada por Carlos Moyá e Juan Carlo Ferrero, que

estavam entre os 10 melhores, e Tommy Robredo, que ocupava a 12ª posição no ranking mundial. Venci minha partida de duplas, mas, em uma equipe tão forte, não esperava ser escolhido pelos capitães para jogar nas individuais. De fato, não fui, mas Carlos se sentiu mal e me indicou para substituí-lo. Venci, e bem, a partida, e passamos para a final contra os Estados Unidos.

Até então eu ainda não havia me sentido tão nervoso quanto deveria. Se eu fosse mais velho, teria tido mais consciência do peso da expectativa nacional sobre meus ombros. Lembrando daquela época, me vejo jogando de maneira quase insensata, mais adrenalina do que cérebro. Caí na real e engoli em seco quando vi o estádio em que disputaríamos a final. Era na bela cidade de Sevilha, mas não no mais bonito dos ambientes. Não era a quadra central de Wimbledon e eu não ouviria o eco das minhas jogadas quando as hostilidades começassem. Silêncio não estava previsto. E também não nos sentiríamos protegidos nem isolados. Uma quadra fora improvisada em metade de um estádio de atletismo que acolheria 27 mil espectadores, a maior plateia de todos os tempos para uma partida de tênis. Acrescente-se a isso a famosa exuberância dos sevilhanos e podemos esquecer por completo a reverência silenciosa de Wimbledon, ou de qualquer outro lugar em que eu já tivesse jogado. Seria uma partida de tênis disputada diante de uma multidão de torcedores de futebol aos gritos. Embora nas finais eu só estivesse escalado para jogar uma partida de duplas, dividindo a responsabilidade com Tommy Robredo (que na verdade, como parceiro mais velho, carregaria uma parte desproporcional da responsabilidade pelo sucesso ou pelo fracasso), senti, com meus 18 anos e meio, mais pressão e tensão do que jamais havia sentido em minha longa década de incansáveis competições. Nossos rivais eram os gêmeos Bob e Mike Bryan, a melhor dupla no ranking e possivelmente de todos os tempos. Não éramos os favoritos, mas a sensação de oportunidade na preparação para o jogo, o clima na cidade e a empolgação toda vez que as pessoas nos viam eram algo que eu nunca havia imaginado que poderia testemunhar na véspera de um jogo de tênis.

Eu não tinha abandonado as esperanças, mas nossos capitães haviam calculado que perderíamos a partida de duplas, dando um dos cinco pontos possíveis para os americanos, e que dependeríamos muito da vitória de Carlos Moyá, nosso melhor jogador, nas individuais. Ele vencera Mardy Fish, o número 2 dos americanos, mas uma vitória sobre Roddick não era de forma alguma uma certeza. Tínhamos a vantagem de jogar em saibro, nossa superfície favorita, mas não a de Roddick. Ele era um competidor formidável, um americano cheio de energia que estava em primeiro lugar no ranking mundial, à frente de Carlos, o quinto. Carlos, que estaria jogando em casa, era o favorito, mas aquela era uma aposta arriscada. Juan Carlos Ferrero, 25º lugar na classificação (mas ele era melhor do que isso; contusões o haviam feito cair no ranking naquele ano), deveria vencer Fish, mas contra Roddick as probabilidades eram iguais. O principal era vencer as duas partidas contra Roddick, pois achávamos que podíamos derrotar Fish duas vezes.

Essas eram as previsões. Era a lógica. E se Fish vencesse uma das suas partidas? Não seria

a maior surpresa da história do tênis. Todos nós já havíamos sofrido derrotas surpreendentes (Carlos perdera para mim naquele ano, portanto certamente podia perder para Roddick) e a complacência estava muito longe dos nossos pensamentos. Todos nós concordávamos que a primeira partida, no primeiro dia, contra Roddick, nosso número 2 contra o número 1 deles, seria tremendamente importante. Se Carlos vencesse Fish e nós vencêssemos aquela partida, não precisaríamos nos preocupar caso eu e Tommy não conseguíssemos surpreender nas duplas, e só teríamos de vencer uma das duas partidas individuais no terceiro e último dia. Sem tanta pressão, as chances de Carlos de vencer Roddick no encontro dos primeiros colocados certamente melhorariam. E, mesmo que ele perdesse, a pressão sobre Fish, sabendo que uma derrota significaria a derrota dos Estados Unidos, seria outro fator importante a nosso favor.

Portanto, na véspera do início das partidas, o grande jogo para nós seria entre nosso número 2, Juan Carlos Ferrero, vencedor do Aberto da França e finalista do Aberto dos Estados Unidos em 2003, e Roddick. Só que Ferrero não seria nosso número 2. Eu seria. Eu contra Roddick no primeiro dia. E não porque Ferrero estivesse contundido, mas porque nossos três capitães decidiram que eu deveria jogar no lugar dele. Em vez de ficar como espectador, dando aos meus companheiros de equipe toda a energia e o encorajamento possível, fui repentinamente selecionado para subir ao palco. A ousadia, ou a precipitação (segundo muitas pessoas), dos nossos capitães foi uma enorme surpresa e um choque para mim. Juan Carlos havia chegado ao primeiro lugar no ranking e eu nunca passara da 50ª posição. Tommy Robredo, meu parceiro de duplas, estava no 13º lugar. O mais natural seria que Tommy entrasse no lugar de Juan Carlos. Eu era o caçula, mais um chefe de torcida do que qualquer outra coisa na visão da maioria das pessoas dentro e fora da equipe, e a final da Copa Davis contra os Estados Unidos era coisa de adultos.

Apesar de toda a camaradagem, o tênis é um esporte individual e todos nós queremos uma chance para jogar. Ninguém acreditaria se eu dissesse que preferiria ficar de fora. A pressão e a responsabilidade me excitavam mais do que me assustavam. Se eu sentisse vontade de fugir, poderia parar com o tênis profissional ali mesmo. Não, aquela era a maior oportunidade da minha vida até então e fiquei tão emocionado com a perspectiva de entrar em quadra que mal conseguia respirar. Mas estava me sentindo pouco à vontade e constrangido. Eu era suficientemente jovem e destemido para achar que podia vencer Roddick, mas não era tão estúpido a ponto de não enxergar que jogar contra ele seria uma violação da ordem natural das coisas. Minha família me ensinara a respeitar os mais velhos e os dois companheiros de equipe que haviam sido preteridos a meu favor, além de mais velhos, eram jogadores melhores. Era verdade que eu havia ido bem nos treinos daquela semana e que Ferrero estivera um pouco abaixo do seu nível habitual, mas todos nós sabíamos muito bem que os treinos eram uma coisa e o afã da competição era algo totalmente diferente. Em uma partida importante como aquela, a experiência contava tanto quanto a boa forma e, se Ferrero não fosse o escolhido, Robredo, quatro anos mais velho que eu e vencedor de dois títulos da ATP

(até então eu não tinha nenhum), certamente deveria substituí-lo.

Na verdade, eu era de longe o integrante da equipe com a posição mais baixa no ranking mundial: tivera um ano ruim, em que fiquei contundido a maior parte do tempo; perdera feio para Roddick; e tinha apenas 18 anos. Além disso, eu teria mais oportunidades do que qualquer um deles de participar de outras Copas Davis. Dessa forma, se eu me colocasse na posição de Juan Carlos e Tommy, veria que disputar aquela final era ainda mais importante para eles do que para mim. A situação ficou bastante tensa no nosso grupo, então decidi que, em vez de pôr os capitães na berlinda, eu mesmo falaria com Carlos. Eu já o conhecia havia alguns anos e tínhamos treinado juntos várias vezes. Eu confiava nele como em um irmão mais velho. E ele, como eu, era maiorquino.

– Você não se sentiria mais à vontade, mais confiante, se Juan Carlos jogasse? Quer dizer, sou jovem e ele tem muito mais vitórias do que eu...

Carlos me interrompeu. Ainda me lembro perfeitamente de suas palavras:

– Não seja idiota. Vá em frente e jogue. Você está jogando bem. Para mim não tem problema nenhum.

Conversamos um pouco mais, continuei a protestar, argumentando contra mim mesmo, mostrando como eu estava constrangido, mas ele disse:

– Não. Vá com calma. Aproveite o momento e a oportunidade. Se essa foi a decisão dos capitães, é porque eles pensaram bem e confiam em você. Eu também confio.

Tudo se resolveu assim. Seria ridículo continuar a insistir que eu não deveria jogar. Primeiro porque, na verdade, eu estava louco para participar do jogo, e segundo porque eu estaria questionando o julgamento do nosso capitão, o que não cabia a mim, como adolescente, fazer. A opção extrema, uma rebelião por causa de princípios, seria idiotice de mais.

Então entrei na quadra para jogar após Carlos ter me feito mais um favor: vencer a primeira partida. Se eu ganhasse de Roddick, ainda não venceríamos a Copa Davis, mas estaríamos com meio caminho andado; se eu perdesse, qualquer coisa poderia acontecer. Eu estava motivado como nunca, plenamente consciente de que aquela, sem sombra de dúvida, era a partida mais importante da minha vida. Também estava com medo – de não estar à altura do desafio, de que Roddick me desse a mesma surra do Aberto dos Estados Unidos, de que ele vencesse por 6-3, 6-2, 6-2, ou algo do gênero. Seria constrangedor demais e não ajudaria de maneira nenhuma a equipe. Porque, ainda que você perca, pode ao menos cansar seu adversário ao longo do caminho, esgotá-lo para a próxima partida. Mas, se Roddick acabasse comigo novamente, eu decepcionaria os capitães, que depositaram tanta confiança em mim, bem como meus colegas de equipe, o público e todas as outras pessoas. Era um jogo muito tenso: final da Copa Davis, em solo espanhol, e eu não estava jogando apenas por mim. Porém, o que me dava mais medo era que eles haviam decidido se arriscar e me escolher.

No entanto, quando entrei na quadra, a adrenalina afastou o medo e a multidão me carregou em uma onda de emoção que me fez jogar por puro instinto, quase sem parar para pensar. Nenhuma plateia me incentivara tanto até então. Além de ser o espanhol que defendia a nação

em uma das cidades mais patrióticas do país, eu era o azarão, o Davi diante do Golias representado por Roddick. Seria difícil imaginar algo mais diferente da etiqueta de Wimbledon. Silêncio durante os pontos? Nem pensar. Não realizei meu sonho de infância de me tornar um jogador de futebol profissional, mas aquela era a oportunidade mais próxima que eu teria de sentir o que um jogador de futebol sente ao entrar em um estádio para uma grande partida ou ao fazer um gol na decisão do campeonato. A cada ponto que eu marcava, praticamente todas as 27 mil pessoas explodiam como se eu realmente tivesse feito um gol. E tenho de admitir que reagi muitas vezes como um jogador de futebol que acaba de marcar um golaço. Acho que nunca joguei os braços para o alto ou pulei tanto para comemorar em uma partida de tênis. Não sei ao certo o que Andy Roddick achou, mas não havia outra maneira de reagir à energia festiva que me envolveu. Uma plateia de tênis, comparada a uma torcida de futebol ou de basquete, raramente influi tanto no resultado. Porém, naquela partida, os espectadores influíram. Sempre soube das vantagens de jogar em casa, mas nunca passara por uma experiência como aquela. Até então desconhecia a força que a multidão pode transmitir ou como os gritos da torcida podem nos transportar a alturas que não fazemos ideia que podemos alcançar.

Eu precisava daquela ajuda. Não houve derramamento de sangue, mas eu e Roddick travamos uma batalha naquele incrível anfiteatro sob o cálido sol invernal de Sevilha. A partida durou três horas e 45 minutos, a mais extensa que já havia disputado, com longos ralis, avanços e recuos constantes, Roddick procurando oportunidades para subir à rede e eu quase sempre me mantendo na linha de fundo. Mesmo que eu perdesse, teria feito minha parte, esgotando-o para a partida dali a dois dias contra Carlos, que vencera seu primeiro jogo confortavelmente. E eu, de fato, perdi o primeiro set, que foi para o tiebreak. Mas isso só inflamou ainda mais a torcida e acabei vencendo os três sets seguintes por 6-2, 7-6 e 6-2. Eu me lembro muito bem de vários pontos, em especial de uma devolução minha para um segundo serviço muito aberto. Recordo uma passada de esquerda no tiebreak do terceiro set, um momento crítico da partida. E me lembro do ponto final, marcado no meu serviço, que ele devolveu com uma esquerda longa. Deitei de costas, fechei os olhos, olhei para cima e vi meus colegas de equipe dançando de alegria. O barulho nos meus ouvidos parecia o de um jumbo sobrevoando a baixa altitude.

Estávamos vencendo por 2-0 na série de cinco jogos. Perdemos a partida de duplas, como previsto, no dia seguinte e, no terceiro dia, Carlos Moyá, nosso verdadeiro herói, que buscava aquele prêmio havia anos, venceu a partida contra Roddick, encerrando a disputa. Eu não precisei enfrentar Mandy Fish. Vencemos por 3-1 e a Copa Davis era nossa. Foi o destaque da minha vida e também, como ficou claro mais tarde, o momento em que o mundo do tênis começou a prestar mais atenção em mim. Andy Roddick fez um comentário muito simpático a meu respeito: disse que não havia muitos jogadores capazes de fato de disputar grandes partidas, mas que eu definitivamente era um deles. Eu com certeza tive de superar uma grande pressão após a controvérsia da minha indicação para enfrentar Roddick e isso me deu uma

injeção de confiança para quando fosse o momento de disputar sozinho grandes partidas, finais do Grand Slam.

Você é a soma de todos os jogos que disputou e, embora a final da Copa Davis estivesse longe do meu pensamento três anos e meio mais tarde, enquanto eu tentava vencer o terceiro set na quadra central de Wimbledon contra Federer, aquela partida tinha deixado sua marca. Ajudou pelo menos nos dois primeiros sets, que venci. Mas ele começou o terceiro com jogadas brilhantes, deixando-me em uma posição difícil, sobretudo no sexto game, no meu serviço, e acabei perdendo por 15-40 depois de mandar uma esquerda realmente decepcionante na rede. Pela primeira vez na partida, perdi as estribeiras e gritei de raiva. Eu estava com raiva de mim mesmo, porque sabia perfeitamente que não fizera o que devia naquela jogada. Fiz um slice quando deveria ter feito uma direita. Minha mente falhara. Eu sabia que aquele não era o lance certo, mas hesitei, por medo, e acabei fazendo aquela jogada. Escolhi a opção conservadora, perdi a coragem. E, naquele momento, odiei a mim mesmo. A boa notícia era que Federer também estava no limite. O game estava bastante tenso para nós dois, e exatamente por isso não foi o mais brilhante em termos de qualidade. Nós dois estávamos jogando mal. A diferença era que, nos momentos mais importantes, eu jogava menos mal. Ele teve quatro break points no sexto game e eu defendi todos até finalmente conseguir uma vantagem e vencer o game no meu segundo serviço.

O placar estava em 3-3 – com ele servindo – e o famoso sétimo game “crucial” estava começando. Nem sempre o sétimo game é tão decisivo como se costuma dizer, mas naquela ocasião vi minha oportunidade e senti que estava pronto para tirar proveito dela. Ele deve ter ficado abalado por não ter conseguido aproveitar as chances que tivera no game anterior. Àquela altura, Federer tinha tido 12 break points e eu, quatro, mas ele havia aproveitado um e eu, três. Ali estava a prova de que as partidas de tênis são decididas por grandes pontos, de que a diferença entre vitória e derrota não reside na força física ou na capacidade inata, mas na vantagem psicológica. E, naquele momento, ela estava do meu lado da quadra. A tensão estava no auge, mas o ímpeto mudara. De repente, após sobreviver à pressão que ele fizera sobre mim no game anterior, eu estava me sentindo ágil e preciso. Olhei para cima, vi que o céu estava muito encoberto e tive a impressão de que finalmente ia chover. Mais um motivo para tentar decidir a partida naquele momento.

E parecia que era exatamente isso que eu estava prestes a fazer. Federer subiu à rede três vezes e, em todas, marquei ponto. Ele estava apressando as coisas, perdendo as estribeiras. Eu vencia por 0-40 quando ouvi um grito de torcida que vinha do lugar onde meus tios estavam sentados: “Vamos lá, Rafael!”

Olhei para cima, sinalizando que os havia escutado. Mas, em um piscar de olhos, a situação se inverteu novamente. Fui eu que sucumbi à pressão. Devolvi mal o serviço, com uma rebatida curta e no meio da quadra, e entreguei o ponto de bandeja para ele. No lance seguinte, não consegui devolver um saque. Como foi um bom saque, passamos para o ponto seguinte. Eu tinha uma última chance antes de ele fazer 40 iguais. Então chegou o momento da partida que

nunca vou esquecer, a lembrança mais terrível. Com o placar em 30-40, ele errou o primeiro serviço, o segundo veio perfeitamente defensável na minha direita e eu o mandei para a rede. Aquela era minha terceira chance depois de duas desperdiçadas. Então o medo tomou conta de mim. Era um teste de resistência mental, mas fracassei, por isso a lembrança é tão dolorosa. Falhei justamente no aspecto em que treinei a vida inteira para ser forte. E, mais uma vez, me peguei pensando: “É provável que uma oportunidade como essa nunca mais surja; este talvez seja o momento decisivo da partida.” Eu sabia que perdera uma grande chance de vencer Wimbledon ou de chegar muito perto da vitória.

E então Federer venceu o game com dois ótimos serviços. Foi uma grande decepção, mas eu precisava eliminá-la da minha mente. E foi o que fiz. Ganhei o game a seguir com folga e o suíço passou a sacar no seguinte. Ele estava vencendo por 5-4 e então, como previsto, começou a chover. Eu estava preparado e mantive a calma, embora mais de uma hora tenha se passado antes que pudéssemos voltar a jogar. Fui para o vestiário, onde Toni e Titín logo me encontraram. Meu fisioterapeuta substituiu as ataduras dos meus dedos e eu troquei de roupa. Eu não estava no clima para conversar, por isso falamos muito pouco. Federer parecia mais relaxado, batendo papo e até rindo um pouco com sua equipe. Ele estava perdendo por dois sets, porém eu estava mais tenso. Ou, de qualquer maneira, parecia mais tenso.

De volta à quadra, saquei e consegui salvar o set. Dois games depois, fiz a mesma coisa. Fomos para um tiebreak e ele me destruiu com seu serviço, terminando o set como havia começado. Três aces – e mais um serviço que poderia ter sido um quarto ace – definiram o tiebreak a favor de Federer por sete pontos a cinco e o set por 7-6. Tive minha chance e, por causa de alguns momentos de fraqueza, a perdi. Mas eu vencia por dois sets a um.

Alta tensão

Na véspera da final da Copa Davis de 2004, não eram necessárias antenas muito possantes para captar o descontentamento de Juan Carlo Ferrero e Tommy Robredo, que tiveram seu lugar na história tomado pelo novato Nadal, de 18 anos. Quem estava assistindo à coletiva de imprensa na noite anterior ao primeiro dia de jogo deve ter achado óbvio que a equipe espanhola não era um exemplo de harmonia patriótica, ao ver o quarteto posando para fotos. Carlos Moyá, o jogador número 1 da Espanha, falou com postura diplomática; Ferrero e Robredo davam a impressão de que queriam estar em outro lugar; Nadal se remexia, olhava para os pés e forçava alguns sorrisos que mal conseguiam disfarçar seu desconforto.

“Quando Rafa me procurou e disse que estava disposto a ceder seu lugar na partida contra Roddick a um dos dois jogadores mais velhos, eu não aceitei e disse que aquela era a escolha dos capitães e que, de qualquer maneira, eu confiava plenamente nele”, lembra Moyá. “Mas, por dentro, eu tinha dúvidas.” Moyá transmitiu a mesma mensagem a Toni Nadal, que também estava se sentindo desconfortável. “A decisão fora tomada e não adiantava dizer alguma outra coisa e gerar ainda mais tensão no grupo, aumentando a pressão sobre Rafa, que estava em um dilema.”

Moyá falou abertamente com Ferrero, pediu que aceitasse a decisão e lembrasse que ele também havia desempenhado seu papel na classificação da Espanha para a final. Os registros da Copa Davis mostrariam isso e as vitórias de Moyá e Nadal também significariam uma vitória para ele. Tendo ou não aceitado o argumento, as dúvidas de Nadal quanto à legitimidade da sua participação na final passaram a ser mais um fator de preocupação para Moyá. Se Rafa fosse mais impetuoso e menos sensível, se não tivesse se deixado abater ou simplesmente não tivesse se incomodado pelo mal-estar que atormentava o grupo, ele ao menos entraria na partida decisiva contra o experiente número 1 americano com um espírito mais tranquilo. Mas não foi isso que aconteceu. Moyá sabia muito bem que, por baixo da fachada de gladiador que Rafa assumia em uma partida, espreitava uma alma temerosa e sensível. Ele conhecia o Rafa “Clark Kent”, que precisava ouvir muitas opiniões antes de se decidir, que tinha medo do escuro e de cachorros. Quando Rafa o visitava em casa, Moyá tinha de prender o cão no quarto, senão o amigo não sossegava.

Ele era um jovem muito tenso, atento aos sentimentos dos outros, acostumado a um ambiente familiar protegido e harmonioso, pouco à vontade quando havia desavenças. A família espanhola da Copa Davis estava em desacordo e, para piorar as coisas, Nadal – se não era o motivo – estava no centro do problema. Moyá sentiu que, para seu jovem amigo, pôr a cabeça em ordem para o grande jogo de sua vida seria um desafio maior do que o de costume. Além disso, Moyá não conseguia deixar de pensar que Rafa, por melhor que tivesse sido seu treino naquela semana, perdera quinze dias antes para um jogador na 400ª posição no ranking mundial. E seu serviço era claramente mais fraco do que o de Roddick, quase 50% mais rápido.

Mas Moyá também tinha motivos para acreditar em seu jovem companheiro de equipe. Conhecia Rafa desde os 12 anos, tinham treinado juntos muitas vezes e dois anos antes perdera para ele em um importante torneio. Nenhum outro grande profissional era mais próximo de Rafa nem continuaria a ser tão íntimo dele quanto aquele amigo maiorquino. Dez anos mais velho do que Nadal, Moyá, que havia tomado de Pete Sampras por um breve período a primeira posição no ranking em 1999, sabia que Nadal era fora do comum, mas só descobriria até que ponto as qualidades do jovem tenista eram especiais depois que este se apresentasse diante de 27 mil pessoas, no estádio de atletismo de Sevilha, com toda a pressão do mundo sobre os ombros, e enfrentasse o número 2 em quatro sets fisicamente extenuantes e emocionalmente tensos.

“Quando Rafa tinha 6 ou 7 anos, as pessoas já comentavam sobre ele em Maiorca”, disse Moyá. “No início, eu me perguntava se isso acontecia porque o tio dele era Miguel Ángel, o jogador de futebol, que era uma lenda na ilha. Porém, o mundo do tênis é pequeno lá. Meu técnico, Jofre Porta, costumava treiná-lo um pouco também e, depois de vencer o campeonato sub-12 de Maiorca aos 8 anos, Nadal começou a ficar conhecido. Lembro-me de Jofre dizendo: ‘Esse garoto vai longe.’ Aos 12 anos, ele já era um dos melhores do mundo em sua categoria e foi nessa época que o conheci.”

O encontro aconteceu em Stuttgart, Alemanha. Moyá estava disputando um torneio da ATP e Nadal participava de um campeonato de juniores.

“Alguém da Nike, que fora esperto o bastante e já o contratara, perguntou se eu poderia aquecer jogando contra ele. Foi o que fizemos durante cerca de uma hora. Para ser sincero, ele não me pareceu melhor do que outros tenistas da sua idade. Ele era muito combativo, porém o que mais chamou minha atenção foi sua timidez. Nós nos encontramos e trocamos um aperto de mãos, mas ele nem sequer me olhou e mal pronunciou uma sílaba. Rafa provavelmente estava um pouco atônito, já que eu aparecia com frequência nos veículos de comunicação depois de ter chegado ao Aberto da Austrália naquele ano sem me pré-qualificar. Mas o contraste entre o garoto tímido fora da quadra e o jogador supercompetitivo dentro dela ainda era

surpreendente, chocante, apesar de estarmos apenas treinando, sem nem contar pontos.”

Quando Nadal tinha 14 anos, Moyá vencera seu único torneio do Grand Slam, o Aberto da França, e os dois começaram a treinar juntos em Maiorca até três vezes por semana.

“As pessoas às vezes me dizem: ‘Você ajudou muito o Rafa, não é verdade?’ Talvez, mas ele também me ajudou muito. Aqueles treinos tinham valor para mim. Ele já era suficientemente bom para que eu me esforçasse, embora eu estivesse entre os 10 primeiros do ranking. Como eu não queria perder para um garoto de 14 anos, ele me ajudava a manter minha vantagem. Acho até que ele contribuiu para que eu me tornasse um jogador melhor.”

O contrário era mais óbvio. Poucos aspirantes a profissionais na história do tênis, se é que houve algum, tiveram a chance de treinar regularmente aos 14 anos com um jogador que vencera um torneio do Grand Slam e que, quando estava viajando, enfrentava deuses do tênis como Pete Sampras e Andre Agassi. Esse era um outro exemplo da conjunção cósmica favorável para o jovem que sonhava em ser campeão.

Ele também teve a sorte de ter um tio que, não conseguindo realizar seus sonhos de tenista, se dedicou de corpo e alma à formação de um jogador capaz de competir física e mentalmente no mais alto nível. Teve também uma família afetuosa e dedicada que agia como contrapeso à extrema severidade do tio. E Miguel Ángel, o tio cuja fama como esportista foi um exemplo muito próximo da importância de se treinar com afinco e permanecer centrado por maior que fosse a aclamação. E, para completar, Carlos Moyá. Encontrar um mentor, confidente e companheiro de treino de tal valor e generosidade é algo que está além dos sonhos de um aspirante a profissional criado em Nova York, Londres ou Madri, mas que, no hermético ambiente do tênis em uma pequena ilha como Maiorca, cujos habitantes são unidos por natureza, poderia acontecer. E aconteceu.

Moyá, que tem uma casa em Miami e outra em Madri e é muito mais cosmopolita do que Nadal, fez do garoto de Manacor seu projeto favorito. Os pais de Nadal ficam exultantes ao falar de Moyá e reconhecem que uma pessoa menos generosa não teria sido tão paciente e prestativa com um jovem aspirante e se afastaria rapidamente à medida que se sentisse mais ameaçado. No entanto, quanto maior o sucesso de Nadal – usurpando de Moyá o título de rei de Maiorca, da Espanha e do mundo do tênis –, mais amistoso se tornava o relacionamento entre os dois. Até hoje Rafa o considera o irmão mais velho sábio e benevolente que nunca teve. Fora as pessoas da família e talvez Titín, seu fisioterapeuta e psicólogo, Moyá é o amigo a quem Rafa faz confidências e pede conselhos.

“No início eu gostava de achar que ajudava um garoto a realizar seu sonho e me sentia motivado pela ideia de ser um modelo no qual ele pudesse se espelhar”, disse Moyá. Em seguida, ele admitiu que era Nadal quem o motivava. “Em seus treinos intensos, pude ver que ele era extremamente ambicioso e louco para se aprimorar. Ele fazia cada jogada como se sua vida dependesse daquilo. Nunca vi nada parecido. Se você o comparasse a outras crianças da

mesma idade, via que Rafa ia se tornar o que é hoje: um dos grandes jogadores do circuito do tênis. É claro, naquela idade, você nunca sabe o que vai acontecer. O mundo está repleto de desportistas que pareciam campeões mundiais aos 14 anos e que, por qualquer circunstância ou fraqueza oculta de caráter, desapareceram sem deixar rastros. Mas era óbvio que Rafa tinha algo diferente.”

E ele tinha uma audácia que não correspondia à sua postura discreta fora das quadras.

“Aos 15 anos, Rafa começou a jogar nos torneios Futures, as competições juniores da ATP”, lembra Moyá. “Às vezes, ele enfrentava jogadores 10 anos mais velhos. No início eu ficava preocupado, porque a inevitabilidade de derrotas frequentes poderia destruir a autoconfiança de um garoto acostumado a vencer. Esse era o perigo. Mais uma vez, o subestimei. Em cinco meses, ele começou a vencer partidas; em oito ou nove meses, passou a vencer torneios.”

Moyá ficou surpreso com a velocidade com que Nadal “queimou” as etapas normais de evolução no tênis.

“Aos 15 anos, eu participava de torneios de verão em Maiorca e ia à escola no inverno. Aquele era o meu limite. Se eu tivesse começado a disputar partidas do Futures com aquela idade, teria perdido todas por 6-0, 6-0. De fato, comecei aos 17 e foi isso que aconteceu. Um ano depois, aos 16, Rafael passou do Futures para o Challengers, apenas um nível abaixo do circuito principal da ATP. Foi difícil para ele no início. Rafa passou a jogar em quadras cobertas, de superfície dura – as mais rápidas que existem –, muito diferentes, em termos de desempenho, das de saibro do ambiente quente e úmido a que estava acostumado. Em geral nós, espanhóis, jogamos mal nessas quadras, e com ele não foi diferente.”

Moyá explicou que os tenistas espanhóis muitas vezes nem se dão o trabalho de comparecer, porque sabem que provavelmente serão eliminados na primeira rodada desse nível.

“A primeira vez que nos enfrentamos numa competição, ele tinha 16 anos e eu, 26. Foi em Hamburgo, em um importante torneio de Masters da ATP, no início de 2003. Nos dois anos anteriores, eu vencia quase sempre em muitos dos treinos. Na verdade, eu diria que, se eu realmente quisesse, venceria sempre, e isso não era de surpreender. No entanto, naquele dia na Alemanha, eu estava nervoso, sentia muita pressão. Eu estava entre os 10 primeiros do ranking, ao passo que ele era um garoto, um astro em ascensão, sem dúvida, mas que ocupava o 300º lugar no ranking. Perder seria uma vergonha e eu me senti muito pressionado.”

Moyá deu detalhes sobre aquela partida inesquecível:

“O jogo foi à noite. Eu estava sentindo frio, mas a temperatura não parecia incomodá-lo. Tive a impressão de que Rafa já estava aquecido antes mesmo de termos disputado o primeiro ponto. Na verdade, ele não jogou tão bem assim. Nem eu. Mas ele me derrotou em dois sets.

Foi um caso claro de vitória causada por força mental superior. Você via outros garotos de 16 anos no circuito que não eram tão bons quanto ele e agiam de maneira muito mais desequilibrada na quadra, enfurecendo-se à menor adversidade. Do outro lado da rede naquele dia havia um jogador realmente muito talentoso, mas, sobretudo, muito mais concentrado, profissional e focado do que eu. Um adversário que, quando jogava mal, jogava 10 vezes melhor do que qualquer outro jogador equivalente. E digo isso já tendo vencido um Grand Slam e sido finalista do Aberto da Austrália.”

Perguntei a Moyá qual foi a sensação de perder para um jogador mais jovem.

“No fim do jogo, nos abraçamos e ele disse: ‘Sinto muito.’ Mas não precisava ter dito aquilo. Aceitei a derrota de uma maneira muito mais filosófica do que esperava. Eu sabia que aquela seria a primeira de muitas, que Rafa era o futuro e eu, embora longe de estar acabado, estava começando a entrar em declínio.”

À medida que os anos foram passando, um ascendeu e o outro decaiu. E Moyá se tornou cada vez mais ciente do efeito intimidador que Nadal suscitava nos outros jogadores.

“Acredito que Rafa jamais admitiria isso, nem nunca falamos a respeito, mas acho que ele intimida deliberadamente os adversários”, contou Moyá. “Ele é mais complexo e vulnerável do que demonstra, mas o efeito que tem sobre os rivais é bem claro: eles se sentem ameaçados. Seus rituais são um show por si sós. Você não vê nenhum outro jogador fazer algo parecido. Quanto ao preparo físico, ele entra na quadra praticamente suando, algo que nunca consegui fazer, mas aquela é a condição ideal para se começar uma partida.”

Carlos Costa, ex-jogador profissional e agente de Rafa, concorda com Moyá e acha que há algo muito assustador nas disputas com Nadal. Ele descreve o impacto de Rafa sobre os adversários como o impacto que Tiger Woods, no auge, causava no mundo do golfe profissional – o impacto do macho alfa dominante sobre o restante do bando.

“No fim da minha carreira, nos enfrentamos em várias competições”, declara Costa, “e, de fato, havia um momento na partida em que eu começava a sentir medo e me dava conta de que estava diante de um vencedor nato. Do ponto de vista psicológico, Rafael é mais forte do que todos os outros. Ele é especial”.

Rafa também é muito carismático. Moyá, um grande astro em seu tempo, foi o primeiro espanhol a se tornar o número 1 no ranking mundial, mas, muito antes de Nadal alcançar a segunda posição, seu apelo popular já superara o do amigo, tanto em sua terra natal quanto no exterior. Moyá tinha uma beleza mais clássica – em maio de 1999, a revista *People* o listou entre as “50 pessoas mais bonitas do mundo” –, mas que não chegava perto da atração que Nadal exercia. Moyá era um jogador mais elegante, com um serviço mais potente, mas a competitividade feroz de Nadal tinha uma força sedutora maior. Ele estabelecia uma conexão com o público que Moyá nunca conseguiu criar.

Ele aceita tudo isso com serenidade porque sabe que não está, nem nunca esteve, no mesmo

nível que Nadal. Não no que se refere a talento, mas em termos de postura.

“É a cabeça de Rafa que o distingue dos demais tenistas. Isso fica bem claro na quadra, não apenas para o adversário, mas também para quem está assistindo ao jogo na TV. É algo invisível, mas que você sente. Sua esquerda, sua direita... outros jogadores também têm isso. É claro, ele tem talento. Acho que Rafa não percebe quanto porque costuma se subestimar. Mas sua mentalidade é fora de série. Conheci vários grandes atletas, não apenas no tênis, mas em outras modalidades esportivas, porém nenhum tem essas características, com exceção talvez de Tiger Woods ou Michael Jordan. Nos pontos cruciais, ele é um matador. Sua concentração é absoluta e ele possui algo que nunca tive: uma ambição sem limites. Venci um Grand Slam e fiquei feliz, pois realizara o trabalho da minha vida. Rafa, por outro lado, precisa vencer mais e mais e nunca se dá por satisfeito.”

Moyá contou que, a cada ponto, o apetite de Nadal permanece o mesmo. Se estivesse vencendo um set por 5-0, sua mente vagava e ele entregava um game, dois. Mas reconheceu que Rafa nunca faria isso. Além de não entregar nada de bandeja, ele transmite aos adversários a mensagem opressora e desanimadora de que vai fazer todo o possível para vencer por 6-0, 6-0.

No entanto, Moyá acredita que isso é apenas parte de uma história mais complexa. Nadal tem uma falha que, na opinião do amigo, está ligada à ambiguidade entre seu eu privado, sensível e inseguro, e o rolo compressor esportivo que o mundo vê. Na visão de Moyá, Nadal não se livra totalmente do seu personagem de Clark Kent na quadra – a transformação em Super-Homem, por mais decidida e convincente que pareça, não é completa.

“Na quadra, Rafa é mais prudente do que você imagina. Ele sempre teve medo do segundo serviço e é por isso que não usa toda a sua força no primeiro. Podemos ver a mesma prudência em seu jogo aberto. Treinei com ele mil vezes na quadra e sempre fico surpreso quando o vejo jogar uma partida, porque no treino ele é bem mais agressivo, faz muito mais jogadas indefensáveis. Eu já lhe disse várias vezes: ‘Rafa, por que você não relaxa? Por que não joga mais dentro da quadra e ataca mais, ao menos nas primeiras rodadas dos torneios, quando enfrenta jogadores que pode derrotar de olhos fechados?’ Mas ele não faz isso, não com a frequência que deveria. Talvez porque se recuse a acreditar que é tão bom assim.”

Moyá acha que a imagem de guerreiro de Nadal está menos relacionada à sua agressividade como atacante do que à sua persistência como defensor. Ele joga com o espírito do Álamo, uma sensação que chega à torcida, à qual ele dá a impressão de jogar como azarão desafiante, a despeito de sua posição no ranking mundial. Federer, por outro lado, nunca seria visto como um gladiador porque não tem o espírito batalhador, de combatente, e não luta pela vida como Nadal sempre parece fazer. A marca registrada do suíço é a precisão letal.

O fato de Nadal ter se mostrado um campeão tão resiliente tem ainda mais mérito, aos olhos

de Moyá, por ele ter superado a ansiedade e a inquietação para chegar aonde chegou. Isso também ajuda a explicar seu magnetismo dentro da quadra. As pessoas se identificam mais com o azarão combativo do que com o jogador que tem alto desempenho sem se esforçar, porque as características do azarão são evidentemente mais humanas. O público se identifica mais com Nadal e suas falhas do que com o majestoso Federer. Isso não aconteceria tanto se ele se parecesse com o antigo mestre ao qual é comparado, o sueco Björn Borg, ou se fosse exuberante na quadra como o americano John McEnroe. Para Moyá, Nadal é uma mistura dos dois jogadores que criaram a maior rivalidade no tênis antes que Nadal e Federer despontassem. Borg era gelo puro, McEnroe era só fogo.

“O segredo do seu tremendo apelo em todo o mundo”, explica Moyá, é que Rafa é tão passional quanto McEnroe, mas tem o autocontrole de Borg, o matador de sangue-frio. Ser as duas coisas ao mesmo tempo é uma contradição, mas Rafa é assim”.

O MEDO DE VENCER

VENCER EM WIMBLEDON ERA uma perspectiva atraente, mas eu também sabia que a vitória significaria o primeiro lugar no ranking. A derrota significaria continuar atrás de Federer, talvez condenado a nunca superá-lo. Mas, naquela partida, eu liderava e meu serviço no início do quarto set foi tão tranquilo quanto era possível em tais circunstâncias. O que não é muito, mas ao menos minhas pernas não tremiam e a adrenalina ainda vencia a batalha contra os nervos. A perda do terceiro set em um tiebreak fora um golpe, mas aquilo já tinha ficado para trás. Eu sabia que ele não podia continuar a converter aces em cada game de serviço como fizera no terceiro set. Antes da partida, eu calculei que tinha 50% de chance de chegar à vitória, e isso não havia mudado.

Afinal, houve um momento em que considerei que minhas chances contra o suíço eram pouco mais do que zero e venci. Foi no nosso primeiro encontro, em uma quadra rápida em Miami, em 2004. Eu tinha 17 anos e ele, aos 22, acabara de chegar ao primeiro lugar do ranking, mas mesmo assim venci sem perder nenhum set. Um ano mais tarde, nos encontramos na final do mesmo torneio e daquela vez ele venceu, mas por pouco. Ganhei os dois primeiros sets, ele ganhou o terceiro em um tiebreak e, depois, os dois últimos sets. Perdi, mas foi uma derrota encorajadora. Eu estava 30 posições abaixo de Federer no ranking, mas fui páreo a páreo com ele até o fim. Dali em diante minha carreira decolou como um foguete: no Aberto da França, dois meses e meio depois, alcancei a quinta posição do ranking.

Imediatamente após Miami, joguei em Monte Carlo, no torneio que marca o início da temporada de quadras de saibro. Monte Carlo fica às margens do Mediterrâneo, no Principado de Mônaco, não muito longe de casa, e eu adoro tanto o lugar quanto a competição. As quadras ficam acima do nível do mar, tão alto que imagino que quase posso ver Maiorca. Suas ruas são limpíssimas e o bairro é impecavelmente ordenado e arrumado. É um dos meus torneios favoritos, não apenas em razão do meu bom desempenho e do seu significado histórico para mim, mas por sua tradição, como Wimbledon. É disputado há mais de 100 anos e muitos dos grandes nomes venceram lá, como os suecos Björn Borg e Mats Wilander, o tcheco Ivan Lendl e o romeno Ilie Nastase, além dos precursores espanhóis como Manuel Santana e Andrés Gimeno. Meu amigo Carlos Moyá também.

Eu não havia jogado em Monte Carlo no ano anterior por causa da contusão no pé, mas senti que aquela era a chance de vencer meu primeiro grande torneio da ATP, no tipo de quadra com o qual estava acostumado. Eu deixara Miami escapar, mas sentia que não ia perder aquela oportunidade. Nem se eu enfrentasse Federer novamente. Mas isso não aconteceu,

porque ele saiu nas quartas de final e foi o então campeão Guillermo Coria, da Argentina, que defendeu seu título contra mim na final.

As quadras de saibro favorecem os que têm um jogo defensivo e os que estão em boa forma. O tênis é um esporte que requer a rapidez de um velocista na largada e a resistência de um maratonista. Você corre e para por duas, três, quatro, às vezes até cinco horas. As partidas nesse tipo de quadra duram mais porque os ralis são mais longos, a bola quica mais alto e fica mais tempo no ar, o que torna mais difícil arrematar os pontos e manter o serviço. O fator resistência tem um peso maior no resultado do que em outras quadras. Os ângulos são mais abertos, por isso você precisa cobrir uma área maior. O jogo é mais geométrico, como Joan Forcades costuma dizer. Você precisa construir um ponto gradualmente e esperar mais tempo do que nas superfícies rápidas para tirar seu adversário da posição, até chegar o momento em que pode pensar de forma realista em fazer uma jogada indefensável. Também é um jogo no qual você precisa ter uma habilidade insólita para um esporte com bola: patinar, como eu costumava dizer. No tênis, você aprende a equilibrar seu peso no chão, posicionando os pés e o corpo de certa maneira a fim de desferir um golpe com eficácia, mas, em muitos dos lances sobre o saibro, a superfície macia e arenosa se transforma momentaneamente em um ringue de patinação enquanto você escorrega para alcançar a bola e todas as regras vão por água abaixo. Se você não joga em quadras de saibro desde cedo, essa é uma habilidade difícil de dominar. Eu a dominava, pois foi nesse tipo de quadra que aprendi a jogar. Além disso, eu era rápido, estava em forma e nunca desistia de uma bola. Aquela era uma superfície na qual eu sabia que, tendo alcançado certo patamar de maturidade física e mental, seria um adversário difícil de vencer.

Venci meu primeiro torneio da ATP em Monte Carlo, derrotando Coria na final – uma partida estranha que venci em quatro sets, perdendo o terceiro, porém, por 6-0. Depois, tive uma longa série de vitórias em quadras de saibro em Barcelona e em Roma. Após a conquista na capital italiana, veio o Aberto da França em Paris – Roland Garros –, o ponto alto da temporada no saibro, o primeiro Grand Slam do ano. Apesar de ser o número 5 do ranking, eu era, a poucos dias de completar 19 anos, o favorito do torneio.

Por causa da minha contusão, eu não tinha jogado em Paris no ano anterior, mas assistira a algumas partidas. A ideia foi de Carlos Costa e do meu amigo Tuts, meu agente na Nike. Carlos achava que seria bom que eu me familiarizasse com o ambiente porque, na sua opinião, aquele era um torneio que eu venceria um dia. Porém, durante a visita ao grande palco do tênis francês, fiquei mais frustrado do que perplexo. Detestei não jogar. Ao ver jogadores que eu sabia que poderia vencer disputando, eu ficava irritado. Carlos ainda lembra o que eu disse: “Da próxima vez, este torneio é meu.”

Meu maior sonho sempre foi vencer em Wimbledon, mas eu sabia que primeiro teria de escalar a montanha de Roland Garros. Se eu não ganhasse na França, jamais venceria na Inglaterra.

Mesmo assim, foi uma surpresa quando a imprensa esportiva me apontou como o favorito

da competição em 2005. Eu disputara apenas dois torneios do Grand Slam, Wimbledon e o Aberto dos Estados Unidos, e não chegara às quartas de final em nenhum dos dois. Não sabia se seria capaz de respirar adequadamente em uma competição em altitude tão elevada. Além disso, Federer estava lá e só precisava vencer em Roland Garros para completar a marca de campeão nos quatro Grand Slams. Embora eu tentasse me convencer de que meu status de favorito era exagerado e irracional (a parte do meu cérebro condicionada por Toni me dizia isso), havia outra parte em mim (loucamente determinada e ambiciosa) que acreditava com firmeza na convicção do ano anterior de que eu poderia sair vitorioso. Mas essas expectativas pesaram, criando um fardo mental adicional do qual foi difícil me livrar nas primeiras rodadas. Eu precisava me sentir confiante da vitória, porém estava muito mais nervoso do que de costume. Meu corpo parecia mais tenso do que deveria: minhas pernas estavam pesadas; meus braços, mais rígidos; e eu não batia na bola com a devida decisão. Quando isso acontece, você tem medo de se soltar, de dar espaço ao seu jogo natural, e tudo se torna muito mais complicado. Os adversários que você venceu confortavelmente semanas antes de repente se tornam gigantes.

Minha dieta também não ajudou. Eu não era tão cuidadoso quanto hoje em moderar meu apetite e, em Paris, de uma hora para outra, passei a devorar croissants de chocolate. Toni percebeu, mas tinha sua própria maneira de enfrentar a questão. Carlos Costa dizia:

– Pelo amor de Deus, não o deixe comer aquilo!

E Toni respondia:

– Não, não. Deixe-o comer. Assim ele aprende, vai ficar com dor de estômago.

Como sempre, os métodos do meu tio funcionaram. Aprendi na marra a evitar durante uma competição alimentos que não são facilmente digeridos.

Apesar do nervosismo e da desvantagem autoimposta causada pelo chocolate, consegui superar aquelas primeiras rodadas do Aberto da França. Francis Roig, meu segundo técnico, diz que, quando estou jogando com 80% da minha capacidade, sou melhor do que os demais jogadores por causa da minha vantagem mental sobre eles. Não tenho certeza se isso é sempre verdade, mas no saibro talvez seja. Quando estou em minha melhor forma, consigo rapidamente converter defesa em ataque, surpreendendo – ou até mesmo desmoralizando – o adversário. Mas, se as jogadas decisivas não aparecem, se o melhor que você consegue fazer é rebater cada bola e transformar-se em uma muralha humana, então uma quadra de saibro é o lugar em que você quer estar.

Foi extenuando os adversários dessa maneira que consegui chegar à semifinal, mais uma vez contra Roger Federer, nossa primeira partida em saibro. Eu estava completando 19 anos e a melhor comemoração possível, a melhor da minha vida, seria vencer – o que de fato aconteceu, em quatro sets. Chuviscou durante parte do tempo e o suíço, ansioso para conquistar seu quarto Grand Slam, tentou fazer com que o juiz interrompesse a partida, o que era um bom sinal. Ele disse que a chuva o estava atrapalhando, mas eu sabia que meu jogo também dificultava as coisas para ele. O juiz não atendeu seu pedido e eu venci a partida.

Depois, enfrentei Mariano Puerta, da Argentina, na final. Os argentinos são como os espanhóis, especialistas em quadras de saibro. E ele jogou melhor do que eu em diversos momentos. Eu ainda não dominava a técnica de me isolar mentalmente do ambiente e dos meus temores. O isolamento nunca é total, afinal sou humano. Mas, naquela ocasião, eu ainda estava construindo as defesas emocionais necessárias para vencer de forma consistente, e os nervos ainda atrapalhavam bastante meus pensamentos, algo que eu aprenderia a controlar ao longo da carreira. O que não me faltou naquela final foi energia. Puerta estava jogando suficientemente bem para vencer o primeiro set por 7-5. Ao pensar naquela partida agora, me lembro da sensação de não ter parado para respirar. Eu lutava e corria como se pudesse continuar naquele ritmo intenso por dois dias sem descansar. Estava tão empolgado com a possibilidade de vencer que em nenhum momento senti cansaço, o que, por sua vez, esgotou Puerta. Eu me mantive firme, era mais estável nos pontos importantes e ganhei todos os outros sets por 6-3, 6-1 e 7-5.

Em seis meses, eu conquistara três picos, um mais alto que o outro: a Copa Davis, minha primeira vitória da ATP em Monte Carlo e o mais célebre de todos, Roland Garros, meu primeiro Grand Slam. As emoções que senti foram indescritíveis. No momento da vitória, me virei e vi minha família comemorando muito, meus pais se abraçando, meus tios gritando, as lágrimas escorrendo pelo rosto de Marilén, minha madrinha, e entendi imediatamente que, apesar de todos os meus anos de trabalho árduo, aquela vitória não era apenas minha. Sem pensar, a primeira coisa que fiz depois de apertar a mão de Puerta foi correr para a torcida, subir os degraus e abraçar meus familiares, Toni em primeiro lugar.

“Eu não conseguia acreditar”, contou Marilén mais tarde, lembrando sua reação no ponto final. “Olhei para você na quadra, os braços erguidos em comemoração, um campeão, e então minha mente voltou ao passado, para a imagem de um garotinho magro e muito sério, de 7 anos, treinando em uma quadra em Manacor.”

Tive pensamentos semelhantes. Eu treinara e competira com muito afincamento e por muito tempo para chegar até ali. Mas recordações da minha casa e da minha família também passavam pela minha cabeça e, mais do que nunca, entendi naquele dia que, por maior que seja sua dedicação, nunca se vence nada sozinho. O Aberto da França foi uma recompensa para mim, assim como para minha família.

Ao vencer um Grand Slam, tirei um peso dos ombros e me senti aliviado. Tudo o que a vida me desse a partir de então seria lucro. Não que minha ambição fosse diminuir. Eu experimentei a vitória no nível mais elevado, gostei e queria mais. E tinha a sensação de que, depois de vencer uma vez um campeonato daquela magnitude, seria menos difícil repetir o feito. Foi depois de triunfar em Roland Garros que a ideia de que um dia eu venceria Wimbledon começou a tomar forma em minha mente.

Nem preciso dizer que Toni não pensava desse modo, ou ao menos não foi essa a mensagem que ele procurou me transmitir. Com sua habitual rispidez, ele me disse que Puerta havia jogado melhor do que eu e me fizera correr mais, e que tinha sido sorte eu ter marcado os

pontos decisivos. Hoje ele diz – mas, sinceramente, não me lembro – que, ao voltar para casa antes de nós no dia seguinte, deixou um bilhete para mim com uma lista de todos os aspectos do meu jogo que eu deveria corrigir para ter alguma chance de vencer novamente um torneio tão importante.

Ele tinha razão, ao menos no que dizia respeito aos dois torneios do Grand Slam que ainda restavam naquele ano. Em Wimbledon, fui eliminado na segunda rodada; no Aberto dos Estados Unidos, na terceira. Aquelas derrotas me fizeram cair na real e me deram a verdadeira noção do trabalho que eu ainda tinha pela frente para não me tornar mais um tenista que só venceu um único torneio do Grand Slam ou outro jogador espanhol incapaz de se adaptar a uma superfície que não fosse o saibro. Após minha conquista do Aberto da França, a maioria dos especialistas achava que, embora eu pudesse vencer novamente aquele campeonato, nunca ganharia em Wimbledon, no Aberto dos Estados Unidos e no Aberto da Austrália. A história os respaldava. Nas duas décadas anteriores, houve um campeão espanhol seguido de outro em Roland Garros, mas eles não ganharam os grandes torneios restantes. Em 2005, dei continuidade a essa tendência, reforçando o preconceito.

Mas eu tinha apenas 19 anos e, a despeito do que o futuro me reservava, aquele tinha sido um ano espetacular. Venci uma competição importante no Canadá, o Masters de Montreal, derrotando Andre Agassi sem perder nenhum set na final. No fim de 2005, venci o Masters de Madri, um desafio mais difícil na superfície rápida menos propícia ao meu jogo: quadra dura e fechada. Nesse aspecto, o torneio na capital espanhola foi um divisor de águas, um sinal muito encorajador de que eu podia adaptar meu jogo a todas as condições. Na final, depois de perder dois sets, reagi e venci um adversário com um serviço forte, Ivan Ljubicic, da Croácia, cujo jogo em quadra fechada era tão bom quanto o meu no saibro.

No total, venci 11 torneios em 2005, tantos quanto Federer no mesmo ano, e subi para a segunda posição no ranking mundial. Estava começando a me tornar conhecido fora da Espanha e parecia pronto para levar meu jogo a um outro patamar. O ano de 2006 parecia promissor – pelo menos, era o que eu pensava. No entanto, depois de Madri, aconteceu uma calamidade: sofri uma contusão no mesmo osso do pé que me obrigara a ficar de fora de toda a temporada de quadras de saibro no ano anterior. Porém, daquela vez, a lesão foi muito mais séria, transformando-se no episódio mais assustador da minha carreira.

Foi durante o jogo contra Ljubicic em Madri, em 17 de outubro, que senti pela primeira vez uma dor aguda. Não a levei muito a sério e, acostumado a competir com dor, continuei jogando. Naquela noite, a dor aumentou bastante, mas não fiquei alarmado. Achava que era a consequência inevitável de ter disputado uma partida difícil, de cinco sets, e que no dia seguinte a sensação passaria. Mas, quando acordei, percebi que meu pé estava mais inchado do que na noite anterior. Saí da cama e não consegui sustentar todo o peso do meu corpo sobre aquele pé. Mancando muito, cancelei minha participação no torneio que deveria disputar em seguida, na Suíça, e voltei direto para casa a fim de consultar meu médico, Ángel Cotorro. Ele não identificou nenhum problema particularmente grave e disse que era apenas uma questão de

tempo para que o osso voltasse ao normal. De fato, alguns dias depois, parei de mancar e cruzei meio mundo até Xangai para participar do grande torneio de Masters do ano. Porém, logo após o início dos treinos, a dor voltou com tanta intensidade que tive de me retirar do campeonato antes que ele começasse. Voltei para casa e descansei por duas semanas, incapaz de fazer qualquer tipo de exercício. Retomei os treinos, mas, no segundo dia, senti de novo aquela dor aguda e percebi, com desespero, que não podia seguir em frente.

Confio plenamente no dr. Cotorro. Ele era meu médico na época e continua a ser até hoje. Se depender de mim, permanecerá me acompanhando até eu me aposentar. No entanto, ele não conseguiu chegar a um diagnóstico e me aconselhou a repousar por mais tempo. E foi o que fiz, por mais duas semanas. Era final de novembro, início de dezembro. Comecei a ficar nervoso, porque o médico estava tentando tudo, mas não descobria exatamente o que havia de errado. Meu pé continuava inchado e a dor só aumentava. Então, por sugestão do meu tio Miguel Ángel, consultamos um podólogo que ele conheceu na época em que jogava no Barcelona. O especialista recomendou alguns exames de ressonância, mas teve de admitir que, apesar de toda a sua experiência, não conseguia identificar aquela contusão. A última esperança, na sua opinião, era que eu consultasse um especialista em Madri que escrevera uma tese de doutorado sobre o osso que estava me causando problemas. Meu pai, Toni, Joan Forcades e Juan Antonio Martorell, meu fisioterapeuta antes de Titín, me acompanharam na consulta. Meu pé esquerdo – ou melhor, o pequeno osso em que havia o inchaço – se tornara o centro do meu angustiado universo e também das preocupações da minha família.

Foi com o espírito cada vez mais alarmado que, em meados de dezembro – dois meses após ter disputado minha última competição –, chegamos ao consultório do médico madrileno que finalmente identificou o problema. Deveríamos ter ficado aliviados, mas não foi o que aconteceu. O prognóstico era tão sinistro que afundei no buraco mais negro e profundo da minha vida.

Era um problema congênito, uma patologia muito rara do pé, mais rara ainda em homens do que em mulheres. Aquele médico era um dos grandes especialistas mundiais no assunto. O osso em questão se chama escafoide do tarso, localizado na parte superior do dorso do pé. Se ele não se ossifica ou não endurece como deveria na primeira infância, sequelas dolorosas começam a aparecer na idade adulta, ainda mais se o pé for submetido a um esforço repetitivo, algo inevitável para um tenista profissional. O perigo é ainda maior se, como era evidente no meu caso, o pé for submetido a uma atividade inusitadamente intensa durante aqueles primeiros anos em que ainda não está formado por completo. O osso, como consequência, fica levemente deformado, maior do que deveria e mais sujeito a fragmentações, e foi que acontecera comigo no ano anterior. Eu havia me recuperado, mas, desconhecendo o problema, não prestei muita atenção e a situação se tornou bem mais complicada.

O escafoide do tarso defeituoso, um osso que eu nunca soube que existia, se tornou minha versão particular e única do calcânhar de aquiles: o ponto mais vulnerável e potencialmente

mais destrutivo do meu corpo. Após o diagnóstico, o especialista deu seu veredito: talvez eu nunca mais pudesse jogar tênis competitivamente. Era possível que, aos 19 anos, eu fosse obrigado a me aposentar do esporte no qual eu depositara todos os meus sonhos. Desabei e chorei. Todos nós choramos. Mas foi meu pai que se recompôs primeiro e procurou assumir o controle da situação. Enquanto eu e os demais olhávamos desolados para o chão, ele tentou traçar um plano. Meu pai é um homem pragmático e tem o instinto de um líder para manter a calma e a serenidade em circunstâncias extremas. Tem temperamento otimista e não acredita que exista problema insuperável. Ele não é um atleta, mas tem a mentalidade de um vencedor. É por isso que meus familiares dizem que, quando estou competindo, pareço com ele. Pode ser, mas, naquele dia, distante como nunca de uma quadra de tênis, eu não me sentia nem alegre nem pragmático. Estava arrasado. Tudo o que eu tinha construído durante toda a minha vida estava desmoronando à minha frente.

Em meio à tristeza, meu pai me deu uma pequena centelha de esperança. Ele disse que estava confiante de que acharíamos uma solução. Lembrou que o médico fora claro ao dizer que a lesão “talvez” pudesse ameaçar minha carreira. E, se tudo falhasse, eu poderia me dedicar com sucesso à minha nova e crescente paixão: o golfe. “Com todo o seu talento e toda a sua coragem, não vejo por que você não poderia se tornar um golfista profissional.”

Naquele momento, e tomara que para sempre, aquela possibilidade distante teria de esperar. As perguntas que surgiram imediatamente foram: “Existe alguma solução? E, se existe, qual é?” À exceção da cirurgia, uma opção arriscada e incerta, havia uma possibilidade. Poderíamos tentar ajustar as solas dos meus tênis e, em um processo milimétrico de tentativa e erro, ver se conseguíamos encontrar uma forma que proporcionasse ao osso o amortecimento necessário para aliviar a pressão a que eu sempre o submetia. Mas ele advertiu que, se aquilo funcionasse, o ligeiro deslocamento do meu peso corporal causado pelo ajuste nas solas poderia causar um impacto debilitante em alguma outra parte do meu corpo, como os joelhos ou as costas.

Meu pai se animou, disse que nos preocuparíamos com aquele problema quando ele se apresentasse e sugeriu imediatamente um plano de ação. Entraríamos em contato com o podiatra que havíamos consultado em Barcelona e pediríamos que ele começasse logo a orientar a mim e ao dr. Cotorro no desenvolvimento das novas solas. Naquela mesma noite, meu pai, alegre e vivaz, foi para um jantar de negócios, deixando-nos numa atmosfera que misturava esperança vaga e paralisia funérea. Depois de todas as decepções dos dois meses anteriores e daquele osso que não sarava, eu achava que a solução mágica das solas não iria funcionar. Meu pé doía como nunca e, na minha opinião, aquele plano tinha no máximo uma pequena chance de dar certo, o que me fez voltar para casa bastante desanimado, me preparando para o Natal mais triste de todos os tempos.

Parecia que minha vida tinha sido ceifada pela metade. Quando recordam aquele período, meus parentes dizem que eu estava transformado por completo, irreconhecível. Em casa, sou alegre e brinco muito, em especial com minha irmã. Mas naquele período me tornei irritável,

distante, soturno. Não falei da lesão nem com meus amigos mais íntimos. No início não consegui me abrir nem com minha namorada, María Francisca, que ficou preocupada com minha mudança de comportamento. Havíamos começado a sair alguns meses antes e lá estava eu, infeliz noite e dia, dificilmente uma boa companhia para uma garota de 17 anos ansiosa para aproveitar a vida. Não conseguia sequer apoiar meu pé no chão, quanto mais jogar tênis, e passava horas deitado no sofá olhando para o nada ou chorando pela casa. Não sorria, não falava. Perdi todo o apetite pela vida.

Graças a Deus, eu tinha meus pais, que reagiram da melhor maneira possível, deixando bem claro que estavam ao meu lado para o que eu precisasse, sem me sufocar. Não tentaram me tirar à força daquele estado, não me bombardearam com perguntas, não tentaram me fazer falar quando eu não estava a fim. Sempre me acompanhavam nas consultas médicas ou a qualquer outro lugar, com a mesma alegria conformada que meu pai demonstrava na época em que me levava de carro a toda parte em Maiorca. Foram sensíveis e bondosos e sempre me tranquilizaram dizendo que estariam comigo nos bons e nos maus momentos, quer eu voltasse a jogar, quer eu tivesse de escolher outra coisa para fazer da vida.

Toni também desempenhou seu papel. Foi ele que me sacudiu, que me aconselhou a não sentir pena de mim mesmo.

“Venha”, disse ele, “vamos sair e treinar”.

Parecia loucura, mas ele tinha um plano, mesmo que não tivesse sido concebido exatamente para vencer Wimbledon ou o campeonato sub-12 das Ilhas Baleares. Seguindo suas instruções, fui para a quadra pulando e me apoiando nas muletas, sentei numa das cadeiras, peguei uma raquete e comecei a bater bola. Assim eu não perderia o costume, dizia Toni. Era sobretudo uma questão psicológica. Uma atividade para passar o tempo, abandonar os pensamentos sombrios e tentar criar um pouco de esperança. Toni mandava algumas bolas para mim, de início bem de perto, e depois, quando fui pegando o jeito, do outro lado da rede. Sentado, eu rebatia com voleios, esquerdas, direitas. Variávamos os exercícios o máximo possível naquelas circunstâncias, o que não era muito. Mas, como planejado, foi bom para o meu moral, embora não tenha melhorado minhas habilidades técnicas nem tenha feito muito bem aos meus braços. Continuamos praticando aquele estranho exercício, obtendo olhares estupefatos de quem nos assistia, dia após dia, por 45 minutos, durante três semanas. Ao fim, o antebraço sempre estava duro e dolorido. Eu também nadava, o único exercício que podia fazer com as pernas. Não sou um bom nadador e, embora fosse legal me movimentar novamente, aquele não era um passatempo que me enchia de alegria.

O repouso total do pé funcionou e a dor foi sumindo. O especialista de Madri cujo diagnóstico fora inicialmente como um tiro mortal acabou se revelando minha salvação. Depois de muito testar, acertamos as solas dos sapatos, ao menos o suficiente para seguir em frente. Não era a solução ideal para meu corpo como um todo, pois sabíamos que haveria consequências, mas aliviava a pressão sobre o escafoide. A maior parte da compressão do peso do corpo recaía sobre os outros ossos do meu pé, diminuindo a pressão sobre o osso

lesionado. A Nike criou um tênis para mim que era mais largo e mais alto do que o que eu usava antes. Eu precisava de um calçado maior porque a sola era muito mais grossa e mais alta, sobretudo na área que agora funcionava como um amortecedor para o escafoide. No início a adaptação à nova sola foi desconfortável, porque ela alterava a região do pé que normalmente recebe o peso e atrapalhava meu equilíbrio. Depois, como o especialista previra, comecei a sofrer distensões musculares em locais que nunca haviam apresentado problemas, como as costas e as coxas.

Fizemos tudo o que podíamos, mas, à medida que eu treinava com os novos tênis, outras dificuldades iam aparecendo, nos obrigando a fazer alterações mínimas, mas cruciais, nas solas. Anos se passaram e isso ainda acontece. É um trabalho em andamento. Ainda não chegamos à perfeição. Talvez não haja solução perfeita. O fato é que um bom tempo se passou desde então e o escafoide do tarso ainda dói, às vezes me obrigando a reduzir os treinos. É a parte do meu corpo que Titín massageia por mais tempo. A situação está sob controle, mas nunca podemos baixar a guarda.

A novidade fabulosa foi que, em fevereiro, voltei a treinar. Depois de quase quatro meses afastado, disputei meu primeiro torneio em Marselha. Entrar na quadra, ouvir meu nome anunciado no alto-falante, ver e ouvir a torcida, me aquecer antes de uma partida: eu sonhava com tudo isso, ou melhor, quase não ousava sonhar, mas lá estava eu novamente. Ainda não ganhara nada, mas o simples ato de entrar em quadra fazia com que eu me sentisse tão eufórico quanto se tivesse vencido. Eu havia recuperado a vida que achava que perdera e nunca tive tanta consciência do valor daquilo que eu possuía, da minha imensa sorte em ser um tenista profissional. Ao mesmo tempo, entendi com muita clareza que a vida de um atleta é curta e pode ser reduzida ainda mais a qualquer momento. Eu não tinha tempo a perder e, dali em diante, aproveitaria qualquer oportunidade que aparecesse no meu caminho. A partir daquele momento, percebi que nunca saberia se a partida que eu estava disputando seria a última. Estive perto do fim da minha carreira no tênis, mas a experiência, por mais horrível que tenha sido, me fortaleceu mentalmente, me dando a sabedoria para entender que a vida – qualquer vida – é uma corrida contra o tempo.

Voltei ao meu ritmo bem mais depressa do que achava ser possível, chegando às semifinais em Marselha e vencendo o torneio seguinte, em Dubai. Lá, derrotei Federer na final, em uma quadra dura, a pior superfície para o meu pé. Essa vitória foi um fantástico estímulo para a minha confiança, pois vi que o velho Rafa estava de volta. O curioso é que o pé doía muito mais nos treinos do que nos torneios, e isso me incentivou. Titín tinha uma explicação, e eu sempre respeito suas opiniões. Ele dizia que, durante uma partida, as descargas de adrenalina e endorfinas agem como um analgésico natural e que, no momento da competição, me encontro em um estado de concentração tão profundo, tão distante do resto do mundo físico que, apesar de o desconforto existir, eu o sinto menos.

Diminuí os treinos ao voltar a jogar após o período me recuperando da lesão. Meu preparador físico, Joan Forcades, nunca havia recomendado corridas longas, algo que sei que

outros tenistas fazem. Quando corríamos, o fazíamos por cerca de meia hora. Depois da lesão, eliminamos completamente as corridas. Considerando que, em circunstâncias normais, disputo cerca de 90 partidas por ano, isso já era suficiente para me deixar bem condicionado em termos aeróbicos. Como reação direta à fragilidade do meu pé, também reduzimos a quantidade de treino em geral, tanto na quadra quanto em termos de preparo físico na academia. Antes da lesão, até os 18 anos, eu treinava cinco horas por dia ou mais; agora, treino três horas e meia, e com menos intensidade do que antes. Não treino durante duas horas com um desempenho de 100%; treino 45 minutos com um desempenho de 100% e procuro me dedicar a aspectos mais específicos, como o voleio e o serviço.

Nunca deixarei de ser um jogador que luta por todas as bolas. Meu estilo continua a se basear em defesa e contra-ataque. Porém, quando assisto a um vídeo da final da Copa Davis de 2004, por exemplo a partida contra Andy Roddick, vejo um dinamismo bélico que hoje não percebo mais com tanta frequência no meu jogo. Sou mais comedido, faço movimentos mais econômicos e tenho me empenhado em melhorar meu serviço, que ainda é mais fraco do que o de Federer e de vários outros jogadores. Assim, para o retorno às quadras em fevereiro de 2006, me dediquei conscientemente ao saque e, como Toni gosta de me lembrar, consegui aumentar significativamente a velocidade. Ele diz que, antes da lesão, eu sacava a 160 quilômetros por hora. Em Marselha, passei a sacar regularmente a mais de 200 por hora.

O saque mais rápido deveria ter me ajudado em dois grandes campeonatos dos quais sempre participo nos Estados Unidos no início do ano: o Indian Wells, na Califórnia, e o torneio de Miami, porém mais uma vez fracassei em ambos. Em Miami, fui eliminado na primeira rodada pelo meu velho amigo Carlos Moyá. Amigos, amigos, competições à parte – eu também não tinha facilitado as coisas para ele em nosso primeiro encontro, em Hamburgo, três anos antes.

Então voltei ao Mediterrâneo. O retorno a Monte Carlo naquele ano foi como uma volta para casa. Eu pisava de novo nas quadras de saibro exatamente onde vencera meu primeiro torneio da ATP. Mais uma vez, enfrentei Federer na final e venci. Depois, nos reencontramos na final em Roma. Foi um jogo duro, um verdadeiro teste para ver se eu de fato me recuperara da lesão. A partida, de cinco sets, durou cinco horas. Defendi dois match points e venci. Em seguida, veio Roland Garros e a oportunidade – que quatro meses antes eu achava que nunca teria – de defender meu reinado no Aberto da França. Para mim, era mais importante estar lá naquele ano do que no anterior, embora em 2005 tivesse sido minha primeira vez. Para mim e para minha família, a vitória significaria que o pesadelo pelo qual passamos havia sido, se não esquecido, ao menos exorcizado e que poderíamos retomar, com serenidade e confiança, uma trajetória vitoriosa que quase fora interrompida para sempre. Eu tinha algo a provar: queria mostrar que minha vitória em 2005 não tinha sido um fato isolado, que eu havia conquistado meu lugar junto aos vencedores de torneios do Grand Slam.

Cheguei à final por um percurso difícil, derrotando alguns dos melhores jogadores do momento, entre eles Robin Soderling, da Suécia; Lleyton Hewitt, da Austrália; e, nas quartas

de final, Novak Djokovic, da Sérvia. Um ano mais novo que eu, Djokovic era um jogador e tanto – temperamental, mas imensamente talentoso. Toni e eu tínhamos conversado sobre ele e eu observava sua ascensão havia algum tempo. Ele foi galgando posições no ranking rapidamente e eu tinha uma forte sensação de que, em breve, estaríamos páreo a páreo e que nós dois disputaríamos títulos com Federer. Djokovic tinha um serviço possante, além de ter tanto uma direita quanto uma esquerda rápidas, precisas e fortes – e muitas vezes deslumbrantes. Eu percebia que ele era muito ambicioso e tinha a atitude de um vencedor. Mais à vontade em quadras duras do que nas de saibro, ele era suficientemente competitivo para dificultar minha passagem pelas quartas de final em Roland Garros. Ganhei os primeiros dois sets por 6-4, 6-4 e estava me preparando para uma longa tarde de trabalho quando, infelizmente para ele, mas para minha sorte, Djokovic teve de se retirar do torneio por causa de uma contusão.

Na final, a disputa foi novamente com Federer. Perdi o primeiro set por 6-1, mas ganhei os três seguintes, o último em um tiebreak. Quando assisti ao vídeo depois, achei que o suíço, no geral, jogou melhor do que eu, mas, em uma atmosfera de alta tensão (ele, ávido para completar os quatro principais títulos; eu, desesperado para afastar os fantasmas do meu exílio), eu me destaquei.

Segundo Carlos Moyá, Federer não era o mesmo quando jogava contra mim. Carlos disse que eu o havia derrotado por exaustão, forçando-o a cometer erros incomuns para um jogador tão talentoso. Aquele era realmente o plano, mas também acho que ganhei porque vencera no ano anterior, o que me deu confiança, sobretudo contra aquele adversário. Seja como for, eu havia vencido meu segundo Grand Slam.

Depois de tudo o que passei, aquele foi um momento incrivelmente emotivo. Corri até as arquibancadas, como fizera no ano anterior, e, daquela vez, procurei meu pai. Abraçamo-nos e choramos. “Obrigado por tudo, pai”, disse eu.

Ele não gosta de demonstrar os próprios sentimentos e sentira a necessidade de se mostrar forte e sereno durante minha lesão, mas foi só naquele momento que percebi como ele tinha se empenhado para não desmoronar. Logo depois, abracei minha mãe, também aos prantos. Após a vitória, a única coisa que passava pela minha cabeça era que eu só tinha superado as dificuldades graças ao apoio deles. A vitória no Aberto da França em 2006 significou que havíamos passado pelo pior, sobrepujando um desafio que nos parecia destruidor, e tínhamos nos fortalecido. Sei que, para meu pai, aquele foi o momento de maior alegria em toda a minha carreira. Na visão dele, tendo aguentado uma partida contra o melhor dos melhores, meu pé suportaria muito mais por muito mais tempo. Para ele, que sabia mais do que ninguém o que eu sofrera, aquela era uma volta à vida.

Eu podia voltar a pensar, de forma realista, em realizar meu antigo sonho: vencer Wimbledon. Carlos Costa lembra que, em 2005, minha reação à primeira vitória no Aberto da França havia sido: “Muito bem, agora quero ganhar em Wimbledon.” Ele confessou que, na época, achou que eu estivesse sonhando alto demais, pois não acreditava que eu pudesse

vencer o tradicional torneio inglês. No entanto, depois da minha vitória em Roland Garros em 2006, Carlos disse que começou a mudar de ideia. Em parte porque a grama era a melhor superfície para o meu pé, mas, sobretudo, porque estava convencido de que eu tinha o temperamento para vencer uma competição daquela importância. Carlos, que como um grande ex-tenista tem certa deferência em relação ao Grand Slam, não achava, porém, que os outros dois grandes torneios, o Aberto dos Estados Unidos e o da Austrália, estivessem ao meu alcance. Mas Wimbledon estava. Então concordou com minha ideia de que, um dia, eu levantaria o troféu dourado.

Apesar de toda a minha determinação, a verdade é que eu não tinha a autoconfiança para vencer em Wimbledon quando a oportunidade surgiu, um mês depois. Cheguei à final, mas Federer me derrotou com mais facilidade do que a sugerida pelo placar de 6-0, 7-6, 6-7, 6-3.

No entanto, dois anos depois, em 2008, eu vencia por dois sets a um e o serviço era meu. Em termos de qualidade de jogo, o quarto set talvez tenha sido o melhor daquela final. Nós dois estávamos tendo nosso melhor desempenho, encerrando longos ralis com golpes indefensáveis e cometendo poucos erros. Eu estava um game na frente porque o primeiro serviço tinha sido meu e Federer servia sempre para permanecer na partida, mas foi bem-sucedido todas as vezes. Portanto, não se pode dizer que ele não é batalhador.

O set foi para o tiebreak e o primeiro serviço era meu. Àquela altura, na quadra central a multidão perdera todo o comedimento. Metade gritava “Roger! Roger!” e a outra, “Rafa! Rafa!”. No primeiro ponto, subi pela primeira vez à rede e lembrei de imediato por que faço isso tão raramente. O suíço rebateu com tranquilidade à minha direita. Um mau começo. Mas, em seguida, fiz uma série incrível. Confiante, dominando o meu jogo, marquei dois pontos no serviço dele. Depois, dando a Federer um pouco do seu próprio remédio, fiz um ace, seguido por outro bom saque indefensável. Eu vencia por 4-1. Se conseguisse confirmar os serviços que me restavam, seria o campeão de Wimbledon. Eu ainda não ousava imaginar a vitória, mas todas as minhas jogadas estavam dando certo, até meus saques. Não comemorei com os punhos fechados, como eu normalmente faria em circunstâncias semelhantes. Estava me mantendo o mais tranquilo e concentrado possível, tentando passar uma impressão de serenidade, lembrando o tempo todo que aquele era Federer, um tenista com mais capacidade de tirar um ás da manga do que qualquer outro.

O saque era dele e eu estava mais relaxado porque quebrara seu serviço duas vezes e estava na frente. Um ponto a meu favor no serviço dele seria um bônus inesperado, mas eu não contava com isso. Eu não estava sob a mesma pressão que ele para conquistar os dois pontos seguintes, o que me dava uma folga momentânea até meu próximo serviço. Eu disse a mim mesmo: “Atenha-se ao plano de jogo, continue a mandar topspins altos na esquerda dele.” Mas ele evitou a jogada e marcou o ponto seguinte com uma esquerda intensa no fundo da quadra.

Mudamos de lado quando eu estava vencendo por 4-2. Como de hábito, tomei um gole d’água de cada uma das minhas duas garrafas, ele voltou à quadra, eu o segui e corri para receber. O rali seguinte foi tenso e longo, com 15 lances. Nós dois jogávamos com precaução.

Eu estava refreando o desejo suicida de encerrar o rali com uma direita decisiva, mas a disputa terminou com ele perdendo a paciência primeiro e rebatendo uma bola com uma esquerda muito aberta. Permiti a mim mesmo um momento de comemoração: um soco no ar discreto, controlado e em câmera lenta. Nada muito expansivo, nada que a torcida pudesse ver, mas, por dentro – sem conseguir me segurar –, eu sentia que estava perto do fim. Sacando e vencendo por 5-2, eu achava que estava bem próximo de realizar o sonho da minha vida. E aquela foi a minha ruína.

Até então a adrenalina superara o nervosismo, mas de repente ele atropelou tudo. Era como se eu estivesse à beira de um precipício. Enquanto quicava a bola antes do meu primeiro serviço, pensei: “Onde devo mandar a bola? Devo ser corajoso e sacar em cima dele, tentando pegá-lo de surpresa, apesar de essa artimanha ter falhado dois sets atrás?” Eu não deveria ter pensado tanto. Deveria ter mandado um saque bem aberto na esquerda de Federer, como eu vinha fazendo até então. Mas mirei à frente e saquei para fora. Fiquei nervosíssimo. Eu entrara em um território desconhecido, nunca havia sentido nada parecido. Joguei a bola para cima e disse a mim mesmo: “Perigo de dupla falta: não erre.” Mas eu sabia que erraria. Estava muito tenso. Mandei o segundo serviço, fraco, direto na rede. O nervosismo estava acabando comigo e o motivo não era o medo de perder, mas o receio de ganhar. Eu desejava vencer Wimbledon, queria ganhar aquela partida, e ansiara por aquele momento a vida toda: essa era a verdade fundamental que eu havia me esforçado para esconder de mim mesmo ao me concentrar em cada ponto do jogo sem olhar para trás nem para a frente. Mas a tentação de olhar adiante foi forte demais e minha excitação à beira da vitória me traiu.

Embora você saiba que jogada deve fazer, o medo de vencer o paralisa e as pernas e a cabeça não reagem. O nervosismo toma conta do seu corpo e você não consegue resistir. No entanto, não era medo de perder, pois em nenhum momento senti que era incapaz de vencer. Nunca deixei de acreditar. Do início ao fim, senti que não merecia perder, que estava fazendo tudo certo e que me preparara da melhor maneira possível antes do início da partida.

Entretanto, enquanto eu me posicionava para sacar novamente com o placar em 5-3, essa convicção se fora. Perdi a coragem. Em vez de continuar a jogar e esquecer imediatamente a dupla falta, deixei que ela influenciasse meu saque seguinte. Pensei comigo mesmo: “Acerte o primeiro serviço de qualquer maneira. Não arrisque uma segunda dupla falta. Acerte o primeiro saque, de qualquer jeito!” E acertei, mas foi um saque fraco, num momento de covardia. Federer percebeu e logo partiu para o ataque. Sua devolução foi longa e eu a rebati com uma jogada curta. Ele mais uma vez devolveu uma bola longa e eu errei a esquerda de devolução, mandando uma bola fraca e baixa na rede. Não era uma devolução impossível – em 90% dos casos, não teria havido problema algum. Talvez eu até conseguisse fazer uma devolução indefensável. Mas meu braço tinha se contraído, meu ritmo estava acelerado, meu corpo estava fora de posição. Em vez de me inclinar e bater com convicção, minhas pernas ficaram desajeitadas, um emaranhado de nervos retorcidos.

O placar estava 5-4, o serviço era dele. A vantagem havia passado para Federer. Seu

primeiro saque foi ótimo, bem aberto na minha direita. Consegui devolver uma bola curta. Ele concluiu com uma jogada decisiva. Pensei: “Fiz besteira. Mas está 5-5 e eu ainda estou no tiebreak. Se eu marcar um ponto, este ponto, terei nas mãos um match point para me sagrar campeão de Wimbledon. Então, vou tentar este ponto.” Mas ele acertou outro ótimo saque e eu estava quase acabado. Agora, ele é que tinha o set point em mãos e o serviço era meu. De repente, eu não estava mais tão nervoso quanto antes, não estava tão preocupado em cometer uma dupla falta. Eu recuara do precipício. O medo de vencer tinha sumido e eu me encontrava em uma situação menos confortável, mas à qual estava mais acostumado: combater para salvar o set. Mandei o primeiro saque na rede, porém não pensava mais em dupla falta. Meu segundo serviço foi decente, o início de um longo rali no qual maltratei a esquerda de Federer. Mandei uma bola aberta, mas um pouco curta, na direita dele. Foi sua chance. Ele rebateu com uma ótima direita que passou bem aberta por mim.

Trocamos novamente de lado. Como sempre, Federer voltou à posição antes de mim. Eu me enxuguei e tomei goles d’água das duas garrafas. Em seguida, assumi minha posição para sacar. Finalmente, lancei um bom primeiro serviço, iniciando um rali no qual nós dois golpeamos a bola com força, mandando-a para o fundo da quadra – no caso do suíço, um pouco fundo demais. O árbitro marcou bola fora, mas ele contestou. A imagem na tela mostrou que o juiz de linha estava certo. Foi um momento de desespero para meu adversário, mas entendi. Eu teria feito a mesma coisa em uma hora tão crítica. O match point era meu; o serviço era dele. Mas ele reagiu como o grande campeão que é, disparando outro dos seus saques irrefreáveis.

Por desencargo de consciência, mais esperança do que expectativa, olhei para o juiz e contestei. A decisão o favoreceu. A bola caíra bem em cima da linha. Estávamos em 7-7 e um ponto incrível veio em seguida. A meu favor. Federer mandou um segundo saque longo, trocamos algumas bolas, ele disparou uma direita aberta e profunda na minha direita, eu atravessei o fundo da quadra, ele correu para a rede e mandei uma passada paralela. Uma jogada incrível.

Mais um match point para mim e eu controlara o nervosismo. Achava que merecia estar naquela posição e acreditava que estava prestes a conquistar Wimbledon. Burrice, pura burrice. Foi um dos raríssimos momentos em toda a minha carreira em que achei, antes do tempo, que fosse vencer. As emoções me dominaram e esqueci a regra de ouro que é mais importante no tênis do que em qualquer outro esporte: a disputa só termina no final.

O placar marcava 8-7 e eu tinha um match point e o serviço. Fiz o que precisava: um saque aberto na esquerda dele. A devolução foi curta, no meio da quadra, e aquele foi exatamente o primeiro momento em toda a minha vida em que, me aproximando para bater na bola, antes do impacto, fui tomado pela sensação eufórica de que a vitória era minha. Mandei uma direita no seu canto esquerdo e corri para a rede, achando que Federer fosse errar ou fazer uma devolução fraca que eu rebateria facilmente. Não foi o que aconteceu. Ele conseguiu mandar uma esquerda sensacional no fundo da quadra e eu nem cheguei perto da bola. Repeti esse

ponto na minha mente muitíssimas vezes. É como se ele tivesse ficado gravado no meu cérebro.

O que eu deveria ter feito de diferente? Eu poderia ter golpeado a bola com mais força, jogando-a mais para o fundo, ou poderia tê-la mandado para a direita dele. Mas, mesmo agora, acho que uma bola naquela direção não teria sido a coisa certa a fazer, porque, se eu a tivesse mandado na direita e ele tivesse devolvido uma passada, ou se tivesse devolvido e eu tivesse errado, eu teria ficado arrasado. Se tivesse me desviado do meu plano de sempre mirar na esquerda dele, eu saberia imediatamente que havia feito a escolha errada. Do ponto de vista psicológico, aquilo me afetaria muito. Portanto, fiz a escolha certa, embora a execução não tivesse sido tão eficaz. Mas não foi uma jogada ruim. Federer havia fracassado muitas vezes naquele retorno. Para ser justo comigo mesmo, ele fez uma jogada realmente fantástica, e em um momento de incrível pressão. No ponto anterior, eu fizera minha melhor jogada da partida e ele imediatamente reagiu à altura. Só mais tarde, quando tudo já havia terminado, pude refletir que foi por causa de momentos como aquele, no qual a dramaticidade chegou ao auge, que aquela final de Wimbledon foi tão especial.

A jogada o animou. Ele me fez correr muito no ponto seguinte, batendo na bola com uma confiança furiosa, encerrando-o com uma direita cruzada que eu não tinha como defender. Com o placar de 9-8, ele tinha a oportunidade de fechar o set, mas seu primeiro serviço foi para fora, fazendo com que a torcida reagisse com um insólito “Aaah!” decepcionado. Os espectadores não queriam que a partida terminasse. Desejavam um quinto set. E foi o que tiveram. Devolvi o segundo serviço de Federer para fora e voltei à estaca zero. Dois sets iguais – era como se a partida estivesse em zero a zero.

Maiorquinos

Não foi uma surpresa quando Sebastián Nadal e sua mulher, Ana María, rejeitaram a oferta aparentemente tentadora recebida pelo filho, na adolescência, de uma bolsa de estudos para jogar tênis em Barcelona. E foi menos surpreendente ainda ele ter reagido com alívio à decisão dos pais. A ilha exerce uma poderosa atração sobre Rafa: quando está longe, competindo em torneios internacionais, ele sente muita saudade de casa e sempre volta correndo assim que pode, no meio de transporte mais rápido disponível.

Isso revela muito sobre sua garra competitiva e um pouco sobre a distância entre suas personalidades esportiva e privada, demonstrando que ele só se sente pleno quando está em casa. Nadal, o tenista, triunfa nas quadras de qualquer lugar; já Nadal, o homem, é um peixe fora d'água longe de Maiorca.

Os motivos têm a ver com a forte noção de identidade que caracteriza os ilhéus, mas também com o fato de Maiorca ser o único lugar no mundo onde ele se sente uma pessoa comum, onde a natureza dos habitantes faz com que o relacionamento entre eles seja como Rafa acredita que deveria ser: baseado não no que ele conquistou, mas em quem ele é.

Os Nadal se orgulham de acreditar que definem, e são definidos, pela cultura maiorquina, que se manifesta sobretudo por meio dos laços familiares, o alicerce sobre o qual repousam a determinação e a resistência mental de Rafael. A força da união familiar em Maiorca é incomum até mesmo no restante do país, que tem uma tradição católica tão arraigada. Também são características dos espanhóis sua lealdade e a noção de pertencimento em relação à cidade ou à aldeia de seus antepassados. No entanto, os maiorquinos também dão um passo além, ainda mais no caso dos Nadal, que mantêm as relações mais próximas no âmbito de Manacor, sua cidade natal e terceiro maior centro urbano da ilha.

Sebastián e Ana María nasceram e foram criados em Manacor, assim como seus pais e avós e também Rafa e María Francisca, namorada dele há mais de cinco anos. O tenista se identifica tanto com sua cidade natal que é difícil imaginá-lo tendo um relacionamento com uma mulher de outro lugar. Seu habitat natural é Manacor, por isso envolver-se com alguém de Miami ou Monte Carlo seria quase tão estranho quanto o cruzamento de duas espécies diferentes.

Todo o círculo familiar mais amplo de Rafa, que se estende por três gerações, vive em Manacor ou no balneário-satélite de Porto Cristo. E seus amigos mais íntimos, entre os quais Rafael Maymó, seu fisioterapeuta, também são quase todos da mesma cidade. Dois amigos próximos que não são de lá, Carlos Moyá e o preparador físico Joan Forcades, nasceram perto, em Palma, capital de Maiorca.

Também há uma explicação para a presença de dois catalães, Carlos Costa e Jordi Robert, na equipe de profissionais que acompanham Rafael por todo o mundo. Para os maiorquinos, existem dois tipos de “estrangeiros”: os catalães e os outros. A proximidade do idioma e da geografia – Barcelona, a capital da Catalunha, fica a apenas meia hora de avião – confere aos catalães o status de primos de primeiro grau. Benito Pérez Barbadillo, que nasceu na Andaluzia, é estimado e acolhido com afeto pelo grupo, porém obedece a códigos diferentes, tem uma personalidade decididamente extrovertida – como os andaluzes costumam ter – e, portanto, é visto com certo ar de diversão e perplexidade, como uma pessoa estranha.

A tendência dos maiorquinos de se manterem unidos fez com que os visitantes do restante da Espanha considerassem os ilhéus “desconfiados”. Uma rápida análise da história da ilha explica por que isso talvez seja verdade. Maiorca, um pontinho minúsculo no mapa da Europa, é alvo de invasores e ocupantes estrangeiros há pelo menos 2 mil anos. Primeiro foram os romanos, depois os vândalos, os mouros, os espanhóis e, em uma expansão turística que começou há 50 anos, os visitantes britânicos e alemães – os “bárbaros do Norte”, segundo a população local –, dos quais muitos ficaram e colonizaram os recantos mais pitorescos da ilha. (A população permanente de Maiorca é de cerca de 800 mil habitantes, mas um universo paralelo de 12 milhões de turistas visita a ilha todos os anos.)

Durante todo esse tempo, piratas atacaram o litoral de Maiorca. Talvez isso ajude a explicar por que era comum encontrar, até meados do século passado, camponeses maiorquinos que nunca haviam pensado em chegar perto do mar – ou que nunca o tinham visto – e que perguntavam: “O que é maior, Maiorca ou o que existe além daqui?”

Para coexistir com os estrangeiros, eles assumiram uma atitude de passividade silenciosa, distante e prudente.

Sebastián incentiva os forasteiros que desejam entender a cultura de sua terra natal a ler um pequeno livro chamado *Dear Mallorcans* (Caros maiorquinos). Essa obra reforça a ideia do restante dos espanhóis de que os ilhéus são “fleumáticos” e estão “sempre prontos para ouvir, mas nem sempre para falar”. Essa é uma boa descrição de Sebastián e Rafa, mas não do conversador Toni, o que de certa forma explica a percepção da família de que o treinador é um pouco desajustado.

No entanto, se Rafael conquistou o cenário do tênis e se tornou conhecido em todo o mundo é porque, em determinados aspectos importantes, ele – e Toni – desafiou os estereótipos que

definem os ilhéus. “Em Maiorca, as pessoas buscam o sucesso mais no prazer de viver do que no trabalho e têm uma concepção do tempo mais ligada aos prazeres do ócio do que aos resultados materiais do esforço”, é o que nos informa *Dear Mallorcans*. Em sua inusitada aplicação da ética protestante de trabalho, Rafa tem mais em comum com os recentes colonizadores alemães do que com os ancestrais nativos de Maiorca. Carlos Moyá, também nascido na ilha e campeão de tênis, mas, segundo ele mesmo, muito menos ambicioso que o amigo Rafael, afirma que o ímpeto e o desejo de triunfar tanto de Rafa quanto de Toni não têm relação alguma com o temperamento maiorquino, que ele descreve como “descontraído, quase caribenho”.

Fora do tênis, porém, Rafael demonstra o que a bíblia da ilha descreve como a atitude lânguida dos maiorquinos em relação ao tempo. Por natureza, ele não é pontual e, se estiver se divertindo com os amigos, não vai pensar duas vezes em ficar fora de casa até as cinco da manhã. A diferença entre eles é que, rompendo com os costumes da ilha, o jogador sem dúvida vai acordar quatro horas depois e se dirigir à quadra de tênis para treinar. Quando o esporte ao qual dedicou a vida o chama, Rafa deixa de ser um filho hedonista do Mediterrâneo e se torna um exemplo de abnegação disciplinada.

Seus compatriotas maiorquinos o respeitam pelo caminho diferente que escolheu e pelo sucesso que ele levou à ilha, mas se recusam a ficar impressionados com suas conquistas. “Maiorca não é um lugar que produz muitos heróis”, diz *Dear Mallorcans*, “e seus poucos filhos ilustres não são nem um pouco festejados”. A verdade dessa afirmação é a razão para Manacor ser o único lugar do planeta em que Rafa pode caminhar pela rua em pleno dia com a certeza de que não será assediado por alguém em busca de um autógrafo ou de uma fotografia, nem cercado por estranhos. Esse é outro exemplo da costumeira discricção dos ilhéus. Qualquer tipo de ostentação é malvisto (“Quem ele pensa que é?” seria a reação dos moradores se o sucesso de Rafa tivesse mudado seu jeito de ser) e, da mesma maneira, cobrir alguém de elogios, por mais merecidos que sejam, também é considerado de mau gosto. “Qualquer um que tentar erguer a cabeça acima da multidão será decapitado”, diz o livro. Quando não está jogando, Rafa não tem desejo algum de erguer a cabeça acima dos outros, pelo contrário. É por isso que Maiorca é o único lugar onde ele pode se desligar totalmente, afirma sua mãe. “Se ele não pudesse voltar para cá depois dos torneios, enlouqueceria”, diz ela.

Para Rafael Nadal, cuja vida no tênis é um frenesi, a volta para Maiorca significa paz.

“UMA INVASÃO DA MAIS PURA ALEGRIA”

HÁ PARTIDAS EM QUE, no set final, ainda tenho algumas cartas na manga e sinto que meu jogo pode melhorar. Porém não daquela vez. Não no início do quinto set em Wimbledon. Eu estava jogando tudo o que sabia, mas perdera os dois últimos sets para Federer em tiebreaks. O perigo era deixar que aquilo me afetasse e eu perdesse a confiança. O suíço estava fazendo comigo o que eu tinha feito muitas vezes com outros jogadores: ele salvara uma situação muito difícil; estava reagindo a partir de probabilidades escassas, marcando os pontos mais críticos. Eu acabara de jogar fora uma grande chance de vitória. Para complicar ainda mais, ele estava servindo primeiro. Isso era uma vantagem no set decisivo porque, provavelmente, eu teria de confirmar cada um dos meus games de serviço para permanecer na partida. Em 25 games, nenhum dos dois tinha quebrado o saque do outro e tanto eu quanto ele estávamos dando o melhor. Portanto, era improvável que eu quebrasse o serviço dele de início. Mas eu estava pensando direito. Por fora estava pegando fogo, mas, por dentro, permanecia frio. Sentado em minha cadeira à espera do início do set, eu não lamentava a perda dos dois últimos sets nem estava deixando minha incapacidade de aproveitar a vantagem de 5-2 no último tiebreak me corroer. A dupla falta estava esquecida. Eu pensava de modo pragmático, como meu pai sempre faz quando está sob pressão. Resistir significa aceitar. Aceitar as coisas como elas são e não como você gostaria que elas fossem e, em seguida, olhar para a frente, não para trás – ou seja, conscientizar-se de onde você está e pensar com frieza. Eu dizia a mim mesmo: “Não se preocupe em quebrar o serviço dele no primeiro game, concentre-se em confirmar seu serviço no segundo.” Do contrário, se eu cometesse um erro no meu serviço, ele ganharia por 3-0 e eu ficaria mentalmente arrasado. A vitória pareceria ainda mais longe, mesmo que ele só quebrasse meu serviço aquela única vez. Minha prioridade era confirmar meu primeiro game de serviço e os dois seguintes. Por vir de uma dinâmica muito positiva, ele estava mais perigoso do que nunca. Mas eu sabia o que tinha de fazer: se eu conseguisse confirmar aqueles três primeiros games de serviço, o placar chegaria a 3-3 e eu teria interrompido seu ímpeto. O vento não estaria mais a seu favor e voltaríamos a uma posição de igualdade no jogo que se desenrolava na mente de ambos, oculto da torcida. O menor erro por parte dele e eu estaria prestes a vencer; o menor erro de minha parte e ele teria a vitória nas mãos. Eu queria ter certeza de que confirmaria meu serviço até chegarmos ao estágio da partida em que tudo poderia acontecer.

A derrota para Federer em cinco sets no ano anterior em Wimbledon, depois de perder quatro break points no set final, tinha me assombrado, mas aquele era o momento do jogo no qual a experiência de derrota se revelava valiosa. Eu estivera muito próximo da vitória naquela ocasião, sabia que poderia ter vencido, mas não o fiz porque, em muitos pontos, as emoções tomaram conta de mim. Não estava preparado mentalmente para enfrentar o nervosismo e a tensão inevitáveis.

Era do que eu precisava naquele momento, porque o set seria, como dizemos na Espanha, “de matar do coração”. Ao olhar rapidamente para meus familiares, pude perceber que eles estavam paralisados pelo medo, lembrando-se de 2007. Eu também recordava aquele episódio, mas de maneira construtiva. Aprendera minha lição e sentia que era capaz de colocá-la em prática. Então comecei o quinto set me sentindo ágil e solto, acreditando que fosse vencer. O fato de ter desperdiçado minha chance no quarto set tinha me fortalecido, em vez de enfraquecer, pois eu não ia falhar novamente cometendo o mesmo erro. Eu não cometeria outra dupla falta com um saque fraco. Não ia pensar em vencer a partida, mas em marcar o ponto. Eu ia deixar que o instinto assumisse o controle, que milhares de horas de treino entrassem naturalmente em ação.

Dois anos antes, após eu ter derrotado Federer no Aberto da França e perdido para ele na primeira das nossas três finais em Wimbledon, pensei que seria mais fácil ele fechar o Grand Slam com uma vitória em Roland Garros do que eu algum dia triunfar na quadra central. Desde 2006, eu era o número 2 no ranking mundial, sempre atrás dele, mas nunca me aproximando o suficiente. Mais do que um período de grandes saltos, aquela foi uma época de manutenção do ritmo. Tive ótimos momentos em quadras de saibro novamente em 2007 e 2008, vencendo o Aberto da França pela terceira e quarta vezes, estabelecendo minha autoridade naquele torneio da mesma maneira que Federer em Wimbledon. Fiquei especialmente satisfeito ao estabelecer um recorde em Monte Carlo, minha segunda casa, e me tornar, em 2008, o primeiro tenista profissional a vencer aquele torneio quatro vezes consecutivas. Derrotei Federer por 7-5, 7-5 na final e imediatamente senti um forte desejo de voltar para casa assim que possível. Por mais que eu gostasse do lugar, não desejava ficar outra noite em Monte Carlo. Queria voltar logo para casa e a única solução era pegar um voo de baixo custo até Barcelona e lá fazer uma conexão para Palma. Eu me lembro dos passageiros me olhando com uma expressão de incredulidade no aeroporto de Nice quando embarcamos no avião laranja da easyJet. Eles demonstraram surpresa ao me ver na fila para comprar uma bebida e um sanduíche. Um deles me perguntou por que eu não viajava em um jatinho particular. A verdade é que não gosto. Eu poderia insistir para que um dos meus patrocinadores deixasse um avião à minha disposição, mas não me sentiria à vontade. É ostentação demais para mim. Além disso, não gosto de abusar do relacionamento que mantenho com eles. Mas, depois de embarcar e lutar para fazer o imenso troféu de Monte Carlo caber no compartimento de bagagem em cima do meu assento, fiquei pensando se havia feito a escolha certa. Todos no avião riam e batiam palmas, enquanto eu tentava de tudo para

colocar o troféu no lugar. Um outro passageiro me perguntou se, além de Federer, havia algum adversário de verdade para mim. Não hesitei em responder: “Novak Djokovic. Daqui a uns dois anos, ele vai ser um grande desafio para nós.”

O sérvio já estava me dando trabalho. Embora eu o tivesse derrotado em Indian Wells em 2007, vencendo meu primeiro torneio em solo americano, perdi para ele no torneio seguinte, o Miami Masters. Também o venci nas semifinais do Aberto da França e de Wimbledon naquele ano, depois fui derrotado no Canadian Masters, do qual ele se sagrou campeão. Quando nos enfrentamos novamente em 2008, perdi para ele em Indian Wells, antes de derrotá-lo em Hamburgo e no Aberto da França. Mas ele vencera um Grand Slam em janeiro daquele ano – o Aberto da Austrália –, aos 20 anos. Todo mundo ainda prestava atenção em mim e em Federer, mas nós dois sabíamos que Djokovic era o astro em ascensão e que seria ele, mais do que qualquer outro jogador, quem ameaçaria nossa hegemonia. Além disso, havia um fato ainda mais desconcertante: ele era mais jovem que eu, o que era uma novidade. Até aquele momento, tanto no tênis como nas ligas juniores de futebol de Maiorca, eu me acostumara a ser o garoto mais jovem com a audácia de enfrentar e derrotar os mais velhos. De repente, alguém mais novo surgiu no circuito de tênis e passou a me derrotar. Mesmo quando eu vencia, os jogos eram difíceis. Se minha lesão no pé não me obrigasse a parar, Federer abandonaria as quadras antes de mim. Djokovic, no entanto, me perseguiria até o fim da minha carreira, tentando de tudo para me ultrapassar no ranking.

No saibro, eu levava vantagem sobre ele, e também sobre Federer e todos os outros, mas, em quadras duras, eu tinha dificuldades. Aquela era a superfície que exigia maior esforço para que eu me adaptasse. Eu não conseguia dar o salto necessário nas superfícies mais rápidas, tendo avançado pouco até então na Austrália e menos ainda no torneio do Grand Slam que, para mim, parecia ser o mais difícil: o Aberto dos Estados Unidos. Nunca estou satisfeito, sempre quero mais. Ou melhor, quero chegar ao limite das minhas capacidades.

Enquanto isso, eu ganhava mais dinheiro do que jamais havia imaginado, apesar de eu nunca ter pensado em comprar um apartamento em Monte Carlo, Miami ou mesmo em Maiorca. Estava muito feliz em continuar morando com meus pais. Mas não se tratava de frugalidade. Meu sonho era ter um barco e ancorá-lo em Porto Cristo. De vez em quando, pensava em comprar um carro sofisticado, uma fantasia que tomou forma em um dia de junho durante o Aberto da França de 2008.

Estava passeando com meu pai quando passamos por uma loja de carros esportivos de luxo. Parei, vi aquele automóvel lindo na vitrine e disse a ele:

– Quer saber? Acho que eu gostaria de comprar um desses.

Meu pai olhou para mim como se eu tivesse enlouquecido. Entendi a reação dele, era o que eu esperava. Não há nada escrito a respeito nem lei alguma que proíba, mas eu sabia tanto quanto ele que um carro como aquele podia ser interpretado pelo resto da família e por nossos vizinhos em Manacor – e até por meu próprio pai – como uma extravagância ostentatória e vulgar. Fiquei um pouco encabulado. Mas, no fundo, eu ainda queria aquele carro. Se meu pai

tivesse dito “Não, de forma alguma”, eu teria desistido imediatamente da ideia. Não teria ido em frente e comprado o carro sem a aprovação dele. Mas, em vez disso, ele fez uma proposta, a seu ver, traiçoeira:

- Bom, se vencer Wimbledon este ano, poderá comprar um desses. O que você me diz?
- E se eu ganhar o Aberto da França aqui em Paris esta semana? – rebati.

Ele sorriu e respondeu:

- Não, nada disso. Se vencer em Wimbledon, você poderá comprá-lo.

Como eu bem sabia na época, ele falava com a convicção maliciosa de que Wimbledon não estava ao meu alcance naquele ano. Mas meu pai nunca imaginou que perderia aquela aposta. Um mês depois, em junho, no início do set final na quadra central do tradicional estádio de tênis inglês, aquele carro esportivo foi mais um incentivo para que eu derrotasse Roger Federer e vencesse o torneio do Grand Slam que todos os jogadores mais prezam.

Achando que estava muito calmo, apesar do nervosismo óbvio, não me cobri de glória no primeiro ponto do serviço de Federer. Depois de uma troca de bolas acirrada, forcei-o a uma esquerda fraca, um golpe com o aro da raquete, que fez a bola apenas passar da rede. Em vez de tentar uma jogada decisiva, optei por uma deixadinha. Tenta-se um lance desse tipo quando não há alternativa, quando a bola cai longe demais para que seja possível fazer alguma outra coisa, ou quando seu adversário teve de ir para o fundo da quadra e terá pouca chance de alcançar a bola. Mas, às vezes, você tenta uma jogada assim por causa do nervosismo, a bola parece arriscada demais e você não ousa golpeá-la com força. E foi o que fiz. Houve certa covardia por trás daquela jogada. Ele a defendeu e a devolveu me encobrindo na minha esquerda, então me estiquei para alcançar a bola, mas a mandei para fora. Foi um início ruim.

Era importante não reforçar a ideia, que talvez estivesse surgindo na mente do suíço, de que eu estava enfraquecendo, que eu continuaria a perder as oportunidades que aparecessem. Então pensei: “Apesar do nervosismo momentâneo, estou me sentindo bem. Na próxima oportunidade, por menor que seja, vou arriscar uma devolução forte.” Foi exatamente o que fiz no segundo saque, muito aberto, que ele lançou. Desferi uma direita cruzada muito além do seu alcance. Na verdade, não tive a intenção de bater tão bem, tão perto da linha, mas não posso reclamar do resultado.

Federer marcou o ponto seguinte com um saque poderoso, depois sucumbiu ao nervosismo como acontecera comigo no primeiro ponto. Lançou um primeiro saque possante que devolvi sem força, mas, em vez de desferir um golpe violento, tentou uma deixadinha. Só que, daquela vez, a bola nem ultrapassou a rede. Tendo como objetivo naquela altura do set apenas confirmar o serviço, vi uma oportunidade inesperada surgir de repente com o placar em 30 iguais, mas ele mandou dois primeiros serviços poderosos e venceu o game. Depois, perdi o primeiro ponto no meu game de serviço, batendo uma direita aberta demais. Nunca é bom começar com 0-15 em seu game de serviço, ainda mais àquela altura, quando cada ponto era crítico. Eu lutava para confirmar meu serviço – e a torcida, cujo nível de energia só aumentava à medida que a partida avançava, sabia disso. Permaneci composto e impassível.

Marquei o ponto seguinte, depois Federer deixou que eu percebesse como ele estava ansioso ao contestar uma direita minha que caiu claramente na linha. Nosso jogo não estava no mesmo nível do quarto set. Estávamos nos sondando, nervosos. A diferença entre nós era que meus primeiros serviços não estavam dando certo, ao passo que os dele estavam, mas, depois nós dois erramos, venci o game em 30. Cerrei o punho direito. Olhei para minha irmã, meus tios e minha tia. Eles acenaram com a cabeça em sinal de incentivo. Estavam sérios. Alguns dos outros torcedores talvez estivessem sorrindo, mas não meus familiares.

O serviço era de Federer e o placar marcava 1-1. Ao que parecia, seu primeiro serviço saía certo todas as vezes. Mas era só isso que funcionava bem em seu jogo. Toda vez que eu conseguia um pouco de iniciativa, ele errava jogadas simples. Depois, de modo inesperado, ele cometeu uma dupla falta e o game foi para 40 iguais. Nenhum de nós dois estava em seu melhor momento, mas eu jogava menos pior. Ele parecia ter perdido o ímpeto vencedor do quarto set. A maré estava virando ligeiramente para o meu lado. Então, bati uma direita desnecessariamente longa e balancei a cabeça. Não gritei de raiva, que era o que eu tinha vontade de fazer, mas fiquei chateado comigo mesmo por dar um ponto de presente quando toda a pressão deveria estar sobre ele. No ponto seguinte, optei por outra deixadinha, mas dessa vez de ataque, boa demais até para que ele fizesse o esforço de alcançá-la. Então ele marcou os dois pontos seguintes e fechou o game.

Tive de confirmar meu serviço outra vez e evitar que ele se distanciasse no placar. Mas eu me sentia cada vez mais confiante e percebi que o enorme esforço que ele fizera para compensar os dois sets perdidos estava começando a esgotar sua energia. Teríamos de ver se Federer seria ou não capaz de manter o mesmo nível demonstrado no terceiro e no quarto sets, que ele vencera por uma margem mínima. Talvez essa fosse uma interpretação otimista da situação naquele momento, mas a alternativa – deixar que pensamentos negativos penetrassem na minha mente – seria suicídio.

Confirmei meu serviço com muito mais facilidade do que ele no game anterior graças, em parte, a um erro terrível que o suíço cometeu. Mais uma vez, fiz uma deixadinha ruim – minha mente entrou em pane por uma fração de segundo –, mas Federer, mesmo com uma oportunidade clara para desferir um golpe indefensável, mandou uma bola longa demais, o que poderia acontecer com um jogador amador. Àquela altura, a situação não era maravilhosa, estávamos em 2-2 e eu havia marcado muito mais pontos no set do que ele, o que não influía em nada no placar, mas o deixava sob uma pressão maior.

O vento ficou mais forte e olhei para o céu. Estava escurecendo rápido, o que dificultava o trabalho dos juízes de linha. Cada um de nós fez uma contestação no quinto game, no serviço dele, e ambas foram decididas a meu favor. O placar chegou a 40 iguais e então começou a chover. Federer sinalizou que queria interromper a partida e o juiz concordou, o que não foi uma boa notícia para mim. Eu liderava por dois sets quando houve a primeira interrupção por chuva. Depois, ele voltou e venceu os outros dois sets. No início do quinto set, nós dois estávamos jogando pior do que em qualquer outro momento da partida, mas seu desempenho

era ainda pior do que o meu, seu serviço provando ser sua única arma. Apesar disso, não era eu quem lutava para confirmar o serviço. Acho que eu estava em melhor forma e, no cômputo geral, teria sido melhor para mim não parar naquele momento. Ele, mais do que eu, precisava de uma pausa.

Toni parecia pensar a mesma coisa, a julgar pela sua expressão quando ele e Titín se juntaram a mim no vestiário. Descobri quando conversamos sobre o jogo, muito mais tarde, que o restante da família achava que o destino estava conspirando contra mim. Meu pai disse que as duas interrupções por causa da chuva, sobretudo a segunda, foram uma tortura para ele. Segundo sua lógica, teria sido melhor continuar, porque retomar o ritmo de jogo era algo mais penoso para mim do que para Federer. “Na minha mente, a chuva significava que você estava condenado a perder”, confessou meu pai mais tarde.

Minha mãe conseguia enxergar que eu estava jogando melhor do que o suíço naquele momento e tinha certeza de que a chuva, ao interromper meu ímpeto, favorecia Federer. Os demais familiares presentes na quadra central tinham a mesma opinião. Eles perguntavam a si mesmos o que podiam ter feito de errado para ter de suportar tal tormento e mal conseguiam assistir à partida. Todos pensavam: “Se eu estou me sentindo assim, como estará Rafael?”

O rosto de Toni no vestiário mostrava seu desagrado. Titín, que entrou com ele, estava impassível e não deixava que nada transparecesse, esperando que eu definisse o clima. Mais tarde, ele admitiu que estava com os nervos em frangalhos, mas que disfarçou os sentimentos atrás da máscara do dever profissional, trocando minhas ataduras, examinando cuidadosamente meu pé esquerdo, que, felizmente, permanecia dormente, sem me causar nenhum incômodo. Titín abaixou a cabeça e, em silêncio, executou suas tarefas. A incumbência de Toni era, como sempre, encontrar as palavras certas para a ocasião. Porém daquela vez ele teve dificuldade. Mais tarde, ele reconheceu que se conformara com minha derrota depois que a chuva começou a cair no quinto set. Tentou disfarçar, reprimir o que realmente estava sentindo, e deu início a um breve discurso que eu já ouvira antes e que, como eu podia notar, não era de fato sincero. Eu estava sentado no banco quando ele se aproximou e disse: “Por menor que seja a possibilidade de vitória, lute até o fim. A recompensa é grande demais para que você não se esforce. Muitas vezes, por causa do desânimo ou da exaustão, os jogadores não travam a batalha que a situação exige, mas, se houver uma única chance, apenas uma, você deverá lutar até que tudo esteja perdido. Se conseguir chegar a 4-4, não será o melhor jogador que vencerá, e sim o que tiver mais controle dos nervos.”

Obviamente, Toni entrara no vestiário supondo que eu estaria arrasado por causa das oportunidades perdidas no terceiro e quarto sets, convencido de que não teria outras chances como aquelas. Por isso acreditava que teria de enfrentar a missão impossível de tentar levantar meu moral. Mas ele estava enganado. Ele se baseou na experiência do ano anterior, tão assustado quanto os demais familiares por causa do meu estado após a derrota. Eu, no entanto, seguia outro roteiro e ele ficou surpreso com minha resposta.

“Relaxe, não se preocupe. Estou calmo. Consigo dar conta. Não vou perder.”

Toni ficou perplexo, não sabia o que dizer.

“Bem”, continuei, “talvez ele acabe ganhando, mas não vou perder como no ano passado”.

Eu queria dizer que, independentemente do que acontecesse, não entregaria a vitória de bandeja para Federer. Não ia baixar minha guarda e não me decepcionaria comigo mesmo. O suíço também teria de lutar por cada centímetro avançado e eu não cederia terreno. No vestiário, daquela vez, ao contrário do que ocorrera durante a primeira interrupção por causa da chuva, quem permaneceu em silêncio foi ele – eu estava conversando. Depois que Toni se recuperou da surpresa de perceber que não precisava me animar, conversamos sobre o jogo em termos mais técnicos. Mencionei alguns erros que cometi no quarto set, mas não para me autocriticar. Eu achava que, ao falar sobre eles, me lembraria daqueles lapsos e não os repetiria. Recordei meus erros no tiebreak do quarto set, quando cheguei a ficar na frente por 5-2, e os dois match points que perdi, não tanto como oportunidades desperdiçadas – que era como Toni os via –, mas como prova de que eu tinha chegado muito perto da vitória, acuando Federer. Se eu voltasse a ter oportunidades semelhantes, não fracassaria. Como lembrei a Toni, eu também não havia perdido meu serviço nenhuma vez, ao passo que Federer teve o dele quebrado duas vezes, embora tivesse convertido cerca de cinco vezes mais aces do que eu. Além disso, se eu já tinha vencido dois sets, por que não poderia vencer um terceiro?

Meu pai, minha mãe e todos os outros confessaram depois que, quando Toni voltou do vestiário, ficaram pasmos ao ouvir dele como meu humor estava alegre e positivo. Alguns se perguntaram se eu estava apenas fingindo para enganar a mim mesmo ou para acalmá-los. Toni admitiu que teve as mesmas dúvidas, mas que havia algo em meu tom de voz e em meus olhos que transmitia veracidade. Eu sabia que aquele era o meu momento.

Titín também sabia. Conversamos sobre isso várias vezes depois. Assim como Toni, meu fisioterapeuta esperava algo diferente, mas descobriu que, no fim da partida, eu parecia mais confiante e muito mais à vontade do que antes do jantar na noite anterior, quando jogamos dardos, ou nos treinos daquela manhã ou durante o almoço. Depois de meia hora, quando a chuva parou, Titín saiu do vestiário acreditando, assim como eu, que finalmente havia chegado a minha vez de vencer Wimbledon.

O placar marcava 2-2 e 40 iguais, com Federer sacando. Ele disparou dois aces e fechou o game. Eu não podia fazer nada a respeito. Aces são como a chuva: você os aceita e segue em frente. Reagi com uma ótima direita indefensável no início do meu game de serviço, que venci com ele só marcando um ponto e chegando a 15 no placar. Depois, ele confirmou seu serviço com facilidade, fechando o game com outro ace sem que eu fizesse nenhum ponto. No game seguinte, em que o serviço era meu, eu perdia por 4-3 e ele teve sua chance. Federer marcou o primeiro ponto depois que bati uma direita aberta demais. Contestei, mas sem muita convicção: 0-15. Chegamos a 30-30 e então, de repente, ele mandou uma direita decisiva no fundo da quadra, me pegando no contrapé quando eu esperava que a bola viesse para a minha esquerda. Eu estava perdendo, 30-40. Era o primeiro break point do set e um dos pontos mais importantes da minha vida. Não pensei nas consequências. Não pensei que, se perdesse aquele

ponto, ele assumiria a liderança por 5-3 e, da maneira como ele estava sacando, certamente venceria a partida. Pensei apenas: “Concentre cada átomo de energia, cada célula do seu cérebro e tudo o que você já fez na vida em marcar o próximo ponto.” Tive a sensação de que ele tentaria bater com força na bola, numa jogada decisiva rápida, portanto eu precisaria impedir que ele tivesse aquela oportunidade. Para fazer isso, eu devia atacar primeiro. Naquele momento, era necessário variar o plano de jogo, pegá-lo de surpresa, fazer o inesperado. Em vez de mirar o primeiro serviço em um ângulo aberto na esquerda dele, como eu estava fazendo em 90% dos meus saques, mandei-o direto em cima dele, forçando-o a devolver a bola com uma direita estranha que só chegou na metade da quadra. Sabia que ele esperava que eu mandasse uma bola alta na sua esquerda, mas o surpreendi novamente. Aquele não era um momento para meias medidas. Eu havia superado meus temores e chegara o momento de atacar, então abri meu peito e bati uma direita forte e longa em seu canto direito. Federer só pôde se esticar e reagir com um lob que entrou em órbita, mas caiu perto da rede. Arrematei o ponto fazendo a bola bater com força na grama e ir parar na parte alta das arquibancadas da quadra central. Agitei o punho. Eu nunca tinha disputado um ponto tão tenso com tanta coragem, inteligência e precisão. Marquei o ponto seguinte e depois fechei o game, surpreendendo-o no contrapé com uma direita precisa e decisiva no seu canto esquerdo.

O placar marcava 4-4. Eu estava onde queria e era o momento de lutar, jogar de maneira agressiva, apostar tudo ou nada em cada ponto, esperar minha chance para dar o bote. Se alguém chega ao quinto set de uma partida como aquela, é porque está jogando suficientemente bem para correr o risco de passar para o ataque. Além do mais, àquela altura, não havia outra opção. Toni dissera que, se chegássemos a 4-4, o vencedor seria o jogador com maior capacidade de controlar os próprios nervos. Senti que os meus estavam sob controle. Também percebi que os espectadores na quadra central estavam torcendo para mim. No set anterior, eles haviam torcido por Federer porque queriam que a partida chegasse a cinco sets, mas, naquele momento, os gritos de “Rafa! Rafa!” se sobrepunham aos de “Roger! Roger!”. É claro que gosto do apoio da torcida, mas o aprecio mais depois do fim da partida, ou quando assisto ao vídeo do jogo, do que durante a ação. Quando estou jogando, não posso permitir que nada me distraia, nem mesmo o apoio dos torcedores.

Talvez estivessem a meu favor por achar que eu estava jogando melhor e merecia a vitória. Era assim que eu me sentia com a disputa se aproximando do fim. Federer não estava batendo na bola com tanta elegância quanto eu e até errava algumas direitas, em geral o lance mais forte do seu jogo. Eu estava ganhando a batalha dos nervos e ele parecia mais cansado que eu. A diferença era que ele tinha uma arma que faltava a mim: um bom saque. Esse era o fundamento que sempre o tirava dos apuros e também o que o fez vencer o game seguinte, assumindo a dianteira por 5-4. Eu teria de sacar não apenas para evitar a quebra do serviço, mas para salvar o jogo.

Eu não podia me equiparar a ele em termos de potência do saque, mas podia ser mais esperto. E foi o que fiz, convertendo um ace e marcando o primeiro ponto: 15-0. Não fiz o ace

porque bati na bola com força, mas porque ele estava esperando o saque na sua esquerda e eu mandei uma bola bem aberta à sua direita. Eu me sentia confiante e transmiti essa sensação. Venci o game com certo conforto, e ele só chegou a 30 no placar. Depois, foi ele que se viu em apuros. Eu estava vencendo por 15-40 no serviço dele após uma direita paralela de efeito no canto esquerdo da linha de fundo. Dois break points e eu estava voando, mas, depois, um golpe: ace! E outro ótimo saque. Ele venceu o game e assumiu a liderança do placar por 6-5. Meu consolo era saber que, ao contrário do momento no terceiro set no qual perdi a oportunidade de quebrar o serviço dele em 0-40, daquela vez a culpa não fora minha. A batalha mental que eu travava era de outro tipo: combater minha crescente frustração por causa da eficácia mecânica do serviço de Federer. Eu sabia que, quando um ponto começava a ser disputado, a vantagem era minha, mas ele não estava me dando chance de jogar.

Novamente tive de sacar para salvar a partida e, mais uma vez, não foi muito difícil, com Federer só chegando a 15 no game. Ele não estava reagindo bem à minha agressividade nos ralis, embora eu não tenha certeza de que era assim que meu pai estava percebendo as coisas naquele momento. Olhei para meu pai depois de ter vencido o game e chegado a 6-6 no placar e ele estava enlouquecido, de pé, aplaudindo, seu rosto me incentivando com uma expressão de raiva e felicidade, contorcido como eu nunca tinha visto. Enlouquecer não era uma opção para mim naquele instante. Eu achava que, se mantivesse a cabeça fria, a vitória seria minha. Os golpes de fundo de Federer estavam desmoronando. No primeiro ponto, quando o placar marcava 6-6 – não havia tiebreak, pois era o set final –, ele errou grosseiramente uma direita simples. Então marquei o ponto seguinte depois do primeiro rali longo de que eu conseguia me lembrar após um saque de Federer. Na sequência, mais três saques violentos e ele estava vencendo por 40-30. Tive certeza de que ele estava mais cansado do que eu e mais inseguro em relação às suas jogadas, o que me deixou mais frustrado por causa da incansável constância do seu saque, que se revelava sua única rota de fuga. Pensei: “Sem dúvida estou jogando melhor, mas o que mais posso fazer?”

Cheguei a 40 iguais e vi minha chance quando, finalmente, ele errou o primeiro serviço. No entanto, devolvi seu segundo serviço com uma bola forte e longa demais, cerca de meio metro fora da quadra. Aquele poderia ter parecido um erro terrível, mas, de certa maneira, não foi, pois significava que eu continuava empenhado em atacar, apostando tudo ou nada. Se eu tivesse perdido o ponto com uma bola curta, na rede, aquele seria um sinal de que minha mente estava me deixando na mão. Mas, pelo contrário, rebati a bola com convicção. Errar faz parte do jogo, porém às vezes é mais produtivo perder um ponto por um erro seu do que por uma jogada indefensável do seu adversário.

Todos os pontos são importantes, mas alguns são mais do que outros. Naquele momento, todos valiam ouro. Meu tio Rafael, que estava lá na quadra central, me contou após a partida que, se estivesse no meu lugar, simplesmente não teria suportado a pressão, que suas pernas teriam cedido, que ele correria, pegaria um voo para algum lugar distante e nunca mais voltaria. A diferença entre mim e ele – e outros espectadores que talvez tenham tido

pensamentos semelhantes – era que eu tinha me preparado para aquele momento a vida inteira, treinando não apenas jogadas, mas minha mente também. O rígido regime de treinos de Toni – jogar bolas em cima de mim quando eu era criança para me manter alerta, nunca permitir que eu desse desculpas esfarrapadas ou sucumbisse à complacência – estava dando resultado. Além do mais, tenho uma qualidade – não sei se inata ou adquirida – essencial para os campeões: a pressão me estimula. Às vezes, me curvo, mas, na maioria dos casos, meu desempenho fica ainda melhor.

Até então, a partida poderia ser resumida para mim como oportunidades perdidas: desperdicei um placar de 0-40 para quebrar o serviço dele no terceiro set, perdi dois match points no quarto e, no quinto, deixei novamente de quebrar o serviço do suíço quando eu estava com uma vantagem de 15-40, num placar de 5-5 em games, ou de 0-30 com 6-6. Àquela altura, ele vencia por 7-6 e, novamente, eu sacava para salvar minha vida. Porém eu estava mais empolgado do que com medo. Eu perdera oportunidades, mas haviam sido oportunidades minhas. Elas deviam ser comemoradas, não lamentadas. Eu me forcei a pensar que, mais cedo ou mais tarde, aproveitaria minha chance.

Mas ele marcou o primeiro ponto. Uma devolução boa e longa do meu saque e, em seguida, uma jogada indefensável. Não havia nada que eu pudesse fazer ou dizer. Ele jogou muito bem. Passamos para o ponto seguinte e me recuperei depressa. Ele mandou uma direita longa, dei um primeiro saque em cima dele e Federer não teve como reagir. Então travamos um longo rali, no qual rebati cada bola melhor do que ele, que acabou devolvendo uma bola fraca na rede. Ele não havia conseguido posicionar as pernas para o lance e parecia mais cansado que eu. Ao ver aquilo, me fortaleci, mas não me deixei levar pelo excesso de confiança. Eu poderia ter pensado “Agora eu o peguei”, mas não foi o que aconteceu. “Ainda estou no jogo, posso vencer” foi o pensamento que me ocorreu. No entanto, eu também sabia que, se perdesse o ponto seguinte, ele estaria a dois de se sagrar campeão de Wimbledon. E perdi o ponto seguinte, depois de a bola devolvida por ele, por sorte, ter batido na fita da rede.

Então, em 40-30, aconteceu um dos melhores pontos da partida. Dei um saque aberto na esquerda de Federer e ele devolveu bem, com força, na minha direita. Eu o forcei a ficar no fundo da quadra, mas ele rebateu com uma forte direita cruzada à qual reagi com uma direita paralela igualmente potente. Ele só conseguiu chegar na bola, ficando sem opção a não ser um slice de direita estranho e curto que mal passou da rede. Devolvi com um lance baixo e aberto com topspin na sua esquerda, ao qual ele só pôde reagir com um lob, devidamente devolvido com uma cortada, que de alguma forma ele conseguiu pegar, mandando outro lob alto e lento, mas melhor, que me obrigou a recuar e dar outra cortada, menos decisiva, controlada e com efeito – como um segundo serviço – depois de ter quicado. Federer defendeu outra vez, com um slice de esquerda no meio da quadra, então avancei até a bola e a golpeei com toda a força na direita e com todo o topspin que consegui para criar um lance indefensável, no fundo do seu lado direito. O placar chegou a 7-7. Foi meu momento de maior euforia na partida até então. Levantei meu joelho esquerdo, dei um soco no ar e rugi em triunfo. Senti uma descarga de

adrenalina, uma nova vibração de confiança, e pensei: “Vamos lá!”

A partida estava lá para ser conquistada. Mas eu ainda não visualizava a vitória. Avançava um ponto de cada vez. “Meu ritmo está bom, minha mobilidade está boa e estou jogando com convicção”, era assim que eu pensava. E foi o que senti naquele momento, com o placar em 7-7. Realmente chegara a hora de partir com tudo para definir o jogo. O momento era meu e eu tinha que aproveitar minha chance. Aquele era o game que eu tinha de vencer.

No primeiro ponto com ele servindo, retomei o jogo do mesmo ponto em que o deixara no meu game de serviço, vencendo o rali com uma direita cruzada decisiva que Federer não tinha como defender. Depois, ele errou uma direita, mandando-a na rede, e eu passei à frente em 0-30. Outra grande oportunidade. Mas não sou uma máquina e no ponto seguinte cometi um erro bobo. Optei por um slice de esquerda quando deveria ter escolhido uma direita. Bem naquela fração de segundo, uma dúvida ínfima invadiu minha cabeça e perdi o ponto. Era medo de vencer, porém não tão grave quanto da última vez. Minhas pernas não tremiam. Estavam firmes.

Devolvi o saque seguinte com força e marquei o ponto com uma bela esquerda cruzada indefensável. Virei os punhos, guiando a bola com a mão direita e impulsionando-a com o braço esquerdo – uma jogada que eu praticara a vida toda e que, na hora da verdade, executei com perfeição. Faltavam dois break points e meu maior medo não era fracassar, mas sim que ele começasse a tirar outros saques perfeitos da cartola. E foi o que aconteceu: primeiro um ace, seguido de outro bom saque. Escorreguei na grama, perdi a coordenação e chegamos novamente a 40 iguais.

Eu já havia passado por aquilo antes, várias vezes. Aquele game estava se tornando uma versão reduzida da partida como um todo. Eu avançava e Federer reagia, recusando-se a ser derrotado. Mas ele continuava a cometer mais erros do que eu, como aconteceu no ponto seguinte, em que ele mandou a bola para fora com uma direita longa demais e me deu um ponto de vantagem. Estávamos no limite da nossa capacidade de resistência, mas ele estava mais esgotado do que eu tanto física quanto mentalmente. O serviço ainda era dele, porém, e lá veio outro saque indefensável que só consegui tocar com a parte exterior do aro da raquete. No entanto, toda vez que eu devolvia o saque decentemente e o rali começava, a vantagem era minha. Marquei os dois pontos seguintes por causa de dois erros que o suíço cometeu, dois erros não forçados de direita, uma curta demais e outra longa demais.

Pronto: finalmente uma quebra de serviço. O placar marcava 8-7 e eu estava sacando para fechar a partida. Já passava das nove da noite e escurecia rápido. Se ficassemos empatados depois daquele game, o juiz poderia adiar a partida para o dia seguinte. Uma interrupção naquele momento, depois de quatro horas e 45 minutos de jogo, só podia favorecer Federer. Eu não tinha sentido isso quando a chuva caiu mais cedo, mas, naquele momento, não havia dúvida de que ele, mais do que eu, precisava de uma interrupção. Então pensei: “Preciso ganhar este game de qualquer jeito.”

Corri para assumir minha posição na linha de fundo. Federer foi andando. Eu sacava da

extremidade em que meus pais estavam sentados, então os dois se levantaram e ergueram o polegar. Mas perdi o primeiro ponto, uma direita desnecessariamente longa. No instante em que me preparava para executar a jogada, vi que a erraria, a mente obscurecida pelo nervosismo. Eu precisava domá-lo de imediato, e isso só seria possível se eu aumentasse minha agressividade. Eu tinha que vencer a mim mesmo antes de derrotar Federer. Pela primeira vez em toda a partida, subi à rede logo após sacar, e funcionou. Devolvi a bola com um lance decisivo. Não havia planejado a jogada antes de sacar, mas aquela escolha inesperada se revelou correta. Se eu tivesse deixado a bola quicar antes de rebater, o ponto teria permanecido em aberto. O placar foi para 15-15.

Também marquei o ponto seguinte na rede, dando o bote – um bote fácil – com a cabeça levantada em um voleio de direita, depois de forçar Federer a devolver uma bola longa e aberta com uma esquerda. Mais uma vez, foi uma decisão espontânea subir à rede, fruto da minha determinação de dominar o game. Cheguei a 30-15, mas eu ainda não enxergava a linha de chegada. Só via o ponto seguinte. Subir à rede era um risco calculado na escuridão crescente, porém, daquela vez, meus cálculos se provaram errados. Tanto que estendi a raquete para pegar uma direita de Federer que teria ido tranquilamente para fora se eu tivesse deixado e me proporcionaria meu segundo match point. Mas perdi o ponto corajosamente, o que era melhor do que perdê-lo com uma dupla falta ou com um slice de esquerda covarde.

O placar foi a 30-30. “Ainda estou no jogo”, pensei. Voltando ao meu plano de jogo, ataquei a esquerda de Federer no rali seguinte e – talvez por causa da luz, da exaustão ou do nervosismo – ele errou uma cruzada, abrindo-a demais.

Alcansei 40-30 e consegui um match point, meu terceiro na partida. Preferi continuar com a opção segura e comprovada, um primeiro serviço aberto na esquerda dele. Sua devolução foi brilhante e corajosa, com um golpe rápido e possante que me esforcei para alcançar, mas sem sucesso. Aquele era Roger Federer, o melhor jogador de todos os tempos, e era por isso que, mesmo àquela altura, nenhum pensamento de vitória e nenhuma sugestão de complacência eram permitidos. Mais uma vez chegamos a 40 iguais.

Foi então que tive a excelente ideia – agora, ao lembrar, vejo que foi brilhante – de bater meu primeiro serviço aberto na direita de Federer quando ele devia estar esperando que, em um momento difícil como aquele, eu continuasse a optar pela esquerda, escolha que eu mantivera durante praticamente toda a partida. Enfim, consegui fazer o que ele fizera comigo o jogo inteiro e mandei um primeiro serviço indefensável. Não foi bem um ace, pois ele tocou na bola com a ponta da raquete, mas o efeito foi o mesmo. E assim consegui meu quarto match point.

Hesitei no saque. Deveria ter optado pelo canto esquerdo novamente, mas, nos recônditos da minha mente, ainda estava registrada aquela devolução com uma esquerda incrível que Federer tinha feito no meu match point anterior, por isso mirei no corpo dele. O saque acabou não sendo nem uma coisa nem outra, e ele poderia tê-lo devolvido com uma jogada decisiva, daquela vez com uma direita, ou então pelo menos me deixado sob enorme pressão. Mas ele

também não fez nem uma coisa nem outra e devolveu a bola com pouca força, uma direita simples que rebati com pouca convicção. O suíço avançou na bola, que quicou suavemente no meio da quadra, e a rebateu, não com uma jogada decisiva, mas com um lance ruim, estranho, os pés mal posicionados, direto no meio da rede.

Caí de costas na grama de Wimbledon, os braços esticados e os punhos cerrados, rugindo de triunfo. O silêncio da quadra central deu lugar ao pandemônio e eu finalmente sucumbi à euforia da torcida, me deixando levar, me libertando da prisão mental em que havia me confinado do início ao fim da partida, o dia inteiro, a noite da véspera, as duas semanas anteriores ao maior torneio de tênis do mundo, que eu enfim tinha vencido, na terceira tentativa: era a realização do trabalho, dos sacrifícios e dos sonhos de toda uma vida. O medo de perder, o receio de vencer, as frustrações, as decepções, as decisões ruins, os momentos de covardia, o temor de acabar mais uma vez chorando no chão do chuveiro do vestiário – tudo havia desaparecido. O que eu estava sentindo não era alívio; era algo além disso. Foi uma descarga de poder e felicidade, a liberação das emoções que eu tinha contido durante as quatro horas e os 48 minutos mais tensos da minha vida, uma invasão da mais pura alegria.

Porém, de alguma maneira, eu precisava me conter. Eu tinha de ir até a rede e cumprimentar Federer – de quem, após quatro anos de espera, eu estava prestes a tirar o título de número 1 do ranking mundial –, além de cumprir as rígidas formalidades da cerimônia de entrega do troféu. Mas as lágrimas afloraram e não havia como refreá-las. Havia mais uma coisa que eu precisava fazer antes da cerimônia, uma liberação emocional necessária antes que eu pudesse me comportar da maneira aparentemente contida que a tradição de Wimbledon exige. Corri para o canto no qual se encontravam meu pai, minha mãe, Toni, Titín, Carlos Costa, Tuts e o dr. Cotorro. Todos estavam de pé e eu escalei as cadeiras e uma parede para chegar até eles. Eu chorava, e meu pai, o primeiro a me cumprimentar, também estava aos prantos. Nós nos abraçamos e em seguida abracei minha mãe e Toni. Nós três ficamos juntos, envolvidos em um apertado abraço familiar.

Aquele foi o maior momento da minha carreira? Para mim, todos os jogos são importantes, disputo cada um deles como se fosse o último, mas aquela partida, especificamente, naquele cenário, com aquela história, com toda expectativa e tensão, e mais as interrupções por causa da chuva, a escuridão, o número 1 contra o número 2, ambos dando o máximo de si, a volta de Federer e minha resistência, eu mais orgulhoso do que nunca da minha atitude em uma quadra de tênis, assombrado pela lembrança da derrota em 2007, mas lutando e vencendo minha própria batalha contra o nervosismo... Bem, se eu juntar tudo, é quase impossível imaginar qualquer outra partida que pudesse ter gerado tanto drama e emoção e, para mim, assim como para as pessoas próximas, tanta satisfação e alegria.

O dia mais longo

A final de Wimbledon em 2008 entre Rafael Nadal e Roger Federer foi a mais longa nos 131 anos de história do torneio e, para muitos, a melhor partida de tênis de todos os tempos. John McEnroe, na quadra central como comentarista da televisão americana, disse que fora o melhor jogo a que ele já tinha assistido. O ex-campeão sueco Björn Borg, que derrotara McEnroe no maior duelo de Wimbledon de que se tinha notícia até então, também estava presente, mas como espectador. Ele concordou que Nadal e Federer disputaram a melhor partida da história do esporte. Alguns membros da imprensa esportiva mundial sugeriram que aquela tinha sido a melhor competição de qualquer esporte e ponto final. O *New York Times* considerara a partida tão singular que dedicou a ela um editorial.

“A luz desvanece e, embora todos sintam o peso do que aconteceu antes, os tenistas ainda têm que jogar”, dizia o editorial do jornal com incrível perspicácia, “deixando de lado o passado a fim de devolver outro saque, enquanto todos na torcida se perguntam como eles conseguem não apenas imaginar os golpes na bola, mas também ter a capacidade de não imaginar, de não dar um salto para a frente em suas mentes até a vitória ou a derrota. Seu desejo é ocultado pelo jogo em si. Mas o nosso está à solta e faz com que seja difícil respirar – e até mesmo assistir”.

Se o redator do editorial do jornal americano estava achando difícil respirar, é de surpreender que a família Nadal não tenha morrido de asfixia coletiva.

“Quando tudo acabou, derramei lágrimas de alegria”, contou Sebastián Nadal depois que o dia mais longo de sua vida finalmente chegou ao fim, “mas também tive uma sensação maravilhosa de que meu corpo de repente ficara mais leve, como se um enorme peso tivesse sido tirado das minhas costas. Durante toda a partida, aquele medo terrível de que a final de 2007 se repetisse me torturou, e eu temia que Rafa terminasse em prantos no chuveiro e eu não pudesse fazer nada para aliviar sua tristeza”.

O pai de Rafa comparou a célebre partida a uma luta entre os pesos pesados Mike Tyson e Evander Holyfield, feita de pura tensão.

“Era como se eu estivesse no ringue com eles, exausto, após levar uma baita surra. As pessoas dizem que meu rosto mudou durante aquela partida, que não conseguiam me

reconhecer quando me viam na TV. Sofri até o fim.”

Toni Nadal conhecia Rafa, o tenista, melhor do que qualquer outra pessoa, mas até ele ficou chocado com a profunda resistência que o sobrinho demonstrou.

“Wimbledon sempre foi nosso sonho, mas, no fundo, sempre temi que fosse um sonho impossível”, revelou o treinador. “Sempre o forcei a mirar cada vez mais alto, mas, sinceramente, não acreditava que ele pudesse chegar tão longe. A primeira vez que chorei em uma quadra de tênis foi quando ele venceu.”

A mãe de Rafa, Ana María, disse que o jogo a reduzira a pó.

“Durante a partida, houve momentos em que eu simplesmente queria que tudo acabasse. ‘Por que é tão importante ele vencer ou perder?’, eu pensava. Continuava a me perguntar como ele conseguia suportar toda aquela tensão. De onde meu filho tira aquela força? Como ele consegue não desmoronar?”

Carlos Moyá acredita que, sob tanta pressão, ele próprio teria desabado.

“Praticamente todos os outros jogadores da história do tênis, se tivessem jogado contra Federer com a coragem e o brilhantismo que este demonstrou, teriam perdido a partida. Um jogador ou até mesmo um campeão normal é destruído pelas emoções quando chega tão perto assim mas não vence, quando tem de disputar um quinto set, o que, basicamente, significa recomeçar a partida após ter tido a vitória nas mãos. Todas as oportunidades perdidas voltam para assombrá-lo, e essas recordações devoram seu moral e abalam seu jogo. Mas não no caso de Rafa. É por isso que ele não é um campeão qualquer. Tudo favorecia Federer no início do quinto set, mas Rafa o dominou e o superou.”

Para Moyá, naquele dia Nadal se recusou a se entregar.

“Naquela final, Federer aprendeu que, para vencer Rafa, é necessário atacá-lo não em uma ou duas ocasiões, mas muitíssimas vezes. Você acha que ele está morto em um ponto, um game ou um set, mas ele continua a se reerguer. É por isso que, a meu ver, ele pode bater todos os recordes. Se permanecer em forma, ele será capaz de vencer mais Grand Slams do que qualquer outro tenista antes dele.”

Roger Federer – o número 1 do mundo ainda por três semanas, com Rafa se apossando do título em seguida – ficou arrasado.

“Provavelmente foi, de longe, minha derrota mais difícil. Quer dizer, nada é mais difícil do que este momento”, afirmou ele, tentando ser coerente. “Estou decepcionado e destruído”, acrescentou.

Depois que tudo havia acabado, Nadal, quase se desculpando, insistiu em afirmar que Federer fora, e continuava a ser, o melhor jogador da história.

“Ele já venceu cinco vezes aqui. Até agora eu venci só uma.”

A gentileza de Rafa após a vitória talvez tenha feito com que algumas pessoas se perguntassem se, entre as partidas, ele tinha aulas de como falar em público. Não era o caso.

A generosidade do espanhol em relação a Federer após o jogo era o hábito de alguém que, desde criança, tinha sido obrigado pelo pai a cumprimentar os adversários após as partidas de futebol que seu time perdia. Aquela atitude era a consequência de ter aprendido a vida toda – com o tio Toni e também com os pais – a manter os pés no chão, de ter ouvido sempre que, embora suas conquistas às vezes fossem especiais, ele não era.

“Foi uma grande emoção quando o vimos receber o troféu de Wimbledon”, disse Sebastián Nadal, “mas, quando você para e pensa, não é muito mais especial do que ver seu filho recebendo um diploma de formatura na faculdade. Todas as famílias têm seus momentos de alegria. No dia após a vitória em Wimbledon, depois que toda a empolgação e a atenção dos meios de comunicação diminuíram, a satisfação que eu sentia não era maior do que a que sei que vou sentir quando minha filha se formar na universidade, por exemplo. No fim das contas, o que você quer é que seus filhos sejam felizes e estejam bem”.

Ana María também se recusa a se deixar levar pelas conquistas do filho.

“Algumas pessoas me dizem: ‘Que sorte você teve com seu filho!’ E respondo: ‘Tive sorte com meus dois filhos!’ Não dou muita importância ao fato de Rafael ser um supercampeão, porque o que me deixa mais feliz na vida é saber que tenho dois filhos que são pessoas de bem. Eles são responsáveis, têm bons amigos, são apegados à família e nunca nos trouxeram aborrecimentos. Esse é o verdadeiro triunfo. Quando tudo isso acabar, Rafael será a mesma pessoa, meu filho, e é isso que importa.

A família voltou para Maiorca no dia após a final de Wimbledon e retomou a vida de sempre. Será que fizeram uma festa para comemorar?

“Não”, contou Sebastián. “Houve o jantar oficial na noite do jogo, ao qual chegamos incrivelmente atrasados, porque Rafa teve de dar muitas entrevistas, mas foi só isso. Não temos o costume de comemorar. Eu me lembro, e sempre me lembrarei, da partida. Mas o que aconteceu depois? Ah, nada de mais.”

Respondendo à mesma pergunta, Toni Nadal repetiu as palavras do irmão mais velho.

“Não sou muito de fazer festa quando vencemos. A satisfação foi enorme, é claro. De toda a família. Mas nós, maiorquinos, não somos muito dados a comemorações.”

Entretanto, duas coisas de fato mudaram após Wimbledon. Rafa comprou seu carro esportivo tão cobiçado – apesar de suas apreensões, seu pai não fez nenhuma objeção. E colocou mais um troféu ao lado dos inúmeros outros que havia ganhado. Um tempo depois, na sala de estar onde o tenista guarda sua enorme coleção de troféus, seu padrinho perguntou qual tinha mais valor para ele. Sem hesitar nem por um segundo, Rafa apontou para a copa dourada de Wimbledon e respondeu: “Este aqui.”

A MENTE SUPERA A MATÉRIA

SE O SILÊNCIO É O QUE DEFINE a quadra central em Wimbledon, o estádio Arthur Ashe, em Nova York, onde disputei a final do Aberto dos Estados Unidos em 2010, é marcado pelo barulho. Em todos os outros lugares, os intervalos entre os games são tranquilos momentos de pausa, mas aqui o show nunca para. Música alta e sincopada estoura os tímpanos, prêmios são sorteados – com grande suspense – no sistema de alto-falantes e as gigantescas telas de TV mostram reprises das últimas jogadas na quadra ou então, deixando a torcida ainda mais empolgada, capturam imagens dos espectadores: casais se beijando, crianças fofas sorrindo, celebridades fazendo pose, ganhadores de prêmios comemorando e, de vez em quando, novaiorquinos brigando. O barulho nunca cessa por completo, apenas diminui e se transforma em um murmúrio baixo, mas constante, quando a partida está se desenrolando. Teoricamente, como em todos os outros estádios do mundo, os espectadores devem ficar em seus lugares até que o jogo pare e os atletas voltem às suas cadeiras. Mas o Arthur Ashe é tão grande – é o maior estádio de tênis do mundo, com capacidade para 23 mil espectadores – que só quem está sentado nos níveis inferiores presta atenção às normas. Mais acima, não apenas os torcedores se deslocam o tempo todo, como a regra que proíbe a conversa durante a disputa dos pontos parece existir somente para ser violada. Não que houvesse muito propósito, de qualquer maneira, em aplicá-la, já que não há norma alguma contra o sobrevoos de aviões. O complexo onde o Aberto dos Estados Unidos é disputado fica no parque Flushing Meadows, na rota aérea para o aeroporto La Guardia, o que significa que você pode estar no meio de um ponto importante, ou prestes a bater um segundo serviço tenso, quando o estádio é subitamente invadido pelo possante estrondo de um jato em baixa altitude.

Wimbledon não é assim.

A energia, a irreverência e a algazarra implacável diferenciam, como espetáculo, o Aberto dos Estados Unidos dos outros três torneios do Grand Slam. É a essência daquele país – a essência de Nova York –, e eu adoro. O barulho e o frenesi geral certamente testam meu poder de concentração, mas sou bom nisso. Em geral, consigo me isolar tão eficazmente em Flushing Meadows quanto no imponente cenário de Wimbledon. Nova York é o que há de mais diferente que se possa imaginar de Manacor, mas a presença da minha equipe faz com que qualquer lugar aonde eu vá pareça minha casa.

Os profissionais que me acompanham fazem com que minha rotina de jogador não pareça trabalho, e sua amizade me enche de alegria. Se não fossem tão íntimos, leais e de convívio fácil, eu levaria uma vida estranhamente solitária e nômade, indo de um aeroporto para outro,

pulando de hotel em hotel, circulando entre bares e restaurantes que parecem iguais, onde quer que se esteja.

Jordi Robert, que sempre está comigo em Nova York, trabalha para a Nike, meu principal patrocinador, mas antes de mais nada ele é meu amigo. Se uma empresa concorrente aparecesse e me fizesse uma oferta melhor, eu pensaria muito antes de aceitar simplesmente por causa do meu relacionamento com Tuts. Ele vale ouro para a Nike. Considerando apenas suas incumbências profissionais, ele não precisaria ter tanta intimidade comigo, mas acabou se tornando um integrante indispensável da minha equipe. Ele me acompanha aos treinos, faz as refeições comigo antes e depois das partidas, vai me visitar nos hotéis e se hospeda conosco na casa que alugamos em Wimbledon. Tuts é quase 10 anos mais velho que eu, mas, com seus óculos estilosos e suas ousadas roupas coloridas, talvez pareça mais novo, pois eu me visto de maneira muito mais convencional. O que mais gosto em Tuts, além do que ele acrescenta ao meu relacionamento com a Nike, é que está sempre sorrindo, de bom humor. Ele é gentil e leal e é um prazer tê-lo por perto. Às vezes ele me faz trabalhar quando – sinceramente – eu preferiria estar fazendo outra coisa. É um sujeito muito legal cuja presença ajuda a criar uma atmosfera de confiança e tranquilidade necessária para que eu tenha o melhor desempenho possível nas quadras.

Carlos Costa, como Tuts, não é empregado diretamente por mim. Ele trabalha para a grande agência esportiva internacional IMG, mas me assessora desde os meus 14 anos. É ele quem negocia os contratos e faz as avaliações preliminares sobre os pedidos de patrocínio que aparecem de forma regular. Mas também é um grande amigo e, caso aconteça algum problema, é a ele que me dirijo com absoluta confiança. Seus conselhos são bastante valiosos para mim, pois aprendi que não são determinados, em primeira instância, pelo imperativo de ganhar dinheiro, mas pela necessidade de fazer o melhor para o meu jogo. É muito difícil poder contar com um agente assim. Mais difícil ainda seria encontrar alguém que, como ele, jogou tênis de altíssimo nível e chegou à 10ª posição no ranking mundial. Como mentor esportivo, ele complementa Toni. É muito competente do ponto de vista técnico e conhece as qualidades dos meus rivais. Quando a tensão que Toni cria se torna forte demais, Carlos sabe como amenizá-la. Por exemplo, se estamos em um hotel em Paris durante o Aberto da França e o clima com Toni esquenta um pouco, Carlos me leva para dar uma volta. Então nós dois saímos para passear pela cidade, conversar e refletir sobre a situação. Ao voltar ao hotel, estou bem mais tranquilo. Ele traz ordem e estabilidade à equipe. Por não ser da família, é capaz de tomar decisões mais racionais e menos emotivas. Seria bom continuar a ter um relacionamento profissional com ele quando minha carreira como tenista chegar ao fim. Caso eu venha a abrir um negócio, Carlos é uma pessoa que eu gostaria de ter ao meu lado, assim como Tuts. Além de trabalharmos bem juntos, também nos divertiríamos bastante.

Grande parte do trabalho, em Nova York e em todos os outros lugares, é lidar com a mídia. Por isso para mim é tão importante ter um ótimo profissional como chefe de comunicação. Benito Pérez Barbadillo é o integrante mais cosmopolita do nosso grupo. Fala quatro idiomas

perfeitamente, uma vantagem enorme em um trabalho que exige contato com jornalistas do mundo inteiro. E tem a difícil tarefa – um grande esforço para ele, eu sei – de bancar o durão, dispensando jornalistas com frequência e filtrando os inúmeros pedidos de entrevista que recebo. Se eu aceitasse todos, não teria tempo de fazer mais nada. Assim como Carlos Costa, ele entende que preciso de tempo não apenas para treinar, mas também para levar uma vida tranquila e organizada, para ter a paz necessária a fim de encontrar aquele espaço mental isolado que é essencial para meu sucesso nas quadras. Quando Benito não está por perto, sinto sua falta. Ele é irreverente, perspicaz e está sempre fazendo piadas. E também sabe o que está acontecendo na política e no mundo em geral: na bolha em que nossa equipe vive, ele é nossa conexão com os meios de comunicação e sabe como administrar na medida certa as notícias que nos são passadas, sempre com muito humor e opiniões provocadoras. Mas Benito não se leva muito a sério e aprendemos a ouvir o que ele diz com certo cuidado, pois ele gosta de ser deliberadamente exagerado. É nosso menestrel, aquele que torna a atmosfera mais leve em um ambiente no qual é fácil perder a perspectiva e deixar que a situação fique séria e tensa demais.

Francis Roig, meu segundo técnico, também é uma presença tranquilizadora, mas de maneira mais discreta. Ex-jogador profissional como Carlos Costa, ele avalia com precisão meus adversários e é um estudioso muito experiente dos melhores pontos do tênis. Tem enorme fé na minha capacidade e me transmite muita confiança, tendo contribuído bastante para meu entendimento do jogo. Como Carlos, Francis é de fácil convívio, um profissional agradável e educado que me acompanha desde que nos conhecemos em um circuito pela América do Sul, em 2005. Ele está ao meu lado quando Toni não está presente, ou seja, em cerca de 40% das partidas.

Ángel Ruiz Cotorro é meu médico desde os meus 14 anos. Ele esteve ao meu lado durante as contusões realmente difíceis que tive de suportar, me dando sábios conselhos médicos e proporcionando a tranquilidade de que preciso para continuar lutando, além de me incentivar a acreditar no meu poder de recuperação. O dr. Cotorro está sempre disponível, onde quer que eu esteja, atendendo desde as emergências mais simples até as mais complexas. E ele tem uma compreensão exata das minhas necessidades como atleta, tendo sido o chefe da equipe médica da Federação Espanhola de Tênis, cuidando com frequência dos melhores jogadores do país desde que nos conhecemos. Faz parte da equipe de muitos dos mais importantes torneios de tênis, e, mesmo quando não está por perto, me acompanha em espírito, assim como Joan Forcades, meu preparador físico, com quem ele mantém uma ligação constante para avaliar minha condição antes de transmitir instruções a longa distância para Titín, que também está sempre ao meu lado.

Se Titín sair da minha equipe, estou perdido. Não sei como sua ausência afetaria meu jogo, mas eu certamente não seria mais tão alegre. Sempre ao meu lado durante os torneios, ele é a primeira pessoa que procuro quando tenho um problema. É meu fisioterapeuta, um excelente profissional, mas dou ainda mais valor ao papel pessoal que ele desempenha. Afinal, há

muitos fisioterapeutas no mundo, mas, se ele fosse embora, seria quase impossível preencher o vazio que sua amizade deixaria. Além de ser uma ótima pessoa, Titín é extremamente sincero. Se ele precisar dizer algo a você, será direto.

Eu teria dificuldades em manter o bom desempenho nas quadras se fosse um daqueles jogadores que sempre mudam os integrantes da própria equipe. Preciso deles sobretudo como amigos, porque o tênis é um jogo no qual seu estado emocional é essencial para o sucesso. Quanto melhor você estiver por dentro, maiores serão suas chances de jogar bem. Falo muito da importância da palavra “resistência”, mas outro termo de destaque no meu vocabulário é “continuidade”. Simplesmente não consigo pensar em mudar minha equipe. Sempre tive – e torço para sempre ter – os mesmos profissionais à minha volta. Toni, que está comigo desde sempre, estabeleceu esse padrão e espero nunca quebrá-lo.

Também temos uma rotina quando estamos em Nova York para o Aberto dos Estados Unidos. Sempre nos hospedamos em hotéis na região central de Manhattan, perto do Central Park, e, depois das idas e vindas de carro a Flushing Meadows durante o dia, à noite jantamos num dos quatro ou cinco restaurantes habituais, bem próximos do hotel, para que possamos ir e voltar a pé. Em geral optamos por comida japonesa, por causa da qualidade do peixe servido nos bons restaurantes desse tipo. No restante do tempo, permanecemos no hotel, batendo papo ou assistindo a filmes ou a jogos de futebol. Também vemos muitos vídeos de partidas que disputei. Toni e eu observamos as jogadas com atenção e tiramos lições dos meus erros, mas também dos meus melhores momentos. É bom para o moral assistir a mim mesmo marcando um grande ponto ou desferindo uma direita indefensável. Isso me ajuda a visualizar os melhores aspectos do meu jogo, me permitindo registrar uma imagem mental que uso quando entro na quadra, a fim de recuperar aquela sensação de controle da qual preciso para golpear bem a bola. É difícil de explicar, mas funciona.

Gostaria de poder caminhar mais quando estou em Manhattan, absorver a energia do lugar e visitar os pontos turísticos, mas os nova-iorquinos não se contêm quando veem alguém famoso. E, como sei por experiência própria, tentar agir como uma pessoa normal e passar despercebido em um passeio pela Quinta Avenida é uma missão impossível. Não adianta reclamar, assim como não adianta ficar irritado quando a chuva interrompe uma partida. São episódios que fazem parte do trabalho e você tem de aceitar. Só me afasto do hotel quando um dos meus patrocinadores pede que eu participe de um evento promocional organizado em um galpão no centro ou, como no caso de uma festa promovida pela Nike, no cais no rio Hudson, local onde o *Titanic* teria atracado caso tivesse completado sua viagem. Nessas ocasiões, a equipe inteira me acompanha. Não importa o que fazemos, estamos sempre juntos.

Em 2010, fez um calor incrível na primeira semana do Aberto dos Estados Unidos, mas, no dia da final, a temperatura tinha baixado e estava chovendo. Choveu tanto que a partida teve de ser adiada por um dia. Isso não atrapalhou meu adversário, Novak Djokovic, cuja semifinal, na qual ele venceu Roger Federer em cinco sets, foi muito mais longa e difícil do que a minha. No lugar dele, eu teria agradecido pelas 24 horas extras de descanso.

Forte e em boa forma, Djokovic era um adversário formidável. Nossa partida não tinha a mesma aura de outra batalha Federer *versus* Nadal, ao menos para a torcida, mas para mim o desafio era suficientemente intimidador. O sérvio é um jogador bem completo – segundo Toni, mais completo do que eu –, sem nenhum ponto fraco evidente, e, em superfícies rápidas como as de Flushing Meadows, ele me vencera mais vezes do que eu a ele. Seus principais pontos fortes são o excelente senso de posicionamento na quadra e a capacidade de golpear a bola cedo, ainda em ascensão. Sua esquerda é tão boa quanto a direita e sua visão da bola é tão nítida que ele joga com tempo de sobra, na maioria das vezes dentro da quadra, estreitando os ângulos do adversário, facilitando muito o jogo para si mesmo.

Com Federer, a regra é sempre bater bola, sabendo que, mais cedo ou mais tarde, você o forçará a cometer erros. Com Djokovic, não há um plano tático claro. É simplesmente uma questão de jogar da melhor maneira possível, com intensidade e agressividade máximas, buscando manter o controle do ponto, pois, no momento em que você o deixa em vantagem, não há como detê-lo.

Minhas impressões foram confirmadas enquanto eu assistia pela TV à sua semifinal contra Federer, que Djokovic venceu depois de salvar dois match points. Pensei, e não pela primeira vez: “Que sujeito incrivelmente durão e talentoso!” Também pensei que seria muito difícil vencê-lo. Quando assisto aos grandes jogadores em vídeo, tenho sempre a sensação de que eles são melhores do que eu. Não era um pensamento muito lógico para se ter durante o Aberto dos Estados Unidos, já que àquela altura eu era o tenista número 1 do mundo e mantinha minha posição no ranking havia quase dois anos. Além disso, eu vencera tanto Federer quanto Djokovic mais vezes do que eles haviam me derrotado. Também acho que não é assim que a maioria dos atletas campeões encara seus adversários. Acho que deve ser o contrário. No meu caso, isso provavelmente tem muito a ver com Toni, que me condicionou a acreditar, desde a infância, que toda partida será uma batalha ferrenha. Não tenho certeza se esse é o melhor espírito para se entrar em uma partida, pois às vezes me tira um pouco da confiança, me fazendo jogar de maneira menos agressiva. Porém, a vantagem é que trato todos os meus adversários com respeito e nunca me deixo levar pela complacência. Talvez por isso eu raramente perca ao jogar contra atletas que, por sua posição no ranking, eu deveria derrotar.

No entanto, eu não estava particularmente nervoso – ao menos não em vista do desafio à minha frente – antes da final de 2010 contra Djokovic. Sem dúvida, eu estava muito menos tenso do que antes da final de Wimbledon em 2008. Nas duas noites antes da partida – foram duas em razão do adiamento do jogo por causa da chuva – eu dormi bem, por oito horas. Nas duas vezes, comecei a assistir a um filme no quarto do hotel e, em vez de me debater e imaginar o pior, logo adormeci. Isso se devia, em parte, ao fato de minha mente não estar assombrada, como acontecera em Wimbledon, pela lembrança de traumas passados. Minha maior experiência e maturidade e o número de finais do Grand Slam das quais eu participara também contavam a meu favor. Mas, além disso, manter a expectativa num nível razoável fez a

diferença. As imagens da vitória em Wimbledon surgiam na minha mente desde a adolescência. Vencer o Aberto dos Estados Unidos, por outro lado, sempre parecera um sonho distante demais.

Isso não significa que entrei na quadra contra Djokovic com um espírito derrotista. Obviamente, eu acreditava que podia vencer, mas achava que a eventual vitória seria uma surpresa feliz e inesperada na minha carreira, mais do que algo que eu tinha de conquistar ou que me deixaria com uma sensação de fracasso pelo resto da vida.

Sempre considerei o Aberto dos Estados Unidos o torneio mais difícil. Em Wimbledon, joguei muito bem mesmo quando não venci, mas na etapa americana do Grand Slam eu nunca atingira o máximo da minha capacidade. Já chegara às semifinais duas vezes, mas nunca me senti totalmente à vontade na quadra. Deve ter algo a ver com a superfície muito rápida, mas também com as bolas utilizadas no torneio, que são mais macias do que as usadas em outros lugares, fazendo com que eu aplique menos efeito de topspin, e portanto menos altura, do que de costume nas minhas jogadas. Esse é o lance que mais atrapalha meus adversários, minha vantagem sobre a maioria deles. Também há outro fator: o Aberto dos Estados Unidos é o último dos quatro Grand Slams, realizado ao fim de uma longa e difícil temporada de verão, por isso em geral chego a Nova York cansado, tanto física quanto mentalmente.

No torneio de 2008, cheguei mais esgotado que de costume e perdi nas semifinais para Andy Murray, e não somente por causa da energia que eu investira para vencer Wimbledon. Entre uma competição e outra, dei meia volta ao mundo para jogar nas Olimpíadas de Pequim, minha primeira experiência no maior espetáculo esportivo da Terra. Adorei participar e descobri como tenho sorte.

Eu me hospedei na cidade olímpica com todos os outros atletas e, mais uma vez – como na Copa Davis –, pude sentir o gostinho do espírito de grupo que eu tanto amava quando jogava futebol na infância. A convivência com os colegas de equipe espanhóis no mesmo bloco do alojamento, o reencontro com velhos amigos e as novas amizades que fiz nos times de basquete e de atletismo – para meu constrangimento, alguns atletas me paravam nos corredores ou na lavanderia comum para me pedir autógrafos –, bem como o desfile da delegação da Espanha na cerimônia de abertura, foram experiências inesquecíveis. Mas minha noção de sorte veio acompanhada de uma forte dose de indignação.

Entendi mais do que nunca como nós, tenistas profissionais, somos privilegiados e como a situação de muitos atletas olímpicos é injusta. Eles treinam muito, tanto quanto nós, mas as recompensas costumam ser bem menores. Um tenista que ocupa a 80ª posição no ranking mundial tem benefícios econômicos, privilégios sociais e um grau de reconhecimento que estão além dos sonhos do número 1 no atletismo, na natação ou na ginástica. O circuito de tênis é realizado durante o ano inteiro e o dinheiro que recebemos nos dá a oportunidade de economizar para o futuro. Aqueles atletas treinam com uma disciplina monástica durante um período de quatro anos para se preparar para a única competição que se destaca de todas as outras, os Jogos Olímpicos, porém a grande maioria recebe pouquíssimo apoio em

comparação com o esforço investido. É admirável que eles se preparem com tanto rigor, fazendo tantos sacrifícios pessoais, pela mera satisfação de competir e pela paixão que sentem por seus esportes. Isso tem um valor inestimável. Mas não deveria ser só isso. Com toda a renda que o Comitê Olímpico Internacional arrecada com os jogos – um evento que depende do empenho dos atletas para ser um sucesso –, seria lógico pensar que ele dividisse o dinheiro de maneira mais justa. No meu caso, felizmente não preciso ser pago, mas um atleta que compete na prova dos 400 metros ou na maratona precisa de muito apoio financeiro só para conseguir correr no nível exigido no evento e ainda competir pelos prêmios. Entendo que o tênis é um esporte com apelo mais amplo para o público, pelo menos ao longo do ano, mas acho que se deveriam empreender mais esforços para que aquelas pessoas incrivelmente dedicadas tivessem uma vida mais decente e treinassem em melhores condições.

Essas foram minhas reflexões depois que tudo havia acabado. Não foram resmungos e reclamações que definiram o tempo que passei em Pequim. Daquela experiência, o que mais me marcou foi, sobretudo, a camaradagem entre os atletas e a chance que tive de aprender sobre muitos esportes diferentes e descobrir quanto todos nós tínhamos em comum. A possibilidade de participar de um evento como aquele e de ter acesso a um mundo que nunca achei que fosse conhecer já foi bastante animadora. E conquistar o ouro na categoria individual masculina, depois de derrotar Djokovic nas semifinais e Fernando Gonzalez, do Chile, na final, e ver a bandeira espanhola sendo hasteada ao som do hino nacional enquanto eu estava no pódio foi um dos momentos de maior orgulho da minha vida. Em geral, as pessoas não associam as Olimpíadas ao tênis. Eu certamente não associava durante minha infância e adolescência. O jogo só reapareceu como esporte olímpico em 1988, depois de 64 anos fora das modalidades disputadas. Porém, na cabeça dos tenistas, o ouro olímpico se tornou um objeto de cobiça. Depois de um Grand Slam, esse é o prêmio que a maioria de nós almeja hoje em dia.

O primeiro Grand Slam do ano é o Aberto da Austrália, realizado em Melbourne. É um belo torneio, menos barulhento do que o Aberto dos Estados Unidos, mais informal do que Wimbledon e menos grandioso do que Roland Garros – embora os organizadores me hospedem em uma suíte tão grande que eu quase poderia jogar uma partida de futebol de salão lá dentro. Eu aprecio a comida da cidade. Perto do hotel, há um ótimo restaurante japonês. Também gosto do trajeto de cinco minutos de carro em meio à vicejante vegetação até chegar a Melbourne Park, onde a competição é realizada. E faz calor, para quem está vindo do inverno europeu. Geralmente chego uma semana antes do início do torneio para me adaptar às 10 horas de diferença de fuso horário em relação à Espanha. Esse ajuste é complicado, no meu caso, porque janeiro é um mês importante no calendário futebolístico espanhol e acabo acordando em horários estranhos para assistir aos jogos do Real Madrid. Se a equipe vai jogar muito cedo, acerto o despertador e vejo como a partida está se desenrolando, depois decido se levanto ou fico na cama. Se está vencendo por 3 a 0 e falta meia hora de jogo, me viro e volto a dormir. Se o placar está em 0 a 0, o suspense será grande, então fico acordado

até o final. Mas não levanto cedo demais, por mais importante que seja o jogo de futebol, se eu mesmo estiver competindo naquele dia. O trabalho vem em primeiro lugar.

No Aberto da Austrália de 2009, senti que minhas probabilidades de vencer eram tão boas quanto haviam sido em Wimbledon seis meses antes. Em outras palavras, eu tinha chances. A superfície das quadras era dura, mas menos complicada para o meu jogo do que em Flushing Meadows. A bola quica mais alto do que no Aberto dos Estados Unidos, portanto, é menos rápida e aceita bem meu topspin. O que não previ foi uma semifinal como a que tive contra meu amigo e compatriota Fernando Verdasco. Acabei vencendo, mas tive de batalhar muito e fiquei fisicamente destruído no final. Durante a maior parte das 36 horas que tive para me preparar para a final contra Djokovic, achei que não teria chance alguma de vencer. A única vez que me senti daquela maneira antes da final de um Grand Slam foi em Wimbledon, em 2006, mas foi porque, no fundo, eu não acreditava que vencer fosse uma opção. Antes da final australiana em 2009, foi meu corpo que se rebelou, implorando que eu parasse. Não passou pela minha cabeça me retirar da partida – a não ser que haja um colapso iminente, você não pode fazer isso na final de um Grand Slam –, mas o resultado que eu estava antecipando, e para o qual me preparava mentalmente, era uma derrota por 6-1, 6-2 e 6-2.

A semifinal que disputei com Verdasco foi a partida mais longa da história do Aberto da Austrália. Foi muito acirrada em todos os momentos, e ele jogou de forma espetacular, acertando uma porcentagem extraordinariamente alta de lances decisivos. Mas, de alguma forma, resisti na defesa, apesar de alguns erros, e, após cinco horas e 14 minutos, venci por 6-7, 6-4, 7-6, 6-7 e 6-4. Estava tão quente na quadra que nós dois corríamos para colocar compressas de gelo em torno do pescoço e nos ombros nas pausas entre os games. No último, antes do match point, meus olhos se encheram de lágrimas. Não estava chorando porque sentia que ia perder nem ganhar, mas por causa da excruciante tensão da partida. Eu perdera o quarto set em um tiebreak e isso, em um jogo tão tenso e naquelas condições, teria sido devastador se eu não tivesse usado as últimas reservas de força mental que acumulei ao longo de 15 anos de competições implacáveis. Fui capaz de deixar aquele golpe para trás e começar o quinto set acreditando que ainda podia vencer.

A oportunidade finalmente surgiu quando eu vencia por 5-4 e 0-40, com Verdasco servindo. Aquele deveria ter sido o final da partida, com três match points, mas não foi o que aconteceu. Perdi o primeiro e o segundo pontos. Naquele momento a pressão foi demais e sucumbi – foi ali que a armadura blindada caiu e o guerreiro Rafa Nadal que os fãs do tênis acreditam conhecer se revelou como o Rafael vulnerável e humano. Apenas Verdasco não percebeu. Ou isso ou ele estava pior do que eu, porque também se deixou dominar pelo nervosismo. Em um momento de incrível sorte para mim (e tremendo azar para meu adversário), ele cometeu uma dupla falta, me entregando a vitória sem que eu tivesse de fazer nada. Nós dois caímos de costas no chão, prontos para morrer de exaustão física e mental, mas me levantei primeiro, cambaleei e passei por cima da rede para abraçar meu compatriota e dizer que nenhum dos dois merecia perder aquela partida. Toni, que notara o péssimo estado em que fiquei no último

game, observou mais tarde que, se Verdasco não tivesse cometido a dupla falta, provavelmente teria vencido a semifinal. Tenho que concordar.

A partida terminou à uma hora da manhã e só fui dormir depois das cinco. Primeiro, tive de participar da coletiva de imprensa obrigatória após a partida, além de conceder entrevistas individuais a alguns jornalistas. Eu mal podia andar e só Deus sabe o que eu disse. Finalmente de volta ao meu quarto de hotel, pedi algo para comer. O sono teria de esperar. Comi, recarregando minhas baterias, e me entreguei a Titín, cuja tarefa era ressuscitar meu corpo esgotado e começar a me preparar para a partida contra Federer. Tuts me viu no vestiário após o jogo com Verdasco, morto para o mundo, e seu primeiro pensamento foi: “Meu Deus! Titín tem muito trabalho pela frente!” Ele tinha razão.

Felizmente, meu fisioterapeuta estava calmo e compenetrado como sempre e fez o que costuma fazer em circunstâncias difíceis: pediu ajuda a Joan Forcades, meu preparador físico, que estava em Maiorca e com quem falou via Skype. Forcades e Titín são amigos e aliados e têm em comum a missão de cuidar das necessidades do meu corpo, evitando lesões, maximizando meu condicionamento físico e ajudando na minha recuperação para a partida seguinte quando meu corpo está exaurido. Naquele instante, eu estava mais esgotado do que em qualquer outro momento da minha vida. O desafio enfrentado por eles – por nós três, na verdade – exigia, a meu ver, um milagre. Mas Joan não se deixou abater.

Ele me conhece desde que eu tinha 9 ou 10 anos e tem mais fé em mim do que eu mesmo. É um profissional fantástico e um integrante importantíssimo da minha equipe, no entanto atua mais na sombra do que os outros. Ele costumava viajar comigo, mas hoje em dia raramente me acompanha; prefere ficar em casa, em Maiorca, longe da fama e da agitação da mídia. Joan é um sujeito especial que adora seu emprego principal – ele é professor em uma escola pública de Maiorca – e não trabalha para mim pelo dinheiro, mas porque se diverte e me considera um membro de sua família.

Ouvi a conversa de Joan e Titín. Eles concordaram que eu precisava de muitas compressas de gelo e massagem para que o sangue voltasse a circular com intensidade. Joan, que analisava a situação com o dr. Cotorro, insistiu que eu ingerisse uma boa dose de proteína e suplementos vitamínicos, porém o mais importante era fazer com que meu corpo se movimentasse novamente. Recomendou exercícios de alongamento no dia seguinte para reestimular os músculos, depois pedaladas na bicicleta ergométrica seguidas de um treino na quadra. Joan estava otimista, lembrando a Titín que, em nossos treinos antes da temporada de torneios, durante o período natalino, nos preparamos para aquilo, treinando forte por três ou quatro horas pela manhã e por mais uma hora e meia à tarde. “O mais importante é pôr o corpo dele em ação novamente”, sentenciou Joan.

Escutei o que ele disse e entendi sua lógica, mas, naquele momento, às três da manhã na Austrália, eu só tinha condições de me entregar passivamente, imóvel em um sofá, às habilidades terapêuticas de Titín. Ao terminar a conversa com Joan, ele encheu a banheira de gelo e me fez ficar sentado lá dentro, o primeiro passo para ativar a circulação sanguínea das

minhas coxas doloridas. Em seguida deu início às massagens, primeiro com uma bolsa de gelo e, depois, com uma barra de sabonete. Na véspera de uma final, costumo treinar pela manhã. Daquela vez, dormi a manhã toda e acordei no início da tarde para descobrir, atônito, que me sentia mais rígido do que na noite anterior. Ainda assim, pedalei suavemente na ergométrica, conforme a orientação de Titín, só para fazer o sangue circular. Então fui para a quadra treinar com Carlos Costa, mas não aguentei nem 20 minutos. Foi Carlos que percebeu que eu não podia continuar. “Não adianta. Você não consegue se mexer”, disse ele. “Temos de parar.”

Tonto, totalmente esgotado, com a sensação de que meus pés eram de chumbo, saí mancando da quadra e voltei de carro para o hotel a fim de entrar de novo na banheira com gelo. Titín estava fazendo de tudo para me preparar para a final do dia seguinte, mas, naquele instante, arrasado pelo meu esgotamento na quadra, eu achava que força alguma na terra ou no céu seria capaz de me restabelecer.

À noite, fui dormir com um desânimo profundo e acordei me sentindo apenas um pouco menos rígido. Quando cheguei à quadra para a última sessão de treino, às cinco da tarde, duas horas e meia antes do início previsto da partida, não me sentia muito melhor. Mais uma vez, fiquei tonto e os músculos da minha perna pareciam pesados e enrijecidos, e tive câibra em uma das panturrilhas. Toni estava lá e, depois de meia hora tentando imprimir algum ritmo ao treino, eu disse que não conseguia continuar. Eu devia estar com uma aparência terrível, porque ele disse: “Tudo bem. Pare. Vamos voltar ao vestiário.”

E foi ali que Toni mostrou que compreendia a situação.

O poder do meu tio sempre veio da palavra, do que ele diz para me motivar. Hoje ele recorda que o treinamento mais valioso que fizemos quando eu era criança não foi na quadra, mas durante nossas sessões no carro, indo e voltando dos jogos no percurso de 50 quilômetros até Palma, planejando de antemão o que deveríamos fazer ou analisando em retrospecto o que tínhamos feito de errado. Lembro que ele usava exemplos do futebol, do Real Madrid, para chamar minha atenção e transmitir suas ideias. Toni tem razão. Suas palavras me ensinaram a pensar por mim mesmo na quadra e a ser um lutador. Ele gosta de citar um escritor espanhol que disse que as pessoas que iniciam as guerras são sempre poetas. Bem, foi uma espécie de poesia que ele usou comigo naquele momento aparentemente sem esperança no qual a batalha ainda nem havia começado, mas, na minha cabeça, já estava perdida.

– Ouça – disse ele. – São cinco e meia agora, e quando você entrar na quadra às sete? Garanto que não estará melhor. Provavelmente estará se sentindo pior. Portanto, depende de você superar a dor e a exaustão e reunir o desejo necessário para vencer.

– Toni, sinto muito – respondi. – Não consigo visualizar. Simplesmente não consigo.

– Não diga que não consegue – retrucou ele. – Quem cava suficientemente fundo pode encontrar a motivação necessária para qualquer coisa. Na guerra, as pessoas fazem coisas que parecem impossíveis. Imagine se houvesse um sujeito sentado atrás de você no estádio com uma arma apontada na sua direção dizendo que, se você não corresse, e continuasse correndo, ele atiraria. Aposto que você correria. Então vamos lá! Só depende de você encontrar a

motivação para vencer. Essa é sua grande chance. Por pior que esteja se sentindo agora, é provável que você nunca mais tenha uma oportunidade tão boa de vencer o Aberto da Austrália. E mesmo que haja apenas 1% de chance de vencer essa partida, você precisa tirar tudo o que puder desse 1%.

Antes de prosseguir, Toni viu que eu escutei e hesitei. Ele disse:

– Lembre-se da frase de Barack Obama: “Sim, nós podemos!” A cada troca de lado, repita-a para si mesmo, porque a verdade é que você *pode* vencer. O que nunca pode se permitir é fracassar por falta de vontade. Você pode perder porque seu rival jogou melhor, mas não pode perder porque não deu o melhor de si. Seria um crime. Mas você não vai fazer isso, eu sei. Porque você sempre dá o melhor de si mesmo, e hoje não vai ser diferente. Você pode, Rafael! Pode mesmo!

Eu estava escutando. Foi o discurso mais comovente que ele já fez para mim. Se meu corpo estava prestando atenção é outra história. Foi então que Joan Forcades voltou à cena. Titín permaneceu em contato constante com ele via Skype. Joan, que tem o hábito de salpicar a conversa com complicados termos científicos, destacou a necessidade de disputar a partida “ergonomicamente”, ou seja, eu precisava ajustar meu jogo às realidades da minha condição física. Isso significava adotar um ritmo mais lento do que de costume, poupando minhas reservas de energia para momentos mais críticos, em vez de lutar por cada ponto como se fosse o último. E também tentar tornar os pontos mais curtos, ou seja, assumir mais riscos.

Após traçar um plano, tomei meu habitual banho frio e me senti melhor. Então, ainda no vestiário, passei a executar minha sequência de rituais antes do jogo com uma convicção crescente. Quando entrei na quadra, não estava mais mancando. As dores não tinham passado e me senti um pouco lento durante o aquecimento com Federer. Meu pé esquerdo – o que tem o escafoide do tarso defeituoso – começou a incomodar novamente. Mas eu já passara por aquilo antes e esperava que a adrenalina e meu poder de concentração triunfassem sobre a dor mais uma vez. Eu ainda me perguntava se meu corpo aguentaria, mas a boa notícia era que, no geral, eu me sentia melhor do que duas horas antes, e muito melhor do que ao acordar. Sobretudo, o derrotismo que eu sentira mais cedo havia sumido. Eu tinha recuperado a vontade de vencer e a crença de que a vitória era possível. As palavras de Toni, o trabalho de Titín e o conselho de Joan tiveram um efeito mágico em meu moral.

Assim que a partida se iniciou, as dores começaram a diminuir, tanto que ganhei o primeiro game, quebrando o serviço de Federer. Depois ele quebrou o meu serviço, mas, à medida que os games se desenrolavam, percebi, para meu grande alívio, que eu não estava ofegante. E, embora minhas pernas ainda estivessem pesadas, não havia sinais das temidas câibras musculares. De fato, não as senti sequer uma vez, apesar de a partida ter durado cinco sets. No fim das contas, segundo Titín, a dor está na cabeça. Se você consegue controlar a mente, consegue controlar o corpo. Perdi o quarto set, como tinha acontecido contra Verdasco, depois de estar vencendo por dois sets a um, mas me recuperei, com a determinação reforçada e o espírito encorajado pela surpresa e a alegria de ter chegado tão longe sem desmoronar. No

quinto set, quando eu estava vencendo por 2-0, me virei para onde Toni, Carlos, Tuts e Titin estavam sentados e disse em maiorquino, para que apenas eles entendessem: “Vou ganhar.”

E ganhei. Toni tinha razão. Sim, eu podia. Venci por 7-5, 3-6, 7-6, 3-6 e 6-2 e me sagrei campeão do Aberto da Austrália. Para minha surpresa, eu havia voltado à vida e conquistado meu terceiro título dos quatro Grand Slams, o sexto no total.

Roger Federer ficou tão arrasado mentalmente depois do jogo quanto eu estivera fisicamente antes. Em seu lugar, eu teria sentido a mesma coisa. Ele jogara um set final ruim e, ao derrotá-lo, consolidei minha posição de número 1 no ranking mundial. No entanto, aqueles que começaram a considerá-lo acabado depois da derrota – e muitos fizeram isso – estavam enganados. Ele ainda tinha muita força dentro de si. Aquela havia sido sua chance de igualar o recorde do americano Pete Sampras de 14 Grand Slams e ele fracassara, pelo menos até aquele momento. Para mim, ele ainda era o melhor de todos os tempos e foi isso que eu disse quando chegou minha vez de ser entrevistado. De fato, nos dois anos seguintes, ele provou que eu estava certo, acrescentando outros troféus importantes à sua coleção e superando o recorde de Sampras.

Quanto a mim, aprendi uma grande lição com aquela vitória. Era a lição que Toni repetia havia anos, mas que só fui descobrir que era verdade naquele momento. Aprendi que sempre devemos perseverar e que, por mais remotas que as chances de vitória possam parecer, temos de ir até o limite extremo de nossas capacidades e tentar a sorte. Naquele dia em Melbourne, vi com mais clareza do que nunca que o segredo para o desempenho excelente no tênis está na mente. Se a mente está clara e forte, podemos superar praticamente qualquer obstáculo, até a dor. A mente pode triunfar sobre a matéria.

Um ano e meio depois, antes da final do Aberto dos Estados Unidos de 2010, parecia que caberia ao meu rival, Novak Djokovic, e não a mim, superar a barreira da dor. Ele estava na posição que eu estivera na final do Aberto da Austrália. Em Flushing Meadows, eu estava relativamente descansado, tendo chegado à final sem perder um set, ao passo que Djokovic vinha direto de uma semifinal de cinco sets contra Federer na qual salvara dois match points antes de vencer. Mas ele estava com mais sorte do que eu tive em Melbourne. O dia de adiamento por causa da chuva em Nova York foi uma bênção para ele e, quando entramos na quadra no dia 13 de setembro, estávamos fisicamente no mesmo nível.

Na minha equipe, o clima não era tão tenso quanto antes da final de Wimbledon em 2008. Daquela vez, meus pais estavam lá, assim como minha irmã, Maribel, e María Francisca, minha namorada. Entre treinos e partidas, uma ou duas vezes nos aventuramos a enfrentar as multidões até as lojas da Quinta Avenida e nossos restaurantes favoritos. Assistimos inclusive a um espetáculo da Broadway. Poderíamos ter nos hospedado em um hotel em Flushing Meadows, evitando o trânsito até o centro esportivo, mas competir no Aberto dos Estados Unidos e não ficar em Manhattan seria perder muita diversão. Mais uma vez, ao contrário da experiência de Wimbledon, além de dormir bem antes da final com Djokovic (tão bem quanto nas duas semanas do torneio), também pude conversar abertamente sobre a partida. Ao

contrário de Wimbledon, não havia nenhum tabu. Eu não estava atormentado por lembranças das minhas lágrimas no chuveiro. Mas houve um assunto sobre o qual não conversamos. Não precisei proibir, mas todos logo entenderam que não mencionaríamos o que preocupava tanto a eles quanto a mim: se eu derrotasse Djokovic, me tornaria o sétimo jogador da história a vencer todos os quatro principais títulos do tênis e, aos 24 anos, o mais jovem de todos desde o início da “Era Aberta”, em 1968, o ano em que os profissionais puderam pela primeira vez competir nos torneios do Grand Slam. Naquele período, somente Rod Laver, Andre Agassi e Roger Federer tinham conseguido vencer todas as quatro competições. A vitória no Aberto dos Estados Unidos, para mim o mais difícil dos grandes torneios, seria um feito bastante notável, mas uma vitória depois de Wimbledon, Paris e Austrália seria a coroação da minha carreira – e isso era bastante óbvio para todos nós.

Assim, ninguém mencionou esse assunto na minha presença e, segundo relatos posteriores, as pessoas nem sequer o discutiam entre si. Para se ter uma ideia da nossa união e de até que ponto cada membro da minha família e da minha equipe realmente é uma parte de mim, todos eles chegaram à conclusão de que deveriam guardar seus pensamentos para si. Achavam que, ao expressá-los, poriam tudo em risco. Nunca saberemos se nossa conspiração de silêncio era justificada, ou até mesmo necessária, mas o que todos à minha volta entendem é que, antes de uma partida daquela magnitude, meu estado mental está tenso e frágil, e devo ser tratado com extrema delicadeza e cuidado. É por isso que Toni, Titín, Carlos, Benito e Tuts devem ser amigos além de profissionais. É por essa razão que minha equipe, além de dedicada às minhas necessidades, deve ser sensível ao meu modo de ser, e é por isso que quero minha família por perto. Esse também é o motivo para que eu realize meus rituais no vestiário sempre na mesma ordem e tome um gole de cada uma das minhas duas garrafas d’água a cada intervalo entre os games. É como se esses elementos fizessem parte de uma grande estrutura de palitos de fósforo: se uma das peças não estiver no lugar, tudo pode desmoronar.

Assassinato no Expresso do Oriente

Os banhos de gelo, as massagens nas pernas pesadas como chumbo, os suplementos vitamínicos e os exercícios na bicicleta ergométrica desempenharam seus papéis na realização do milagre de Melbourne. Mas, em vez de receber o crédito pelo conselho dado no momento de crise, Joan Forcades encara a dimensão física da recuperação e do triunfo de Rafael Nadal no Aberto da Austrália como apenas um elemento em um quadro complexo. “Para entender o segredo do sucesso de Rafa, é preciso pensar no *Assassinato no Expresso do Oriente*”, diz o preparador físico do tenista.

Forcades não é pretensioso nem deliberadamente obscuro. Na verdade, sua referência ao livro de Agatha Christie é um ponto de partida insolitamente esclarecedor para um homem que menciona em suas conversas termos como “holístico”, “cognitivo”, “marcador somático”, “assimétrico” e “emotivo-volitivo”. Seu cérebro está sempre encontrando conexões entre o mundo da elite esportiva e as tragédias shakespearianas, a filosofia alemã, Tomás de Aquino ou as últimas tendências da pesquisa neurobiológica.

“A questão sobre *Assassinato no Expresso do Oriente* é que havia um homem morto, mas Hercule Poirot, o detetive, descobriu que uma dúzia de pessoas participou do crime e que todos os suspeitos o haviam matado”, afirma Forcades. “Essa é a abordagem que você precisa adotar para explicar a vitória de Rafael na Austrália, bem como todas as outras conquistas de sua carreira. Se você se concentrar somente em um aspecto, em como ele se recuperou fisicamente, não vai ter acesso a uma história muito maior.”

Forcades passa longas horas com Rafa quando ele volta a Maiorca, porém não vive mais cercado do burburinho e da agitação do circuito internacional de tênis. Sua distância e a mentalidade analítica o destacam como o integrante do círculo íntimo do tenista com a melhor posição para desempenhar o papel de Hercule Poirot e revelar o segredo do sucesso do jovem que ele treinou por mais de uma década. Ao examinar as evidências e reunir as peças do quebra-cabeça, ele é guiado por um pensamento central: o fenômeno Rafael Nadal é maior do que a soma de suas partes. Para Forcades, é nesse ponto que reside o fascínio, e não nos detalhes do programa de treinamento de Rafa. Ele acha entediante, a ponto de se irritar, explicar por que o tenista não levanta pesos, não corre exceto dando pequenos tiros, não faz o

exercício X ou Y para fortalecer os tornozelos e os tendões ou então por que usa determinados aparelhos, plataformas vibratórias ou cordas elásticas para desenvolver a força muscular a fim de conseguir jogar por cinco horas a todo ritmo ou maximizar a aceleração do seu braço esquerdo. Para Forcades, o mais interessante é a intensidade maníaca que Rafa imprime ao seu trabalho no ginásio, em dias bons ou ruins, e como mantém essa intensidade com uma fria clareza de propósito, transformando-a em um triunfo nas quadras. E o mais interessante de tudo é a pergunta: de onde vem tudo isso? Sim, ele é um grande tenista porque está no seu DNA, mas só isso não explica por que ele vence um Grand Slam após o outro. Há muitas pessoas que nascem com o talento para jogar tênis no mais alto nível, e alguns dos adversários que ele derrota têm, supostamente, mais talento natural.

“Essa questão de quem explora ou não o próprio talento é como fazer pipoca”, teoriza Forcades. “Alguns grãos explodem; outros, não. Por que o de Rafael explodiu de forma tão espetacular?”

O primeiro lugar para procurarmos as respostas não são as pernas ou os braços, mas a cabeça, “a parte mais frágil do corpo”, nas palavras de Forcades, e a mais decisiva para determinar a vitória ou a derrota em grandes competições, sobretudo em um esporte individual como o tênis.

“O tênis tem a ver com a resolução de emergências, uma após a outra, durante um longo período. Nenhum ponto é igual ao outro e as decisões precisam ser tomadas constantemente em uma fração de segundo. O jogador que, ao cometer um erro, for capaz de não ancorar na lembrança de tal deslize ou que, ao fazer um grande lance e assumir a dianteira no set, conseguir controlar a descarga de otimismo e continuar jogando de maneira estável, avaliando cada lance de maneira independente e rápida sob uma pressão temporal brutal, irá se destacar e ser campeão, não apenas uma ou duas vezes, mas ao longo do tempo. Nesse frenesi de tomada de decisões, é vital manter a cabeça fria, o que depende do seu bem-estar emocional. Esse é o atributo mais importante que Rafael possui. Seu estado de alerta, mantido durante horas a fio, é quase sobre-humano. Essa é a chave para tudo.”

Se Rafa triunfou, é porque sua cabeça, seu corpo e suas emoções, interligados, estavam em harmonia, ou, nas palavras de Forcades, “em perfeita sinergia”. O motivo para isso foi a influência favorável de uma infância feliz e de uma adolescência disciplinada, bem como seus relacionamentos duradouros com cada integrante da família e da equipe. É isso que Forcades chama de fator “socioafetivo”, que significa que, inusitadamente para um atleta de alto nível, Rafa esteve a vida toda protegido por um ambiente estável e sem conflitos, um ambiente no qual seus pais e seu tio Toni transmitiram, desde muito cedo, a mensagem de que o talento sem humildade e trabalho árduo nunca florescerá. Humildade é o reconhecimento das suas limitações. É a partir desse entendimento, e apenas dele, que surge o impulso de trabalhar com afinco para superá-las. É por isso que Rafael, um exemplo para crianças em todo o mundo, se

empenha tanto no preparo físico na academia, mais do que qualquer outro tenista que já conheci, e, apesar de todo o sucesso que obteve, luta com a maior seriedade em cada treino para aprimorar o próprio jogo.

Segundo Forcades, essa “continuidade” que Rafa tanto valoriza em sua vida é algo quase desconhecido para atletas de alto nível. O treinador o acompanha há 20 anos; o preparador físico e o agente, há 10; o fisioterapeuta e o assessor de imprensa, há cinco; e a família se mantém unida, sem brigas nem ciúme, desde o dia em que Rafa nasceu.

“Um sucesso como o de Rafael, tão estrondoso que o incluirá nos livros de história, é algo muito difícil de encarar. Alimenta o ego e pode enlouquecê-lo. É aí que você precisa da estabilidade de uma família que mantém seus pés no chão. Rafa teve muita sorte de contar com um tio próximo que teve sucesso, dinheiro e fama no mundo do futebol. As pessoas às vezes se perguntam se os campeões já nascem assim ou se são construídos. O exemplo de Miguel Ángel ensinou a Rafa desde cedo que não é possível fazer essa distinção, pois as duas coisas são verdadeiras. Se você nasce com certos talentos, mas não treina e não é apaixonado pelo que faz, não chegará a lugar nenhum. O desejo de continuar aprendendo e melhorando está em seu sangue. Ele sabe que ninguém é um deus, muito menos ele mesmo, mas seu espírito de autossacrifício, que vi ano após ano, por mais alto que ele tenha chegado no Olimpo, é sobre-humano.”

Os tios Miguel Ángel e Toni, o estilo “pé no chão” dos pais, o grupo mais amplo de apoio da família, a namorada estável, a equipe profissional fixa composta por amigos e também, como nota Forcades, a natureza acanhada e modesta do maiorquino combinada com a inteligência e o talento inatos de Rafa, além da sua determinação, resultam em algo maior do que a soma das partes visíveis.

“A intrincada rede de segurança emocional de Rafael liberou sua mente e seu corpo para que ele obtivesse o melhor de si mesmo. Sem isso, a eficácia do preparo físico que faço com ele seria uma fração do que é. Sem isso, seria inimaginável que ele tivesse se tornado esse tenista forte e em forma, capaz de ter a nitidez mental necessária para tomar decisões rápidas que determinam o resultado em circunstâncias de alta expectativa e extremo nervosismo na final de um torneio do Grand Slam. A questão é que não podemos separar a pessoa do atleta. E a pessoa vem antes. Rafa obteve sucesso porque é uma pessoa boa e tem uma família que o apoia.”

PARAÍSO PERDIDO

A MÚSICA PAROU, UM SINAL evidente de que a partida no estádio Arthur Ashe estava prestes a começar. Meus tímpanos tinham sido castigados durante o aquecimento – era impossível ouvir o eco dos próprios lances ali –, mas tudo mudou. A final do Aberto dos Estados Unidos de 2010 havia começado, com Djokovic sacando, e sob um forte sol vespertino após a chuva do dia anterior.

O primeiro ponto, que se estendeu por 21 lances, foi excelente para os fãs, mas não tão bom para mim, já que foi convertido por meu adversário, mas sempre tento ver as coisas da melhor maneira possível, e houve muitos momentos positivos. Eu usara praticamente todo o meu repertório de jogadas durante o rali, começando com um slice de esquerda lento e baixo na devolução do primeiro serviço, algumas direitas sólidas, uma esquerda batida com força. Realizei todos os lances bem e controlei o ponto, mantendo Djokovic na defensiva, até que tentei uma deixadinha. Não foi uma jogada hesitante ou covarde, mas calculada, de ataque. Porém, ele foi rápido demais – o serviço é muito veloz, e foi bom ser lembrado disso logo de início – e pude apenas tocar desajeitadamente sua devolução alta na minha esquerda, permitindo que ele devolvesse uma bola decisiva no meio da quadra.

O placar marcou 15-0 para ele, mas eu não tinha motivo para ficar desanimado. Estava sentindo bem o jogo novamente, vendo e ouvindo a bola. “Ouvir” a bola, um termo do qual Joan Forcades gosta, significa tocar a nota certa a cada lance, estabelecer um contato fluente entre a raquete e a bola, sintonizar cabeça e corpo.

Eu não me iludia em relação às probabilidades. Djokovic exagerou no ponto seguinte e mandou uma direita longa. Depois foi a vez de ele tentar uma deixadinha, que saiu ruim, me permitindo desferir uma esquerda cruzada fora do seu alcance, depois uma esquerda desajeitada e longa seguida do meu lance decisivo. Quebrei o serviço dele no primeiro game e um início melhor teria sido impossível. Eu estava vencendo por 1-0 e o serviço era meu: outro motivo para comemorar, pois em minha carreira raras tinham sido as vezes em que sacara melhor do que naquele Aberto dos Estados Unidos. A caminho da final, não perdi nenhum set e tive meu serviço quebrado apenas duas vezes em 91 games. Havia um motivo para isso.

No início do torneio, eu tinha decidido fazer uma ligeira alteração na minha empunhadura, diminuindo o slice e aumentando a força, fazendo com que a cabeça da raquete golpeasse a bola com mais impacto. Era arriscado, mas funcionou. O saque nunca foi um dos meus pontos fortes. Não é um lance que realizo com a mesma confiança que as jogadas do fundo da quadra. Meus movimentos não são tão mecanizados como os de Federer, por exemplo, e às vezes,

sobretudo quando a situação fica tensa, posso perder o ritmo. Não jogo a bola suficientemente alto e meu corpo se retesa. Talvez esse seja um momento no qual ser canhoto no tênis e destro na maioria das outras coisas confunde meus circuitos mentais. Há algo que nem sempre funciona tão bem quanto deveria na coordenação entre cérebro e corpo.

Mas naquele Aberto dos Estados Unidos saquei como em um sonho, disparando muitos primeiros serviços bons e marcando mais “pontos gratuitos” do que de costume. Manter um serviço forte era algo que eu invejava havia muito tempo nos outros jogadores, mas não naquele torneio. A vantagem foi que me desgastei menos do que habitualmente na trajetória até a final, o que me permitiu conservar energia e chegar à partida contra Djokovic em um estado de bem-estar físico que não podia ser mais diferente da sensação que tomou conta de mim ao entrar na final do Aberto da Austrália no ano anterior.

Eu nunca havia iniciado uma campanha do Aberto dos Estados Unidos me sentindo tão revigorado. Meu corpo e minha mente estavam relaxados e, quando cheguei a Nova York na segunda-feira, uma semana antes do início do torneio, joguei golfe dois dias consecutivos. Depois, com a chegada de Toni na quarta-feira, retomei o treinamento com intensidade máxima.

O trabalho específico em meu serviço teve suas recompensas no segundo game da final. Aproveitei logo a chance que Djokovic inesperadamente me proporcionou de avançar para 2-0 no placar. Mas depois ele venceu seu game de serviço e quebrou meu serviço no game seguinte após alguns lances incríveis, igualando o placar em 2-2. Surpreendentemente para uma partida daquela importância em uma superfície que favorece quem está sacando, quebrei de novo o serviço dele – foram três quebras em cinco games. Venci com um lance indefensável na direita dele após um game extraordinariamente longo, com um empate após o outro. A ordem foi restaurada, todos os games foram vencidos por quem estava servindo e ganhei o set por 6-4.

Meu histórico mostrava que eu perdera apenas uma das 107 partidas do Grand Slam após vencer o primeiro set. Mas não era sensato confiar em estatísticas. Sempre havia uma primeira – ou, neste caso, uma segunda – vez para tudo. Djokovic não era apenas um jogador extremamente talentoso com um estilo deslumbrante, mas também me vencera de forma convincente em nossos três últimos encontros em quadras duras. Eu estava grato por ter uma oportunidade de restaurar o equilíbrio. Diante de calamidades ocorridas havia não muito tempo, agradecia por estar ali. Doze meses antes, em meados de 2009 – um ano que começou promissor, com a vitória no Aberto da Austrália, e depois foi de mal a pior –, seria inimaginável estar naquela final, tentando conquistar o Grand Slam.

Na primeira etapa da longa viagem de volta da Austrália, no voo de Melbourne a Dubai, meu pai contou que ele e minha mãe estavam tendo problemas conjugais. Logo percebi que ele queria dizer que pensavam em se separar. Felizmente, ele teve a sensibilidade de não falar sobre esse assunto nos dois dias anteriores, antes da final, do contrário eu não teria encontrado forças para me recuperar da partida contra Verdasco. Mas esse era apenas o

menor dos consolos. A notícia me deixou atônito, com raiva, magoado, arrasado. Não falei com ele pelo resto da viagem.

Meus pais eram o alicerce da minha vida e percebi que aquele pilar havia desmoronado. A continuidade que eu tanto prezava tinha sido rompida e a ordem emocional da qual dependo sofrera um duro golpe. Outra família com filhos adultos – eu tinha 22 anos e minha irmã, 18 – talvez tivesse aceitado melhor a separação. Mas isso não era possível em uma família tão próxima e unida como a nossa, na qual não havia conflitos visíveis, na qual se vivia em harmonia e com alegria. Foi desolador assimilar a notícia de que meus pais estavam passando por uma crise após quase 30 anos de casamento. Minha família sempre fora o cerne sagrado e intocável da minha vida, meu centro de estabilidade e um álbum vivo das minhas lembranças de infância. De repente, e totalmente sem aviso, a imagem da família feliz havia rachado. Sofri por meu pai, minha mãe e minha irmã, que passavam por um momento terrível. Mas todos foram afetados: meus tios e minha tia, meus avós, sobrinhos e sobrinhas. Todo o nosso mundo se desestabilizou e o contato entre os integrantes da família se tornou, pela primeira vez para mim, estranho e pouco natural. De início, ninguém sabia como reagir. A volta para casa era sempre uma alegria, porém naquele momento se tornou algo incômodo e estranho.

Durante todos esses anos de viagens constantes e cada vez mais solicitações à medida que eu me tornava conhecido no mundo inteiro, Manacor e o balneário vizinho de Porto Cristo foram uma bolha de paz e sanidade, um mundo privado no qual eu podia me isolar da insensatez da vida de celebridade e ser eu mesmo novamente. Pesca, golfe, amigos, a velha rotina dos almoços e jantares familiares – tudo isso havia mudado. Meu pai saía da nossa casa em Porto Cristo e, quando nos reuníamos para fazer as refeições ou assistir à TV, ele não participava mais. Onde antes havia riso e piadas pairava um silêncio pesado. O paraíso se transformara em um paraíso perdido.

Estranhamente, esse episódio não teve efeito imediato no meu desempenho. Eu estava tendo uma série de vitórias e o impulso positivo me acompanhou por alguns meses. Venci em Monte Carlo, Barcelona e Roma. E o que era ainda mais surpreendente: venci na quadra dura de Indian Wells. Não senti alegria no momento da vitória, mas meu corpo, de alguma maneira, continuava realizando os movimentos certos. Eu estava deprimido, sem entusiasmo. Por fora, eu parecia um robô jogando tênis, mas, por dentro, perdera todo o amor pela vida.

Os integrantes da minha equipe não sabiam como reagir à tristeza que tomou conta de mim. Para Carlos, Titín, Joan e Francis Roig, que estava comigo em Indian Wells no lugar de Toni, eu tinha me tornado uma pessoa diferente, distante e fria, breve e contundente ao conversar. Eles se preocupavam comigo e com o impacto da separação dos meus pais no meu desempenho. Sabiam que eu não conseguiria manter a sequência de vitórias, que algo acabaria ocorrendo. E foi o que aconteceu. Não demorou muito para meus joelhos falharem. Senti as primeiras pontadas em Miami, no fim de março. A dor foi piorando a cada semana, mas continuei jogando até o início de maio, em Madri, quando não consegui mais seguir em frente. A mente não podia mais superar a matéria e fiz uma pausa.

Voltei algumas semanas depois para o Aberto da França. Talvez eu não devesse ter competido em Roland Garros, mas eu vencera aquele campeonato nos quatro anos anteriores e achava que tinha o dever de defender minha coroa, por mais improvável que a perspectiva de vitória parecesse. Obviamente, perdi na quarta rodada para Robin Soderling, da Suécia, minha primeira derrota naquele torneio. Foi a gota d'água. Eu fizera um enorme esforço para estar em forma para Roland Garros, batalhando para superar tanto a separação dos meus pais quanto a dor nos joelhos, mas naquele momento vi que, com a mente e o corpo debilitados, não conseguiria seguir adiante. Bastante triste, me retirei também de Wimbledon, desistindo da chance de defender um título que havia sido tão difícil de conquistar no ano anterior e que significava tanto para mim. Meus joelhos foram o principal motivo, mas eu sabia que a causa fundamental era meu estado de espírito. Meu zelo competitivo havia esmorecido, a adrenalina secara. Joan Forcades afirma que há uma ligação “holística” de causa e efeito entre aflição emocional e colapso físico. Segundo ele, se sua cabeça está sob um estresse permanente, você dorme pouco e sua mente fica distraída – exatamente os sintomas que eu apresentava na época –, o que causa impactos devastadores em seu corpo. Mensagens que provocam lesões sob a pressão da competição são levadas até os músculos. Estou certo de que Joan tem razão.

O fato de estar em Wimbledon, e não em casa, me lembrava a cada minuto das alterações dramáticas em nossas vidas, e isso só aumentava minha introspecção e tristeza. E, embora eu continuasse a treinar com Joan na academia, fazendo exercícios específicos que ajudavam na recuperação dos meus joelhos, não era um treinamento intenso, porque faltava disposição. Naquele ano, Federer venceu Wimbledon depois de ganhar o Aberto da França pela primeira vez um mês antes, recuperando o primeiro lugar no ranking um ano após eu tê-lo conquistado. Foi um golpe, mas teria doído muito mais em circunstâncias normais. Minha sensação de perda continuava focada no que havia acontecido em minha vida pessoal e familiar.

Mas não sou de fazer corpo mole. Se eu estivesse me sentindo bem, jamais teria me afastado das competições. Depois da pausa de Wimbledon, no início de agosto, voltei ao circuito na América do Norte, jogando primeiro em Toronto e, depois, em Cincinnati. Meus joelhos estavam resistindo, embora eu não tenha vencido nenhum dos torneios. Mas, em Cincinnati, sofri outro revés ao distender um músculo abdominal. Não se trata de uma lesão incomum entre tenistas. Ela afeta especialmente o saque, quando você se estica e gira para acertar a bola, mas não é algo que o impeça de jogar se, no geral, estiver bem. Em seguida, começou o Aberto dos Estados Unidos e, daquela vez, mantive minha participação. Em vista das circunstâncias, avancei mais do que esperava, sendo eliminado nas semifinais por Juan del Potro, da Argentina, que venceu confortavelmente por 6-2, 6-2 e 6-2 e ganhou o torneio. Mas já era o bastante. Estava na hora de fazer uma pausa e ter tempo de encarar a nova realidade em casa, tentar aprender a lidar com aquela situação, deixar de pensar um pouco no tênis e dar ao meu corpo tempo para se recuperar.

Nunca cheguei a odiar o tênis, como alguns jogadores profissionais afirmam ter acontecido com eles. Acho que não dá para odiar algo que garante o seu sustento e que lhe deu quase tudo

o que você tem na vida. No entanto, pode haver um momento no qual você se sente cansado e o entusiasmo fanático necessário para competir nos mais altos níveis começa a arrefecer. Assim como Toni, sempre achei que, para continuar a jogar, é preciso quebrar os padrões estabelecidos, continuar a treinar com afinco por muitas horas, querendo ou não, porque qualquer diminuição de intensidade afetará seus resultados na quadra. Mas chega uma hora em que você simplesmente não consegue seguir em frente com corpo e mente a todo vapor, dia após dia, e a melhor coisa é esperar que o desejo de jogar volte.

No Natal de 2009, 11 meses após tomar conhecimento dos problemas conjugais dos meus pais, havíamos aprendido a nos adaptar à nova dinâmica familiar. Minha mãe, que teve um ano muito triste, estava recuperando seu antigo ânimo, então resolvi que chegara o momento de virar a página. Inúmeras matérias questionavam se algum dia eu retomaria minha melhor forma, e alguns especialistas se perguntavam se meu jogo fortemente físico havia me causado um desgaste do qual eu nunca me recuperaria plenamente. Tudo isso só aumentou meu desejo de voltar e provar que os céticos estavam enganados. Toni, que também não ficou imune aos traumas familiares, se mostrou solidário na maior parte do tempo. Mas, naquele momento, quando meu *annus horribilis* se aproximava do fim, ele disse que já era o suficiente. Estava na hora de eu me preparar e voltar ao trabalho. “Muitas pessoas têm problemas na vida, mas elas seguem em frente”, disse ele. “O que o torna tão especial para ser uma exceção?”

Apesar de ríspido – como sempre –, seu argumento era válido. A dor nos joelhos nunca desapareceu por completo, mas voltei a treinar em ritmo pleno. À medida que 2010 se aproximava, batalhei muito para ficar em forma para o Aberto da Austrália.

Eu não esperava vencer, mas fiquei muito decepcionado com o modo como fui eliminado nas quartas de final, por Andy Murray. Por causa da dor, tive de desistir na metade do terceiro set. Murray vencera os dois primeiros e, no espírito de uma competição honesta, eu gostaria de ter continuado até o fim, mesmo que estivesse óbvio que a vitória seria dele. No entanto, a dor era tão intensa e o dano em potencial aos joelhos era tão grande que tive de parar. Foi outro golpe após todo o trabalho árduo de preparação para a Austrália, ainda mais depois que meu médico disse que eu precisaria de duas semanas de repouso e, em seguida, duas semanas de reabilitação antes de voltar a competir novamente. Mais uma prova de que a vida de um atleta de alto nível não é boa para a saúde – uma afirmação com a qual Joan Forcades, que na minha opinião é um especialista mundial no assunto, concorda plenamente.

Os incrédulos tinham mais munição do que nunca naquele momento, mas me recusei a acreditar que aquele era meu fim. Não fiquei tão desapontado quanto cinco anos antes, quando o problema no escafoide do tarso me obrigou a parar. Eu podia caminhar, mas não correr. Eu não estava mancando, usando muletas nem rebatendo bolas sentado em uma cadeira.

Um mês se passou e voltei a uma forma física razoável, me sentindo suficientemente bem para competir em Indian Wells e Miami em março, chegando às semifinais em ambas as competições. Em seguida, mais uma vez, veio Monte Carlo, onde houve um grande avanço. Nas quadras de saibro, voltei a ser eu mesmo. Perdi apenas 14 games em todas as cinco

partidas e venci Fernando Verdasco – compatriota que me fez chorar de desespero durante aquela partida de cinco horas e cinco sets no Aberto da Austrália – por 6-0 e 6-1 na final, contabilizando seis vitórias consecutivas em Monte Carlo. Havia outro motivo para ficar alegre: meu pai e o dr. Cotorro buscavam uma solução para meu problema nos joelhos e parecia que finalmente tinham tido sorte. Marquei uma consulta logo após o torneio de Monte Carlo, em um centro médico em Vitoria, a capital do País Basco, onde era realizado um tratamento que os médicos acreditavam que poderia me curar de uma vez por todas. Eram injeções sem anestésicos nos joelhos, uma perspectiva que não me enchia de alegria, mas eu faria qualquer coisa para recuperar totalmente a forma física. Havia um ano que aquele problema me afligia e eu queria que ele sumisse.

Chegar a Vitoria, onde eu tinha uma consulta no dia seguinte à final em Monte Carlo, se revelou um desafio maior do que eu, meu pai e Titín imaginávamos. O itinerário normal teria sido ir de avião de Nice até lá, via Barcelona. O problema era que praticamente todo o espaço aéreo da Europa havia sido fechado em consequência da erupção de um vulcão na Islândia. Os ventos carregavam uma gigantesca nuvem de cinzas para o sul, até a Espanha, e as autoridades aeronáuticas cancelaram todos os voos por causa do risco de as pequenas partículas da nuvem causarem uma pane nas turbinas dos aviões em pleno ar. Por isso, tivemos de viajar de Monte Carlo a Vitoria de carro, percorrendo cerca de 1.300 quilômetros. Nossa consulta estava marcada para o meio-dia de segunda-feira, por isso teríamos que dirigir durante a noite toda. Havia, porém, mais uma complicação. O Real Madrid disputaria um jogo importante naquela noite de domingo e estava fora de cogitação não assistir. Então, fomos para a casa de Benito (ele mora em Monte Carlo), pedimos pizza, assistimos ao jogo – que o Real venceu – e partimos pouco antes da meia-noite, com meu pai ao volante.

Pouco depois de iniciarmos a viagem, percebemos que estávamos cansados demais para dirigir sem fazer uma parada. Então, ligamos para Benito e pedimos que ele tentasse encontrar um lugar onde pudéssemos parar e dormir por algumas horas. Ele ligou para um modesto hotel de beira de estrada em Narbonne, no sul da França, faltando um terço do caminho para chegarmos ao nosso destino. Benito é um homem convincente, mas teve de se esforçar para persuadir o recepcionista noturno de que aquilo não era um trote – que Rafa Nadal e seus companheiros realmente precisavam de alguns quartos no hotel às três e meia da madrugada.

Levantamos algumas horas mais tarde, tendo dormido muito pouco e sem vontade alguma de enfrentar as sete horas de estrada que faltavam. Felizmente, pudemos adiar a consulta até a tarde, o que nos permitiu parar algumas vezes ao longo do caminho. As injeções sem anestesia foram tão dolorosas quanto eu esperava. Enquanto o médico as aplicava, mordi uma toalha e me forcei a acreditar que o tratamento atingiria seu objetivo: permitir que os tendões do joelho se regenerassem e se fortalecessem a ponto de o problema não apenas sumir, mas nunca mais voltar.

Depois de outras duas semanas de repouso obrigatório, disputei o Masters de Roma. Sentia-me bem melhor, embora soubesse que em julho teria de voltar a Vitoria para outra rodada de

injeções. Venci em Roma e em Madri, silenciando muitos rumores de que estava no final da minha carreira como tenista, enquanto me encaminhava para o grande teste que provaria que minha “ressurreição” estava completa: o Aberto da França. Não vencia um Grand Slam desde Melbourne, quase um ano e meio antes, mas entrei naquele campeonato como favorito.

Toni, que sempre se preocupava com a possibilidade de o sucesso me subir à cabeça, ficou irrequieto. Isso se tornou um ato involuntário para ele, às vezes atingindo níveis absurdos. Certo dia, no início do Aberto da França, caminhávamos lado a lado com Carlos Costa por uma larga calçada em Paris. Eu estava no meio deles. De repente, meu treinador parou.

– Espere um minuto. Não pode ser assim.

Carlos e eu olhamos para ele intrigados e um pouco irritados, como se estivéssemos perguntando: “O que não pode ser assim?”

– Isto não pode ser assim! – exclamou ele.

– O quê, Toni?

– Você, Rafael, andando no meio de nós dois dessa maneira.

Na cabeça de Toni, estávamos transmitindo aos transeuntes a mensagem de que eu era a pessoa especial entre os três, como se ele e Carlos fossem meus guarda-costas ou cortesãos. Carlos, que tem menos paciência com Toni do que eu, começou a protestar.

– Ah, pelo amor de Deus, Toni...

Mas minha atitude em momentos como aquele era: “qualquer coisa por um pouco de paz”. Então, cedi ao capricho de Toni e fui para uma das extremidades, como ele queria.

Em Roland Garros, minha conquista mais importante foi silenciar os críticos pessimistas de uma vez por todas. Fiz jus ao meu título de favorito e não perdi nenhum set a caminho da final, na qual enfrentei Robin Soderling, que me eliminara no Aberto da França no ano anterior. O sueco havia derrotado Federer nas quartas de final, o que significava que, se eu o vencesse, acumularia pontos suficientes para reconquistar o primeiro lugar no ranking mundial. E foi o que aconteceu: venci a final sem perder nenhum set, por 6-4, 6-2 e 6-2, e conquistei meu sétimo Grand Slam.

Wimbledon era o próximo grande torneio, dali a um mês. Por não ter participado no ano anterior, o que me deixou muito triste, eu tinha um desejo especial de voltar e obter minha segunda vitória. Eu estava confiante. Carlos Costa diz que sou como um motor a diesel: nem sempre dou a partida muito depressa, mas, quando engato, sou irrefreável. Talvez essa comparação seja um pouco exagerada, mas é verdade que, em junho de 2010, eu estava novamente animado.

A situação dos meus pais se estabilizou, o que liberou minha cabeça para se concentrar novamente no tênis e isso fez toda a diferença. O impacto devastador que a separação teve sobre mim demonstrou, de forma conclusiva, a profunda conexão entre a tranquilidade no meu círculo familiar e a estabilidade do meu desempenho. Os circuitos eram interconectados demais para não se afetarem mutuamente. Mas o tempo passara – fazia quase um ano e meio que meu pai tinha me dado a notícia na volta de Melbourne – e eu havia me reprogramado

para me adaptar à nova realidade. Graças aos meus pais, as novas circunstâncias não se revelaram tão destrutivas quanto eu temera inicialmente. Eles permaneceram distantes um do outro, mas conduziram bem a situação, priorizando o meu bem-estar e o da minha irmã. Alguns casais que se separam tentam usar os filhos como instrumentos de vingança. Com os meus pais, foi o oposto. Cada um deles fez o que podia para atenuar o impacto sobre mim e Maribel. Depois da inevitável acrimônia inicial, não houve discussões ou episódios dramáticos e, com o tempo, eles até voltaram a ser amigos, a ponto de comparecerem juntos novamente aos torneios para me ver jogar. A separação deles foi civilizada, e eu os admiro e amo por isso.

Assim, na manhã depois de ter vencido o Aberto da França, com espírito alegre após uma noite de comemoração, me vi a caminho da Disneylândia Paris com meu pai, Titín, Benito e Tuts. Havíamos marcado uma sessão fotográfica lá. Apesar de eu não ter dormido muito, aquela era uma obrigação profissional que eu não tinha problemas em cumprir. Eu já estivera lá e me diverti muito. Adoro a companhia das crianças e estabeleço naturalmente um bom contato com elas.

O ruim foi ir de helicóptero, um meio de transporte que preciso usar algumas vezes, mas que sempre me aterroriza. Sobrevivemos ao voo, o que só aumentou meu prazer em alguns dos brinquedos e me permitiu sorrir facilmente para as câmeras no momento de posar ao lado do Pateta e do sr. e da sra. Incrível com meu troféu do Aberto da França. Depois, voltamos direto para o centro de Paris a fim pegar o trem para Londres.

O Queen's Tournament, que antecede Wimbledon, é disputado em quadras de grama. Seria dali a uma semana e eu queria começar a praticar naquela superfície assim que possível. Após termos despontado do túnel sob o Canal da Mancha e chegado pouco mais de uma hora mais tarde na estação em Londres, fomos direto para o Queen's Club em vez de seguir para o hotel. Chovia, como acontece com frequência em Londres, por isso tive de esperar no vestiário com alguns outros jogadores, entre eles Andy Roddick, que o sol voltasse a brilhar. Não tínhamos muito a fazer a não ser olhar para a tela da TV, que, por acaso, mostrava uma reprise da minha final em Wimbledon contra Roger Federer em 2008. Os demais jogadores estavam tão concentrados quanto eu, mas, pouco tempo depois, percebemos que a chuva havia parado. Dei um pulo.

“Meu Deus, parou de chover! Vamos lá! Vamos treinar!”, disse a Titín.

Meus companheiros de vestiário, que ainda assistiam à partida, me olharam espantados, acreditando que eu fosse saborear minha célebre vitória em vez de demonstrar tanta avidez em sair para a quadra. Mas, para mim, não havia um segundo a ser desperdiçado. Depois de quase dois anos afastado, eu precisava recuperar imediatamente a sensação de jogar na grama.

Eu vencera o Queen's Tournament em 2008, mas, daquela vez, perdi nas quartas de final. Não foi uma catástrofe, pois me deu mais tempo para me preparar para Wimbledon no meu próprio ritmo. Saí do hotel em que me hospedara em Londres e voltei ao nosso lar inglês, a casa que costumamos alugar ao lado do All England Club. Era bom estar de volta. Assim

como minha ausência de Wimbledon em 2009 demonstrara como eu havia ficado abalado pelos meus problemas familiares, meu retorno em 2010 significou uma volta à tranquilidade.

A imagem do motor a diesel que Carlos Costa usa para me descrever foi especialmente precisa naquele torneio. Comecei devagar, mas, quando engrenei, nada podia me deter. Quase fui eliminado na segunda rodada, vencendo por pouco um jogo em cinco sets, mas, quanto mais eu avançava e mais difíceis eram os adversários – de acordo com o ranking, pelo menos –, mais meu desempenho melhorava. Venci Soderling nas quartas de final em quatro sets e Andy Murray nas semifinais em três sets. Na partida contra Murray, a torcida na quadra central se comportou de maneira impecável. Os britânicos anseiam por um compatriota campeão de Wimbledon desde 1936, quando Fred Perry venceu pela última vez, e os espectadores deixaram claro desde cedo para quem estavam torcendo. Murray, quarto pré-classificado do torneio, era a maior esperança que eles tinham em muito tempo. Mas foram justos comigo o tempo todo ao não comemorar minhas duplas faltas e ao aplaudir meus melhores lances. E quando, para decepção da grande maioria, venci sem perder nenhum set, eles não se furtaram a aplaudir calorosamente.

Se eu conseguisse chegar à final, esperava encontrar Roger Federer pela quarta vez. Mas não foi o que aconteceu. Meu adversário daquela vez foi o 12º pré-classificado, Tomas Berdych, da República Tcheca, que fizera uma campanha brilhante no torneio, vencendo Federer nas quartas de final e Djokovic nas semifinais. Embora a complacência fosse a última coisa a me passar pela cabeça, eu não estava nem de longe tão nervoso quanto na final de dois anos antes. Assim como o fato de nunca ter disputado uma final em Wimbledon é uma desvantagem, a experiência – pela quarta vez no meu caso – proporciona certa familiaridade tranquilizadora. Disputando um jogo quase perfeito, venci em três sets, por 6-3, 7-5 e 6-4, e conquistei meu segundo título em Wimbledon, meu oitavo Grand Slam.

A partida terminou cedo, mas não dormi nada aquela noite. Depois do jantar oficial, no qual, de acordo com o protocolo, tive de usar smoking e dançar com a vencedora do torneio feminino, Serena Williams, não havia motivo para dormir. O evento terminou depois da meia-noite e eu só tinha duas horas e meia antes de ir para o aeroporto com meu pai e Titín. Ao amanhecer, pegaríamos um voo para Bilbao, de onde iríamos até Vitória, a uma hora de distância, para a segunda e decisiva rodada de injeções nos meus joelhos. Podíamos ter agendado o tratamento para dali a alguns dias, mas eu queria voltar a Maiorca quanto antes para as férias de verão que sempre tiro depois de Wimbledon. As pessoas dizem que o instinto caseiro é especialmente forte entre ilhéus. No meu caso, é verdade. Quando a vontade de voltar para casa toma conta de mim, nem levo o sono em consideração.

Como descobrimos logo, não precisávamos ter partido tão cedo. O médico achou que aquele não era o melhor momento para fazer as aplicações, porque havia a possibilidade de o joelho ser infectado. Então, voltamos rapidamente para Bilbao e pegamos um avião até Palma, retornando em outro momento a Vitória para continuar o tratamento, que foi um sucesso. Os problemas nos joelhos sumiram. Descansei mais do que de costume naquele verão, pois

repouso era do que eu precisava para estar bem preparado para o grande desafio à minha espera: fechar o Grand Slam vencendo o Aberto dos Estados Unidos.

Fiquei três semanas afastado do tênis e, daquela vez, não foi por causa de uma lesão ou de problemas emocionais, mas porque era hora de apertar o botão de descanso. Antes de recomeçar do zero, eu queria pôr um fim às tensões internas e externas à quadra que eu enfrentara no ano anterior. Fui pescar, nadei no mar, joguei golfe, saí com os amigos – muitas vezes voltei tarde da noite – e fiquei com María Francisca. Foi um alívio, pelo menos por um tempo, não ser constantemente assediado por repórteres ou aparecer nos jornais todo dia. Era libertador não ter o compromisso de socializar com os mesmos jogadores todos os dias nos vestiários e restaurantes de clubes, não precisar assistir às partidas dos meus adversários na TV nem ser obrigado a circular de carro entre hotéis e clubes de tênis para treinar ou jogar, às vezes perdendo a noção, ao acordar, da cidade em que eu estava. Lido bem com tudo isso e aceito que faz parte da minha carreira, mas, como qualquer pessoa que trabalha, preciso de férias de vez em quando. Na minha profissão, o risco de esgotamento é alto. Concluí que, se eu tivesse uma oportunidade de vencer o Aberto dos Estados Unidos, a coisa mais importante àquela altura era esvaziar minha mente para que, quando eu voltasse a jogar, tivesse o desejo e o entusiasmo necessários.

Foi só no início de agosto, 10 dias antes do meu circuito de verão pela América do Norte, que voltei a treinar a todo vapor. Foi um recorde. Geralmente, o tempo mínimo de preparação que eu me permitia antes de um torneio era de 15 dias. Daquela vez, 10 dias pareciam o bastante. Porém, não foi o suficiente para vencer em Toronto, onde perdi nas semifinais, nem em Cincinnati, em que não passei das quartas de final. Mas, embora eu não tenha jogado particularmente bem naquelas competições, senti que o melhor ainda estava por vir. Às vezes é melhor não chegar em um Grand Slam com força total, porque, se você não conseguir manter seu melhor nível nas partidas iniciais, há o risco de se decepcionar consigo mesmo e perder o moral.

No fim, meus cálculos se revelaram corretos, embora no início eu não estivesse tão seguro. Comecei um pouco hesitante em Flushing Meadows, em parte por causa de uma discussão com Toni que trouxe à tona tensões acumuladas entre nós havia muito tempo. O motivo foi algo com que ele me atormentava desde que começamos a trabalhar juntos, duas décadas antes: a necessidade, durante as competições, de manter “uma cara boa”.

Ter “uma cara boa” significa ter uma expressão séria e concentrada quando se está jogando, revelando o menor número possível de emoções negativas, refletindo uma atitude de persistência e disciplina profissional. O oposto de uma “cara boa” é uma expressão que revela raiva, nervosismo, tensão, medo ou até mesmo a alegria que você pode estar sentindo. Segundo Toni, não se trata meramente de uma questão de estética ou de boas maneiras. A teoria, e Joan Forcades concorda com Toni, é que a expressão no seu rosto condiciona significativamente seu estado de espírito e, no caso de um tenista, o funcionamento do corpo. Em outras palavras, se você consegue manter uma boa expressão durante uma partida, maiores

são as chances de não se distrair com o lance, seja ele bom ou ruim, que acabou de realizar ou com o ponto que perdeu ou marcou, concentrando toda a sua mente no presente, em suas necessidades imediatas. É outra maneira de pôr em prática o princípio da resistência defendido por Toni e outro aspecto do que Joan chama de abordagem “holística” necessária para o sucesso nos esportes de alto nível.

Grosso modo, concordo com eles. É por isso que sempre tento apresentar uma boa expressão para o mundo, como acho que fiz durante a final de Wimbledon em 2008. Não é por acaso que a lembrança que mais me orgulha diz respeito à postura que mantive do início ao fim daquela partida. Sim, Toni tem razão. O fato de manter uma boa expressão proporciona uma vantagem competitiva no tênis. E, segundo ele, foi a minha incapacidade de manter uma boa expressão durante a partida da segunda rodada do Aberto dos Estados Unidos de 2010, contra Denis Istomin, do Uzbequistão, que causou nossa discussão – uma discussão bastante desnecessária, a meu ver, que ele provocou e que poderia ter tido um impacto negativo no restante da minha campanha em Nova York.

Antes do início da partida da segunda rodada, Toni recomendou que eu jogasse de maneira segura, mandasse bolas altas, esticasse os pontos, me concentrasse em poupar meu ritmo para as partidas mais difíceis à minha frente. Fiz exatamente o que ele dissera e venci. Mas eu não estava jogando tudo o que podia e acho que meu rosto deve ter refletido certa ansiedade. No vestiário, após a partida, ele reclamou que minha expressão não fora positiva, que minha atitude havia sido ruim. Discordei e disse:

– Não entendo por que está reagindo dessa maneira quando joguei exatamente como você mandou. E não entendo por que você sente a necessidade de me recriminar quando a maioria das pessoas só elogia minha atitude na quadra. Se minha expressão era essa que você está dizendo, é porque eu estava nervoso, com medo de perder, uma reação humana totalmente compreensível na minha opinião. Mas me mantive concentrado durante toda a partida e, de qualquer maneira, venci. Então, qual é o problema?

– Bom, então tudo bem – respondeu Toni. – Tudo bem. Eu só disse o que penso e, se não gostou, vou para casa, assim você pode encontrar outro técnico.

Não gostei da reação dele. Toni deve saber que sou um dos tenistas de convívio mais fácil no circuito. Poucos tratam o técnico com mais respeito do que eu. Ouço Toni, sigo suas instruções e, mesmo quando o clima entre nós esquenta, raramente respondo. Tenho bons modos na quadra, treino com toda a dedicação e, no dia a dia, não pressiono quem está à minha volta, muito menos Toni. Então, quando ele falou comigo daquela maneira no vestiário em Flushing Meadows, achei que estava sendo tratado com injustiça. Mas fiz um esforço e me contive.

– Ouça – retruquei –, você sempre diz a mesma coisa. Em geral, eu concordo. Mas, dessa vez, acho que está enganado.

Ele não me dava ouvidos.

– Tudo bem – concluiu Toni. – Está certo. Se é assim que as coisas vão ser, não vejo

motivo para continuar a ser seu técnico.

E, com essa frase, saiu do vestiário.

Fiquei pensando. Existe um ténue equilíbrio na tensão que a presença do meu tio cria em minha vida. Normalmente, como mostram os registros, o efeito é uma tensão positiva, criativa. Às vezes, e esse episódio foi um exemplo, ele não mede as palavras e acaba por azedar, em vez de melhorar, meu humor, o que, por sua vez, afeta meu desempenho. Um exemplo simples do que tenho de aturar: estamos hospedados em um hotel em alguma parte do mundo e concordamos em nos encontrar no lobby, em determinado horário, para treinar. Ele chega com 15 minutos de atraso, mas não digo nada. Porém, na vez seguinte, eu chego com 15 minutos de atraso a um compromisso e ele tem um acesso de raiva, reclamando que o estou decepcionando, que estou fazendo tudo errado, que não podemos continuar daquela maneira.

Outro exemplo: durante uma partida, eu o ouço dizer “Jogue com agressividade!” antes de eu devolver um saque, o que significa que ele quer que eu golpee a bola com força. Eu mando ver, a bola vai para fora e ele diz: “Agora não era o momento.” Mas *era* o momento, só que errei a jogada. Se a bola tivesse caído dentro da quadra, ele teria dito: “Perfeito!”

E tem mais uma coisa, uma história que ele contou a um repórter durante o Aberto dos Estados Unidos a respeito de um pequeno incidente que acontecera cinco anos antes em um elevador em Xangai. Estávamos descendo para jantar quando Benito comentou que o restaurante exigia que os clientes vestissem calças compridas. Eu estava usando shorts e Benito disse:

– Ah, não se preocupe. Sendo você, eles não vão causar problemas.

Segundo o relato de Toni, ele disse a Benito:

– Belo exemplo que você está dando para o meu sobrinho! – Depois, virando-se para mim, acrescentou: – Suba e vá se trocar.

Não estou negando que essas foram mais ou menos as palavras que ele disse. Mas eu não precisava que Toni me mandasse voltar ao quarto para trocar de roupa. Eu já tinha decidido me trocar no momento em que Benito mencionou a exigência do restaurante.

Incidentes como esses significam que a atmosfera na nossa equipe é mais tensa quando Toni está por perto. O que nunca deixo de enxergar é que, levando-se tudo em conta, a tensão beneficia meu desempenho. Também não esqueço que Toni não suscitaria tal reação em mim, para o bem ou para o mal, se eu não sentisse um tremendo respeito por ele. Quando sou duro com ele é porque acredito que ele está merecendo. Mas uma coisa deve ficar clara: se nos desentendemos, nossas brigas devem ser vistas no contexto de uma confiança mútua e de um afeto profundo que foram construídos ao longo de muitos anos de convivência. Não me ressinto do seu reconhecimento público. Ele talvez o tenha obtido graças a mim, mas devo a ele tudo o que conquistei no ténis, todas as oportunidades que tive. Sou particularmente grato ao meu tio por ele ter enfatizado muito, desde o início, que eu devia manter os pés no chão e nunca me tornar complacente.

Acho que o sucesso não me subiu à cabeça, e, se isso ainda não aconteceu, duvido que

acontecerá. Não preciso mais de lições de humildade. Não preciso mais que me digam que preciso ter “uma cara boa”. Se às vezes erro na quadra, é porque isso faz parte do jogo. Sou tão autocrítico quanto qualquer outra pessoa. Embora a recusa de Toni em aliviar o meu lado tenha seu valor, sempre me estimulando a melhorar, seu efeito também pode ser negativo, gerando insegurança. Muitas vezes é assim que me sinto, sobretudo nas primeiras rodadas de um torneio. A verdade é que, apesar de merecer o crédito por tantas coisas boas em minha carreira, ele também merece a culpa por minha insegurança exagerada.

Ele tem dito ultimamente que tenho a tendência a me subestimar. Ele diz que isso é loucura em vista de tudo o que conquistei. Antes de uma partida contra um adversário que está muito abaixo de mim no ranking, ele agora me diz: “Depois de tudo o que você fez, não vai ficar preocupado com este jogo, não é?” Ou então: “Há anos você está no primeiro ou no segundo lugar do ranking, mas ainda não se convenceu de que é um bom jogador? Ainda tem medo quando enfrenta o sujeito que está na 120ª posição? Agir cheio de pompa como se você fosse o dono do jogo seria burrice, mas precisa saber quem você é!”

Segundo Toni, o problema de ter esse respeito exagerado por todos os meus adversários é que, na quadra, meu braço se enrijece e não jogo tão bem quanto poderia. E ele tem razão. É claro que tem razão. Mas foi ele que me incutiu essa ideia. O modo como me treinou durante todos esses anos me influenciou e me fez ter a atitude exatamente oposta à que ele exige de mim no presente.

A questão agora é me ater às lições que absorvi de Toni, mas impor minha própria opinião, me esforçando para encontrar o equilíbrio certo entre humildade e excesso de confiança. Obviamente, você sempre deve respeitar seu adversário, admitir a hipótese de que ele pode derrotá-lo, enfrentar o jogador em 500º lugar no ranking como se ele fosse o número 1 ou o 2. Toni me ajudou a ter isso muito claro, talvez de maneira exagerada. O que tento aprender agora é fazer a balança pender para o outro lado, exercitar a autonomia em relação à minha própria vida e discordar mais abertamente dele, como fiz no início do Aberto dos Estados Unidos. Talvez isso aconteça, em parte, porque vejo que Toni, com suas próprias dúvidas, inseguranças e contradições, não é o mágico que sabia tudo na minha infância.

Resolvemos aquela desavença no vestiário e, como sempre, fizemos as pazes. Precisamos um do outro e, como nós dois sabíamos, com um quarto Grand Slam prestes a começar, aquele não era o momento para outra separação familiar. Volto mais forte depois de enfrentar crises, sejam elas grandes ou pequenas. Comecei a jogar cada vez melhor no Aberto dos Estados Unidos depois daquele incidente e, ao chegar na final contra Djokovic, sentia que estava no auge da minha forma. Minha direita, ótima durante o ano todo, estava sólida como uma rocha naquele primeiro set; a esquerda, perfeitamente robusta; e o saque, o melhor de todos os tempos.

Isso não impediu que o placar do segundo set chegasse a 4-1 a favor do sérvio. Porém, isso ocorreu devido a um momento em que todas as suas jogadas davam certo, e não porque eu estava me desviando da minha tática. Sabia que ele não conseguiria manter aquele nível de

jogo e achei que eu merecia um resultado melhor. E foi com esse espírito confiante que quebrei seu serviço, salvando um ponto que o teria colocado à frente por 5-2, e, em seguida, igualei o placar em 4-4.

Eu estava em ascensão e ele parecia desanimado por ter perdido sua grande chance de assegurar o set quando, em 30 iguais no serviço dele, a chuva chegou. O sol inicial dera lugar a nuvens cada vez mais escuras e eu tinha visto raios a distância. O juiz interrompeu a partida e o árbitro do torneio entrou na quadra e nos disse: “Acho que vai cair uma tempestade.”

Ele tinha razão. Ouvimos os trovões de dentro do vestiário, onde ficamos por duas horas antes de voltar à quadra e retomar o jogo às oito da noite.

A pausa foi mais conveniente para Djokovic do que para mim, assim como acontecera com Roger Federer na primeira vez em que interrompemos o jogo por causa da chuva em Wimbledon dois anos antes. Eu estava com a vantagem e Djokovic precisava de tempo para se recompor. E foi o que aconteceu: ele venceu o game interrompido e passou à frente no placar por 5-4. Confirmei o meu serviço e, depois, ele fez o mesmo. Em seguida, perdendo por 6-5, eu estava servindo e tentando mais uma vez salvar o set.

Marquei o primeiro ponto com um drive de direita com um ângulo bem fechado que ele não tinha como pegar. Ele teve sorte e marcou o ponto seguinte quando uma bola que mandei na fita da rede caiu do meu lado da quadra, em vez de passar para o lado oposto. Foi assim que o set se definiu. Acho que joguei tão bem quanto ele, provavelmente até melhor, controlando mais pontos, colocando-o em desvantagem de modo permanente e obrigando-o a se defender mais do que atacar. Aquele era o papel que eu estava mais acostumado a interpretar, mas ele o desempenhou bem, defendendo alguns lances muito difíceis e vencendo o set por 7-5, o primeiro que perdi em todo o torneio.

A chuva se revelou uma bênção para Djokovic. Em Wimbledon em 2008, na final, ela havia sido uma bênção para mim. Com cada um tendo vencido um set, estávamos de volta à estaca zero. Teríamos de esperar e ver se os deuses do tênis sorriam novamente para mim.

As mulheres de Rafa

Rafael Nadal tem três mulheres em sua vida: a mãe, a irmã e a namorada. Todas compartilham o que Ana María Parera, sua mãe, chama de “doutrina” de como se comportar no mundo. A ideia, tão simples quanto insólita se comparada ao status de celebridade global de Rafa, se resume, segundo ela, na palavra menos empolgante e glamourosa do dicionário: normalidade.

Empolgação e glamour são o que o público vê em Rafael; Ana María, por sua vez, vê um filho que, ao sair de casa, adentra um mundo caótico. A tarefa dela como mãe é ser sua âncora, criar um porto seguro para que ele se proteja do bombardeio em todas as frentes desde que se tornou, muito cedo na opinião dela, um dos atletas mais famosos e admirados que o mundo já viu.

Isso significou ignorar a atenção dos meios de comunicação e se relacionar com o filho como se não houvesse nada de notável em suas conquistas, um exemplo também seguido pela filha, Maribel, e por María Francisca Perelló, que namora Rafa desde 2005. Em teoria, cada uma delas poderia ter feito outra escolha. Ana María poderia ter se promovido revelando ao mundo os sentimentos e as fraquezas do filho. Maribel, uma loura alta e atraente, poderia ter se tornado uma fonte de boatos para revistas de fofocas. María Francisca poderia ter se transformado num personagem quase tão conhecido mundialmente quanto o próprio Rafa.

Elas não escolheram esse caminho porque sabem que essa é a última coisa que Rafa deseja ou precisa, porque não estão sujeitas às inseguranças sofridas por aqueles que correm atrás de ricos e famosos e porque simplesmente não é o estilo delas. Afinal, elas são de Manacor e as pessoas de lá, por natureza e cultura, além de não gostarem de falar de si mesmas, desconfiam de estranhos.

“Sempre fui muito discreta em relação a minha vida”, diz Ana María. “Acho que a fama de Rafa me tornou ainda mais reservada quanto à nossa vida familiar. Não gosto de me abrir com quem não conheço. Há pessoas que anseiam por popularidade, que, na minha situação, talvez adorassem falar sem parar do próprio filho, aproveitando-se de sua glória. Mas eu não sou assim. Tenho enorme orgulho dele e fico muito feliz pelo seu sucesso, mas não faço alarde dos meus sentimentos. Não falo sobre ele nem com meus amigos mais próximos.”

Ela teve uma pequena prova do que significa ser famoso. Às vezes, é reconhecida nas ruas de Barcelona, Londres ou Nova York por pessoas que a viram na televisão assistindo aos grandes torneios do filho. Quando estranhos a abordam, ela se sente constrangida e percebe a claustrofobia opressiva do assédio que seu filho sofre quando está fora de sua cidade natal.

“Quando Rafa está viajando, o único lugar em que consegue ter algo parecido com privacidade é no quarto de hotel, seu único esconderijo. Ele não pode caminhar na rua sem causar comoção. Os veículos de comunicação e seus patrocinadores fazem pedidos constantes. E há também a incrível tensão da competição, as inseguranças e os temores que sei que ele precisa combater durante as semanas de torneio a fim de continuar ganhando e se manter no topo. Ele é meu filho, e fico tanto surpresa quanto com medo ao ver como ele precisa ser forte e como tem que suportar a pressão.”

No entanto, ele não seria tão forte assim sem o descanso proporcionado pelo lar. É lá que ele toma fôlego e recupera as energias. E o centro e o símbolo do lar é a mãe, em especial após a separação, quando o pai saiu de casa. Sebastián Nadal o acompanha com muito mais frequência do que Ana María em suas campanhas internacionais, oferecendo-lhe apoio aonde quer que ele vá. O pai ficou tão associado à vida de Rafa como tenista quanto a equipe profissional que o assessora. Para Ana María, as competições de alto nível e os compromissos comerciais e midiáticos que fazem parte do trabalho de Rafa são preocupações secundárias. Ela mal fala com o filho sobre sua vida de tenista, não por falta de interesse, mas porque sabe que o maior favor que pode fazer para ele é agir como qualquer mãe agiria com o filho. Não fica admirada com suas conquistas nas quadras como o globalmente aclamado “Rafa Nadal”, mas o trata com a ternura e a devoção que sente pelo Rafael que deu à luz, alimentou e criou. Ana María é o antídoto à adulação, trazendo o filho de volta à realidade e lembrando quem ele de fato é.

“Agora que vejo que a fama não lhe subiu à cabeça, e nunca subirá, o mais importante é fazer com que ele se sinta em paz quando está em casa”, diz ela. “Rafa precisa de paz porque é a última coisa que tem quando está viajando, mas também por causa do seu jeito de ser, a despeito da loucura que cerca sua vida. Ele sempre sofre muito quando as pessoas à sua volta estão com raiva ou de mau humor, pois acaba absorvendo essa atmosfera negativa. Do ponto de vista emocional, ele precisa que tudo esteja em perfeita ordem à sua volta.”

Ana María considera seu dever materno fazer todo o possível para que Rafa esteja bem e feliz. Como qualquer outra mãe, ela sabe que precisa estar presente para lhe dar apoio nos momentos em que ele está vulnerável e cabisbaixo.

“Quando ele estava afastado das quadras por causa da lesão no pé, por exemplo, mostrar o meu apoio era ficar calada e apenas deixar claro que eu estava ao lado dele, independentemente do que viesse a acontecer. Assim, ele pode se sentir à vontade quando está

em casa, pode convidar os amigos a qualquer hora sem que eu exija nada dele. E, se ele precisar que eu o leve de carro a algum lugar, compre algo que ele deseje comer ou prepare sua mala antes de uma longa viagem – algo que é incapaz de fazer sozinho, diga-se de passagem –, faço tudo isso com o maior prazer.”

A sala de estar de Ana María é um ponto de encontro para os amigos de Rafa quando ele está em casa. A irmã, Maribel, cinco anos mais nova, está sempre presente nas idas aos bares e boates ou nas pescarias. Ele a adora e morre de saudades quando está longe, embora estejam sempre em contato via telefone ou internet. Maribel tem consciência de que sua ligação com o irmão é inusitadamente próxima e sabe que o relacionamento de muitos dos seus amigos com irmãos mais novos é marcado pelo atrito ou pela indiferença.

“A maioria dos garotos acha as irmãs mais novas irritantes, ainda mais na adolescência”, afirma ela. “Mas Rafa nunca me tratou assim. Ele sempre me convida para acompanhá-lo quando sai com os amigos. É algo natural para nós, embora às vezes achem estranho. É uma das coisas que tornam nossa ligação especial.”

Ana María acredita que outro motivo para os dois filhos serem tão próximos é o fato de terem passado muito tempo afastados desde que Rafa, no início da adolescência, se dedicou a conquistar o mundo do tênis. Não era garantido que eles fossem estar juntos, e a ausência dele, na opinião da mãe, fez com que se aproximassem. Talvez isso não acontecesse se Maribel tivesse permitido que a fama lhe subisse à cabeça. No entanto, ela seguiu a dica da mãe.

“Ela tem sido ainda mais discreta do que eu”, diz Ana María, ressaltando que só quando Maribel estava no segundo ano de faculdade em Barcelona, onde estuda educação física, alguém fora do seu círculo de amigos mais íntimos soube quem era seu irmão. “A notícia só se espalhou depois que um dos professores a viu na TV durante uma partida que Rafael disputava em Paris.”

María Francisca, por outro lado, teve de se esforçar mais para manter o anonimato. Não tanto por causa de suas aparições nas quadras, que são pouco frequentes – a primeira final de Grand Slam que ela viu o namorado disputar foi em Wimbledon, em 2010 –, mas porque os paparazzi não conseguem resistir à tentação de fotografá-la junto de Rafa quando eles estão de férias, de preferência na praia. Ela viu a própria imagem estampada nas páginas de revistas de fofocas inúmeras vezes. No entanto, nunca há menções a algo que a moça tenha dito. Como um comentarista perplexo da TV espanhola notou, ninguém nunca a ouviu falar ao longo de todos os anos de relacionamento com Rafa. María Francisca é um enigma tão grande que nem os programas de TV nem as revistas jamais acertaram seu nome. Ela foi apresentada ao público do mundo inteiro como Xisca, mas nenhum dos seus amigos a chama assim. Rafa e alguns de seus familiares a chamam por seu apelido, “Mary”, mas, para todas as outras pessoas, ela continua a ser María Francisca.

Tudo o que o público sabe a seu respeito é que ela é uma moça elegante e aparentemente

reservada. Então, por falta de informações, os veículos de comunicação a descrevem como “séria”, “distante”, “modesta” e até “misteriosa”. Seria difícil imaginar alguém mais distante do estereótipo de namorada ou esposa de um desportista famoso que só quer fama. A verdade é que, embora seja leal e vivencie as vitórias e as derrotas de Rafa como se fossem suas, ela preza a própria independência e não quer ser definida por seu relacionamento com ele. María Francisca é formada em administração e trabalha em tempo integral em uma seguradora em Palma, a capital de Maiorca, logo ela não tem tempo para seguir Rafa pelo mundo. Mas, mesmo que tivesse, não é isso que ela gostaria de fazer.

“Mesmo que eu pudesse, viajarmos juntos a todos os lugares não seria bom nem para ele nem para mim. Ele precisa de espaço quando está competindo, e a simples ideia de ficar suprindo todas as suas necessidades o dia inteiro me cansa. Eu me sentiria sufocada. Aí, ele teria de se preocupar comigo... Não gosto disso. Se eu o acompanhasse a todos os lugares, acho que correríamos o risco de parar de nos dar bem.”

Quando vai a um torneio, em geral junto com Ana María e Maribel, María Francisca faz de tudo para ser vista o menos possível ao lado de Rafa. Ela recorda-se de uma vez em Paris em que ele teve de ir a um jantar oferecido por um dos seus patrocinadores.

“Ele perguntou se eu queria ir e eu disse que não. Fiquei no hotel. Quando voltou, Rafael comentou: ‘Graças a Deus você não foi.’ O local estava entupido de fotógrafos. Estar presente significaria entrar naquele mundo de celebridades. Esse não é um universo do qual eu queira fazer parte e acho que Rafa também não escolheria uma mulher que estivesse em busca disso.”

Ana María, que aprova calorosamente o desejo de María Francisca de ter sua própria vida profissional, concorda que Rafa jamais poderia ter um relacionamento com uma mulher que quisesse estar sob os holofotes da mídia. Ela também não consegue imaginar o filho com uma namorada mais constante e bem-humorada, ou com um temperamento mais adequado ao dele. María Francisca é amiga tanto de Ana María quanto de Maribel. As três logo criaram um vínculo não apenas por causa do amor que sentem por Rafa, mas porque acreditam na “doutrina” da normalidade de Ana María.

“Até mesmo quando minha família me pergunta sobre Rafael, prefiro não falar muito”, diz María Francisca. “Eu simplesmente não me sinto à vontade falando sobre essas coisas, mesmo em particular”, acrescenta ela, reproduzindo as palavras da mãe e a opinião da irmã do namorado famoso. “É assim que as coisas funcionam para mim e para nós dois como casal. Não gostaríamos que fosse de outra maneira.”

NO TOPO DO MUNDO

O SEGREDO É SER CAPAZ de fazer o que você sabe que pode quando mais precisa. Djokovic é um jogador fantástico, mas, na final de um Grand Slam, decidida em cinco sets, nervos e resistência são tão importantes quanto talento. Qualquer dúvida que eu tenha tido antes do início do jogo se dissipou com meu desempenho nos dois primeiros sets. Quanto ao estresse de uma final do Aberto dos Estados Unidos, eu já vencera oito Grand Slams e ele, apenas um, o que me dava a confiança de saber que eu podia enfrentar aquele desafio pelo menos tão bem quanto ele. O histórico do sérvio mostrava que ele perdia o vigor físico em partidas mais longas, outro ponto que contava a meu favor. Ele nunca me derrotara em uma partida de cinco sets. Era um jogador que tinha momentos deslumbrantes, é verdade, mas eu estava jogando com constância – o motor a diesel estava roncando. Senti que, se eu ganhasse o terceiro set, ele acharia que tinha uma montanha a escalar.

Mas ele entrou no ritmo certo no início do terceiro set, retomando o jogo de onde havia parado no final do segundo. A partida não poderia ter sido mais equilibrada àquela altura, com a balança pendendo um pouco para o lado dele. Lancei um olhar rápido para os integrantes da minha equipe e da minha família, que estavam sentados à minha esquerda. Toni, Carlos, Titín, meu pai e Tuts e, atrás deles, minha mãe, Maribel e María Francisca, que parecia particularmente nervosa. Aquela era apenas a segunda vez que ela me via jogar uma final de Grand Slam. Normalmente ela assiste às partidas em casa, sozinha, como na final de Wimbledon em 2008, ou com os pais. María Francisca me confessou que, nos lances mais tensos, ela muda de canal por um tempo ou sai da sala. Daquela vez, em Nova York, ela disse que teve de resistir à vontade de levantar e sair em certos momentos. Aquele foi o momento do jogo em que sua determinação mais foi desafiada.

María Francisca jogou tênis e sabia tão bem quanto eu que a interrupção por causa da chuva dera a Djokovic a oportunidade de recuperar o ânimo. Ele demonstrou isso no primeiro ponto do set, jogando impecavelmente, puxando-me para a esquerda e terminando o ponto com uma esquerda indefensável à minha direita na linha de fundo. Ele repetiu essa artimanha, com uma jogada ainda mais no fundo da quadra, após um rali mais longo no segundo ponto. Bom demais.

No entanto, não me deixei abater. Alguns jogadores explodem de raiva quando o adversário os está dominando. Mas isso não serve de nada, só os prejudica. O pensamento é simples: “Não posso fazer nada a respeito, então por que me preocupar?” Ele estava correndo muitos riscos e, naquele momento, obtendo recompensas, mas eu estava conseguindo jogar no nível

de intensidade desejado, golpeando a bola com força sem me arriscar, dando menos margens a erros. “Supere a tempestade”, eu disse a mim mesmo. “Se eu não conseguir voltar no próximo ponto, conseguirei no seguinte.”

Mas não foi o que aconteceu naquele game. Djokovic venceu, me dando um único ponto com uma dupla falta inexplicável – aparentemente, ele quis tentar um ace no segundo serviço – quando vencia por 40-0. Tudo bem, isso acontece. Má sorte. Ele estava liderando e eu teria de tentar alcançá-lo no meu serviço, talvez por muito tempo.

Era extremamente importante que eu vencesse o game seguinte. Ele ganhara os três anteriores, contando os dois últimos do segundo set, e eu tinha de detê-lo ou correria o risco de ser atropelado. Disputei o primeiro ponto com inteligência, recorrendo às bolas altas. Se você manda bolas baixas ou de altura média para Djokovic, sobretudo quando a linha de visão dele está tão aguçada como naquele momento, ele rebate com perfeição. Mas, se ele recebe a bola à altura do ombro, você pode fazer com que ele se sinta desconfortável, obrigando-o a adivinhar e o desequilibrando. Foi assim que marquei 15-0. Não foi com uma jogada indefensável, mas forçando-o a cometer um erro incomum. Aquilo me deu confiança para incrementar meu jogo, assumir um risco e marcar o ponto seguinte com uma direita profunda no canto. Ele acenou com a cabeça, como se estivesse dizendo: “Não havia nada que eu pudesse fazer.” Eu não faço isso, não demonstro meu apreço pelos melhores lances do adversário. Não porque eu seja mal-educado, mas porque seria um desvio perigoso demais do meu roteiro de jogo. Mas a atitude dele foi correta: curvar-se diante do inevitável e seguir adiante.

Ganhei o game sem perder nenhum ponto e depois, em um bônus inesperado, quebrei o serviço dele e avancei no placar para 2-1 após fazer uma das minhas melhores jogadas na partida, uma esquerda cruzada desferida enquanto eu corria dois metros atrás da linha de fundo. Ele, logicamente, tinha subido à rede após uma bola longa no meu canto esquerdo, mas rebati com força e a bola o superou antes mesmo que ele pudesse tentar um voleio. Comemorei dando um soco no ar e gritando “Vamos lá!” para mim mesmo. Eu interrompera o poder de ação de Djokovic, recuperara a disposição e mostrara a mim mesmo – e a ele – que eu também podia realizar jogadas geometricamente improváveis.

No auge da minha força psicológica na partida até então, senti que começava a avançar na batalha mental. Em nossos encontros precedentes, Djokovic mostrara uma tendência a frustração à medida que o jogo progredia e ele via que precisava se esforçar ao máximo em cada ponto. Ele também tendia a se cansar mais depressa do que eu. Essa era a ideia que se insinuava em minha mente. Mas minha atenção estava toda voltada para o ponto seguinte.

Depois da turbulência do terceiro game, estava na hora de me consolidar, aproveitar a quebra de serviço. Faço cálculos o tempo todo quando jogo, tento avaliar a melhor tática em vista de como estou me sentindo em determinado momento, de como estou percebendo o moral do meu adversário e de como o placar está avançando. Calculei que precisava ter paciência, criar mais ralis, não forçar as situações, aproveitar as chances que fossem aparecendo em vez

de sair correndo atrás delas. Eu precisava tentar cansar Djokovic, atacar seus nervos e esperar que ele cometesse erros. Esse foi exatamente o padrão do primeiro e longo ponto do quarto game, que venci. Naquele momento, percebi qual era seu estado de espírito por sua relutância em tentar jogadas decisivas depois de eu ter mandado algumas bolas curtas. Minha confiança aumentava e a dele parecia esmorecer. Venci o game sem que ele marcasse nenhum ponto no meu serviço e avancei no placar para 3-1, sentindo que teria outra chance de quebrar o serviço dele.

A oportunidade apareceu quando o placar estava 15-40 a meu favor. Eu estava apenas me concentrando em fazer devoluções longas, variando o ritmo das minhas jogadas, misturando direitas com topspins e esquerdas com backspins, frustrando-o, esperando que ele perdesse a paciência. E era o que estava acontecendo. Àquela altura, acuado, Djokovic mudou de tática. Ele estava perdendo os ralis longos, então começou a subir à rede logo após o saque. Funcionou da primeira vez e ele marcou um ponto com um voleio. Optei por encarar aquela ousadia como um sinal de desespero, mas um saque forte o trouxe de volta para 40 iguais. Depois, tive mais um break point, mas perdi aquela oportunidade e fiquei com raiva de mim mesmo. Não porque minha jogada fora muito aberta, mas porque eu tinha me arriscado excessivamente, procurado um ângulo muito difícil quando era claro que a tática naquele momento era não forçar as coisas e manter a bola em jogo. Perdi momentaneamente a concentração e fiquei com raiva de mim mesmo. Ele estava hesitando, mas, a qualquer momento, podia se recuperar e eu desperdiçaria minha oportunidade de obter uma vantagem inalcançável no set. E, de fato, eu a desperdicei. Não consegui aproveitar os três break points que caíram no meu colo no quinto game, e ele aproveitou o primeiro que apareceu na sua frente.

Mas os ventos continuavam a meu favor. Ele lutava para confirmar o serviço; eu confirmava o meu confortavelmente – como aconteceu no sexto game, levando o placar para 4-2 a meu favor. Tive outra chance de quebrar o serviço dele, porém, mais uma vez, não consegui dar esse passo decisivo. Sem dúvida eu jogava melhor e ele estava na lona, mas continuava a resistir. Cada um confirmou o serviço nos dois games seguintes. O placar marcava 5-4 e eu podia fechar o set no meu game de serviço.

Fiquei nervoso. Quando a vitória parece estar ao meu alcance, muitas vezes tenho uma espécie de vertigem. Se eu vencesse o game e assumisse a dianteira por dois sets a um, já teria percorrido dois terços do caminho para vencer meu quarto Grand Slam no período de um ano. Djokovic teria de vencer os dois sets seguintes e ele sabia que eu não cederia um milímetro. Por mais que eu tentasse eliminar esse pensamento, ele pairava em minha mente, me inibindo. Por essa razão era importante continuar jogando com segurança, atendo-me mais do que nunca ao meu jogo naturalmente defensivo, esperando que ele estivesse mais nervoso do que eu.

Começamos o game com dois ralis muito longos, com mais de 20 lances cada um. Venci o primeiro quando ele mandou uma bola para fora. Ele venceu o segundo com uma esplêndida direita indefensável: 15 iguais. Senti a tensão aumentar, mas me controlei para perceber que,

por mais satisfeito que estivesse por ter marcado um ponto tão espetacular, ele havia entendido que teria de dar muito duro para obter uma vantagem sobre mim. Ele devia estar pensando: “Nossa! Quanto trabalho para tirar um ponto desse cara!” Enquanto isso, vi que ele estava cansado e ofegante e pensei: “Duvido que ele consiga fazer outra jogada como essa de novo.” Ou ao menos era nisso que eu queria acreditar.

Perdi o ponto seguinte com uma direita desajeitada, mas depois marquei um ponto com um saque alto e aberto, levando o placar para 30 iguais. Normalmente, eu não teria ousado no saque. Teria me concentrado em acertar o primeiro serviço, me poupando da perspectiva de dar de presente para ele um segundo serviço hesitante. Mas eu nunca estivera mais confiante no saque do que naquele torneio e senti que chegara o momento de apostar todas as fichas. E foi a decisão certa. Meu serviço seguinte foi um ace, o que me proporcionou um set point, decidido com outro saque tão bom quanto o primeiro – aberto, forte e indefensável na esquerda de Djokovic. Venci o set por 6-4.

Aquela era a validação irrefutável da filosofia de trabalho árduo que me guiara em meus 20 anos como tenista. Era uma comprovação clara de que o desejo de vencer e o desejo de se preparar são uma só coisa. Durante muito tempo antes do Aberto dos Estados Unidos, eu trabalhara com afinco para aprimorar meu saque. E aquela foi a recompensa, no momento em que eu mais precisava, salvando-me no exato momento em que meus nervos ameaçavam abalar todo o meu desempenho. Eu estava à beira de algo realmente grandioso. O fato de eu ter marcado aquele ponto era o remate perfeito de longos anos de sacrifício e dedicação, baseados na premissa incontestável de que não há atalhos para o sucesso de longo prazo. Não é possível trapacear nos esportes de alto nível. O talento por si só não basta. Ele é o primeiro tijolo, sobre o qual você deve apoiar um trabalho incansável e repetitivo na academia e nas quadras e análises de vídeos dos próprios jogos e dos de seus adversários, sempre se esforçando para ser cada vez melhor, mais esperto, mais bem preparado fisicamente. Optei por me tornar um tenista profissional e o resultado dessa escolha só podia ser disciplina implacável e um desejo contínuo de aprimoramento.

Se eu tivesse relaxado depois de vencer o Aberto da França ou Wimbledon, achando que meu jogo era suficientemente completo para garantir outros triunfos, eu não estaria naquele momento no estádio Arthur Ashe, em Nova York, com a chance de acrescentar o Aberto dos Estados Unidos à minha lista de conquistas. Eu chegara tão longe porque nunca perdi de vista minhas prioridades. O verdadeiro teste é quando você acorda após ter ido dormir tarde e a última coisa que quer fazer é se levantar e treinar, sabendo que vai dar muito duro e suar horrores. Talvez haja um momento de dúvida em sua mente: “Devo matar o treino hoje, só desta vez?” Mas você não dá ouvidos às sereias que cantam em seu cérebro porque sabe que elas o levarão para uma ladeira perigosamente íngreme e escorregadia. Se você sucumbir uma vez, isso acontecerá novamente.

Já houve ocasiões em que dúvidas mais profundas me acometeram. Depois de passar o Natal com minha família em Maiorca, quando me afasto durante um mês das competições, me

pego contemplando o começo do novo ano com um estado de espírito contraditório. O entusiasmo que sinto é contrastado por uma sensação de tristeza. Quero escalar novas montanhas, mas elas permanecem sendo montanhas. Sei muito bem como o ano à minha frente será implacável e exigente em todos os aspectos: treinos, viagens, competições, as demandas da mídia, dos patrocinadores, dos fãs. E passarei a maior parte do tempo longe de casa, que é o lugar onde sempre quero estar. Muitas vezes, é com um peso no coração que embarco no meu primeiro voo do ano, rumo à Austrália. Após a decolagem, a tristeza evapora e volto toda a minha atenção, com um entusiasmo cada vez maior, para a tarefa a ser cumprida. Mas tenho uma vida pessoal além do esporte e vencer a batalha entre minhas necessidades particulares e as exigências da minha profissão é outro elemento de sucesso nas quadras. Porém, às vezes, essa é uma batalha que eu não gostaria de travar.

Minha irmã lembra-se de uma ocasião, três ou quatro anos atrás, na qual chegou em casa e me encontrou sentado na escada, chorando. Eu estava nos últimos estágios de recuperação de uma contusão, me preparando para retomar o circuito do tênis. Ela me perguntou qual era o problema e eu disse que, de repente, me senti arrependido por ter me negado a oportunidade de passar mais tempo brincando com meus amigos quando criança. Maribel ficou surpresa. A maior parte do tempo que passamos em casa, exceto no período após a separação dos nossos pais, rimos e brincamos juntos. E eu nunca expressara um pensamento como aquele. No entanto, aquele momento de desânimo, por mais fugaz que fosse, revelou que eu tinha consciência de ter feito muitos sacrifícios para chegar à minha posição atual, de que paguei um preço por isso.

Entretanto, nunca houve realmente uma escolha nessa questão. A parte dominante da minha natureza fora revelada anos antes naquele episódio em que, aos 10 anos, chorei copiosamente no banco traseiro do carro do meu pai. Maribel e eu nunca nos esquecemos daquela ocasião em que eu disse a ele que a diversão com meus amigos durante um despreocupado mês de agosto jamais poderia compensar a dor que senti ao perder uma partida contra um jogador que eu deveria ter derrotado. A dor vinha da consciência de não ter jogado no máximo das minhas capacidades, afinal, se eu tivesse treinado em vez de brincar naquele mês de agosto, teria vencido a partida. Aquele foi o dia em que defini minhas prioridades e, sem perceber muito bem no momento, fiz a grande escolha da minha vida. Uma escolha sem volta. Naquele instante e agora. O caminho estava traçado e, embora tenha havido momentos de dúvida e fraqueza, nunca me desviei dele. Nem mesmo nas ocasiões de maior tentação.

Uma dessas ocasiões foi durante as férias em que fui à Tailândia com um grupo de amigos de infância de Manacor. Foi uma chance de recuperar o tempo perdido, mas minha natureza competitiva se rebelou.

Eu participaria de um torneio em Bangcoc e decidi passar antes uma semana em uma praia. Éramos 10, contando com meu amigo mais antigo, Miguel Ángel Munar, com quem eu treinava sob a supervisão de Toni quando criança. Enquanto nos preparávamos para partir, questioneei a viagem até Bangcoc, a luta contra o jet lag para competir em um torneio que não estava na

minha lista de prioridades. Mas, oito meses antes, eu tinha me comprometido em participar e não podia decepcionar os organizadores na última hora.

Nossas férias foram muito divertidas. Andamos de jet ski e jogamos golfe. Porém, me lembro de que Miguel Ángel, que nunca havia ficado dia e noite em minha companhia, surpreendeu-se porque, assim que aterrissamos, depois de uma viagem em que fizemos três conexões, fui direto para a quadra do hotel treinar durante uma hora. Ele ficou ainda mais perplexo ao descobrir que, mesmo tendo ido dormir às cinco da manhã, eu me levantava todos os dias pontualmente às nove horas para treinar – e também treinava durante uma hora todas as tardes.

O que Miguel Ángel não sabia era que, por mais que todos nós estivéssemos nos divertindo muito, algo me incomodava. Eu dedicava algumas horas do meu tempo ao tênis, mas não treinava com toda a dedicação que deveria pouco antes de um torneio. Estávamos em um país tropical e o clima era quente e úmido demais para que eu me exercitasse como deveria. Então, tomei uma decisão que não agradou nem aos meus amigos nem a mim, mas que precisava ser tomada. Nossa volta para Bangcoc estava marcada para uma terça-feira à noite, mas parti na segunda-feira pela manhã. Aquele não era o torneio mais importante da minha carreira, mas, como eu decidira participar, não deixaria de dar o melhor de mim. Se eu tivesse mantido os planos de viagem originais, teria perdido dois dias de preparação. E eu sabia que não podia me dar àquele luxo. Acabei perdendo nas semifinais, sabendo que, se eu tivesse me divertido menos na praia, teria tido mais alegrias na quadra.

Uma lição que aprendi foi que, se meu trabalho fosse fácil, eu não me sentiria tão satisfeito. A emoção de vencer é diretamente proporcional ao esforço que empreendi antes. Por experiência própria, sei que, se fizer um esforço treinando quando não estou com muita vontade, a recompensa será a vitória em jogos nos quais não estou no meu melhor momento. É assim que se vencem campeonatos, é isso que distingue um ótimo jogador de um jogador apenas bom. A diferença está no seu nível de preparação.

Novak Djokovic é, sem dúvida, um dos grandes jogadores da atualidade, mas, com a noite caindo sobre Nova York, eu o vencia por dois sets a um. Eram 21h15 quando ele sacou no início do quarto set. O desempenho do sérvio era bom, mas eu estava jogando muito bem. Eu sabia que ele devia estar pressionado, tendo sido obrigado a ficar no fundo da quadra desde o início, sem ter assumido a liderança em momento algum da partida. E, naquele momento, ele estava ficando ainda mais para trás. Se eu me distanciasse naquele set, a tensão aumentaria muito para ele. Eu também estava sob pressão, mas tinha experiência suficiente em finais de Grand Slam para confiar no meu jogo.

No primeiro ponto do set, tive sorte. Seu primeiro saque foi bom e me colocou imediatamente na defensiva. Depois, trocamos algumas bolas e ele correu para a rede. Tentei uma cruzada na esquerda, mas bati mal na bola e a jogada se tornou acidentalmente um lob. Ele pensou em partir para uma cortada, mas desistiu, imaginando que a bola iria para fora, mas calculou mal o backspin e a bola caiu um pouco antes da linha de fundo. Foi um bom

ponto, mas, sobretudo, foi um reflexo do estado de espírito de Djokovic. Ele confirmou minha impressão de que estava perdendo a confiança e suas ideias estavam se esgotando. Senão, ele poderia ter tentado a cortada e, de qualquer maneira, não teria ficado com tanta pressa para terminar o rali subindo à rede, algo que ele faz tão raramente quanto eu. Ele estava assumindo cada vez mais riscos e minha intuição me dizia que, se eu continuasse naquele ritmo, o levaria às raias do desalento.

Djokovic marcou o ponto seguinte subindo novamente à rede, daquela vez com um voleio em um ótimo ângulo. Atravessei correndo a quadra na diagonal e quase consegui pegar a bola. Foi bom ele ter me visto buscar a bola, assim pensaria duas vezes antes de tentar um novo voleio. Talvez ele se visse forçado a arriscar demais e cometesse um erro. Em 15 iguais, trocamos várias bolas do fundo da quadra até que ele perdeu o controle e tentou uma direita decisiva que saiu aberta demais. Marcou o ponto seguinte após eu ter mandado uma bola longa demais, mas errou outra direita. Assim consegui um break point: 30-40. Pela primeira vez no jogo, ele gritou um palavrão. Talvez sentisse necessidade de desabafar. Para mim, foi outro sinal encorajador.

Àquela altura, uma arma muito importante, o saque de Djokovic, continuava a funcionar bem, e isso era um problema para mim. Desde o início do game ele não perdera nenhum serviço. E também não errara nenhum dos três saques seguintes. Avançou para 1-0 no placar, mas eu ainda sentia que ele não tinha mais muitas balas para engatilhar.

Sacando e jogando bem, igualei o placar no game seguinte. O sérvio marcou um ponto, desferindo uma direita paralela com muita força, mas perdeu os quatro pontos seguintes: um, mandando uma esquerda aberta demais, e, em seguida, lançando outro daqueles encorajadores uivos de dor. Depois, fechei o game com dois ótimos saques.

O placar marcava 1-1 e o serviço era dele. O ímpeto era meu desde o início do terceiro set e não estava disposto a perdê-lo. Minhas pernas estavam leves e senti uma onda de confiança. Djokovic, por outro lado, estava ficando cansado mental e fisicamente, o que ficou claro nos primeiros dois pontos do game, que ele perdeu feio, com jogadas muito ruins. Seu primeiro serviço continuava a funcionar, salvando-o, mas, depois que desferi uma direita indefensável, ele entregou o game tendo marcado apenas dois pontos. Eu tinha quebrado seu serviço e estava sacando na tentativa de avançar para 3-1 no placar.

Quando estou ganhando, minha tendência é jogar na defensiva, mas estava me sentindo tão bem que, à medida que o set foi progredindo, ataquei cada vez mais, tomando a iniciativa em um ponto após o outro. Foi o que fiz no primeiro ponto do quarto game, fazendo Djokovic correr de um lado para outro da quadra, pressionando-o até que ele só tivesse força para mandar uma direita fraca na rede. Venci o game sem que ele marcasse nenhum ponto e, ainda por cima, fiz dois aces. Eu havia confirmado meu serviço, consolidando assim a quebra do serviço do meu adversário, e, com o placar em 3-1, me sentia no comando da partida.

Uma regra tácita do tênis é tentar não demonstrar cansaço. Ele, no entanto, desistira de tentar. Sua linguagem corporal refletia resignação, como se ele tivesse ficado sem respostas

para os meus desafios. Aquele era o momento para tentar a dupla quebra de serviço e definir a partida. Mais uma vez, meu instinto era jogar com segurança, mas meu julgamento me disse que estava na hora de me tornar mais agressivo. Eu não queria aliviar a pressão sobre Djokovic nem por um segundo. Sabia que ele era inconstante e tinha de evitar a todo custo que ele tivesse uma oportunidade de recuperar a confiança em si mesmo e voltar à sua melhor forma. Olhei para o canto onde meus familiares e minha equipe estavam sentados e vi Tuts sorrindo abertamente e Toni sério e concentrado como sempre. Cruzamos os olhares e ele murmurou para mim, por cima da algazarra, que era o momento de apostar todas as fichas. Era o que eu queria ouvir. Meu juiz mais severo confirmava minha percepção do jogo.

Não precisei me esforçar tanto quanto eu pensava para quebrar o serviço de Djokovic pela segunda vez. Ele errou uma direita no primeiro ponto, mandando-a para fora, e eu aproveitei a vantagem marcando o ponto seguinte com um drive de direita que o encontrou mal posicionado. Depois, ele cometeu uma dupla falta: 0-40. Perdi minha primeira chance, batendo uma direita longa demais, mas depois foi como se ele tivesse desistido da partida, gritando em desespero ao mandar uma direita simples na rede. Eu vencia por 4-1 em games, dois sets a um, e o serviço era meu.

Quando você está sacando tão bem quanto eu estava, toda uma dimensão de ansiedade é eliminada do seu jogo. Ao se preparar para sacar no início de um game, você não pensa: “Por favor, não me decepcione.” O ritmo do seu serviço se torna automático e seu corpo trabalha quase por conta própria. Mentalmente, isso tem um valor incrível. Você se sente muito mais tranquilo, livre para se concentrar em outros aspectos do seu jogo.

Essa era a teoria, e era o que deveria ter ocorrido na prática. Mas não foi o que aconteceu. Àquela altura, minha mente começou a agir de modo estranho. Lá estava eu, prestes a sacar para assumir a liderança por 5-1, com meu adversário claramente no fim de suas forças, quando, de repente, fui tomado pelo medo, como aconteceu no quarto set em Wimbledon dois anos antes. Depois, foi o medo de vencer que tomou conta de mim. Toda a lógica indicava que eu estava prestes a fechar a partida. Quantas vezes na minha carreira eu perdera naquelas circunstâncias, após ter quebrado duas vezes o serviço do meu adversário? Quatro, talvez? Não, provavelmente duas. A menos que alguma grande catástrofe inesperada acontecesse, eu deveria vencer o set e a partida.

No entanto, àquela altura, eu não deveria ter seguido essa linha de raciocínio. Tentei afastar os pensamentos de vitória que inundavam minha mente, procurei fazer o que eu sabia que era correto, ou seja, me concentrar apenas no próximo ponto, sem me importar com o resto. Mas não consegui e, enquanto me preparava para meu primeiro saque do game, eu estava, pura e simplesmente, com medo.

O impacto no meu saque foi imediato. Após funcionar perfeitamente até aquele momento, meu serviço começou a dar errado. Minha confiança desmoronou e meus movimentos ficaram todos errados. Passei a jogar de maneira muito mais defensiva, correndo insensatamente pela quadra. Meu corpo ficou tenso, meus braços enrijeceram. Não me ajudava em nada pensar

que, se eu vencesse aquele game, estaria na frente por 5-1 e que o Aberto dos Estados Unidos seria praticamente meu. A enormidade do que eu estava prestes a conquistar fez com que eu me sentisse de frente para um monstro gigante pronto para me engolir. Congelei. Ou quase.

Consegui acertar o primeiro serviço do primeiro ponto. Foi um saque seguro, nada arrojado, mas suficiente para dar início ao rali, eliminando o risco de uma dupla falta, o que, em si, já era um feito. Felizmente, o moral de Djokovic estava muito baixo e o rali terminou com ele mandando uma bola aberta demais. Depois, perdi o ponto seguinte ao tentar uma direita na linha de fundo. Até aquele momento, eu estava vencendo meus games de serviço confortavelmente durante todo o set. Aquele game, porém, foi uma tortura. Chegamos a 40 iguais três vezes. De repente, o sérvio tirou da cartola dois lances devastadores. Mas seu desempenho estava inconstante: para cada drive atordoante, um erro não forçado. Eu continuava mantendo a estabilidade, sem cometer nenhum erro não forçado. No terceiro empate, ele correu para a rede após uma poderosa direita no meu canto esquerdo. Quase ajoelhei para pegá-la, mas consegui rebater com toda a força, realizando uma cruzada indefensável. De alguma maneira, o instinto entrou em ação, sobrepujando os nervos, e consegui fazer um dos meus melhores lances na partida.

No ponto seguinte, meu serviço foi demais para ele. Djokovic fez uma devolução muito longa, encerrando o game. Eu vencia por 5-1.

A tensão foi embora. O serviço era dele e eu não esperava vencer aquele game, apenas o seguinte. Eu estava com uma sensação de calma após a tempestade e, de fato, joguei o game como se estivesse meio adormecido. Não me orgulho disso. Cheguei apenas a 30 e ele venceu com uma deixadinha de voleio que nem tentei pegar.

Com um placar de 5-2, eu podia definir a partida naquele meu game de serviço e voltei a ficar nervoso. O nervosismo é tão difícil de dominar quanto o adversário do outro lado da rede e tem seus altos e baixos, assim como o seu oponente. Naquele instante, aquele era o maior obstáculo entre mim e a vitória. Olhei para o meu canto e vi a felicidade nos rostos conhecidos, que gritavam palavras de incentivo. Por dentro, eu queria muito vencer por eles, por todos nós, mas meu rosto – impassível – nada revelava.

Todos estavam sendo afetados pelo nervosismo. Djokovic devolveu o saque com uma bola longa demais no primeiro ponto. Em seguida, o juiz de linha declarou bola fora em um lance que claramente havia caído sobre a linha. Tivemos de repetir o ponto. Àquela altura, tudo era uma questão de vida ou morte e tal mudança na marcação da arbitragem foi um golpe. Esforcei-me para tirar aquilo da cabeça imediatamente e continuar pensando apenas em jogar de maneira estável, sem bancar o esperto, dando a ele muitas oportunidades para que cometesse erros.

No segundo ponto, ele tentou outra deixadinha. Daquela vez, corri e consegui pegar a bola. Ele rebateu o voleio e eu, com o nariz quase tocando na rede, devolvi com outro voleio e marquei o ponto: 30-0. A torcida, incapaz de permanecer sossegada durante aquele ponto, como em muitas ocasiões precedentes, enlouqueceu – Toni mais do que qualquer outro

espectador. Olhei para cima e o vi à minha esquerda. Ele estava de pé, com os punhos cerrados, tentando não chorar. Eu chorei. Enxuguei as lágrimas com a toalha. Por entre a vista embaçada, vislumbrei a vitória. Eu sabia que não deveria, mas a vi.

No entanto, aquele ainda não era o momento. Djokovic teve sorte e sua bola seguinte bateu na fita e caiu do meu lado da quadra. Por dentro, soltei um palavrão. Eu podia estar vencendo por 40-0, disputando o ponto seguinte com calma, sabendo que tudo logo terminaria. Em vez disso, mais tensão. Em seguida, ele chegou a 30 depois de eu ter me apressado, errando uma tentativa de direita indefensável. Meu coração disparou, o nervosismo lutava com o entusiasmo. Apenas mais dois pontos e eu venceria. Tentei me concentrar dizendo a mim mesmo: “Jogue com calma, sem se arriscar, simplesmente mantenha a bola dentro, sem forçar o ponto.”

Daquela vez, segui o roteiro. Foi um longo rali, com 15 lances. Trocamos uma dúzia de bolas possantes na linha de fundo, depois ele subiu à rede após um drive profundo no meu canto esquerdo. Então, eu tive sorte. A bola roçou na parte superior da rede e, como ele conseguiu mandá-la de volta para o meu lado, atravessei a quadra e salvei a direita. Ele estava esperando uma cruzada. Porém, mandei uma paralela e a bola, com um forte topspin, caiu dentro. Djokovic não conseguiu acreditar. Ele contestou o ponto, mas estava enganado. A tela mostrou que a bola caíra dentro da quadra, por um milímetro, resvalando na parte externa da linha de fundo. O sérvio se agachou e abaixou a cabeça, a imagem da derrota. Toni, Titín e meu pai cerraram os punhos enquanto gritavam “Vamos lá!”. Tuts, minha mãe e minha irmã aplaudiram e riram de felicidade. María Francisca levou as mãos à cabeça, como se não estivesse acreditando no que estava prestes a acontecer.

Aquele ponto podia definir a partida, o campeonato, tudo. Olhei para a minha equipe, como se estivesse implorando para que me dessem coragem, buscando neles um pouco de calma. Contendo as lágrimas mais uma vez, saquei. Aberto na esquerda, como eles disseram. O rali durou seis lances. No sexto, ele mandou uma bola aberta demais, que foi para fora. Minhas pernas cederam e caí no chão antes mesmo de a bola quicar. E lá fiquei, de braços, soluçando, meu corpo tremendo.

Cair no chão daquela maneira não é algo que você planeja. Não me dei conta do que estava fazendo. Minha mente parou, a emoção pura tomou conta de mim e, à medida que a tensão foi se dissipando, meu corpo desfaleceu, incapaz de suportar o próprio peso. De repente, como se recuperasse a consciência após um desmaio, percebi que eu estava estendido na quadra, sob uma onda de barulho, e vi o que eu tinha conseguido. Aos 24 anos, eu havia vencido quatro Grand Slams e entrado para a história. Eu conquistara algo maior do que jamais ousara sonhar, algo que duraria o resto da minha vida e que ninguém poderia tirar de mim. Independentemente do que acontecesse em seguida, um dia eu encerraria minha carreira no tênis como alguém que foi importante para o esporte, um dos melhores e, assim esperava – pois também pensei nisso em meu momento de triunfo –, como uma boa pessoa.

Novak Djokovic – ou “Nole”, que é como eu, seus fãs, amigos e familiares o chamamos – já

é todas essas coisas. Extraordinariamente distinto em um momento tão amargo, ele não esperou que eu fosse até a rede e foi até o meu lado da quadra e me abraçou, me parabenizando. Fui para a minha cadeira, larguei minha raquete e voltei para o centro da quadra com meus punhos levantados. O barulho da torcida tomou conta de mim e caí de joelhos, soluzei novamente, toquei a superfície dura da quadra com a testa e lá fiquei. Eu havia lutado muito por aquilo e tinha muitos motivos para ficar grato.

Na cerimônia de premiação, Nole foi o primeiro a se pronunciar e, mais uma vez, se comportou com muita classe, me cobrindo de elogios e agradecendo aos amigos ausentes. Ele demonstrou ser o mais digno dos perdedores e um desportista de valor. Quando chegou minha vez de falar, agradei a todos os integrantes da minha família e da minha equipe reunidos à minha frente e relembrei a maior verdade da minha vida: eu não poderia ter chegado até ali sem eles. Fiz uma menção especial a Joan Forcades, que assistia em casa. Joan tinha razão. O todo é maior do que a soma das partes e a maior parte são as pessoas à minha volta. Mas eu me sentira excepcionalmente forte e em forma durante o Aberto dos Estados Unidos, o que me proporcionou uma vantagem sobre Nole naquela final, e Joan havia desempenhado um papel importante em tudo aquilo. Também fiz questão de mencionar a postura de Nole na derrota e reconhecer o grande exemplo que ele é para as crianças em todo o mundo. Eu disse que tinha certeza de que ele logo ganharia aquele troféu, assim como estou certo de que continuará a ser um grande rival. Mas aquele era o meu momento. Por maior que tivessem sido a paixão e o trabalho que investi durante tantos anos para me tornar o melhor tenista possível, eu realmente nunca havia imaginado nada daquilo. Enquanto eu erguia o troféu do Aberto dos Estados Unidos, as câmeras disparavam seus flashes e a multidão rugia, entendi que alcançara o impossível. Por um breve instante, eu estava no topo do mundo.

Manacor

A rodada de entrevistas depois do Aberto dos Estados Unidos durou três horas, quase tanto tempo quanto a própria partida. Rafael Nadal respondeu pacientemente a cada uma das perguntas, das quais a mais recorrente foi: “O que você pode fazer para equiparar isso?” A resposta, sempre a mesma, era: “Trabalhar muito, tentar ser um jogador melhor e estar de volta aqui no ano que vem.”

À uma da manhã, ele saiu para ir jantar com a família e a equipe em um restaurante em Manhattan, reaparecendo apenas depois das três. Às nove, deu entrevista na rua para o *Today Show* da NBC e depois, seguido por uma legião cada vez maior de fãs, cumpriu o protocolo de Nova York e posou para fotos na Times Square. Buzinas soavam e uma falange de policiais continha a multidão, que continuava gritando. Em seguida, algumas entrevistas ao vivo em estúdios de TV e, mais tarde, um evento com a Nike apresentado por um de seus maiores fãs, o carismático tenista e ex-campeão americano John McEnroe. Rafa estava imerso em um mar de adulação. Todos falavam dos seus recordes: o primeiro jogador a vencer títulos consecutivos do Grand Slam em quadras de saibro, grama e dura na mesma temporada, o sétimo jogador da história – e o mais jovem de todos, aos 24 anos – a vencer quatro Grand Slams na era dos torneios Abertos.

Ele chegou em cima da hora no aeroporto JFK para pegar o voo de volta para casa naquela noite e só aterrissou em Manacor no dia seguinte ao meio-dia. Não havia banda nem comitê de boas-vindas, nenhuma algazarra. À noite, ele saiu com os amigos de infância e, na manhã seguinte, às cinco horas, horário de Nova York, estava de volta às quadras, rebatendo bolas com seu tio Toni, ambos concentrados e sérios como sempre, como se tudo ainda estivesse por ser disputado e pouco tivesse sido conquistado.

O centro esportivo municipal onde eles treinavam estava praticamente vazio. No estacionamento, o carro esportivo de Nadal se destacava ao lado de três outros veículos mais velhos. Na pista de atletismo, havia um corredor solitário. Das 12 quadras duras, apenas uma outra estava sendo usada. Nenhum habitante achou que valeria a pena ir lá assistir, e muito menos homenagear, a maior celebridade global que aquele vilarejo provavelmente jamais produziria, o homem considerado por muitos naquele momento o maior atleta vivo. Apenas

dois espectadores estavam lá, um casal de idosos alemães que tirou fotos em silêncio, a uma distância segura, tendo percebido corretamente que uma cerimônia entre sobrinho e tio estava acontecendo naquele território proibido. O pai de Rafa, Sebastián, apareceu mais tarde, mas sabia que não devia interromper o filho e o irmão, que, em um transe telepático dentro de seu mundo fechado, nem olharam para ele.

Em uma quadra ao lado da deles, dois homens de meia-idade vestindo shorts travavam uma batalha, correndo de um lado para outro, como os jogadores costumam fazer nos clubes, em uma perseguição desajeitada de bolas altas, sem prestar atenção alguma ao expoente supremo daquele esporte, que demonstrava seu repertório rítmico do outro lado da grade. Eles não estavam impressionados, ou, se estavam, não iam demonstrar. Exatamente como a família Nadal sempre tratou Rafa; exatamente como ele gosta de ser tratado quando está de volta ao lar em Manacor.

Eu, ainda pequeno,
já dando sinais de
uma obsessão futura.

Quando criança,
refrescando-me sob
o sol de Maiorca.

Com o uniforme
do Real Madrid,
meu time
do coração.

Experimentando precocemente
um de meus prazeres na vida:
os passeios de barco.

Com meu tio Miguel Ángel Nadal, o jogador
profissional de futebol.

Fantasiado...

Eu, o primeiro
à esquerda, com
os amigos, todos
treinados pelo
tio Toni.

Sério desde garoto.

O segundo à
esquerda, com
Boris Becker e
meus amigos.

O Pateta tenista e eu.

Aos 16 anos,
em Manacor,
treinando
para ganhar
velocidade e
agilidade.

(© Joan Forcades)

Fazendo testes
e treinando
no ginásio
em Maiorca.

(© Joan Forcades)

Com o troféu do Aberto da França, conquistado em Paris em 2008. Da esquerda para a direita, no fundo: meu pai, Sebastián; minha mãe, Ana María; eu e Rafael "Titín" Maymó, meu fisioterapeuta. Na frente: Benito Pérez Barbadillo, meu assessor de imprensa, e Jordi "Tuts" Robert, agente da Nike.

(© Jordi Robert)

Da esquerda para a direita: Titín, Tuts, eu, Carlos Costa, meu agente, e Toni, meu tio e treinador, nos jardins do Palácio de Versalhes antes do Aberto da França, em 2008.

(© Jordi Robert)

Da esquerda para a direita: Tuts,
Titín e eu em um restaurante
japonês em Melbourne durante
o Aberto da Austrália de 2009.
(© Jordi Robert)

Da esquerda para a direita: Titín, Tuts, Carlos Costa, eu, Sebastián e Toni
em Melbourne, Austrália, em 2009. (© Jordi Robert)

Da esquerda para
a direita: Sebastián,
Benito Pérez, Tuts,
Carlos Costa, eu,
minha irmã e minha
mãe diante do
troféu que atestava
minha posição como
número 1 no ranking
mundial em 2010.
(© Jordi Robert)

Com minha namorada,
María Francisca Perelló,
no jantar oficial de
comemoração da vitória
em Wimbledon, em 2010.

(Bob Martin/AELTC)

Na casa que a
equipe aluga em
Wimbledon, em
junho de 2010.
Em sentido horário:
Benito Pérez,
Titín, Tuts e eu.

(© Jordi Robert)

Em Acapulco em 2005,
a caminho da primeira
conquista de um Grand
Slam no Aberto da França.
Da esquerda para a direita:
eu, Joan Forcades,
meu preparador físico,
e Carlos Moyá, que na
época estava entre os
10 primeiros do ranking.

(© Joan Forcades)

Roland Garros 2005,
meu primeiro
Grand Slam.

Meu primeiro
troféu do Aberto
da França,
em 2005.

A caminho
da final de
Wimbledon,
em 2008.

Momentos de triunfo
na final de Wimbledon,
em 2008.

Apertando a mão
de Federer na final de
Wimbledon em 2008.

Com a bandeira espanhola após abraçar meus familiares na quadra central de Wimbledon, em 2008. Na foto aparecem meu pai, minha mãe, Toni, Tuts e Titín, que mal se vê.

Final do Aberto da Austrália contra Federer em 2009, combatendo a exaustão.

Austrália 2009:
a conquista de
meu terceiro
Grand Slam.

O choro de Federer após
a final do Aberto da
Austrália em 2009.

A caminho de uma vitória com folga
contra o sueco Robin Soderling no
Aberto da França em 2010,
o melhor ano da minha carreira.

Vencendo a final
do Aberto da
França em 2010,
o primeiro de
três Grand Slams
conquistados
naquele ano.

Tranquilo e relaxado após vencer
o Aberto da França em 2010.

Outra vitória em uma final
de Grand Slam, dessa vez
contra o tcheco Tomas
Berdyh, em Wimbledon,
em 2010.

Minha segunda vitória em
Wimbledon em 2010.

Comemorando a vitória em
Wimbledon em 2010.

Segurando o
troféu de
Wimbledon
no jantar de
gala na noite
da final.

Comemorando minha
vitória no Aberto dos
Estados Unidos em 2010,
contra o sérvio Novak
Djokovic, em quatro sets.

De joelhos no
estádio Arthur
Ashe, Flushing
Meadows, Nova
York, em 2010.

Mordendo meu
troféu do Aberto
dos Estados
Unidos, o torneio
que faltava ganhar
para completar
meu Grand Slam.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA SEXTANTE

1.000 lugares para conhecer antes de morrer, de Patricia Schultz

A História – A Bíblia contada como uma só história do começo ao fim, de The Zondervan Corporation

A última grande lição, de Mitch Albom

Conversando com os espíritos e Espíritos entre nós, de James Van Praagh

Desvendando os segredos da linguagem corporal e Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?, de Allan e Barbara Pease

Enquanto o amor não vem, de Iyanla Vanzant

Faça o que tem de ser feito, de Bob Nelson

Fora de série – Outliers, de Malcolm Gladwell

Jesus, o maior psicólogo que já existiu, de Mark W. Baker

Mantenha o seu cérebro vivo, de Laurence Katz e Manning Rubin

Mil dias em Veneza, de Marlena de Blasi

Muitas vidas, muitos mestres, de Brian Weiss

Não tenha medo de ser chefe, de Bruce Tulgan

Nunca desista de seus sonhos e Pais brilhantes, professores fascinantes, de Augusto Cury

O monge e o executivo, de James C. Hunter

O Poder do Agora, de Eckhart Tolle

O que toda mulher inteligente deve saber, de Steven Carter e Julia Sokol

Os segredos da mente milionária, de T. Harv Ecker

Por que os homens amam as mulheres poderosas, de Sherry Argov

Salomão, o homem mais rico que já existiu, de Steven K. Scott

Transformando suor em ouro, de Bernardinho

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA SEXTANTE,
visite o site www.sextante.com.br
ou siga @sextante no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá
participar de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@esextante.com.br
ou mande uma mensagem para @sextante no Twitter.

Editora Sextante
Rua Voluntários da Pátria, 45 / 1.404 – Botafogo
Rio de Janeiro – RJ – 22270-000 – Brasil
Telefone: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@esextante.com.br